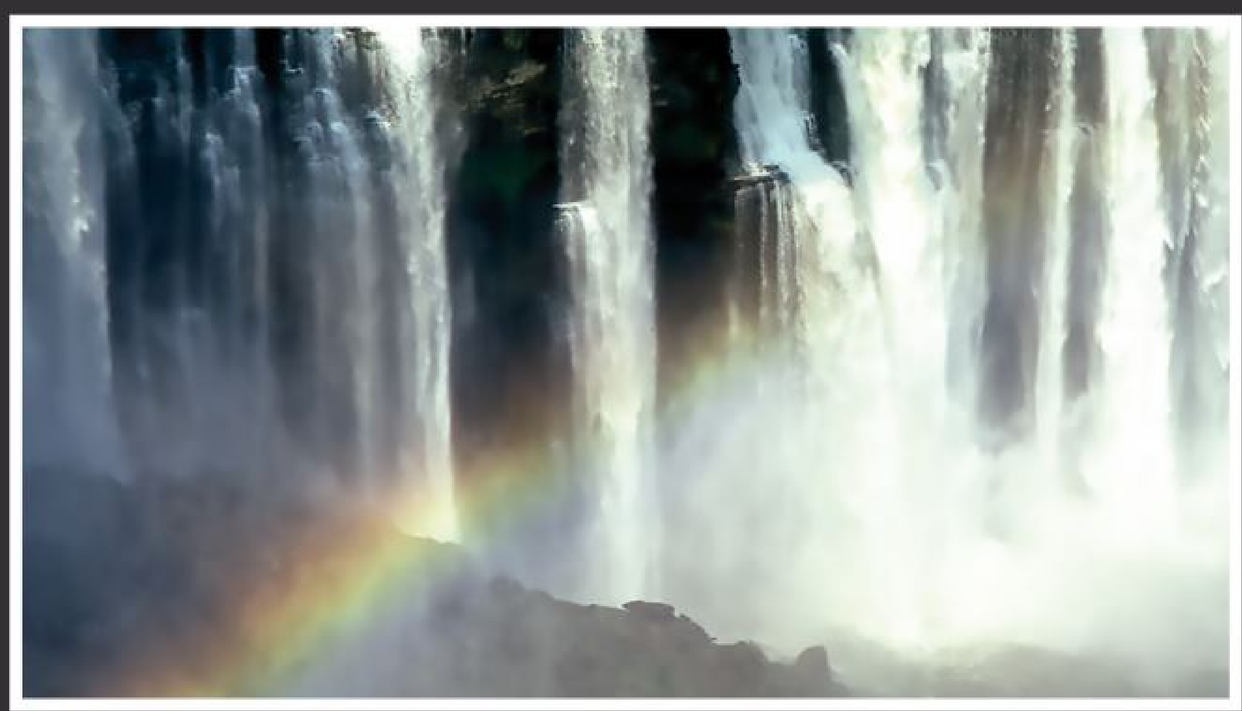
ANGOLA 7

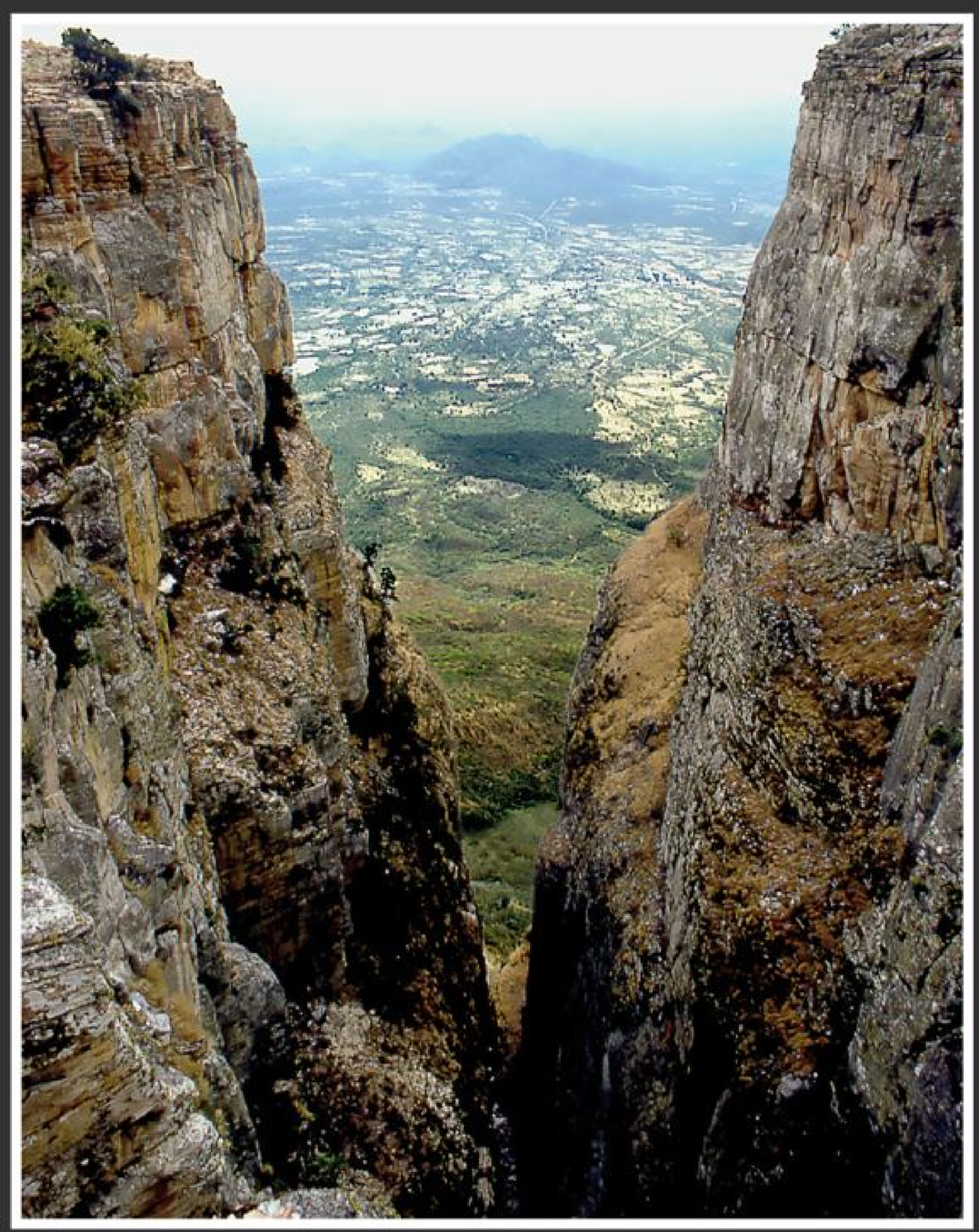
Dever de memoria

FOTOGRAFIA
JEAN-CHARLES E
CHRISTINE PINHEIRA

PARQUE E PAISAGENS









ANGOLA 7
PARQUES E PAÍSAGENS

NO INTERESSE DO LEITOR

Se a algum leitor interessar uma imagem ou um livro completo, terei o prazer de enviar, pela internet o que me for solicitado. É oferta, sem Direitos Autorais, pois o meu interesse é divulgar o que fotografei em Angola entre 1970 e 1975.

Não existe edição em papel – só em digital.

Por estas imagens estarem registadas no COPYRIGHT© qualquer publicação em suporte papel ou na Internet, com intuitos comerciais, está sujeita ao pagamento dos respectivos DIREITOS AUTORAIS.

Jean Charles Pinheira

ANGOLA 7

PARQUES E PAÍSAGENS

TEXTO E LEGENDAS
JEAN CHARLES PINHEIRA

CORRECÇÕES
ISABEL JORGE

FOTOGRAFIA
OLIVIER, CHRISTINE E
JEAN CHARLES PINHEIRA
GUY LEROY E JORGE COELHO



EDITORA
PALANCANEGRA

INDICE

009 DESENHOS DE MANGERICÃO

035 PARQUES DA CAGANDALA E DO LUANDO

087 PARQUE DA QUIÇAMA

119 PARQUE DO BICUARI

135 FLORESTA DO MAIOMBE

145 PARQUE DO IONA

363 TERRAS DO FIM DO MUNDO

444 LESTE DE ANGOLA

451 HISTORIA DO GASTINHONÉ

455 TUNDAVALA

460 SERRA DA LEBA

470 PEDRAS NEGRAS

477 QUEDAS DE ÁGUA

514 DIVERSOS

536 FIM

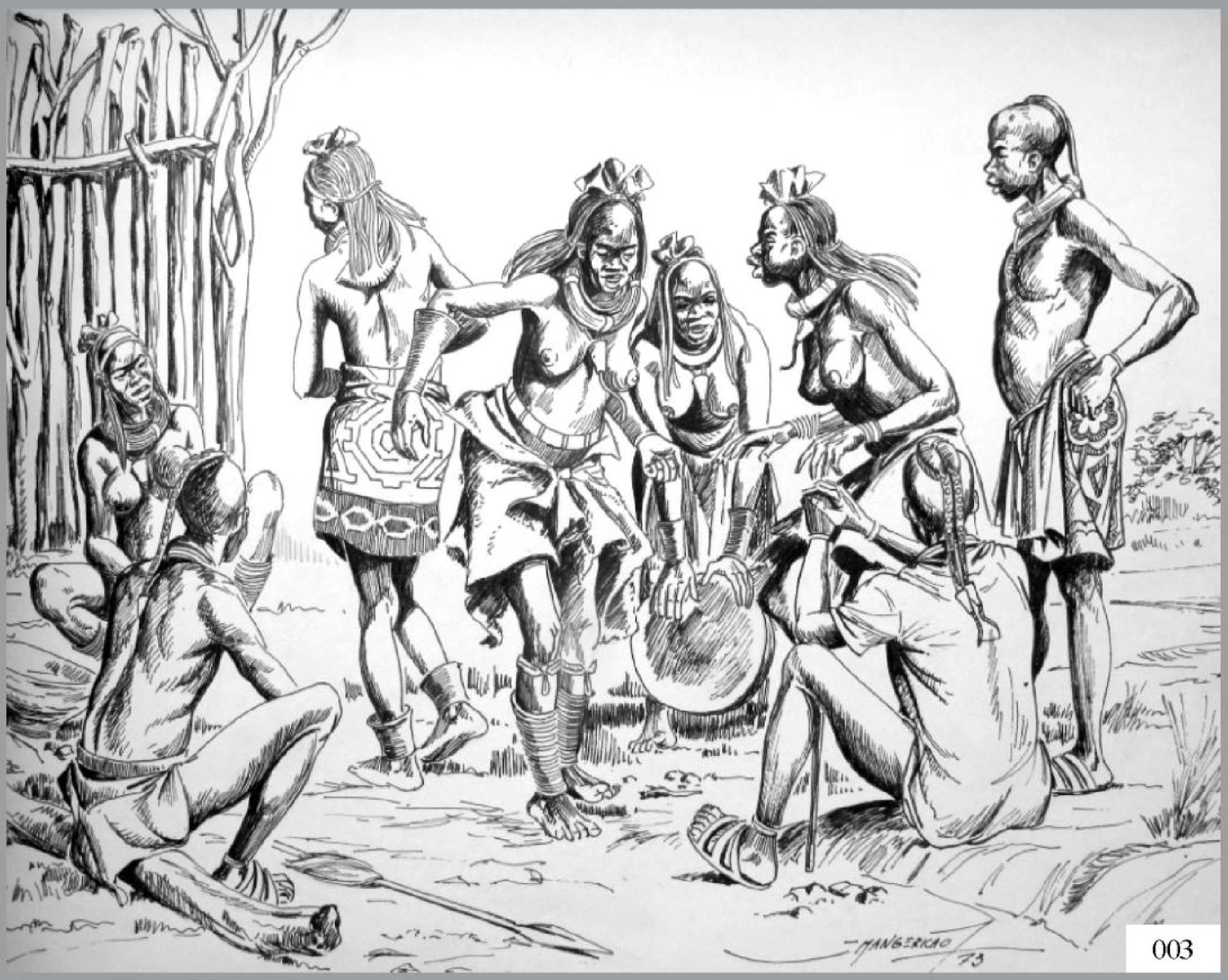


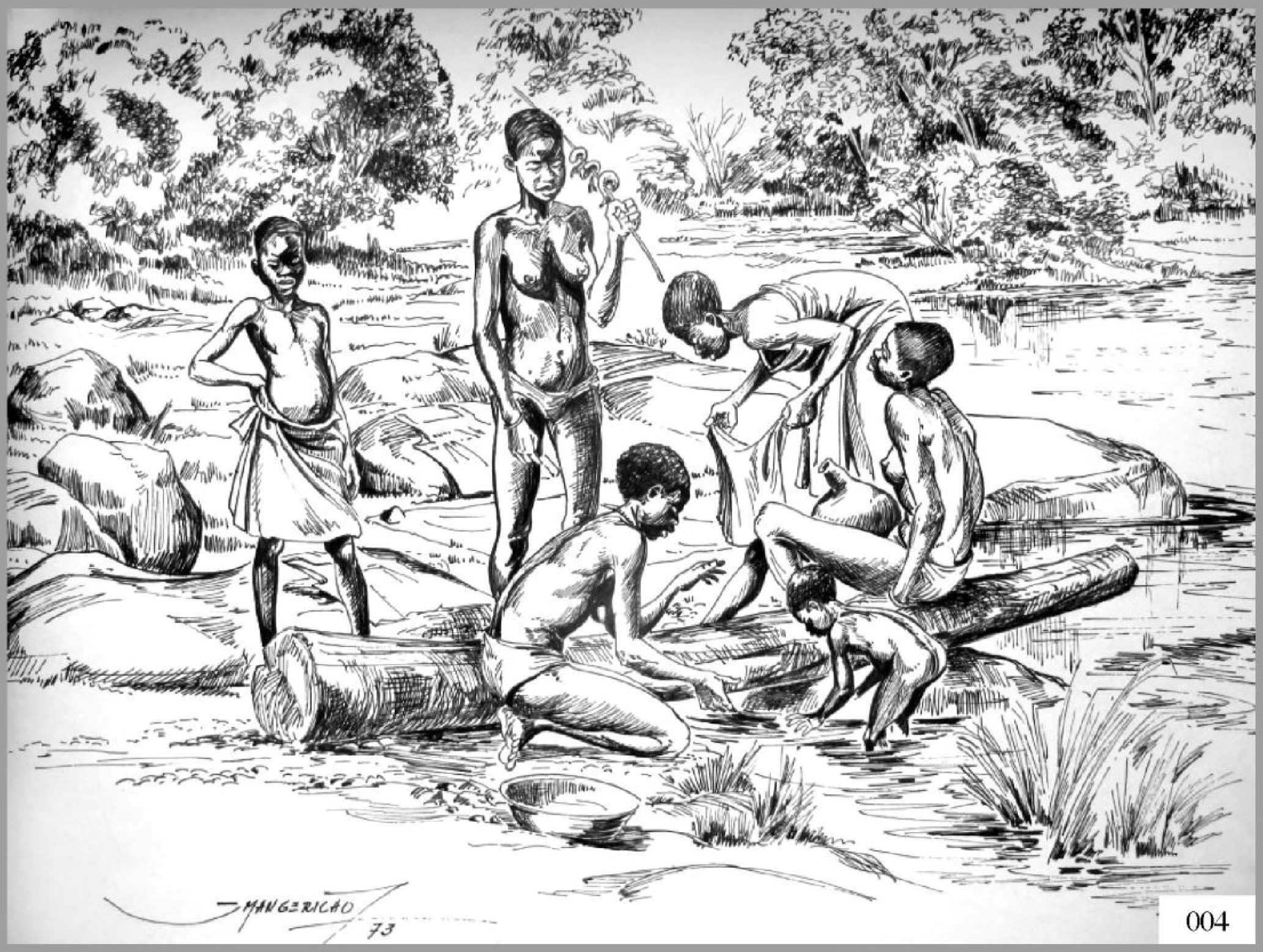
001

Na abertura deste livro - ANGOLA 7 - pretendo prestar homenagem ao GRANDE ARTISTA e AMIGO, MANGERICÃO, pelas maravilhosas imagens dos Povos de Angola e que tenho a honra de poder inserir neste meu livro de Memórias de ANGOLA.

J. C. Pinheira


MANGERICÃO
002

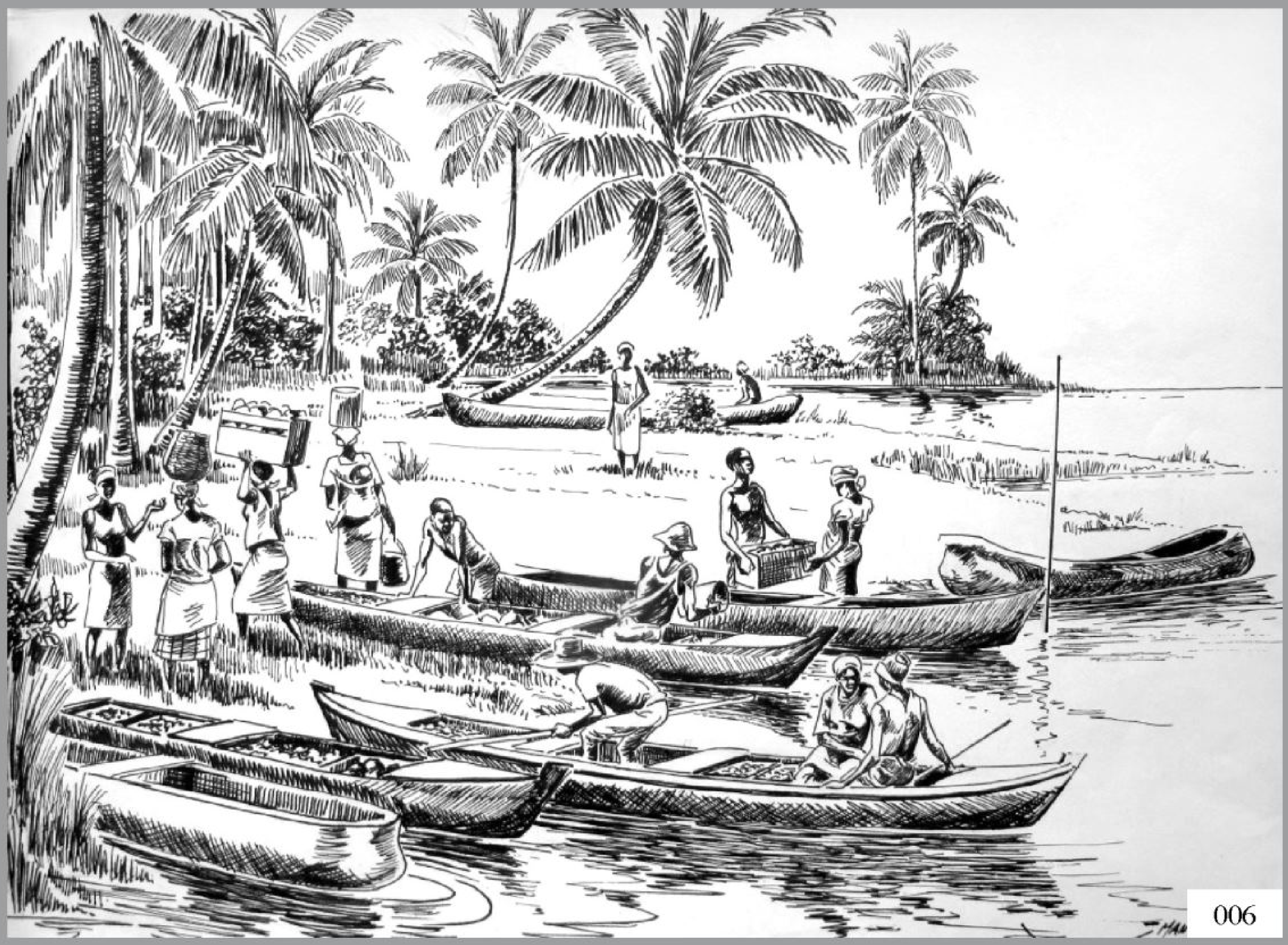

MANGERICÃO
73
003



004



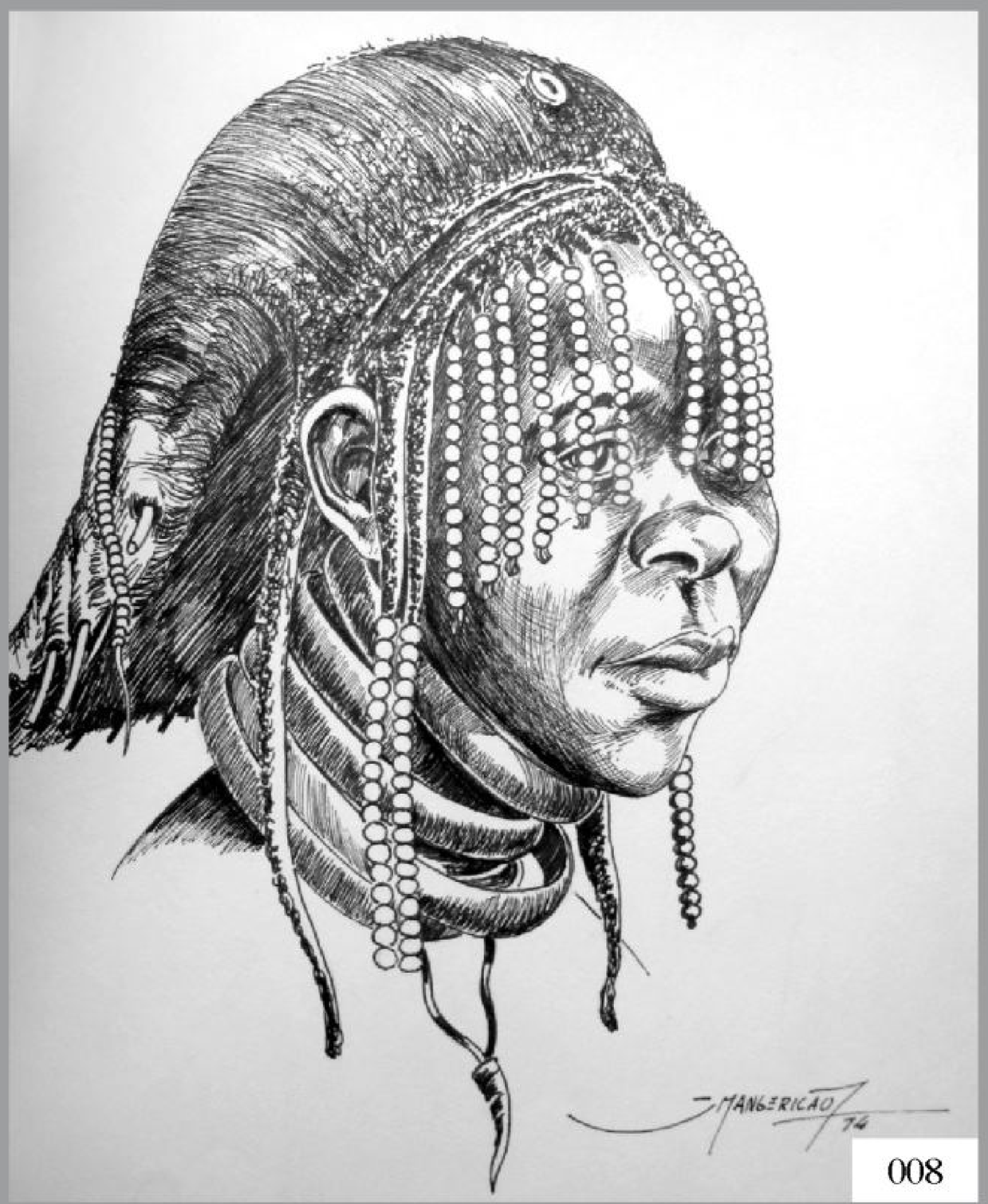
005



006



007

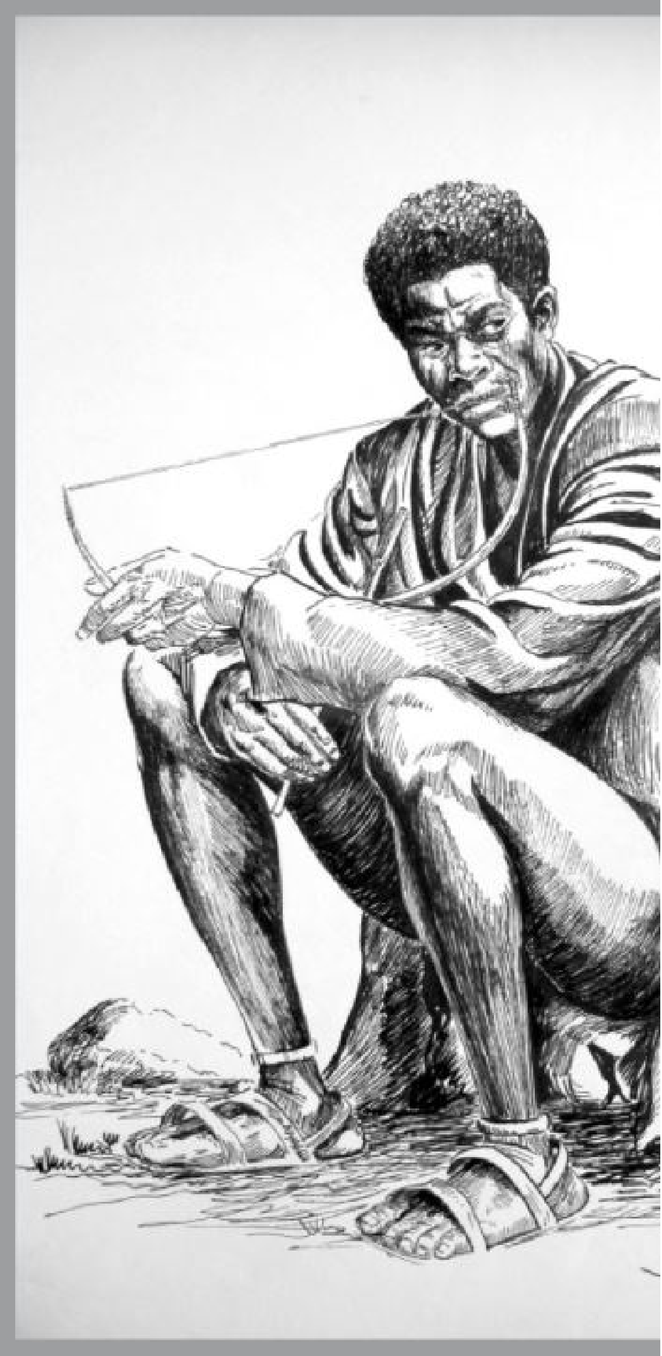


008





011





009



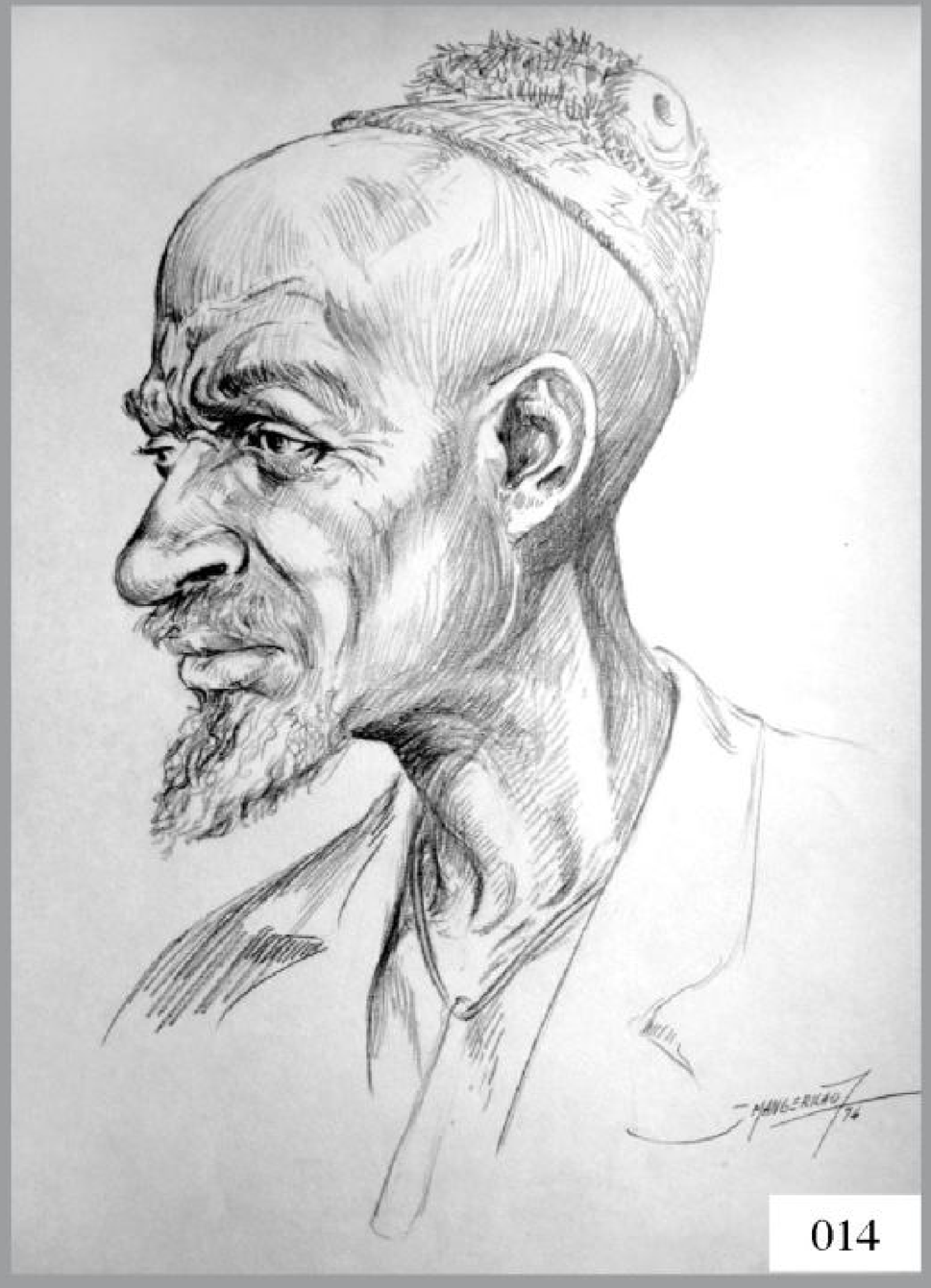
010



012



013



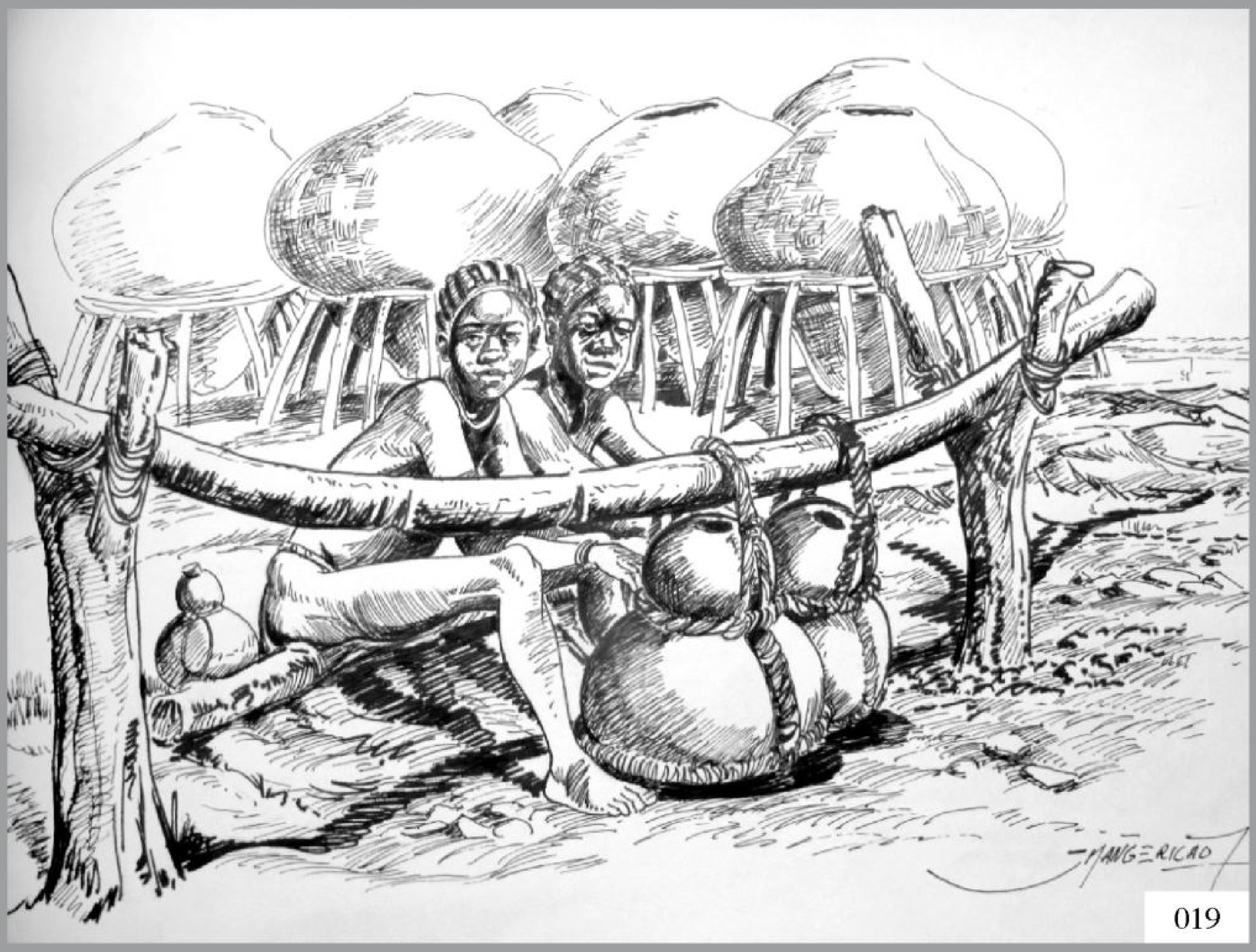
014




MANGERICAO
015



016



019





017



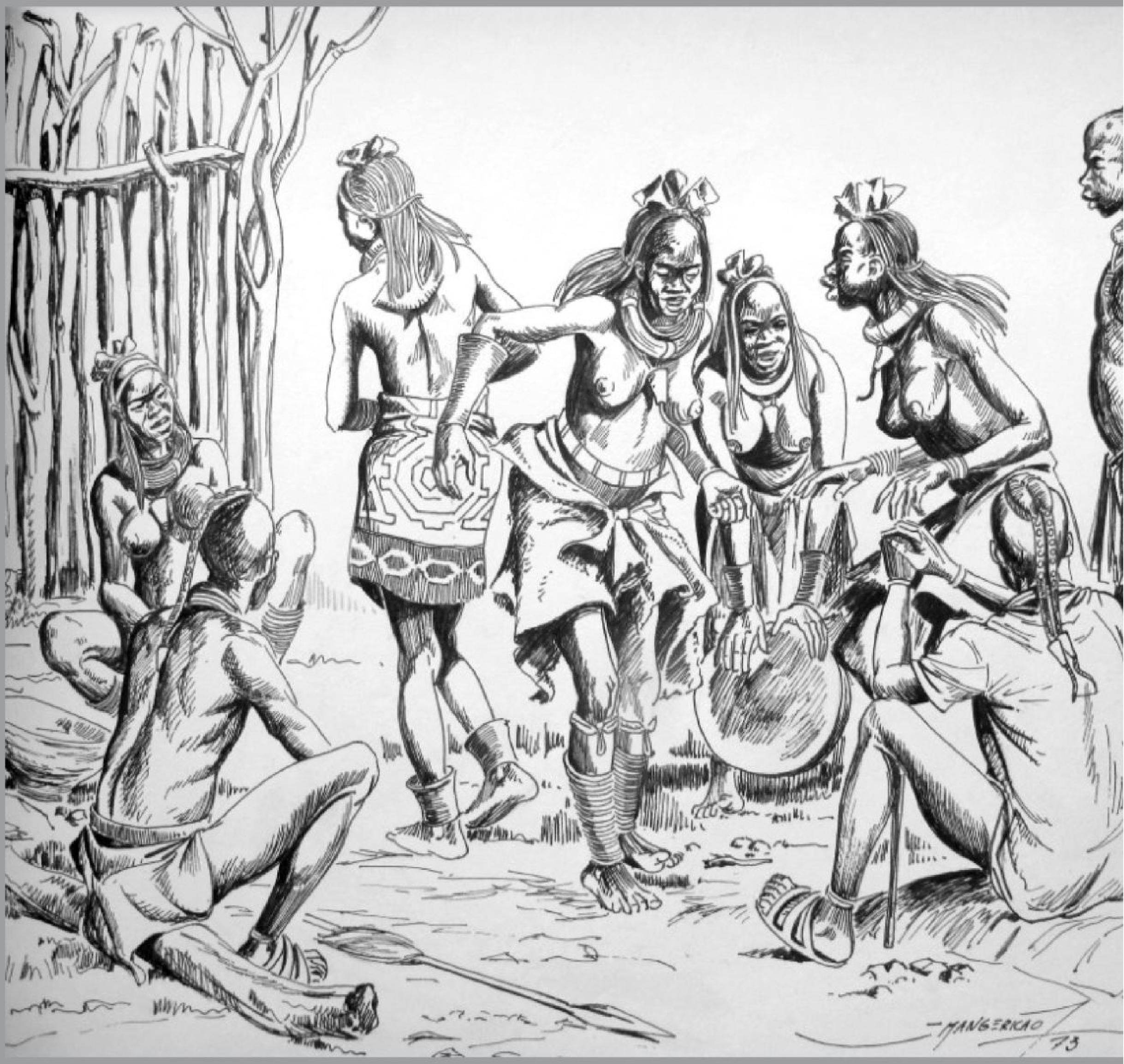
018



020



021


MANGERICAO
73



022



023



024



025

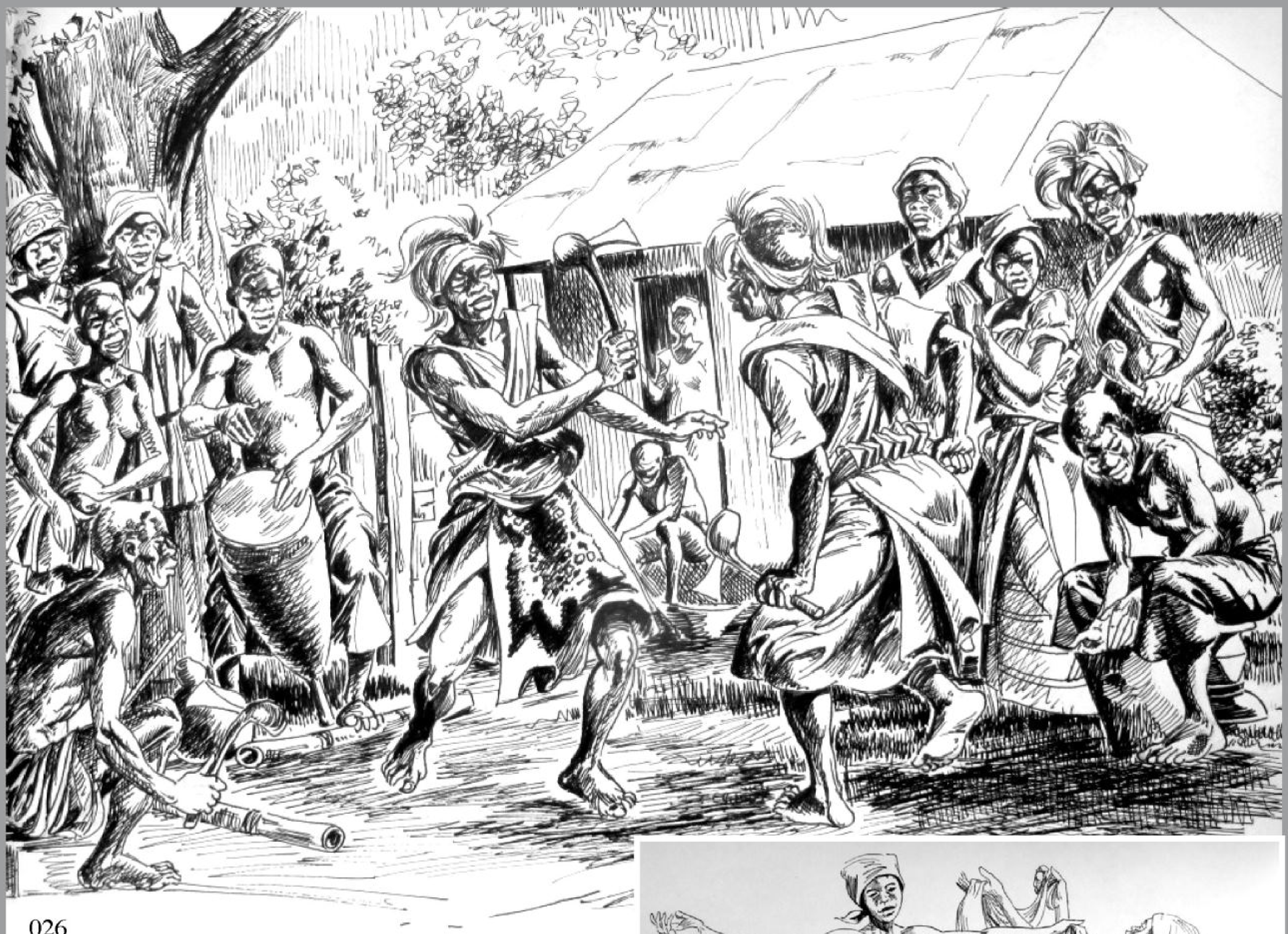


027



028





026



029



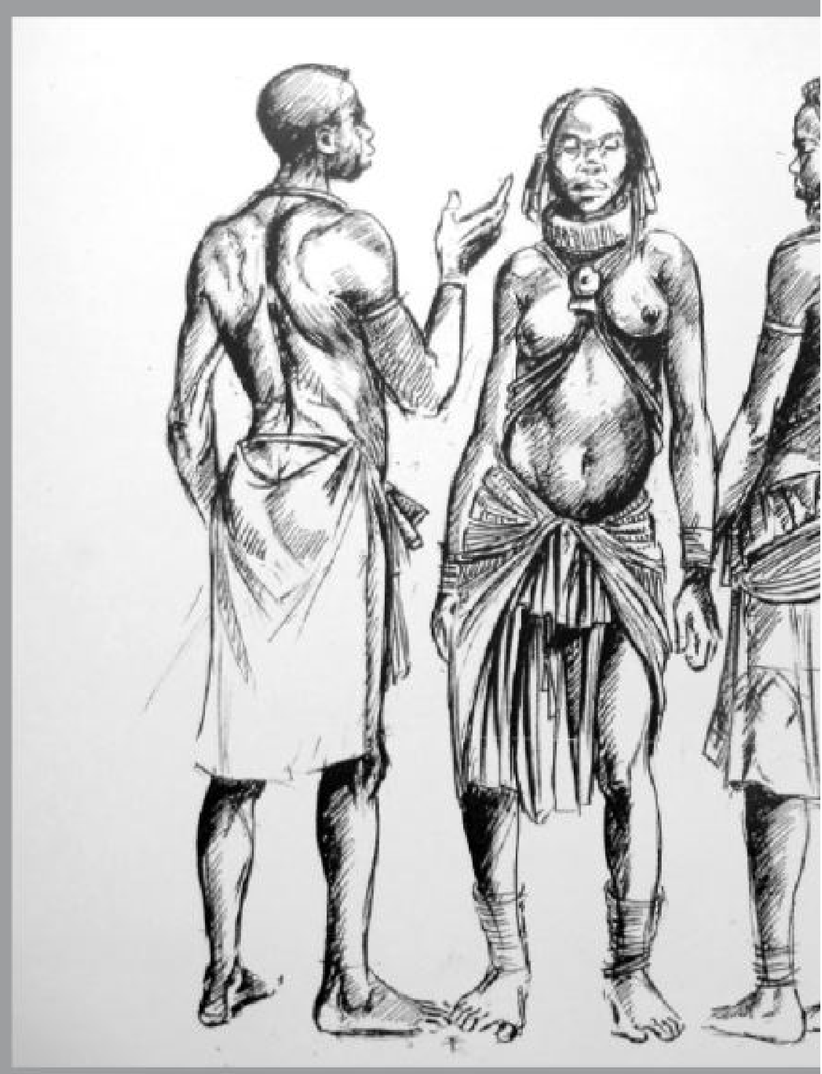
030




031




034

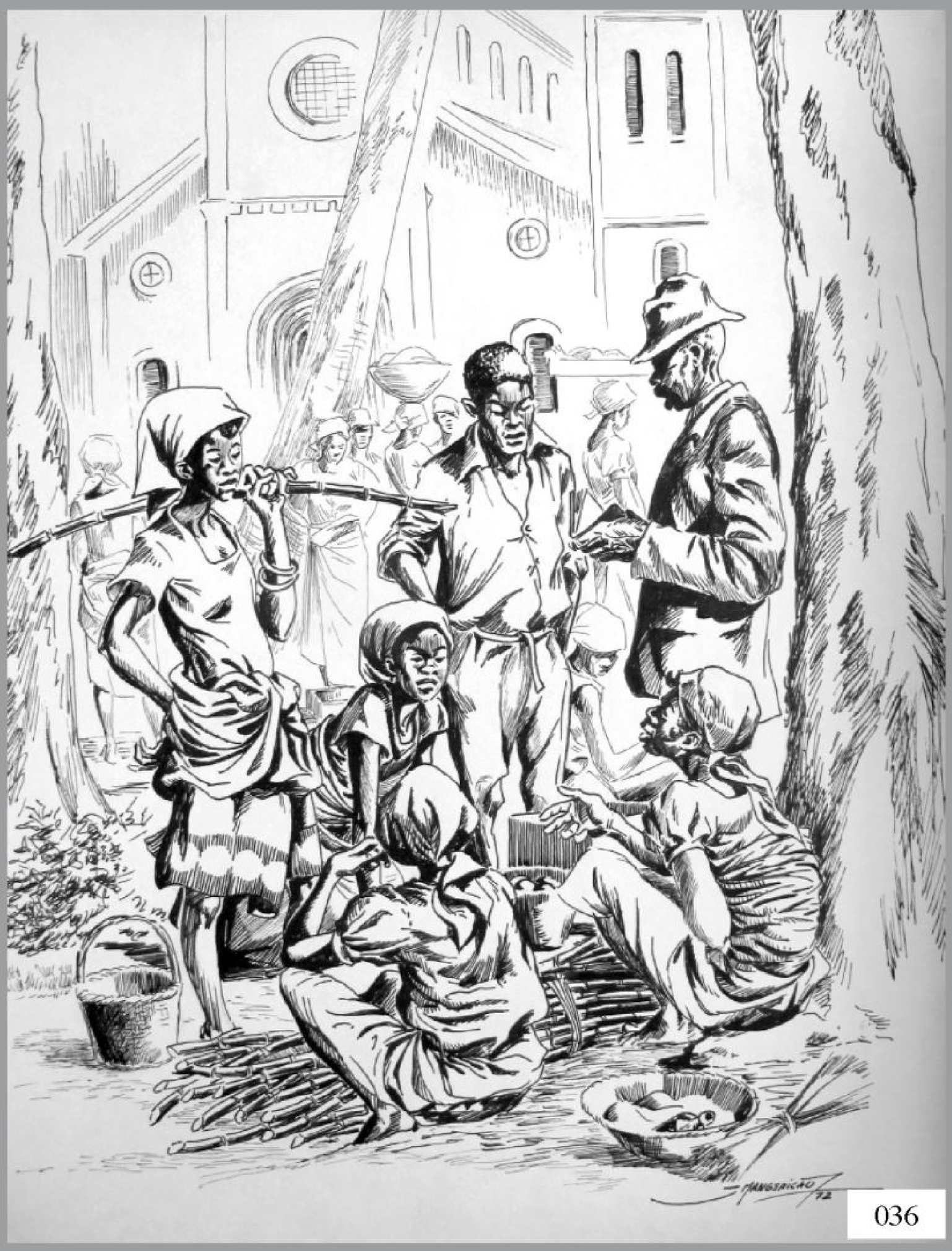




032



033



036



035





037



038



039



040



041





042

MAPA DE ANGOLA

Coordenado por J. R. SILVA



REPÚBLICA DO ZAIRE

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO (CAP. KINSHASA)

REPÚBLICA DO CONGO (CAP. BRAZZAVILLE)

OCEANO ATLÂNTICO

ZÂMBIA

SUDOESTE AFRICANO

ZAIRE · UÍGE · CUANZA NORTE · LUNDA · CUANZA SUL · MALANJE · BENGUELA · HUAMBO · BIÉ · MOXICO · MOÇÂMEDES · HUÍLA · CUNENE · CUANDO CUBANGO

ESCALA 0 50 100 150 200 250 300

BELEZAS NATURAIS

FAUNA E FLORA DE ANGOLA

Angola, era um infindável manancial de belezas naturais, detentora de uma Fauna e de uma Flora extraordinárias, de que procurei captar o máximo, com a minha câmara fotográfica. Em fins de 1970, eu e os meus companheiros fizemos uma primeira reportagem ao Parque da Quiçama, já relatada no Livro 1. Seguiram-se os Parques do Luando e da Cangandala, a Floresta do Maiombe, Bicuari e por fim aquela autêntica maravilha que é o Parque do IONA.

E também as quedas do Duque de Bragança, do Dala e de Chafinda; os rios Quanza, Cunene e Cubango; as Pedras Negras do Pungo Andongo, a Serra da Leba e a Tundavala ... e tantos outros locais, que encontrei durante as minhas caminhadas, de lés a lés por terras de Angola. Em 1972 os meus companheiros regressaram a França e até fins de 1974, foi em companhia da Christine que continuei a AVENTURA.

J. C. Pinheira


044

PARQUE NACIONAL DA CAGANDALA E RESERVA NATURAL INTEGRAL DO LUANDO

Santuários da Maravilha da Natureza - a Palanca Negra -também conhecida por Palanca Gigante ou Palanca Real (HIPOTRAGUS NIGER VARIANI).

Em fins de 1970, eu e os meus companheiros da «AUSTRALE 70» realizámos uma reportagem (filmes e fotografias) dos dois Parques.

Começámos pela Cagandala, o mais pequeno dos dois, com apenas 630 km^2 e com instalações para receber os visitantes. Fomos neste recebidos pelo Fiscal dos Parques, o Sr. Andrade, que nos deu todo o apoio necessário. Esta visita foi já narrada no Livro «Angola 1».

Acrescento que encontrei o Sr. Andrade em Lisboa, cerca de 45 anos depois e lhe mostrei as fotos das Palancas tiradas nessa época, despoletando muitas e agradáveis recordações.

Infelizmente nunca mais tive a oportunidade de voltar a estes dois Parques, o que lamento sinceramente. Contudo, nem mesmo nos meus piores pesadelos, imaginei que pudesse vir a ocorrer o extermínio destes nobres animais.

Já mencionei, no meu primeiro livro, como era difícil obter da Direcção de Veterinária de Luanda as autorizações necessárias para entrar nos Parques. Dificuldade esta agravada pelo facto de eu ser "persona non grata», para o novo Governador Geral Santos e Castro.

Embora possa parecer inverosímil, a população indígena que habitava nos Parques - e que em 1973 foi estimada em 18.000 indivíduos - dedicava-se á agricultura e aos seus negócios, sem interferir com a fauna local. Assisti a mercados onde negociantes compravam produtos aos nativos, carregando nos seus camiões toneladas de arroz. É claro que o Fiscal e os Seguranças dos Parques vigiavam ferozmente a conduta de toda aquela multidão e que a morte de uma Palanca Negra despoletava multas e castigos tão pesados, que tanto os nativos como os comerciantes, respeitavam estas interdições.

Outro problema que existia naquela altura era devido à prospeção de diamantes. A Diamang actuava dentro do Parque da Cagandala, com uma equipe de pesquisa e extração de Diamantes afim de fazer o levantamento topográfico e cartográfico dos locais onde existiam as cobiçadas pedras. Todo este rebuliço, desencadeado por dezenas de trabalhadores, assustava as palancas o que também não era do agrado do Fiscal.

Em 1970, nos dois Parques existiam cerca de 2.500 cabeças e muitas delas eram crias. Cinco anos depois, na altura em que ocorreu a Independência, calculo que os rebanhos devessem totalizar cerca de 3.500 a 4.000 animais.

Acrescento que só nesta região de Angola - a Província de Malange - era possível encontrar as Palancas Negras, pois alimentavam-se, segundo creio, de ervas e de folhas de uma árvore que só existe naquela zona.

Por essa razão, nenhum outro Parque ou Zoológico, em qualquer parte do Mundo, possuía um exemplar deste animal. Os serviços de veterinária de Luanda tentaram aclimatar a espécie em outras regiões de Angola, mas sem resultado.

Qual é a situação actual? Em 2003/2004 julgava-se que a Palanca Negra estava extinta. Mas em 2005, um grupo do Centro de Estudos e Investigação Científica da Universidade Católica de Angola, obteve provas fotográficas da existência de um pequeno rebanho no Parque da Cagandala.

A UCAN e o Governo Provincial de Malange, num grande esforço, recolheram indícios no terreno da existência de pequenos grupos de Palancas Negras. Mais tarde, depois da captura de alguns animais e por meio de análises de A.D.N. obteve-se a prova de que se tratava de facto de Hipotragus Niger Variani. Entretanto foram tomadas medidas de proteção extremas, por parte das autoridades, entre as quais a interdição de pesquisas de diamantes e a implementação de punições severas para os caçadores clandestinos. Penso que se estas medidas se mantiverem, se poderá afirmar que a Palanca Negra - hoje num total de cerca de 200 animais dentro dos dois Parques - no futuro estará salva.

Encontram-se muitos e excelentes artigos sobre este assunto na Internet. É contudo estranho não existirem referências a um notável estudo sobre os hábitos da Palanca Negra, realizado por um casal de cientistas americanos durante os anos 1969/70 e publicado na National Geographic Magazine. Estes investigadores dispunham de excelente material de cinema e de fotografia, possuindo também carros anfíbios que lhes permitiam circular na época das chuvas.

Encontrei o casal em Luanda, já de regresso aos U.S.A., em 1970.

J. C. Pinheira.



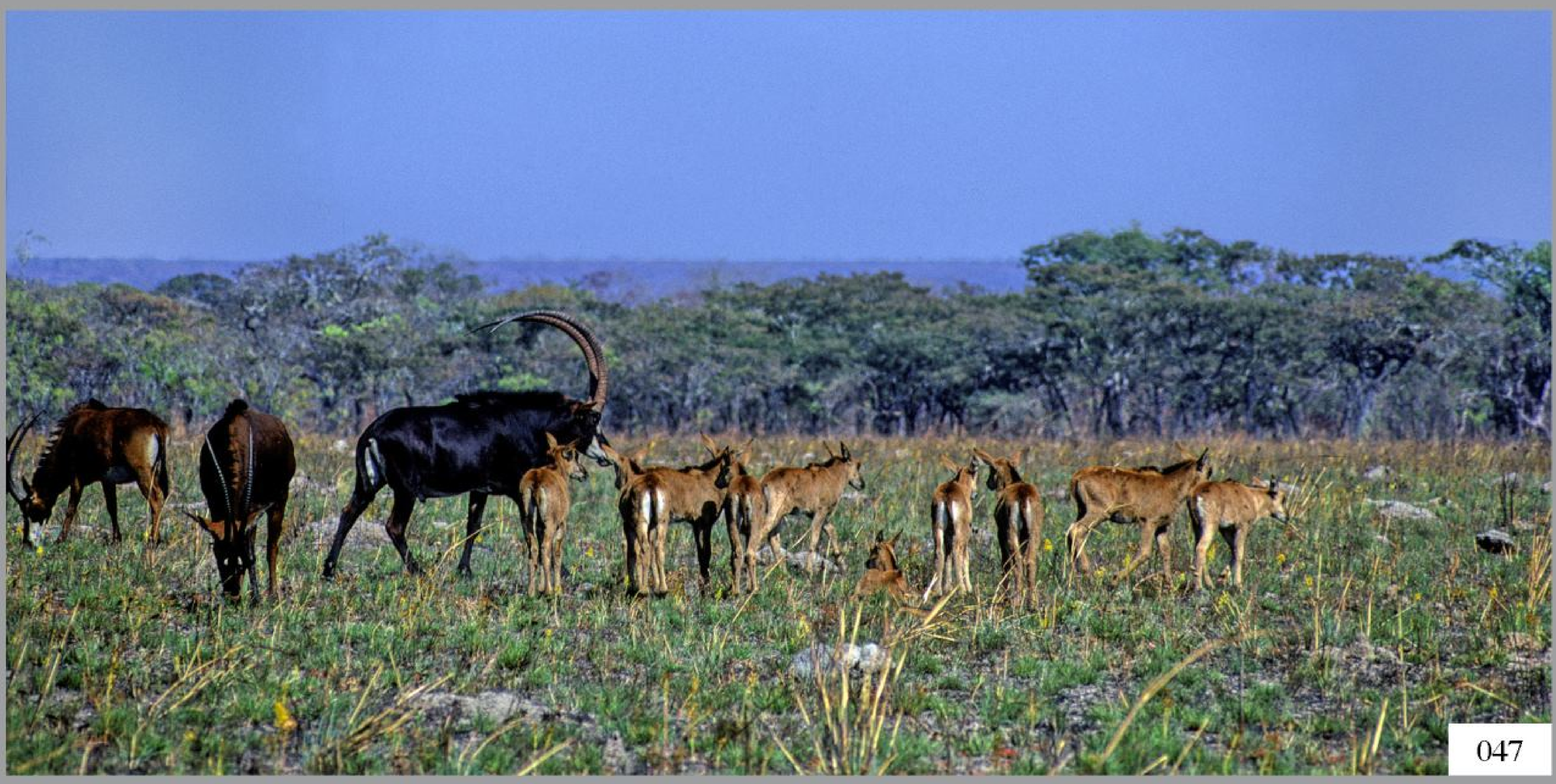
Magnífico exemplar de macho adulto.



045



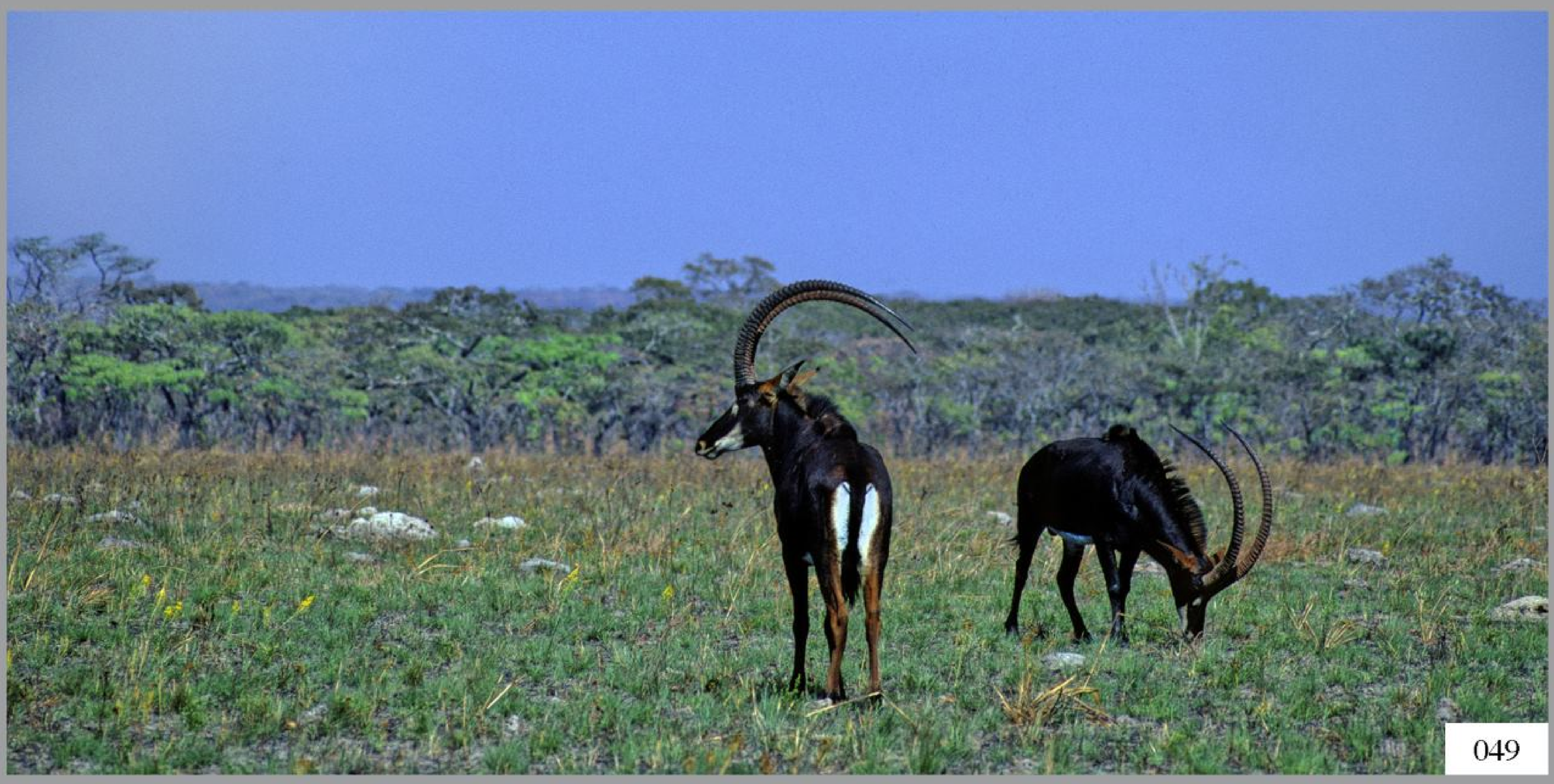
046



047



048



049





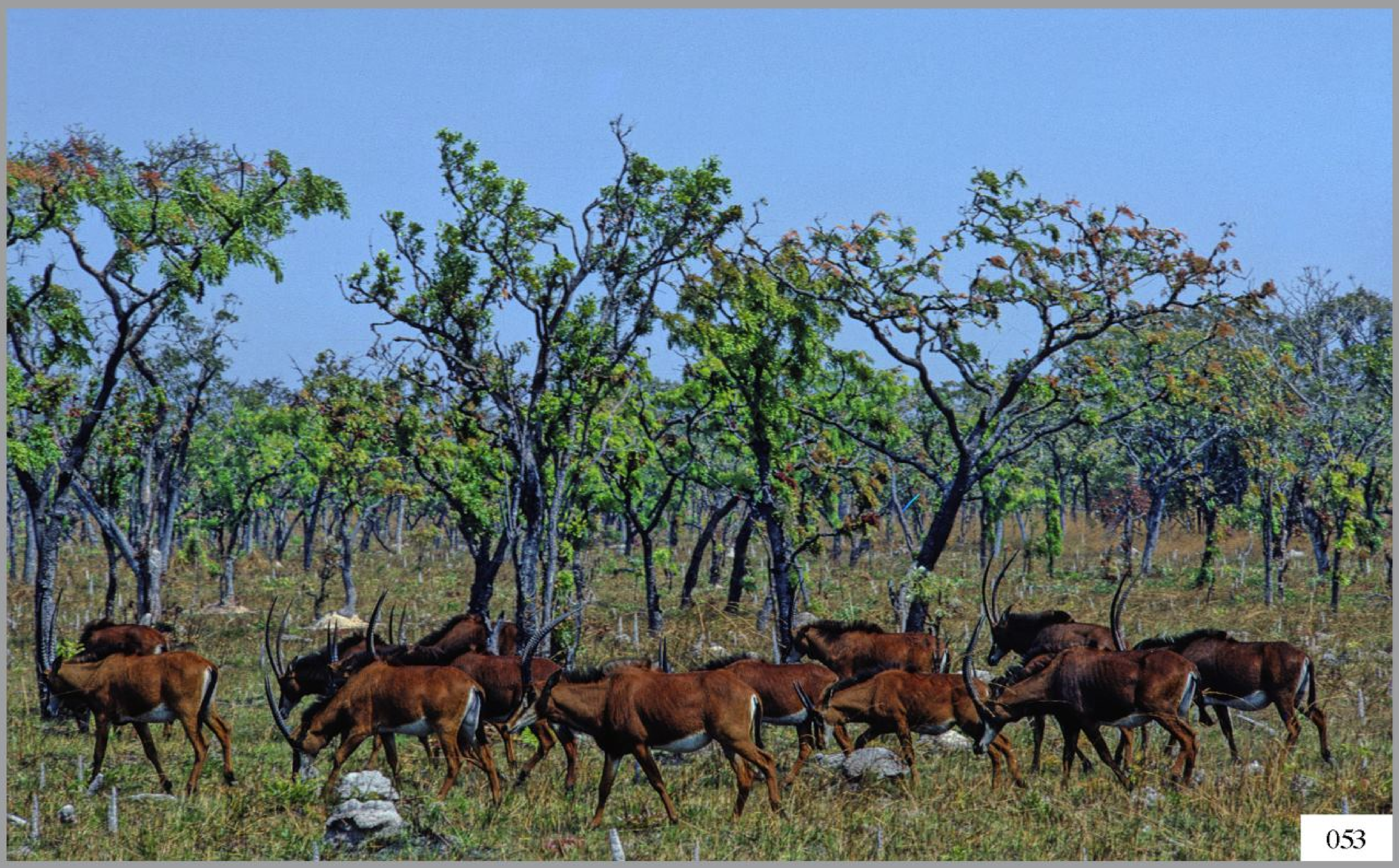
050



051



052



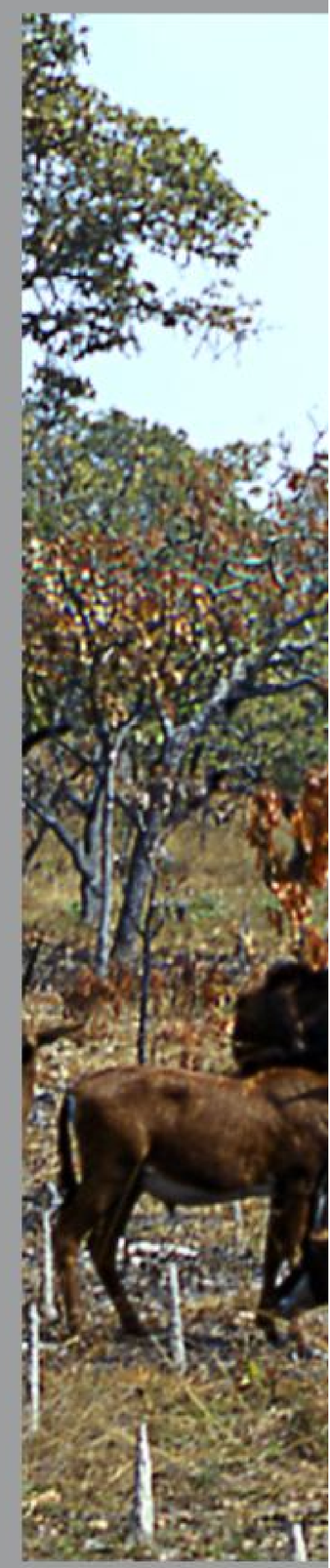
053



054



055







056



057



058





059



060





061


062

Em 1970 existiam muitas crias.

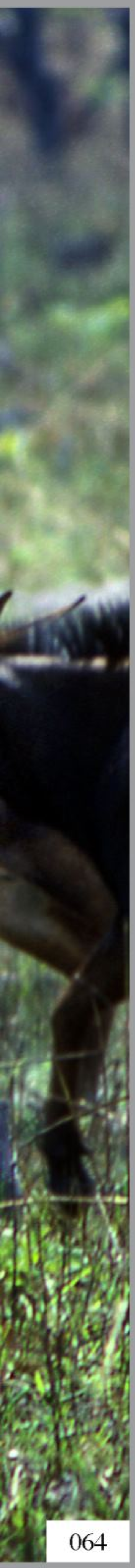


Luta de dois jovens machos para a posse da fêmea.



063





064



065

066





067


068


Os machos adultos vivem em grupos à parte.



069



070



071



072



073



074



075





076



077



078



079



080



081


082



083



084



085



086



087



Manadas de fêmeas, filhotes e jovens machos.



088



089



090



091



092



093



094



095





096



097



099



098



100

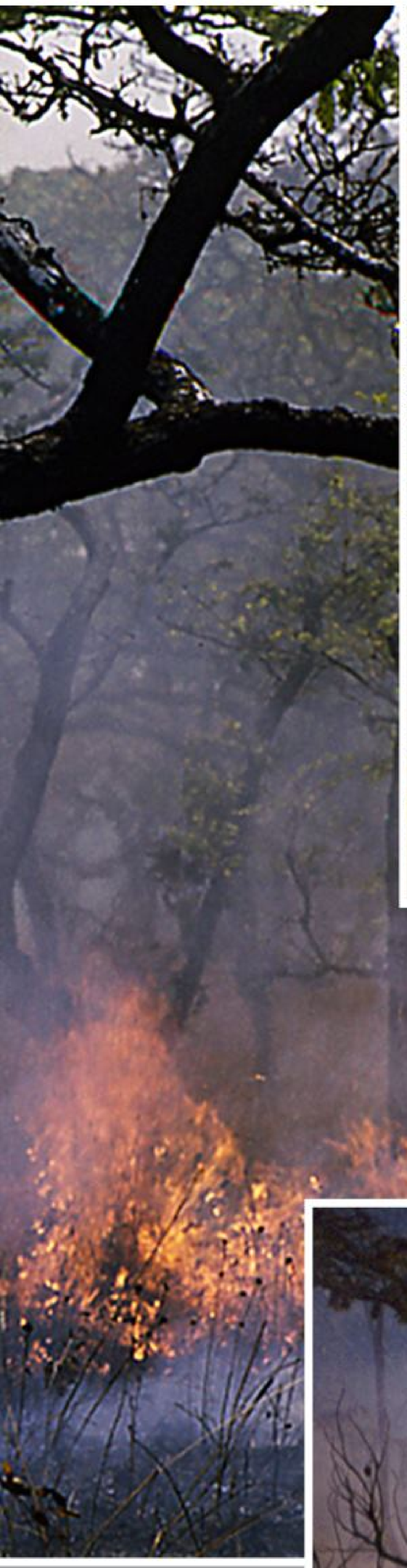


101



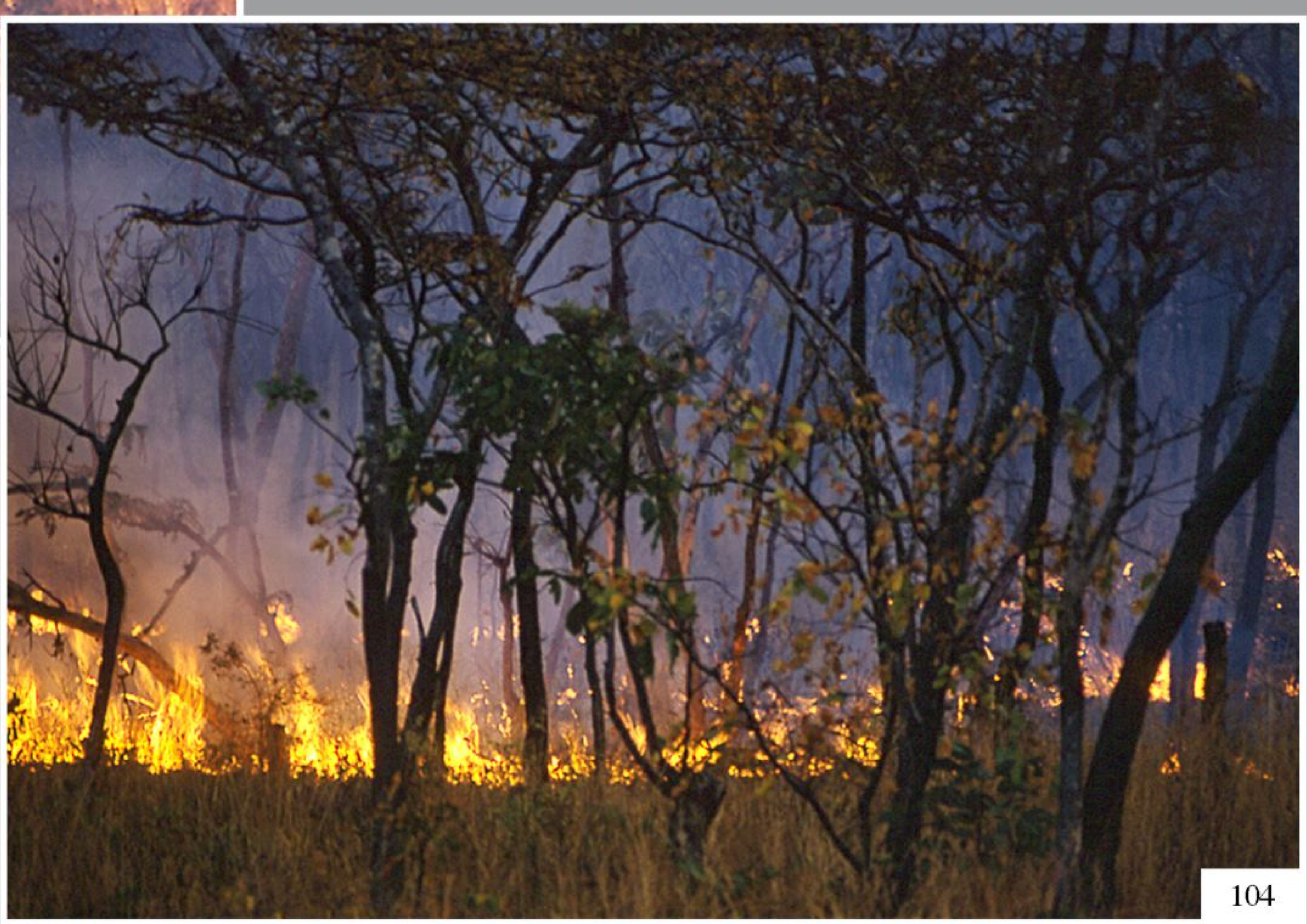
102

Estas "Queimadas", organizadas sob o controlo do Fiscal do Parque, tinham como objectivo eliminar a erva seca, facilitando a renovação da vegetação que ocorre na época das chuvas e providenciando este alimento tão apreciado pelas Palancas.





103



104





105



106



107

PARQUE NACIONAL DA QUIÇAMA

Nos anos 70, o parque da Quiçama, possuía já uma pequena estrutura Turística, bastante aceitável e tinha a grande vantagem de estar situado a apenas 70 Kms de Luanda. Os bungalows eram construídos em alvenaria e possuíam o necessário para proporcionar ao visitante uma estadia agradável.
Presentemente, as condições são muito melhores, o que explica o grande afluxo actual de turistas a este Parque.
Aqui, as paisagens naturais são únicas, sendo sobretudo a vegetação o que o diferencia dos outros Parques, além do lindíssimo panorama que se desfruta sobre o Rio Cuanza.
Nos anos 70 os 9.600 Km2 do Parque, albergavam enormes manadas de elefantes e sobretudo mais de 3.000 pacaças. Dado o seu grande número, estes animais eram encontrados com facilidade e consequentemente fáceis de filmar e fotografar. Encontravam-se também muitos pequenos antílopes e alguns rinocerontes brancos. Mas, embora tendo visitado por diversas vezes este Parque, nunca cheguei a avistar leões ou leopardos. No decurso dos 27 anos da trágica guerra civil angolana, quase toda esta fauna desapareceu. Hoje, está em curso um repovoamento florestal com espécies animais diferentes das indígenas,tais como girafas, zebras e avestruzes, feito por técnicos competentes. Paralelamente, as manadas de elefantes e de pacaças estão de volta, para grande felicidade dos turistas que visitam o Parque da Quiçama.
Muitas outras fotos da Quiçama poderão ser encontradas no livro ANGOLA 1.

J. C. Pinheira





108



109



110

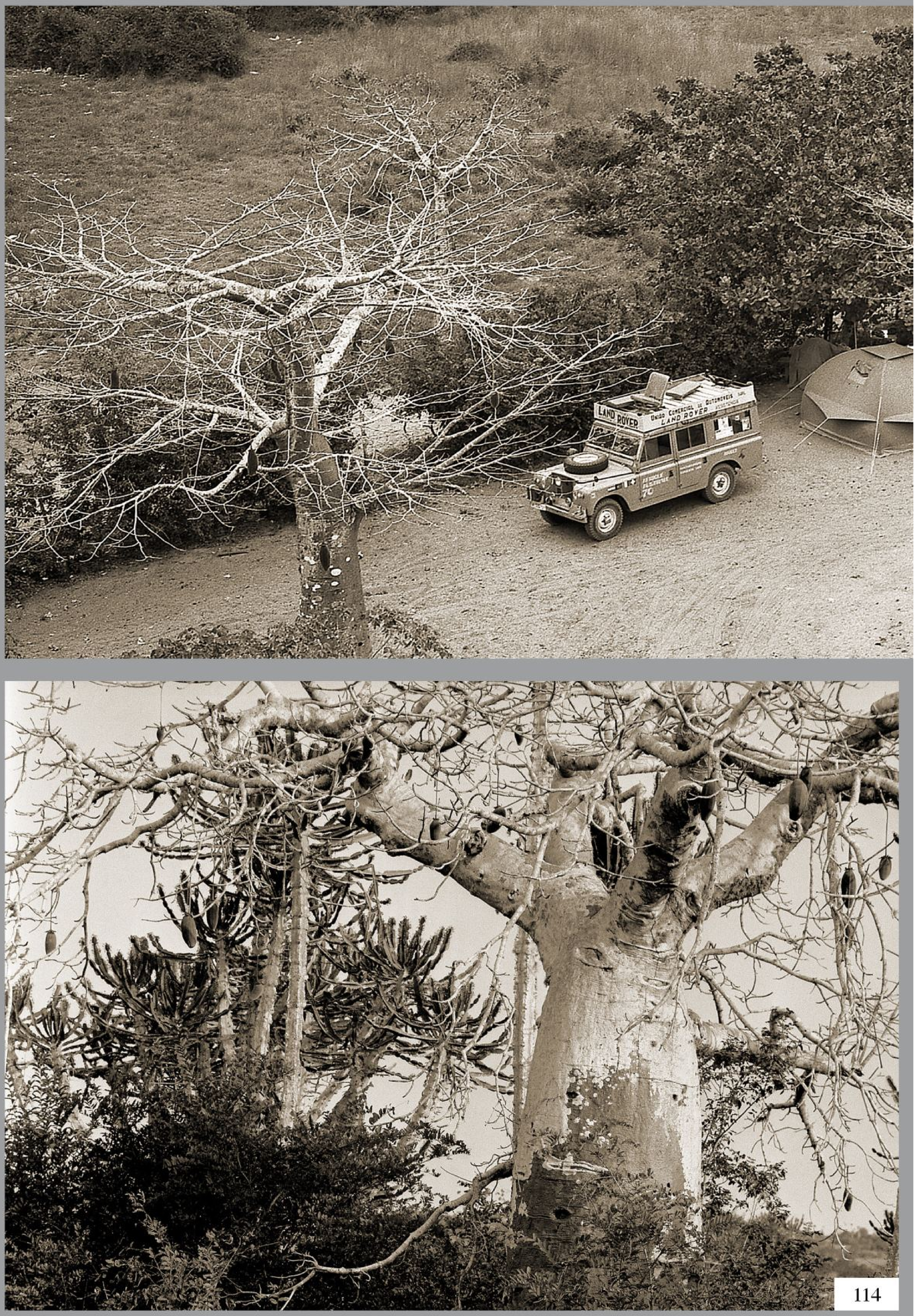




111



112



114



113



115





116



Os meus companheiros na primeira visita a Quiçama em 1970



117

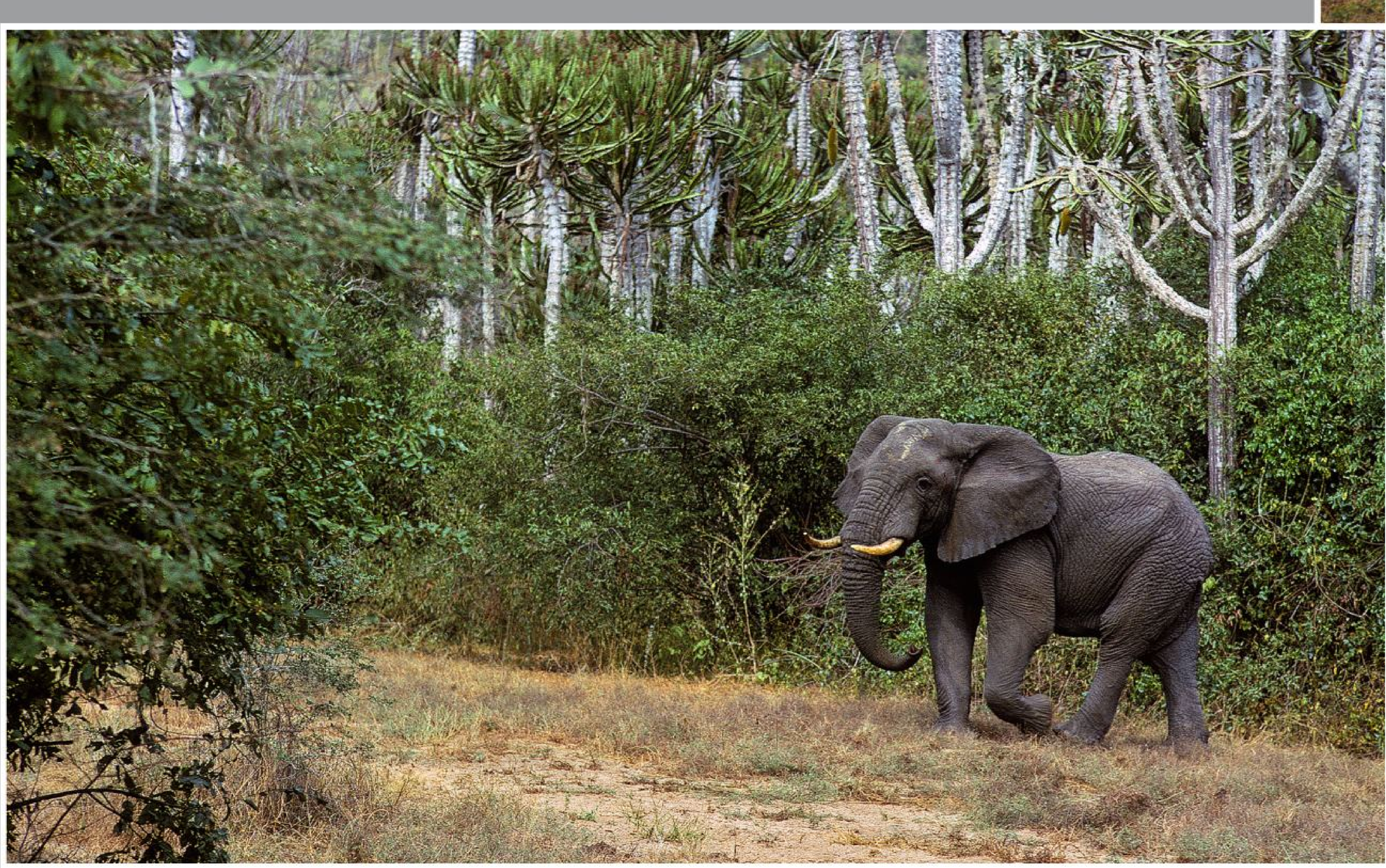

Na quiçama os elefantes eram numerosos.



118



119



100



121



120



122





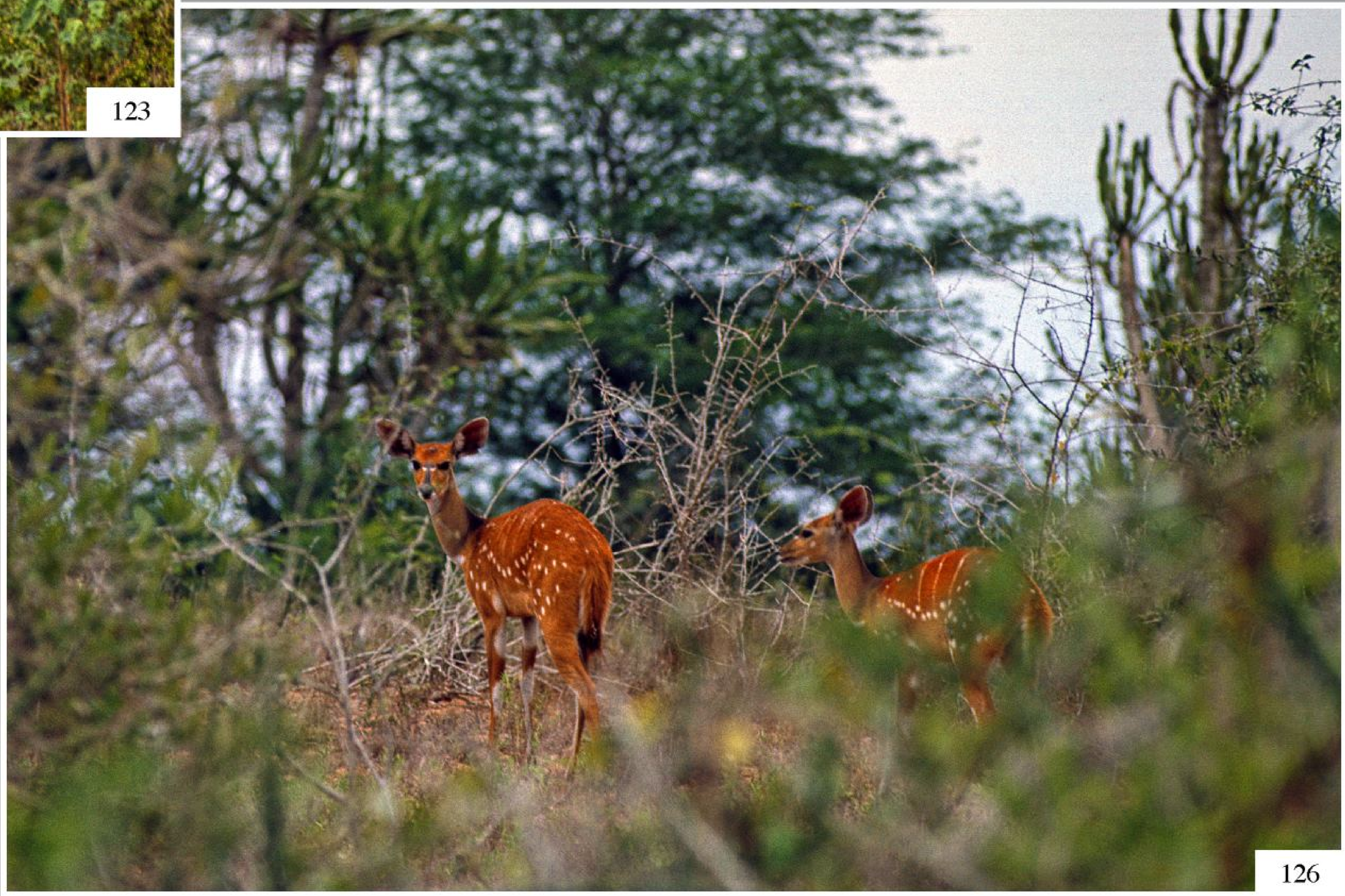
124



123



125



126





127



128



129



130



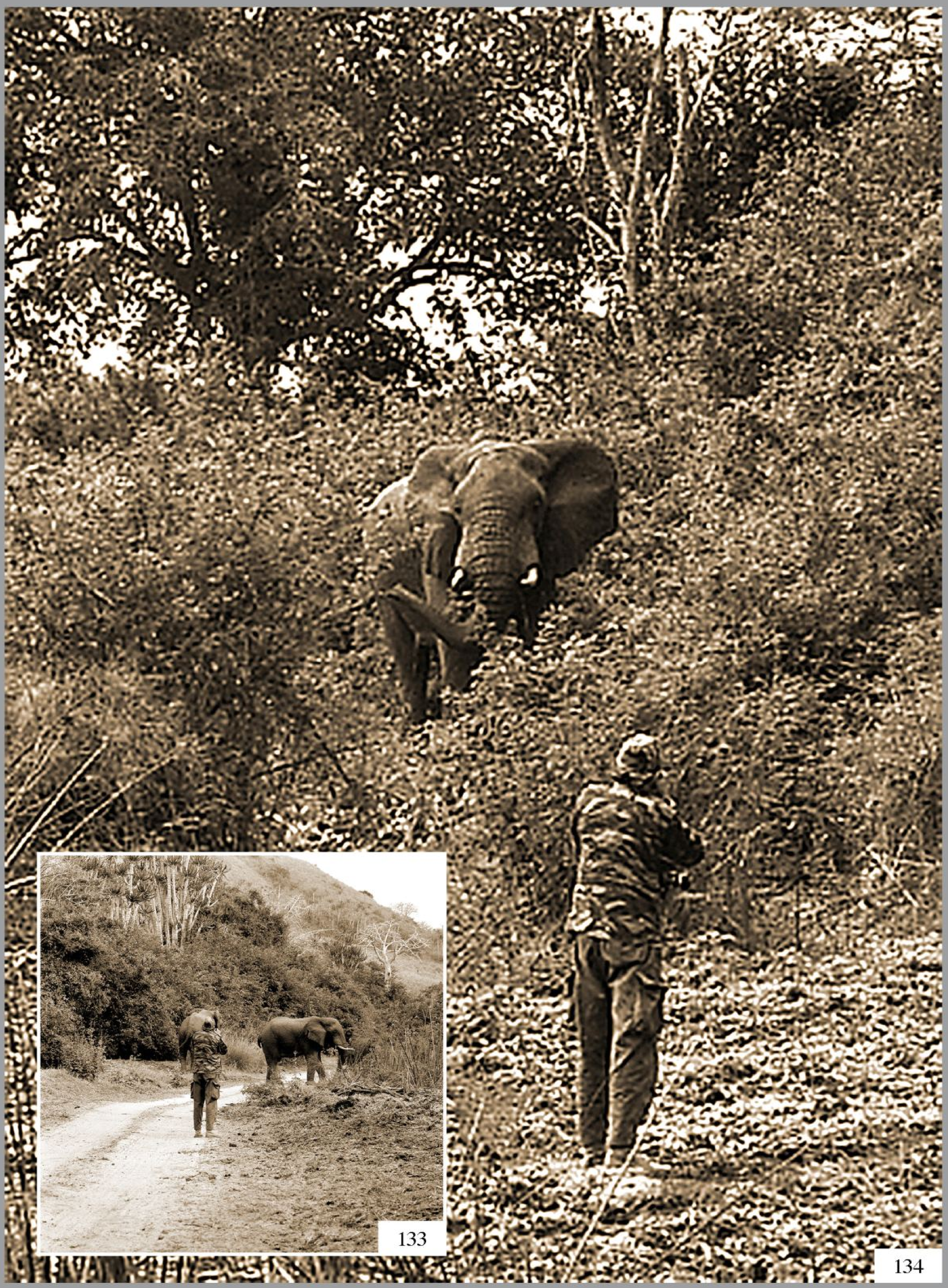


131


A nossa amiga Mixu.



132



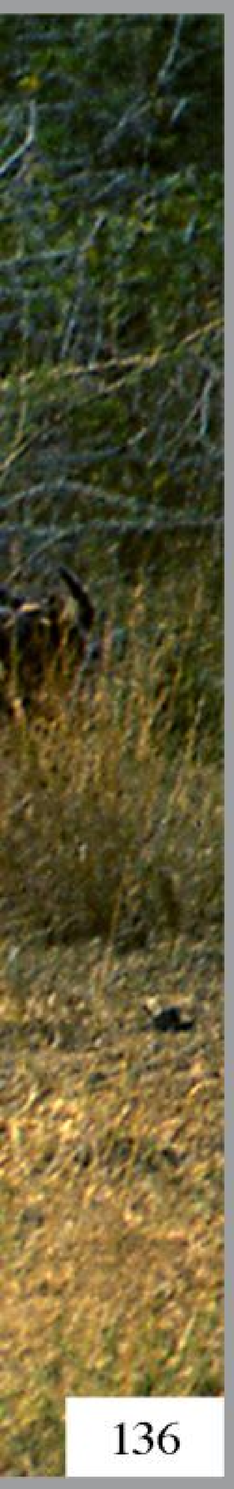
133

134



135

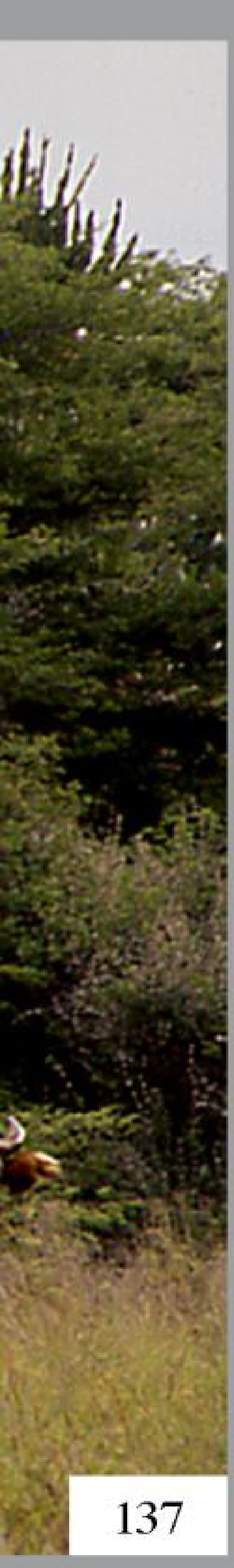
As pacaças eram aos milhares.



136



138

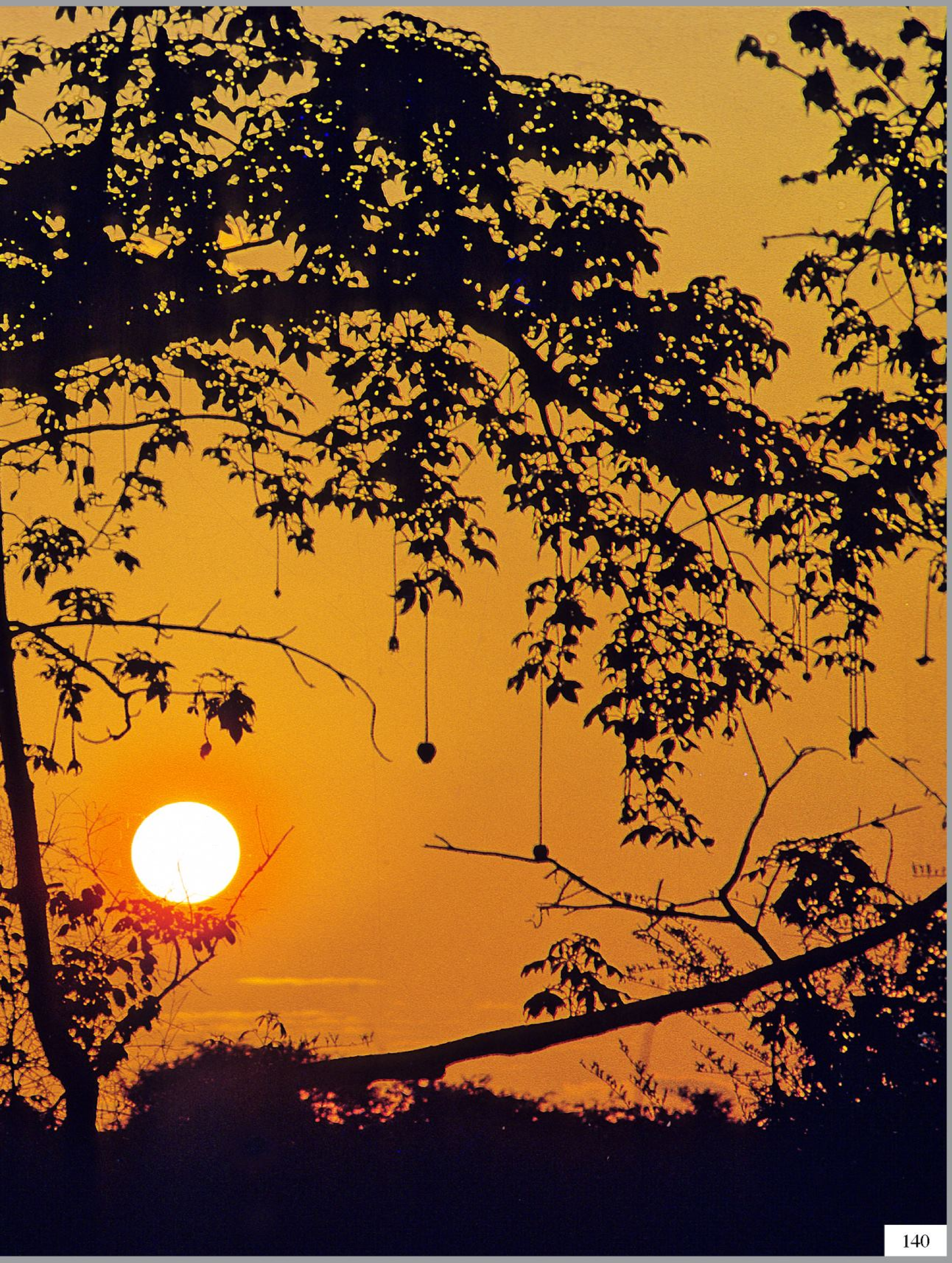


137



139





140



141

PARQUE NACIONAL DO BICUARI

Eu e os meus companheiros visitámo-lo em fins de 1970 (como se encontra descrito no livro ANGOLA 1), mas em 1973 regressei a este Parque acompanhado pela Christine e pelos meus dois filhos (livro ANGOLA 2).

As instalações, na época bastantes rudimentares, destinavam-se somente aos fiscais. Já existiam então boas picadas, pelas quais se transitava facilmente, afim de poder observar os animais. Habitualmente a partida era feita de madrugada, ao nascer do sol, debaixo de um frio terrível, para se conseguir fotografar nas melhores condições.

Á excepção de grandes manadas de búfalos, gnus, palancas vermelhas, alguns elefantes e muitas aves, não conseguimos ver outros animais em grande número.

O Parque, embora extenso – com 7.900 kms^2 de área – tinha relativamente poucos animais. O motivo era fácil de entender: em 1950 houvera grandes manadas de muitas espécies de animais até ter sido decretada uma Lei que liberalizava a caça na Província da Huíla. Esta Lei vigorou no período de tempo entre 1950 e 1952, período durante o qual foram dizimadas manadas de animais, tanto no interior como na periferia do parque.

Confrontadas com este resultado lastimável, as autoridades da época revogaram a supracitada Lei, adoptando medidas para o repovoamento do Parque, que em anos subsequentes produziram frutos, encontrando-se a fauna parcialmente regenerada em 1975. É caso para se dizer: «depois de casa roubada, trancas à porta»...

Mas com o conflito armado que se seguiu após a Independência, regressou o abate desregrado e indiscriminado de animais, poucos tendo escapado...

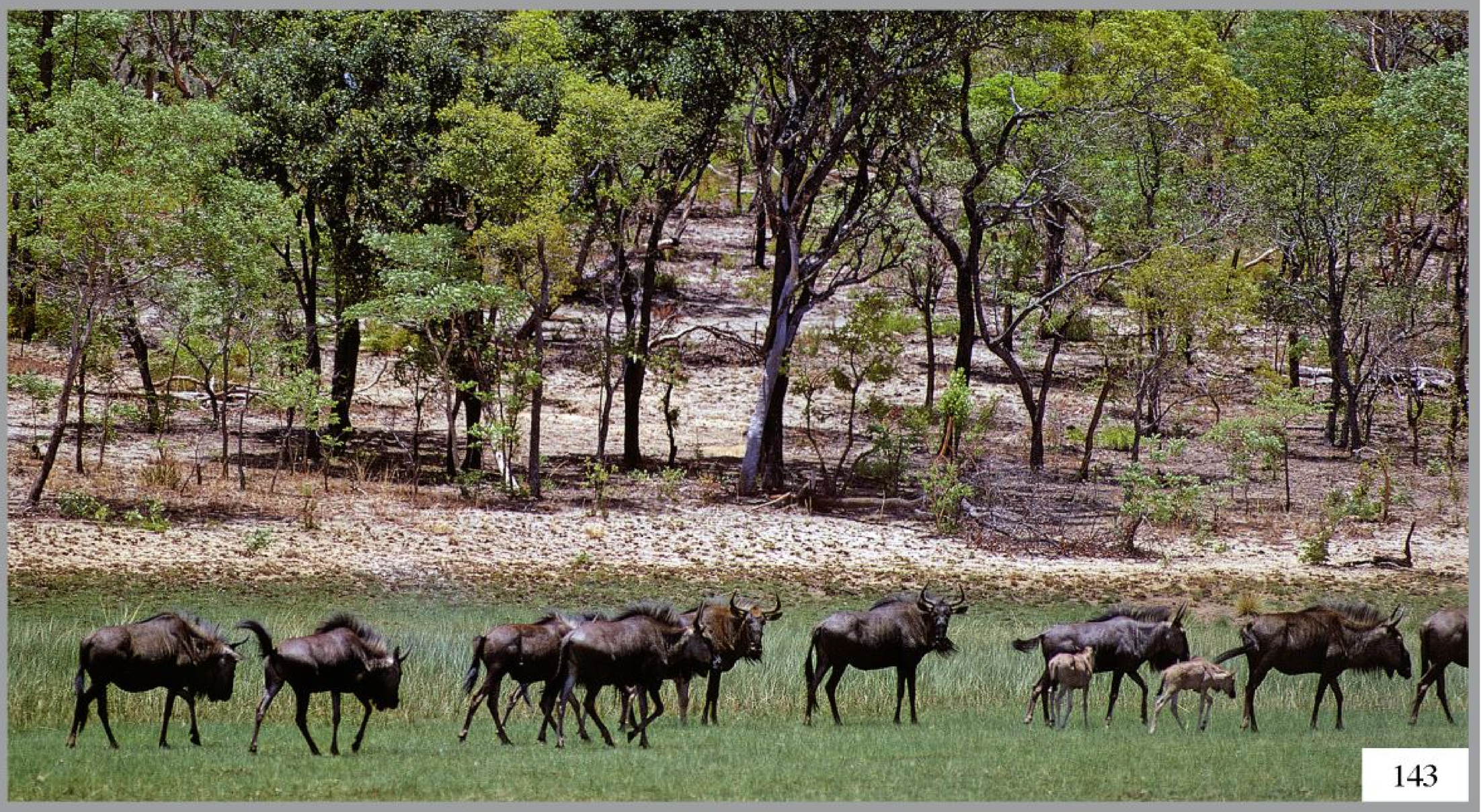
Confesso desconhecer a situação actual deste Parque.

J. C. Pinheira


INVERNOSOL
ORGANIZAÇÃO: FRANCISCO PINHEIRO RAMOS
FINA


PARQUE NACIONAL
DO
BICUARI
PROIBIDO ENTRAR SEM
AUTORIZAÇÃO

142



143



122



144



145





147



146



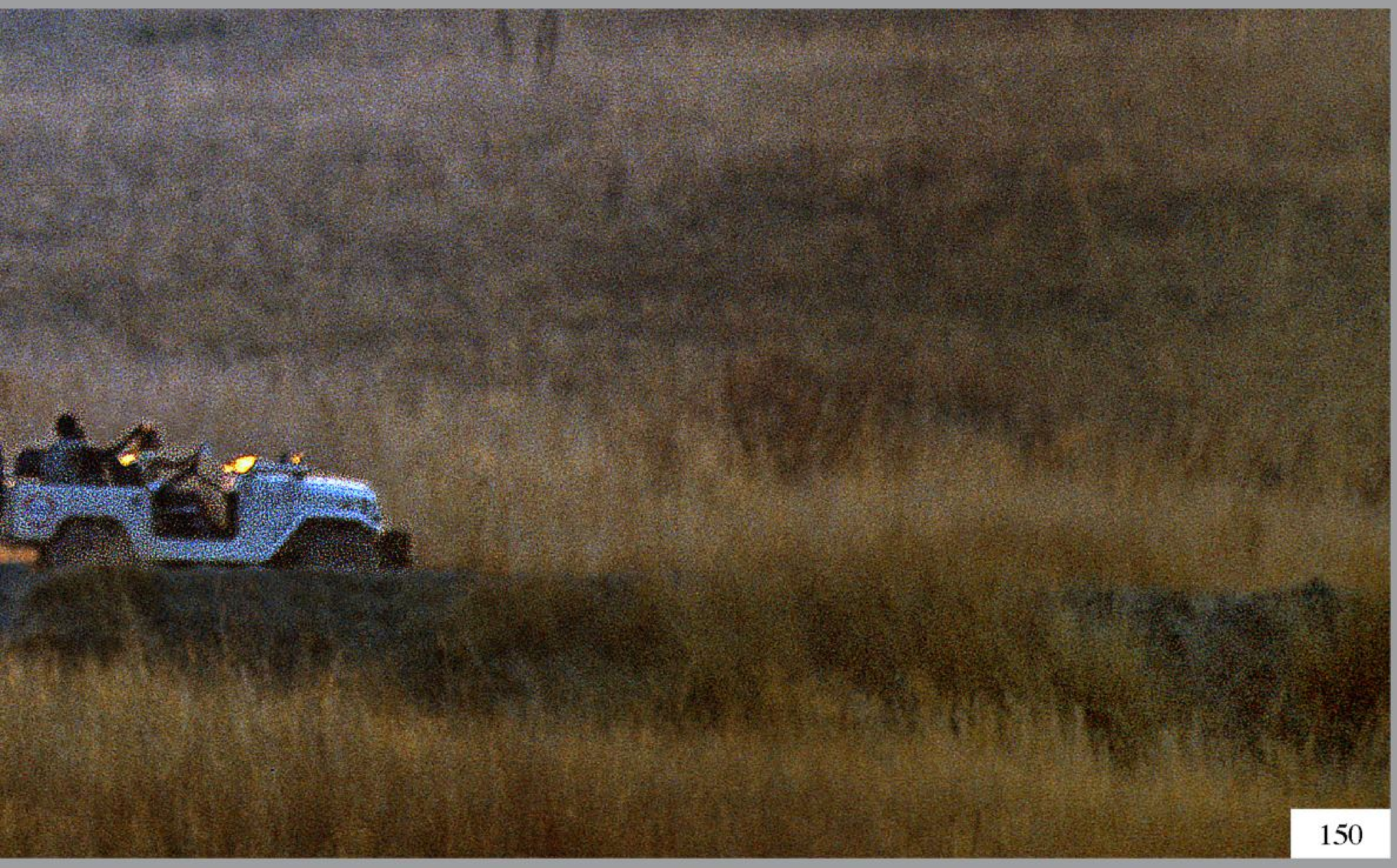
148



149







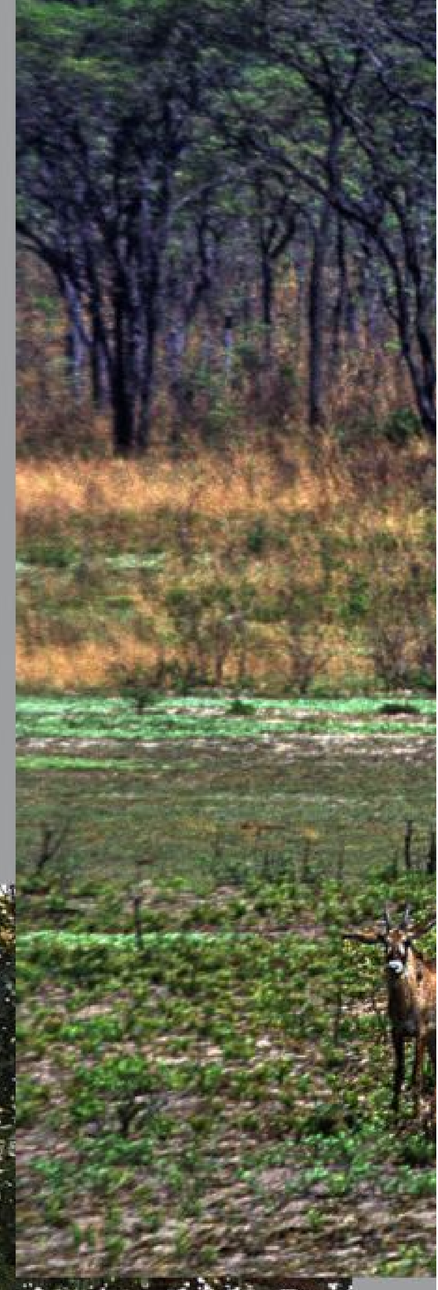
150



151



152





153



154



155





156





157



158

FLORESTA DO MAIOMBE

Em 1971, quando eu e os meus companheiros fizemos a nossa reportagem em terras de Cabinda, por falta de tempo (condicionada pela viagem de barco de regresso a Luanda) vimos encurtada a nossa estadia na floresta do Maiombe. Lamento que tal tenha sucedido, porque esta região é magnífica pelas suas paisagens, cuja beleza é acentuada pelos extraordinários tons de verde da sua Flora. A Floresta do Maiombe era rica em árvores de alto porte, chegando a atingir os 50 metros de altura, cujos nomes - Pau Preto, Ébano, Sândalo, entre outros - são vulgarmente conhecidos como madeiras nobres.

Mas a sua riqueza não se limitava à Flora, pois a variada Fauna incluía chimpanzés, gorilas, elefantes e numerosas espécies de aves, como pelicanos, flamingos, periquitos e papagaios, entre outras.

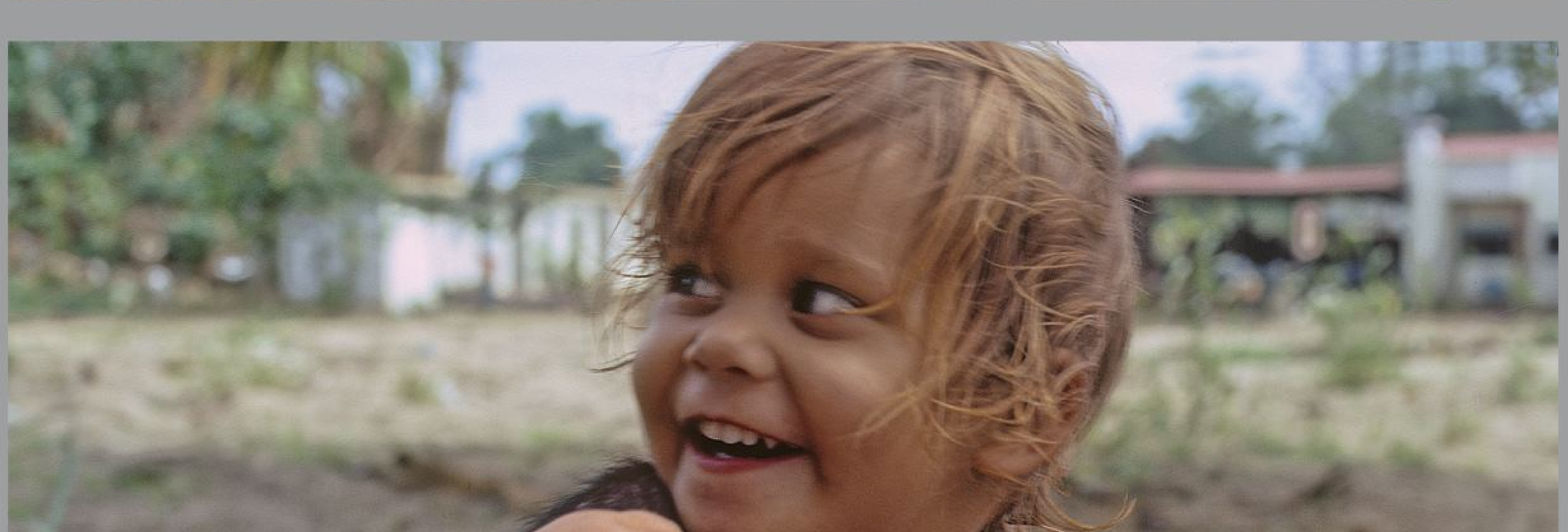
A acrescentar que a floresta de 29.000 kms^2 não cobria apenas a região de Cabinda, estendendo-se ao Gabão, à República Democrática do Congo e ao Congo-Brazzaville, sendo apelidada de «2º pulmão do mundo», depois da Amazónia. Título que perderá inevitavelmente, devido à situação actual de liberalização da caça clandestina e do corte desregrado destas cobiçadas árvores.

J. C. Pinheira


159



160



161



Os dois grandes amigos e as suas brincadeira...



162

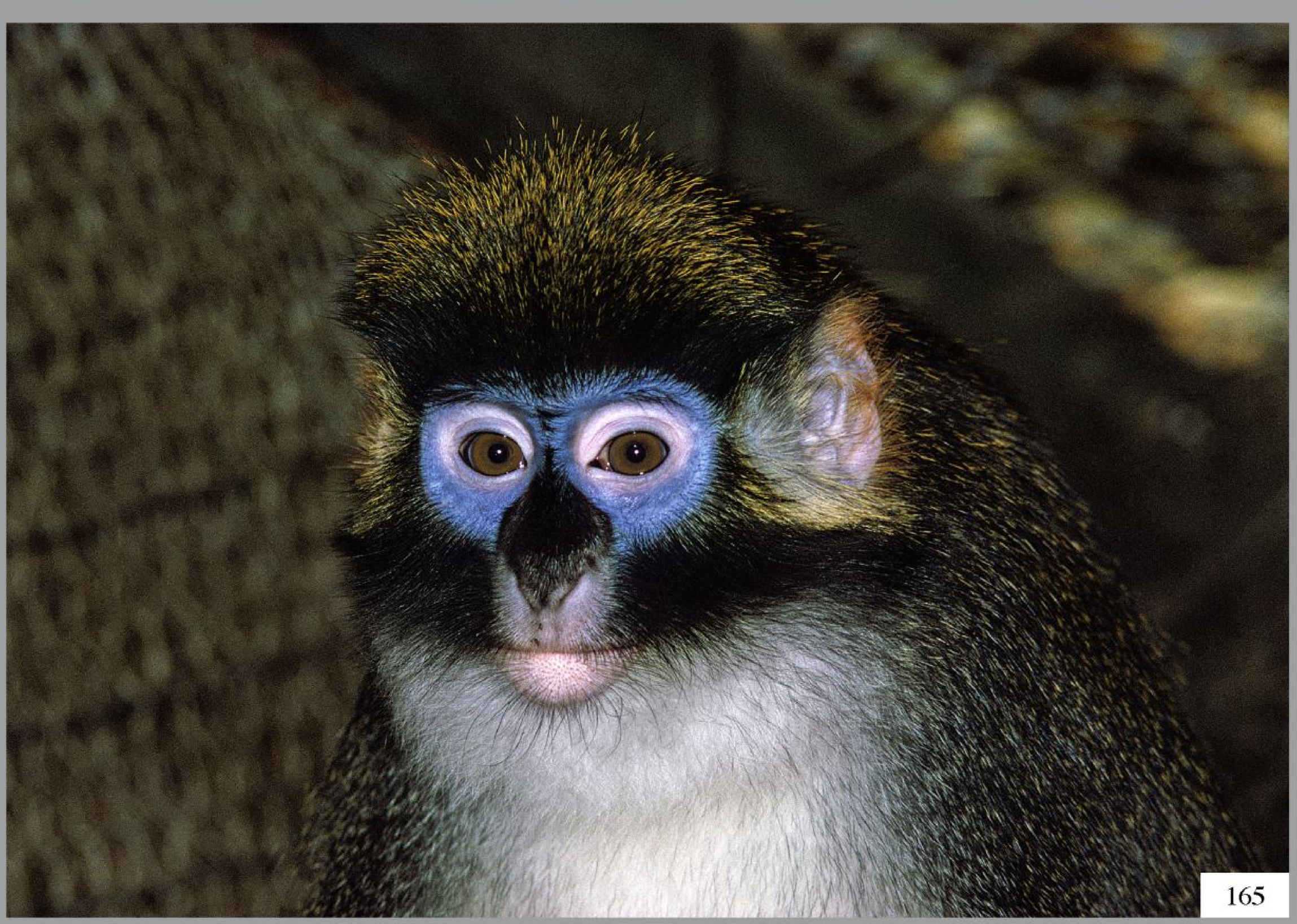


163

A banana, era a base da alimentação da maioria
da população de Cabinda.



164



165

166





167

Floresta do maiombe era muito densa
e com árvores de alto porte.



168



169

PARQUE NACIONAL DO IONA

Nos meus primeiros livros sobre Angola falei longamente desta região, uma das mais belas deste país. Tão bela, que é-me difícil encontrar palavras para a descrever, apesar de a ter percorrido durante meses, a pé e de carro; viajado centenas de quilómetros, por planícies e montanhas, palmilhado picadas, atravessado florestas, galgado dunas, repousado em praias; sofrido com o calor tórrido dos seus dias, com o frio cortante das suas noites, sob um firmamento cintilante de biliões de estrelas; admirado a majestade dos cumes das montanhas, antes do desabar da chuva, que num dilúvio tudo alagava; compadecendo-me quando não chovia e a natureza era madrasta! Não encontro palavras para o exprimir. Por isso deixo as minhas fotos falarem por mim e exprimirem o que sinto por esta TERRA!
Muita desta beleza continua a existir - a flora permanece a mesma - contudo a maior parte dos animais pereceu, vitimados pela crueldade humana...
Fotografei, também, grande quantidade de plantas e flores sobretudo a famosa Welwitschia Mirabilis, macho e fêmea. Posso orgulhar-me de ter feito a que julgo ser a mais bela foto desta planta, visto ser muito difícil encontrar um exemplar em boas condições. Maravilhei-me com os insetos, répteis e aves que encontrei nesta região, em número e diversidade inesperados, face à rudeza do clima, que os fustigava com calor tórrido durante o dia e com temperaturas muito baixas à noite. E não posso deixar de lamentar, não ter chegado a conhecer o nome da maioria.

O Parque, então com 15.150 km², possuía estruturas que lhe permitiam albergar um pequeno número de turistas e ainda uma pista para pouso e descolagem de avionetas. Situado em pleno deserto do Namibe, os escassos recursos hídricos obrigavam-nos a percorrer alguns quilómetros para ir buscar água à base da serra, onde existia uma habitação de madeira, junto a uma nascente, rodeada de abundante vegetação.

Próximo da entrada do Parque, não posso deixar de mencionar a Lagoa dos Arcos: maravilhoso local, que embora com escassez de água na época seca, chegada a época das chuvas fazia justiça ao seu nome, transformando-se numa lindíssima lagoa, cujas águas se cobriam de nenúfares.

Já fora do Parque, encontrava-se a chamada «Gruta», um amontoado de enormes pedregulhos em cujo espaço interior o meu Amigo Artur Paulo de Carvalho - conhecido por Turra - criou as instalações para o seu acampamento de caça, com o conforto indispensável para poder receber turistas provenientes sobretudo de Espanha, Portugal, França e U.S.A., sendo então esta região, visinha ao Parque, um destino muito procurado para Turismo Cinegético.

Tenho conhecimento de que após a Independência o Iona foi aberto a safaris de caça, o que associado a uma intensa actividade de caça ilegal, dizimou a fauna deste Parque. Não esqueçamos que esta última abate sem discriminação, não respeitando os animais jovens e as fêmeas ao contrário do que habitualmente acontece com os Safaris onde se seleccionam velhos machos como os melhores troféus.

Recordo-me que em 1976, apreensivos com o destino dos animais, eu e a Christine nos dirigimos à Embaixada de Angola em Paris e nos oferecemos como voluntários para auxiliar os nativos da região, os pastores Muchimbas (que respeitavam a natureza e os animais) a preservar a fauna do Parque, dando-lhes a formação adequada e convertendo simultaneamente a proteção dos animais, numa actividade lucrativa para os próprios.
Lamentavelmente, embora prevendo a catástrofe que se avizinhava, eu não tive ao meu alcance, os meios para a evitar.
Mas voltando a recordar esta lindíssima região de Angola, tenho que mencionar o mar, as praias e as dunas, onde fiz centenas de fotos de nus artísticos de jovens conhecidas (hoje certamente lindas avozinhas) cuja compilação estou certo daria um livro maravilhoso! Talvez um dia o faça, se estas me autorizarem... pois naquela altura (e já lá vão tantos anos) não pensei que um dia editaria livros.
Antes de fechar esta página volto a escrever sobre MOÇÂMEDES, para mim a cidade mais «deliciosa» de Angola, talvez por ser vizinha do deserto. Ainda hoje, eu e a Christine, nos recordamos da simpatia das suas gentes, da beleza da cidade, dos seus cafés, onde ao entardecer fizemos tantos novos amigos, num bate papo animado à volta de uma Cuca ou uma Nocal bem geladinha e de um prato de camarões ou de caranguejo - o melhor caranguejo do Mundo.

Que saudades!
Que saudades e já lá vão quase 50 anos !!!

J. C. Pinheira



170

O Parque no tempo da seca...

O Parque no tempo da chuva...



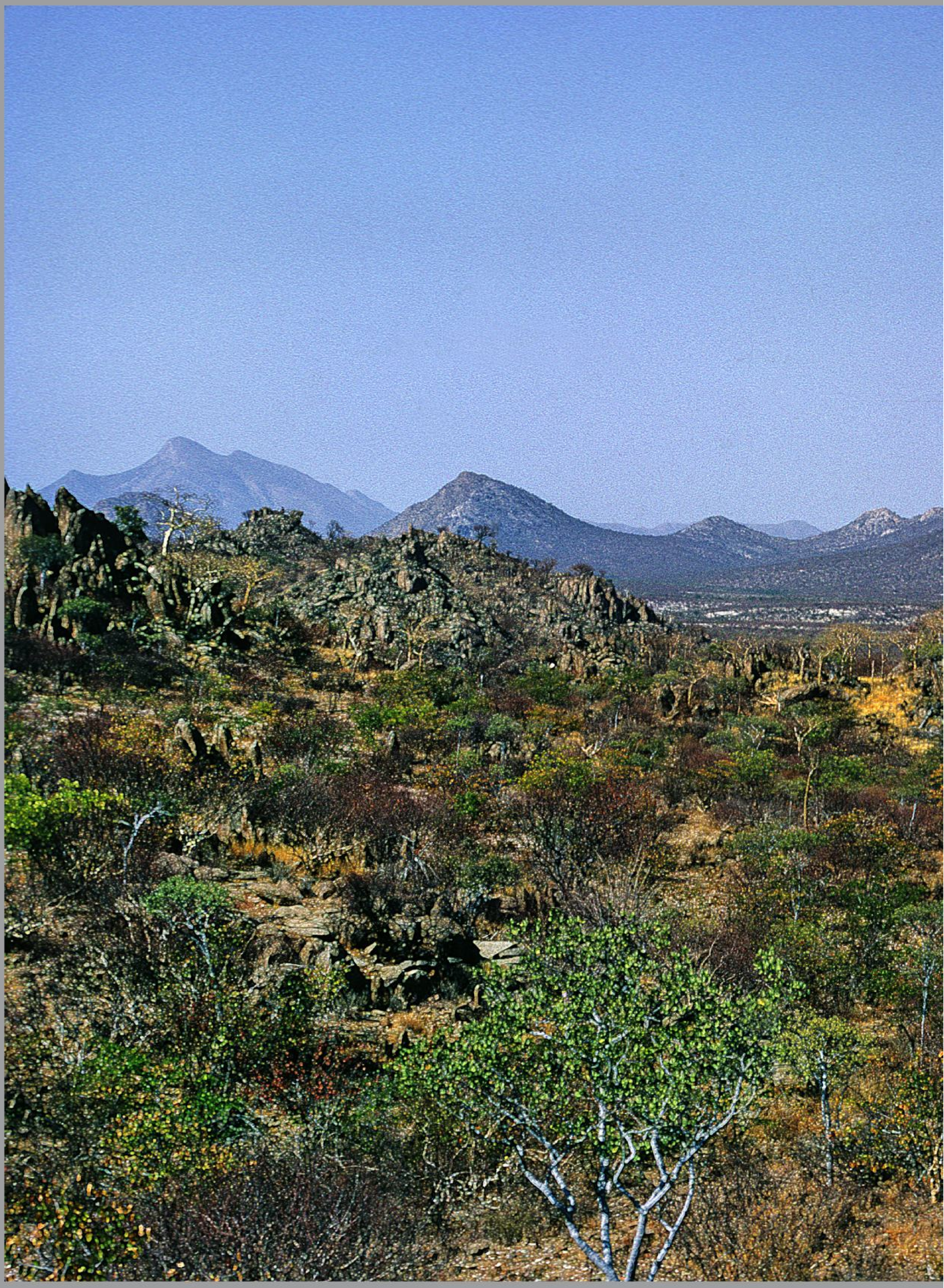


173

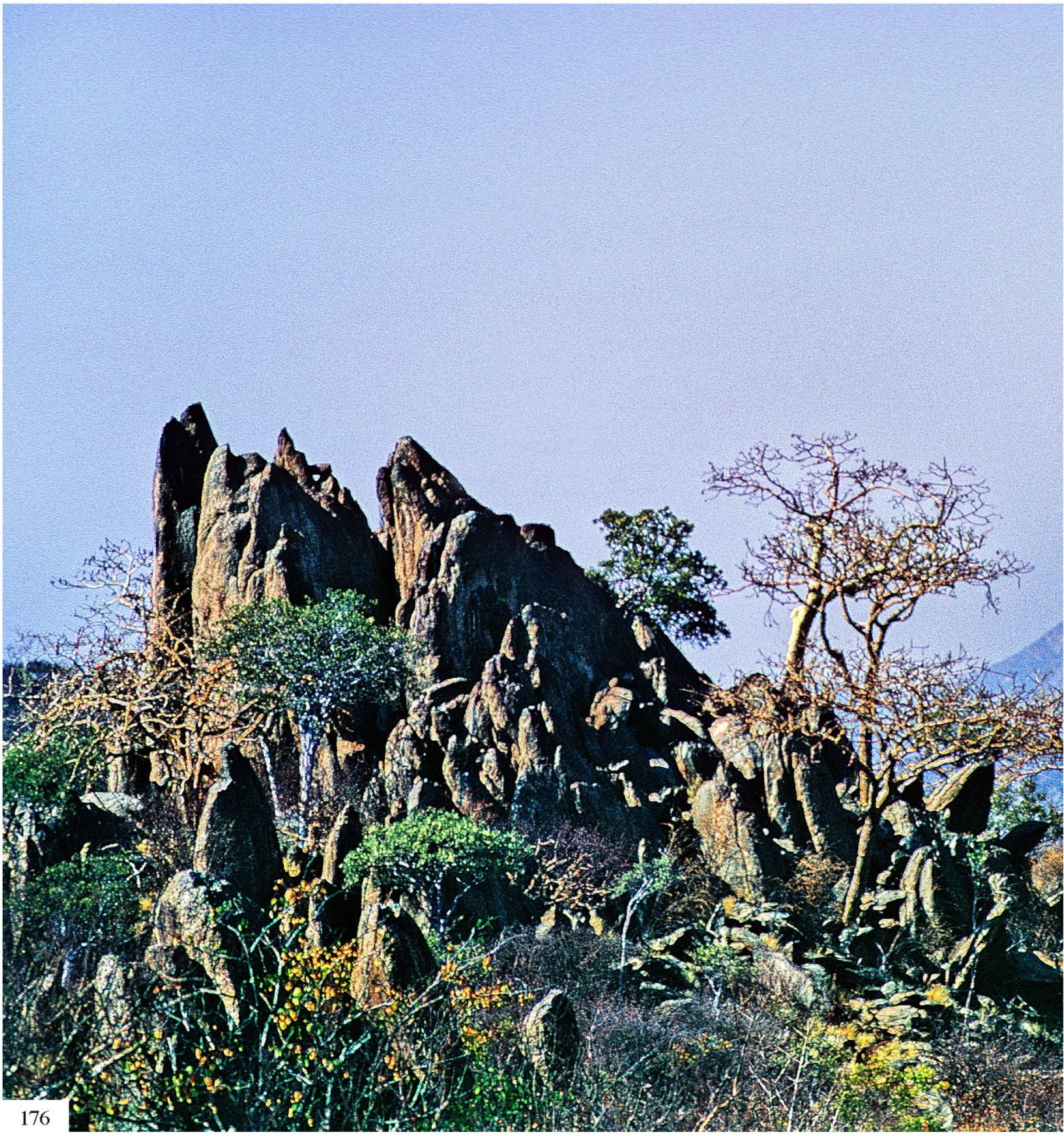

O lado montanhoso do Parque.



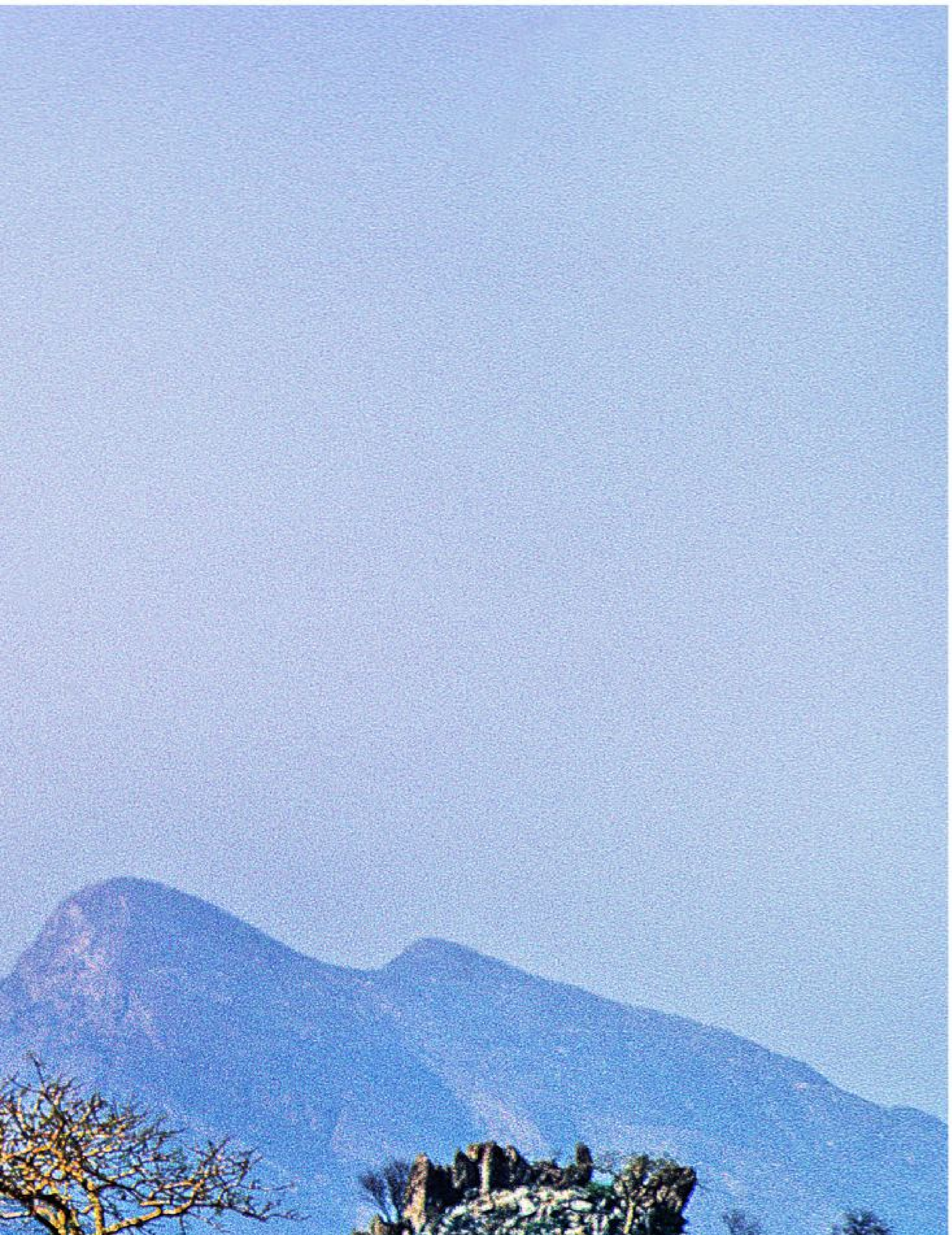
174

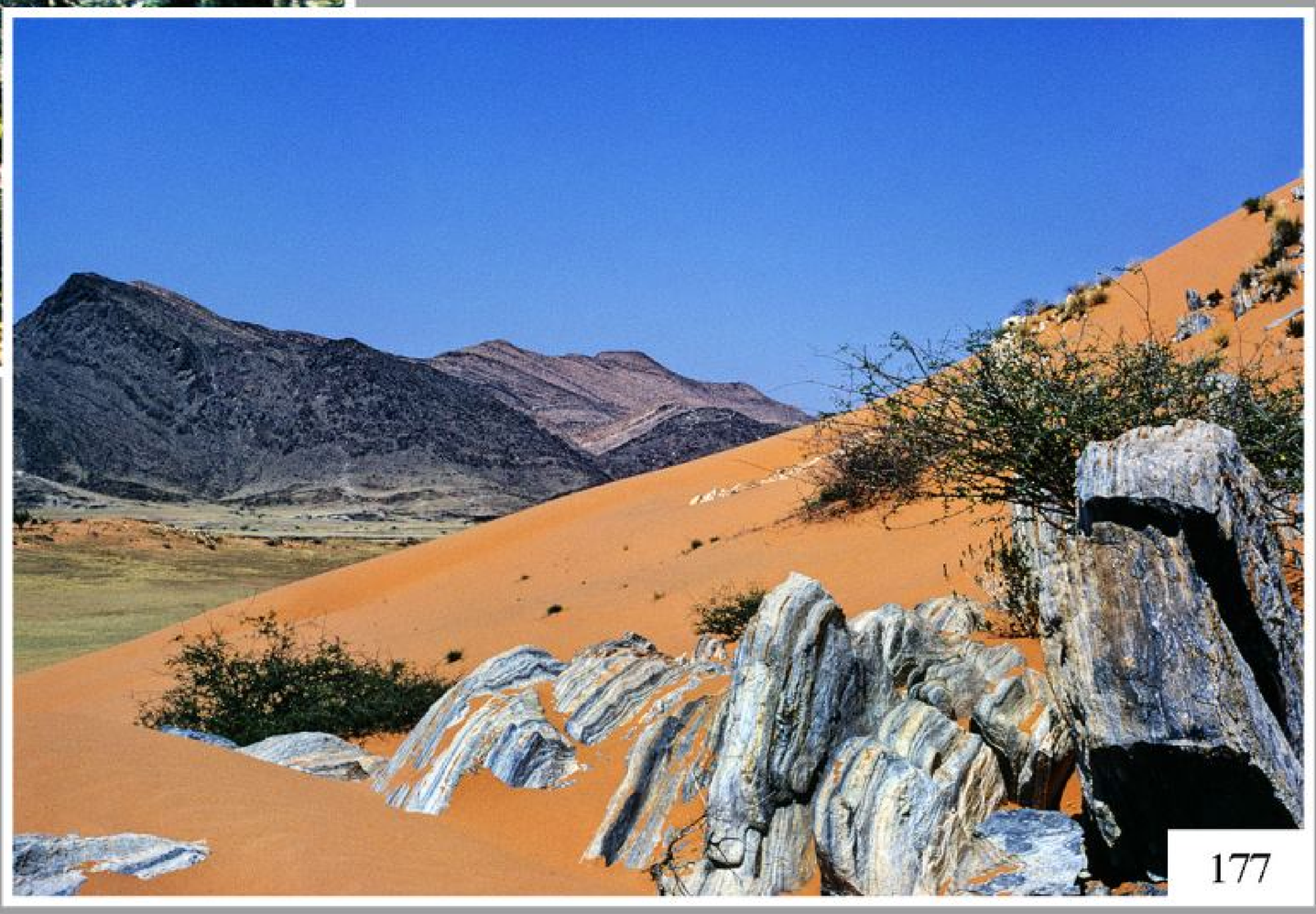



175



176





177



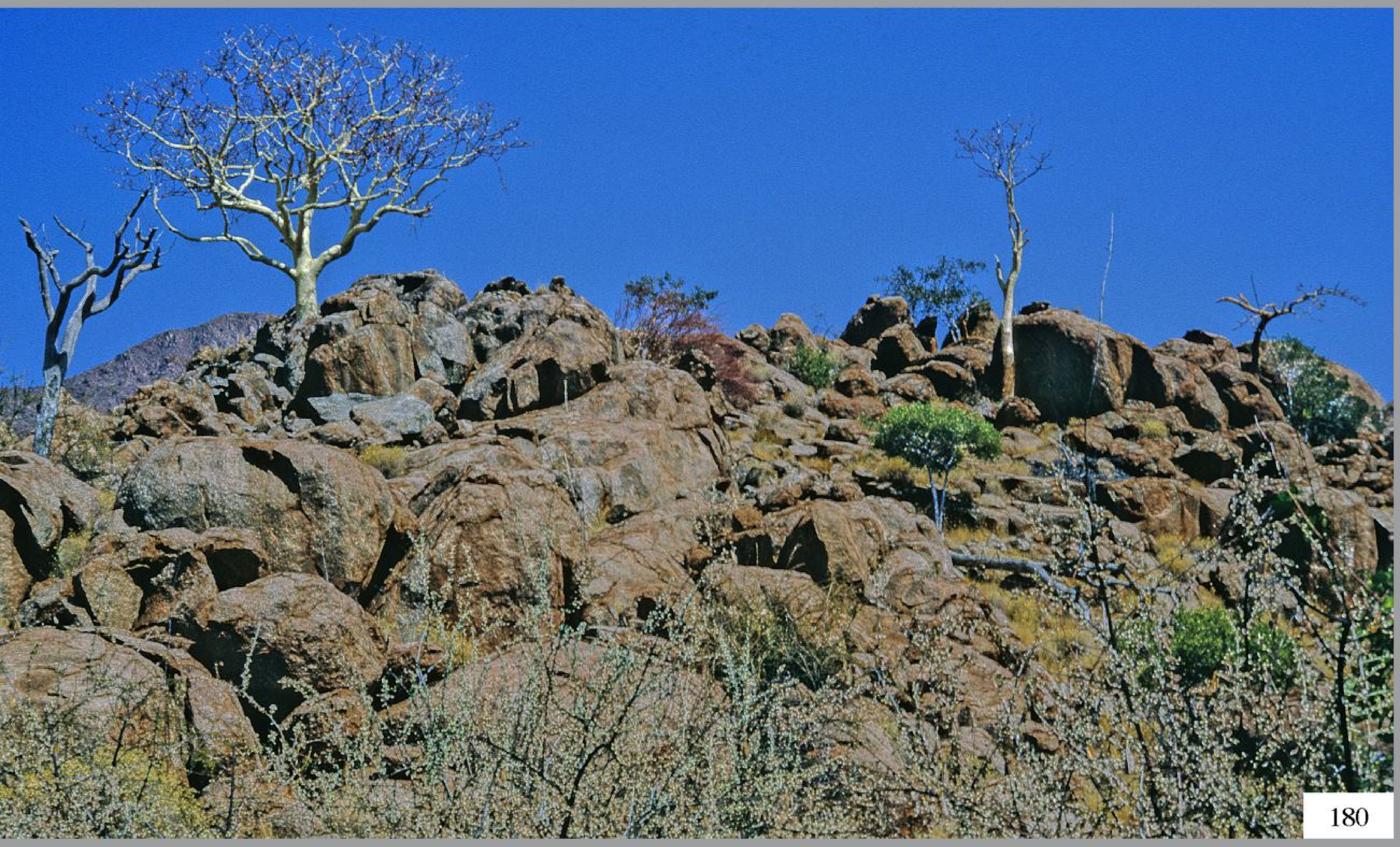


178

Pintura Rupestre encontrada numa
Gruta das montanhas do Parque do Iona.



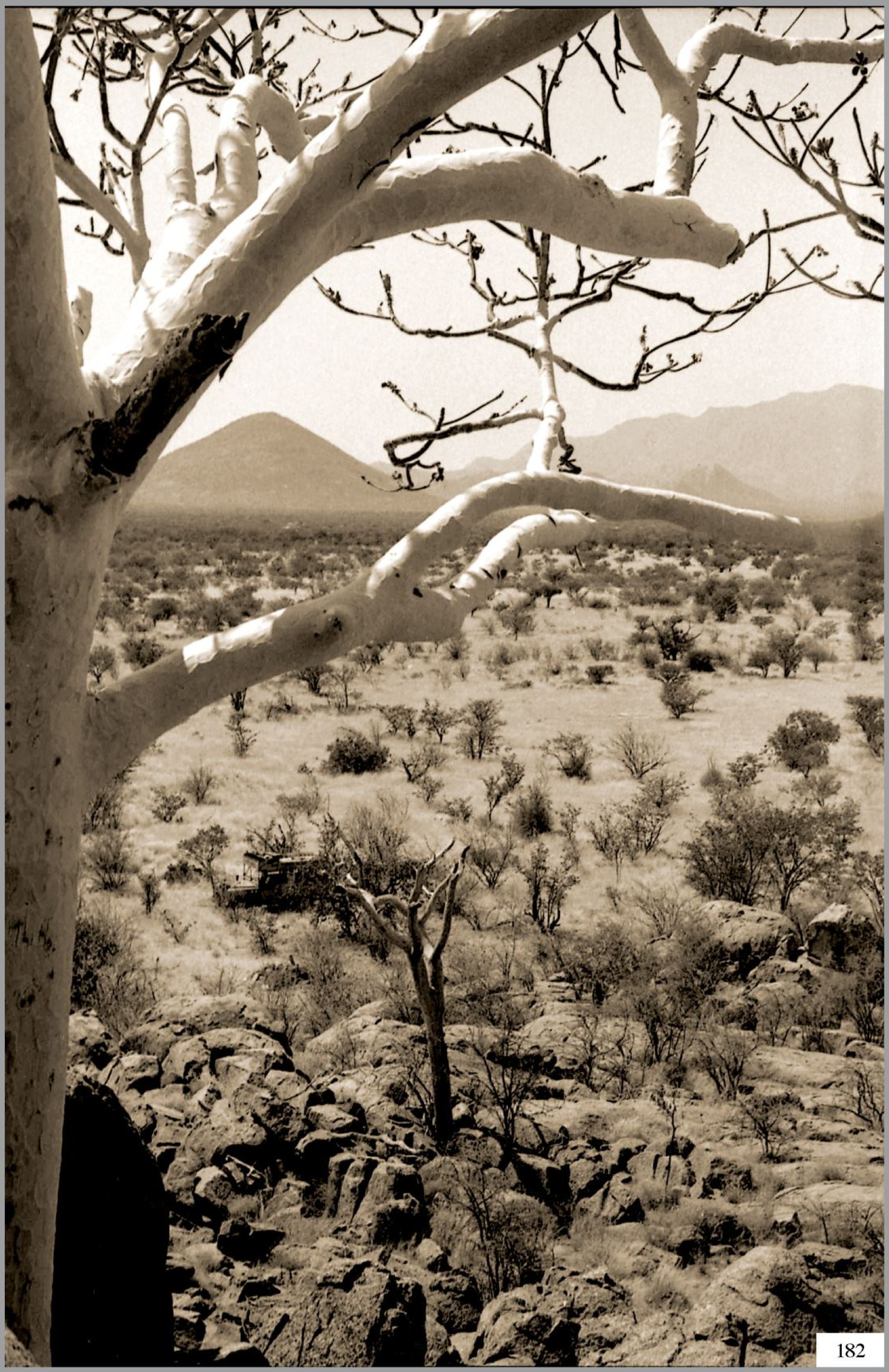
179



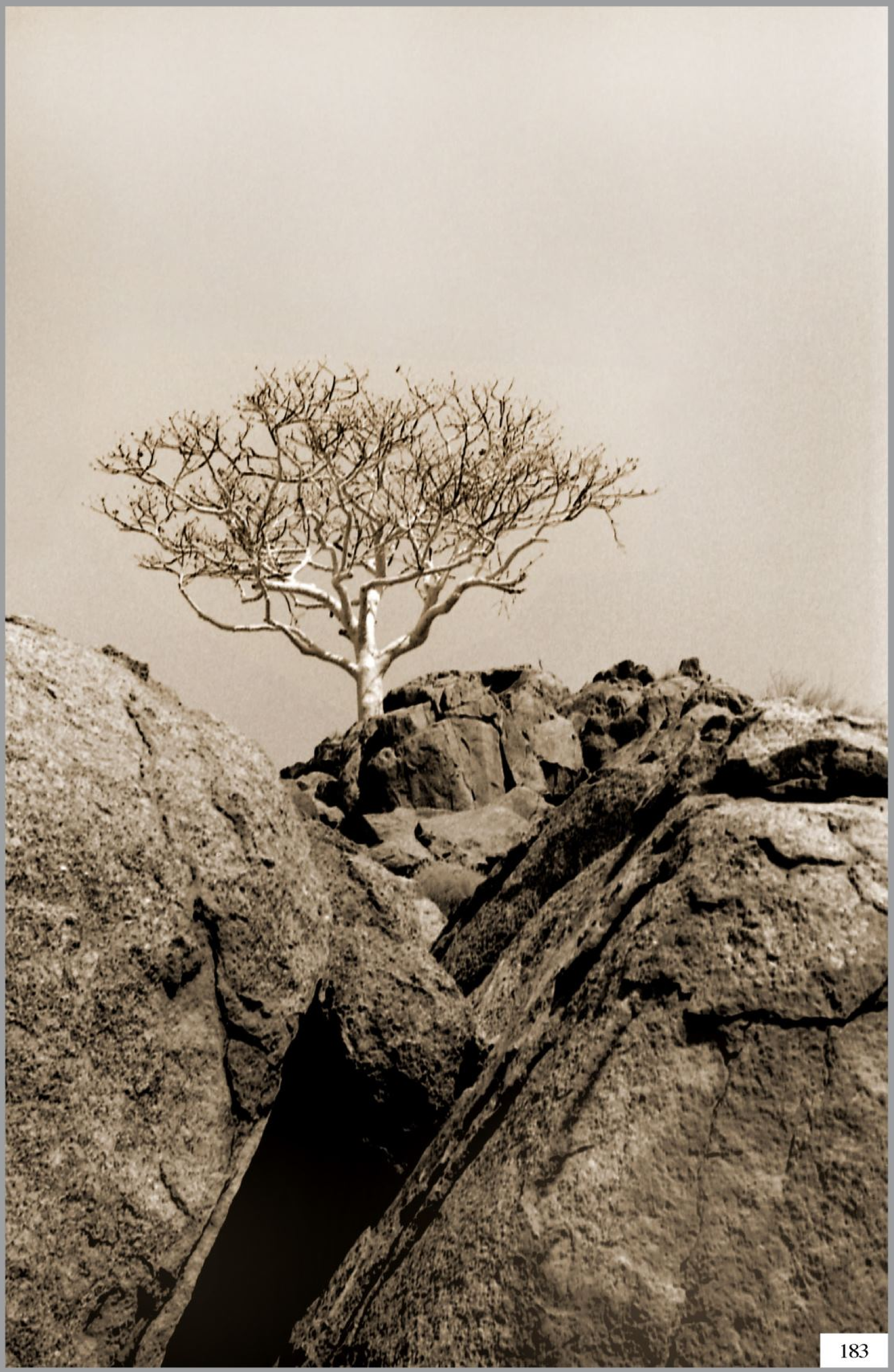
180



181



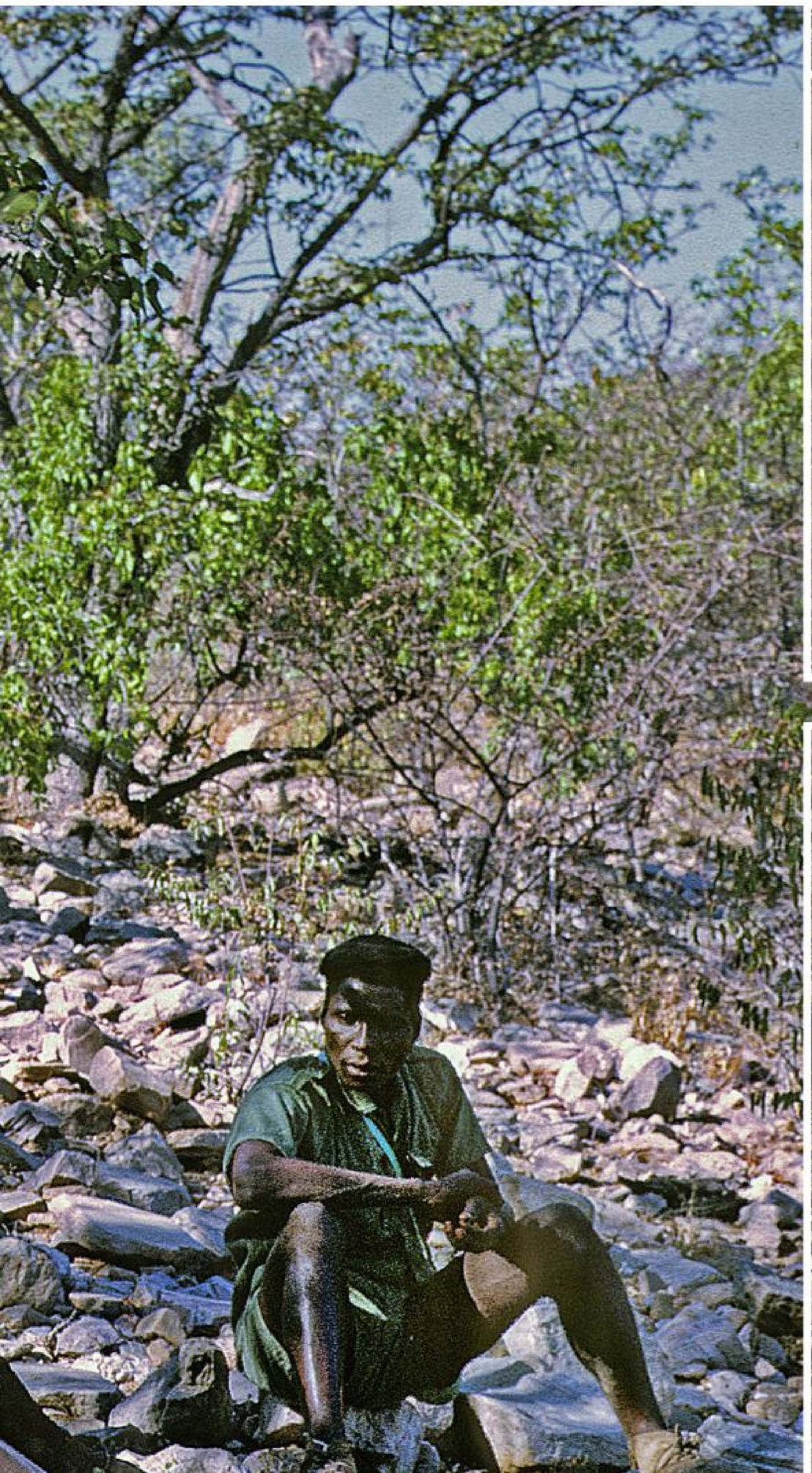
182



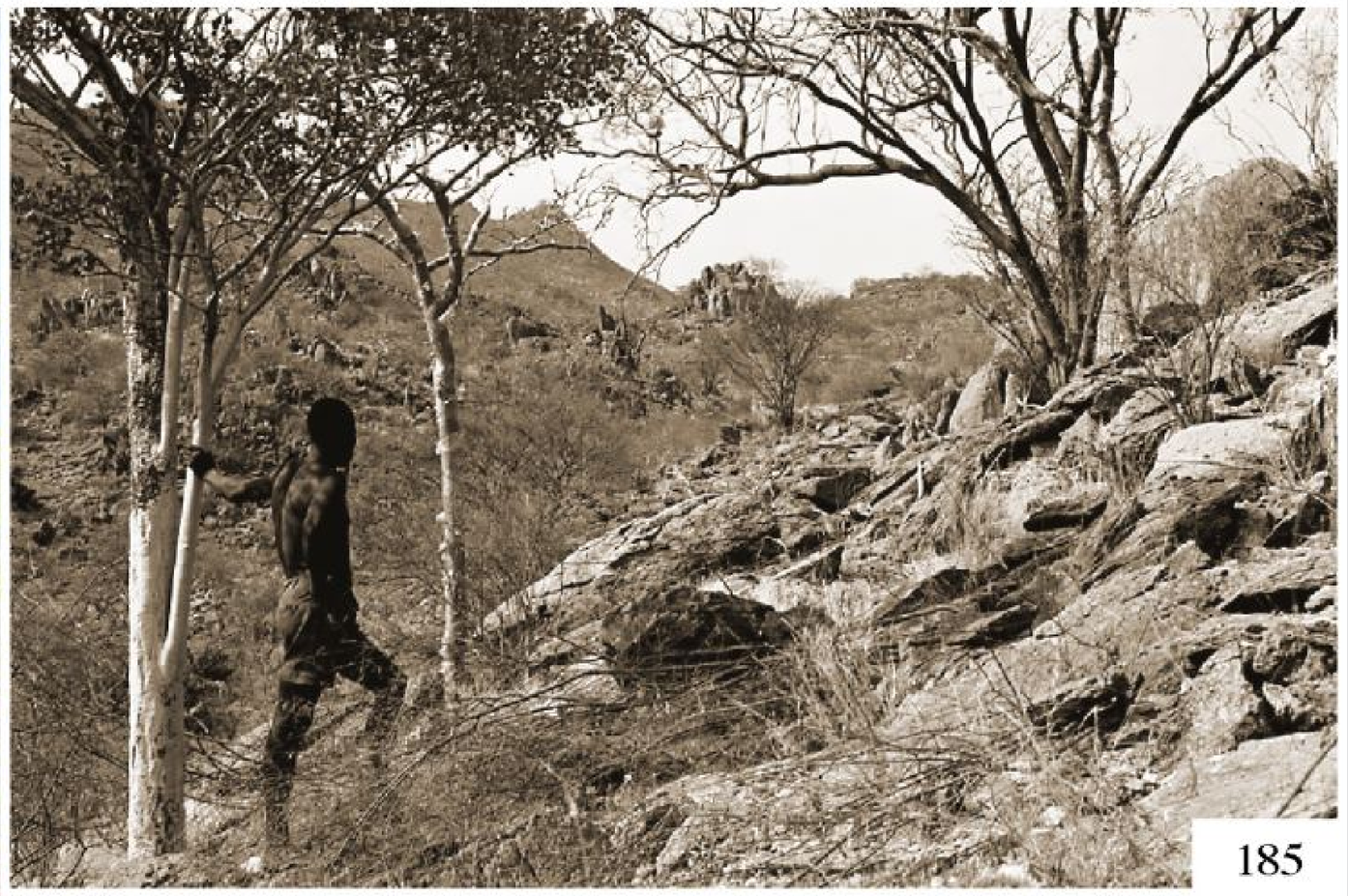
183



Um calor sufocante, uma sombra bem vinda...



184



185



186



187

Uma nascente importante no Parque do Iona.



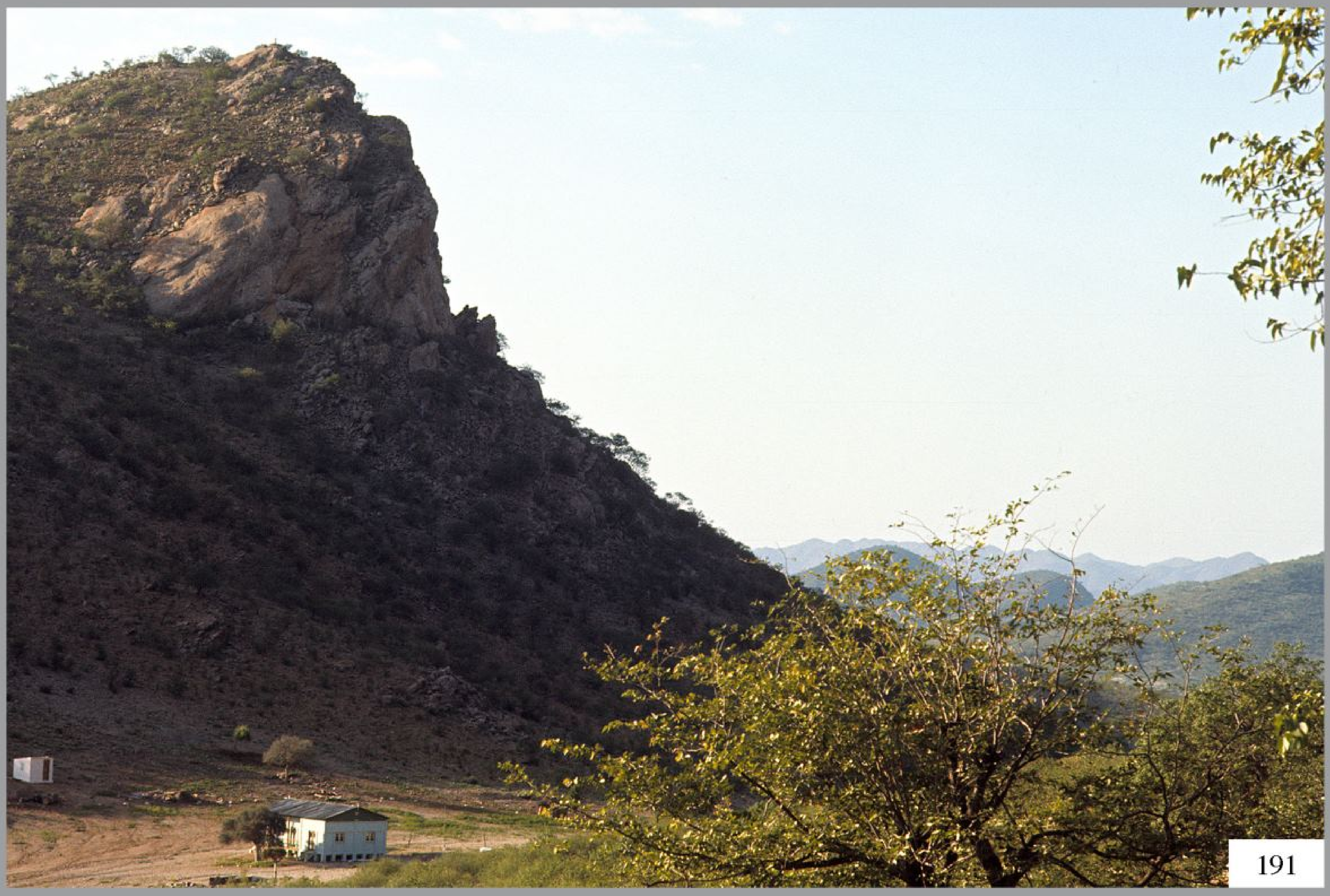
188



189



190



191



192



193





Acampamento da Espinheira.



194



195



196


Minutos antes da tempestade.



197

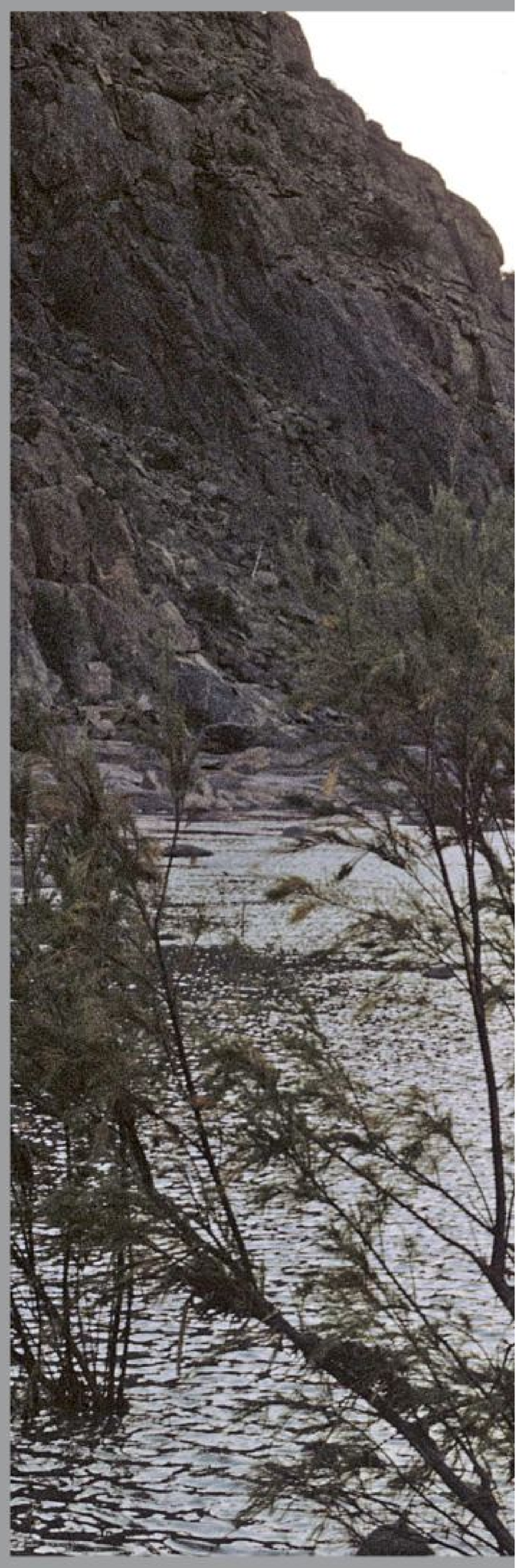

Chuva torrencial que alagava tudo.



198


União Comercial de Automóveis
LAND ROVER
GE 124721

199




GE 124721

200





Rio Curoca depois de uma chuvada.

201



202



203


Lagoa Dos Arcos.



204



205



206



207

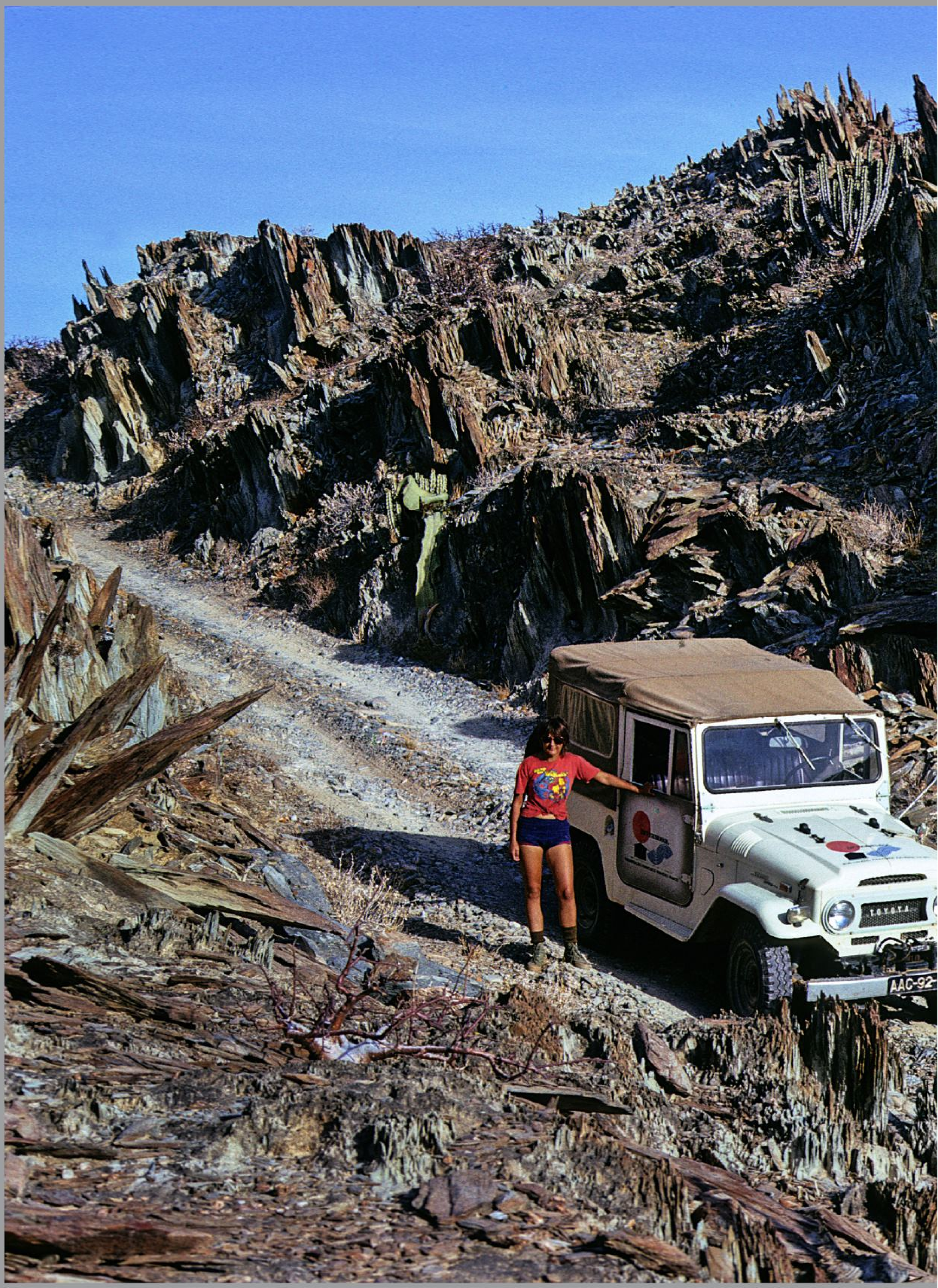

A Lagoa dos Arcos no tempo seco.



208


Tempestade de areia.

209

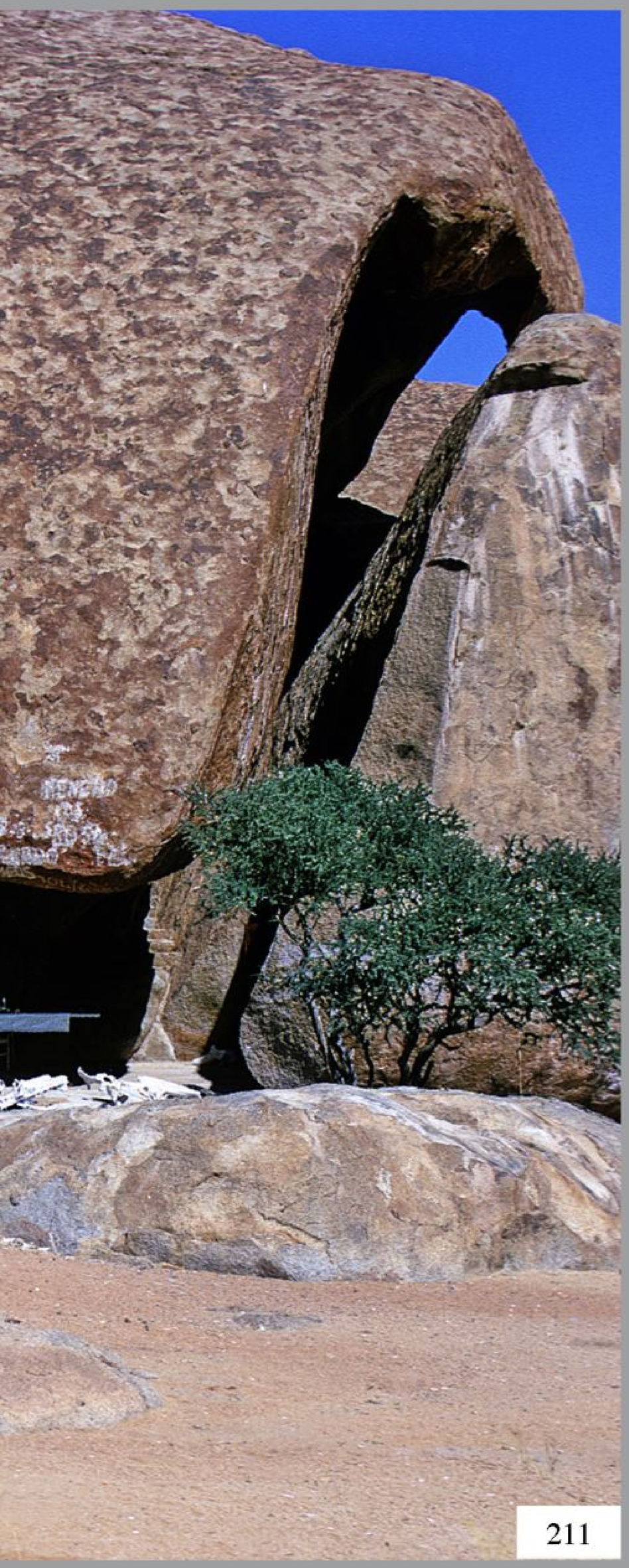

TOYOTA
AAC-92

210

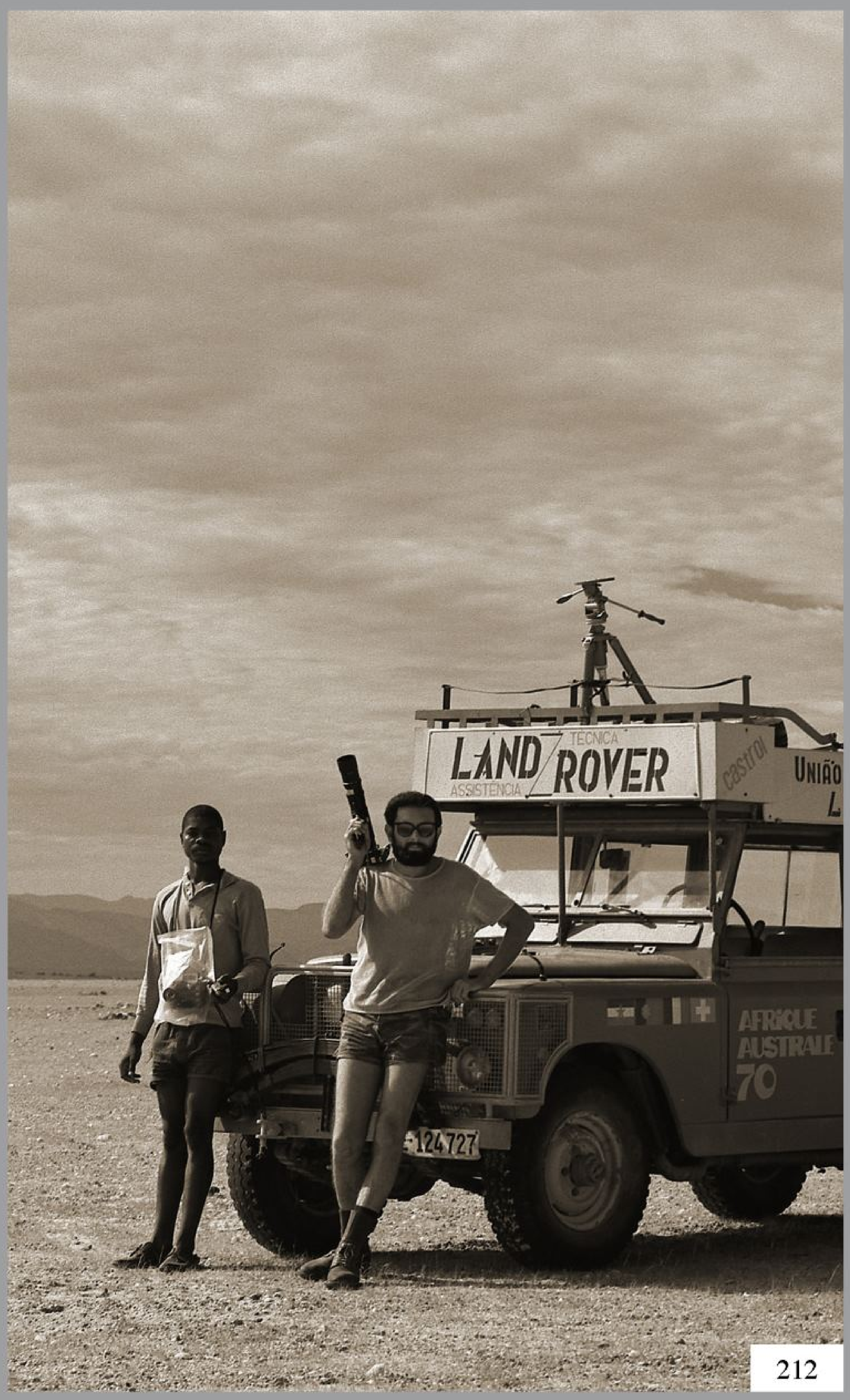




«A Gruta» o acampamento de caça do turra.



211


LAND ROVER
ASSISTENCIA TÉCNICA
UNIÃO
AFRIQUE AUSTRALE
70
124727

212


À sombra de uma espinheira.


AUSTRALE-70
KONY-OMEGA
LUMIERE
GITZO
SUN
ROCHA MONTEIRO – LUANDA
GE
124727
SAFOR G-mo

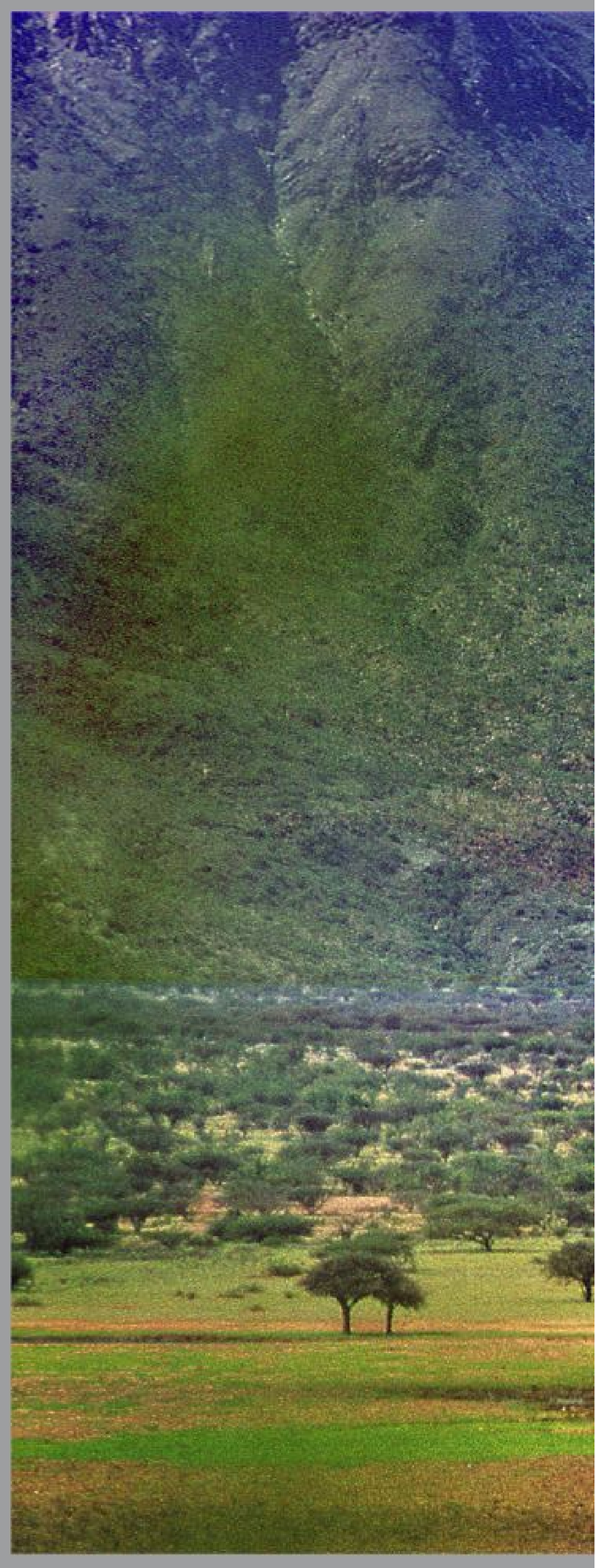
213



214



215



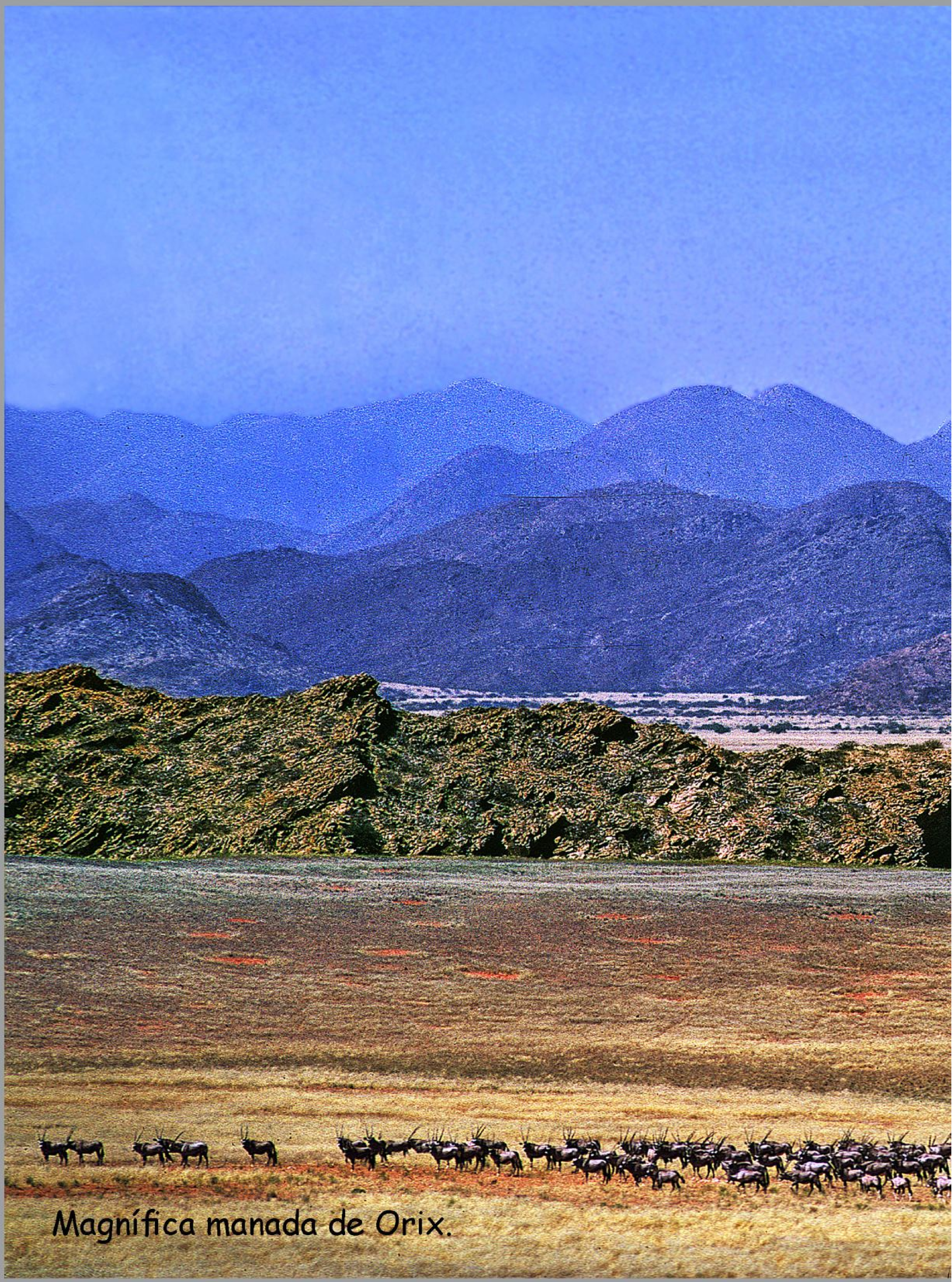




216



217



Magnífica manada de Orix.



218





219

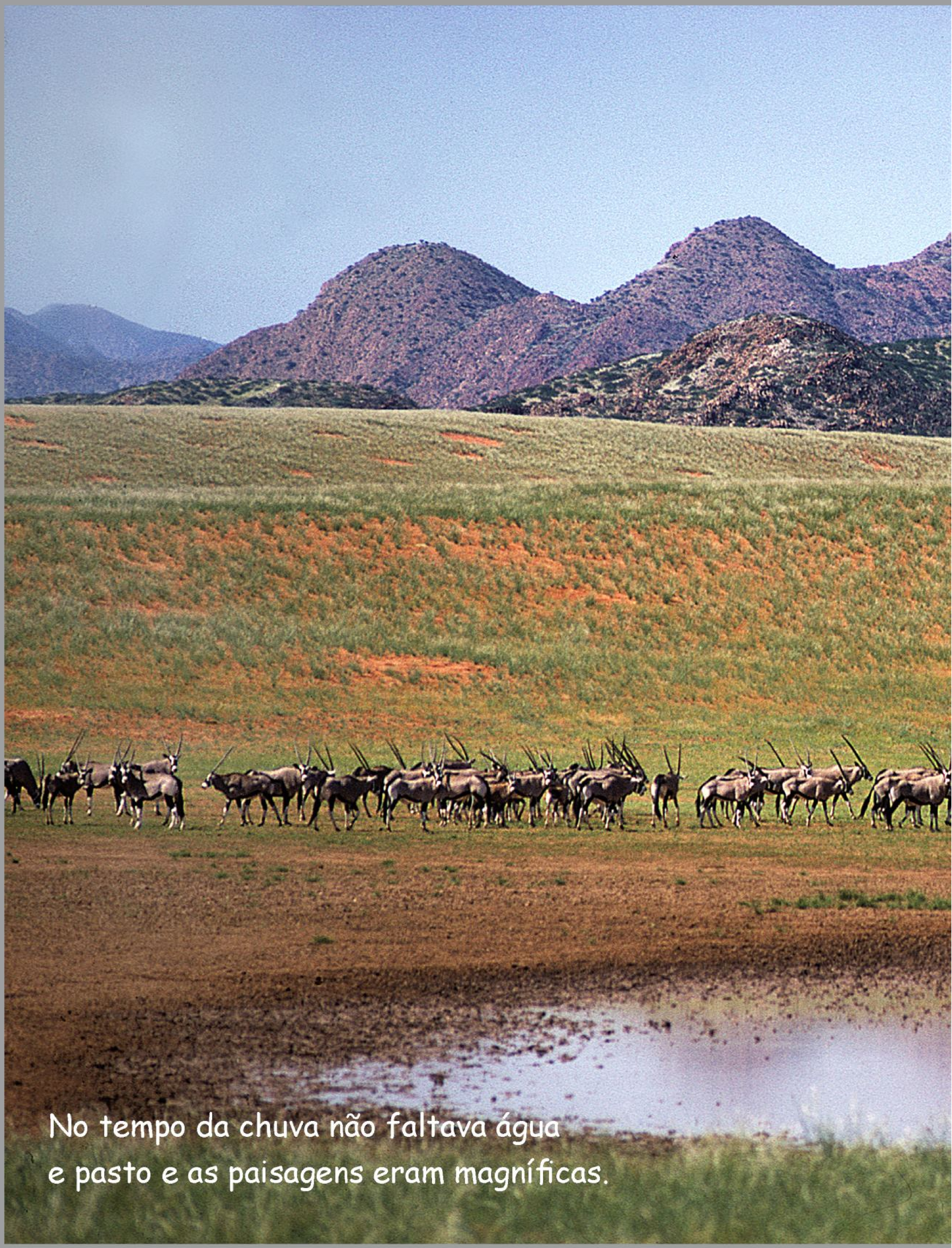


220





221

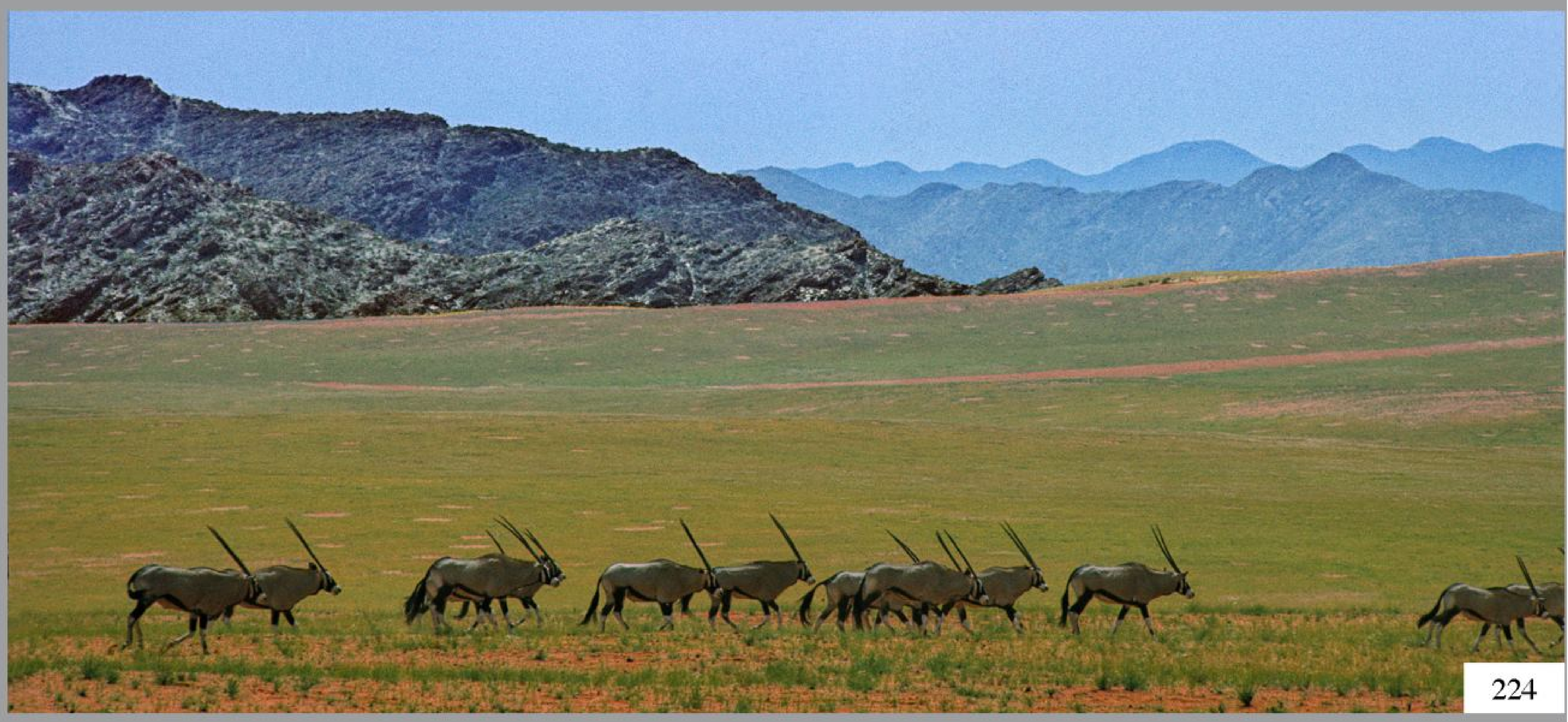

No tempo da chuva não faltava água
e pasto e as paisagens eram magníficas.



222



223



224



225



226



227

Ao cair da tarde...



228





229





230



231



232



233



234







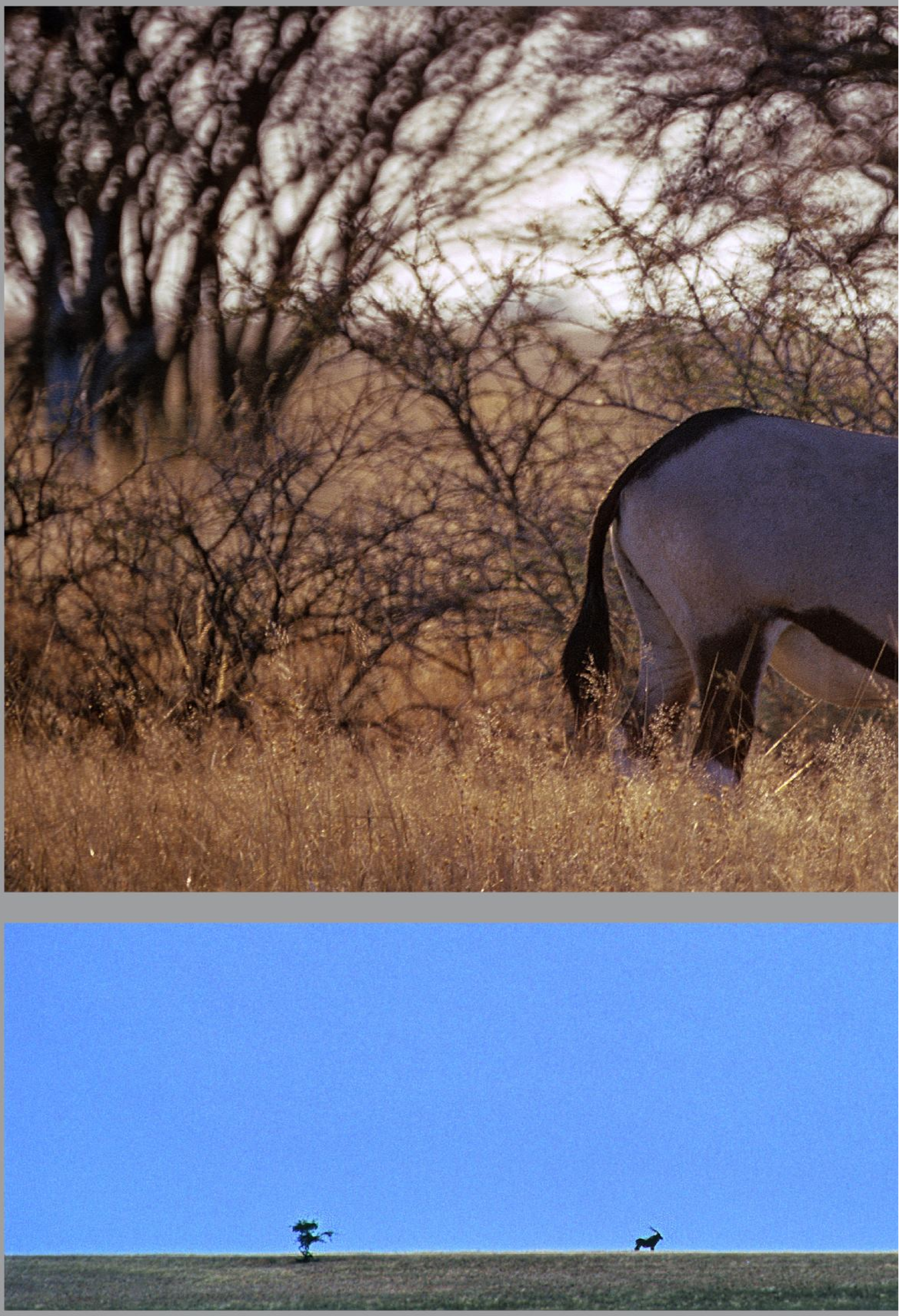
235



236



237





238



239


Os orix também sofriam do calor...



240



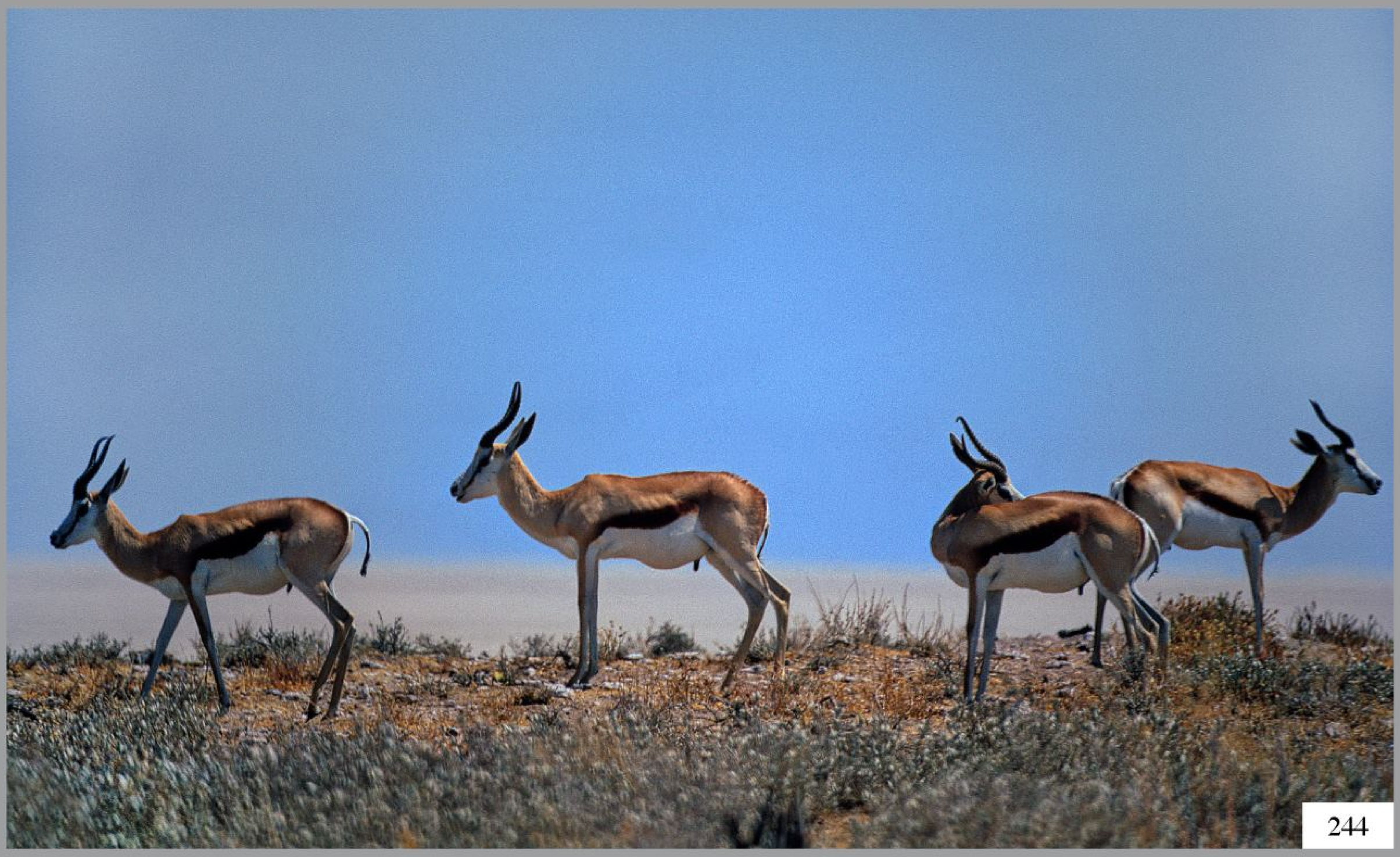
241



243



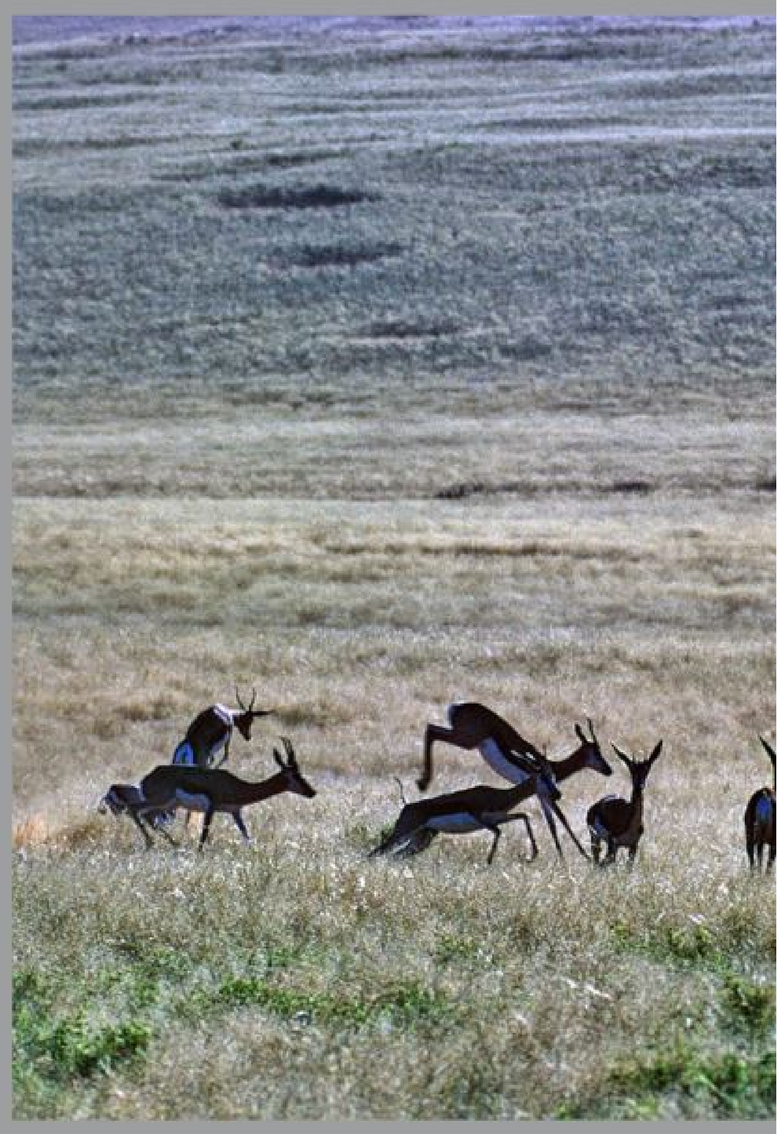
242



244



245





248



246



247



249





250



251



252



253





254



255



256

As filmagens em terreno aberto eram incontestavelmente mais fáceis.
Mas quando não chovia, os animais procuravam pasto e água mais perto das montanhas e em áreas muito arborizadas, o que embora sendo mais complicado para o fotógrafo, tornava as fotos mais interessantes.





257





258

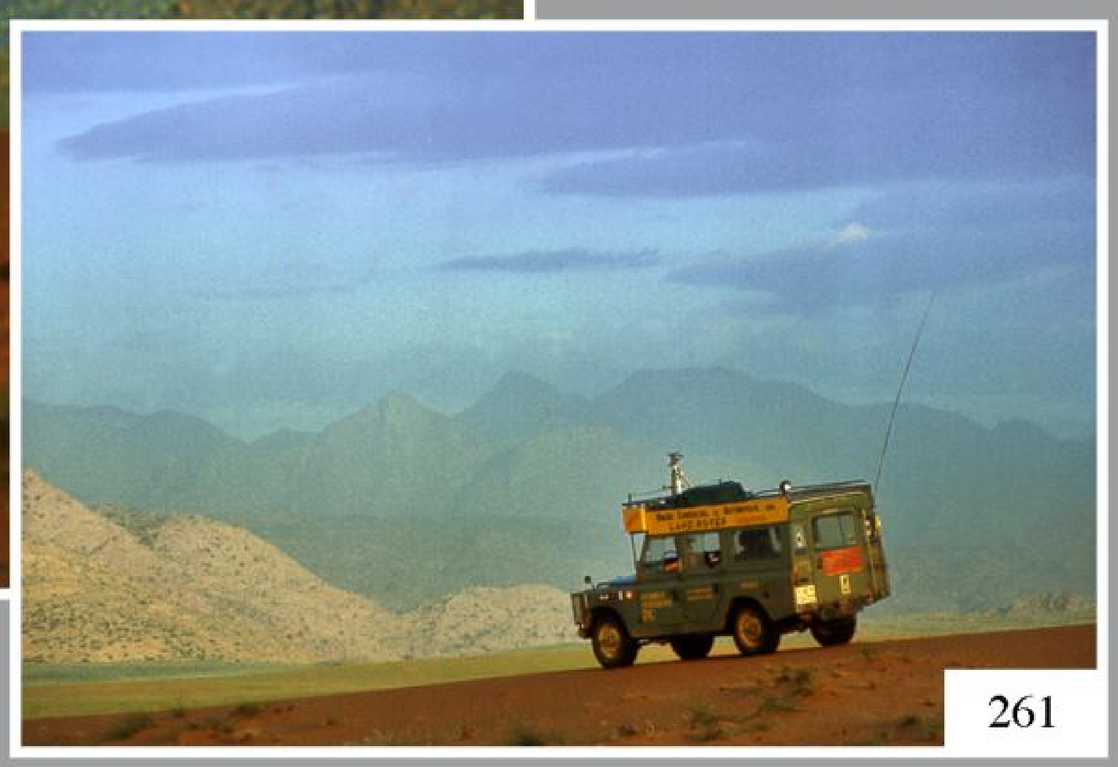


259



260





261



Nesta região, a certas horas do dia,
as cores do deserto eram magenta.



262



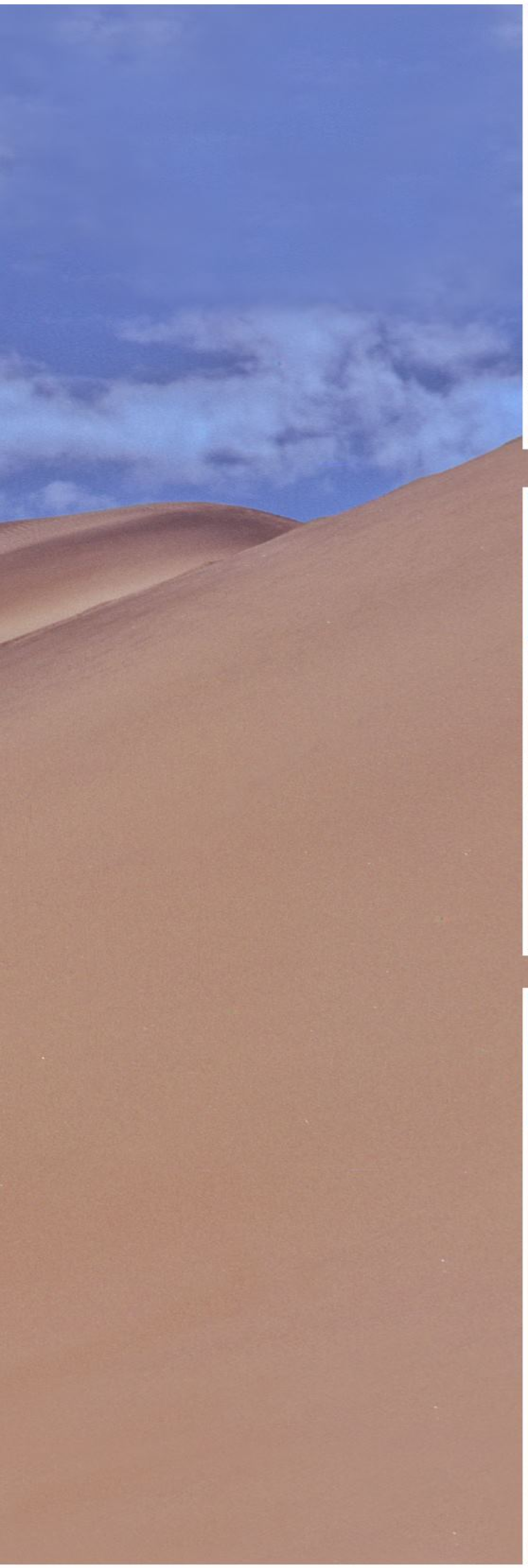


263

As maravilhosas dunas do Iona.


264


E o meu modelo Christina...





266



267



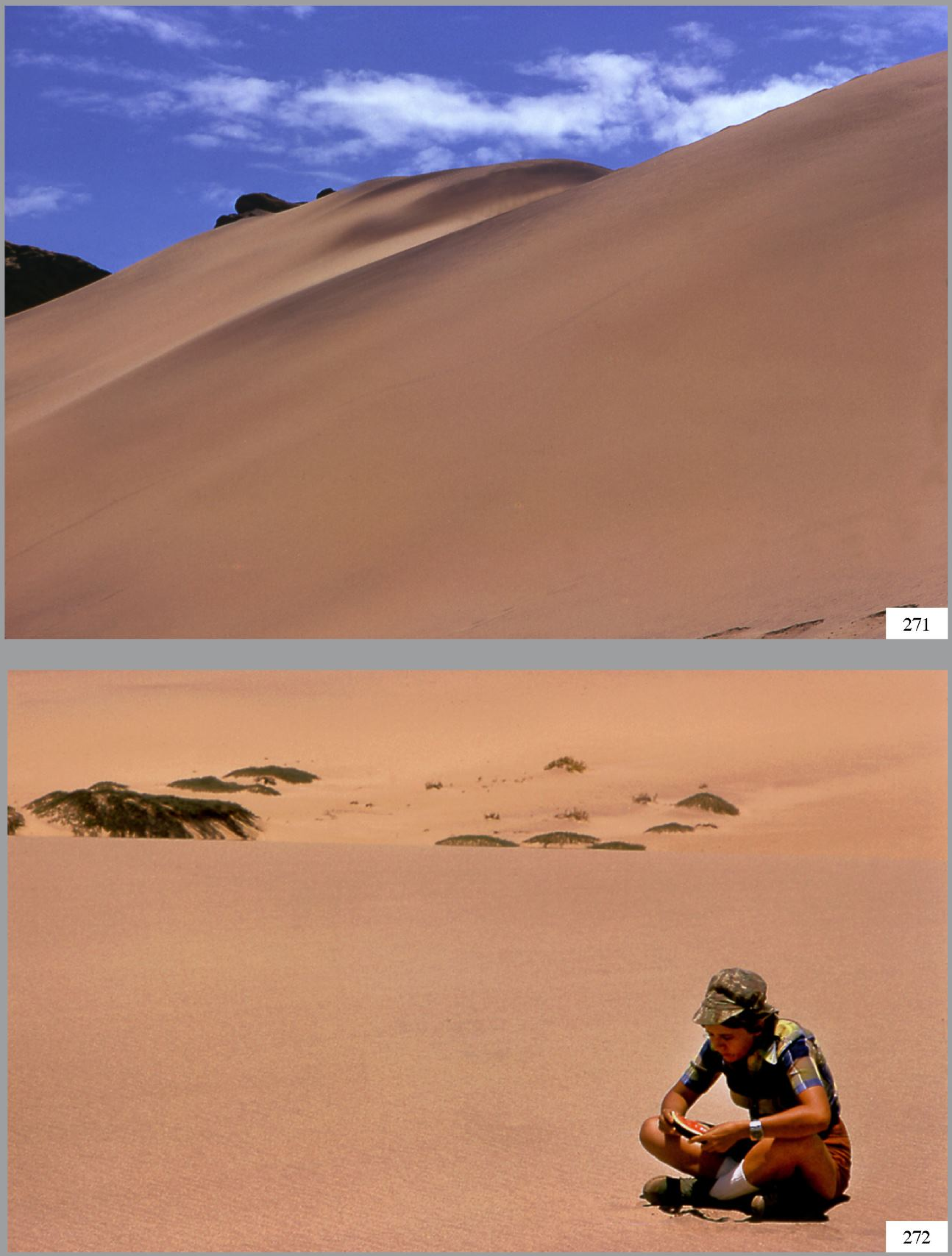
268



269



270

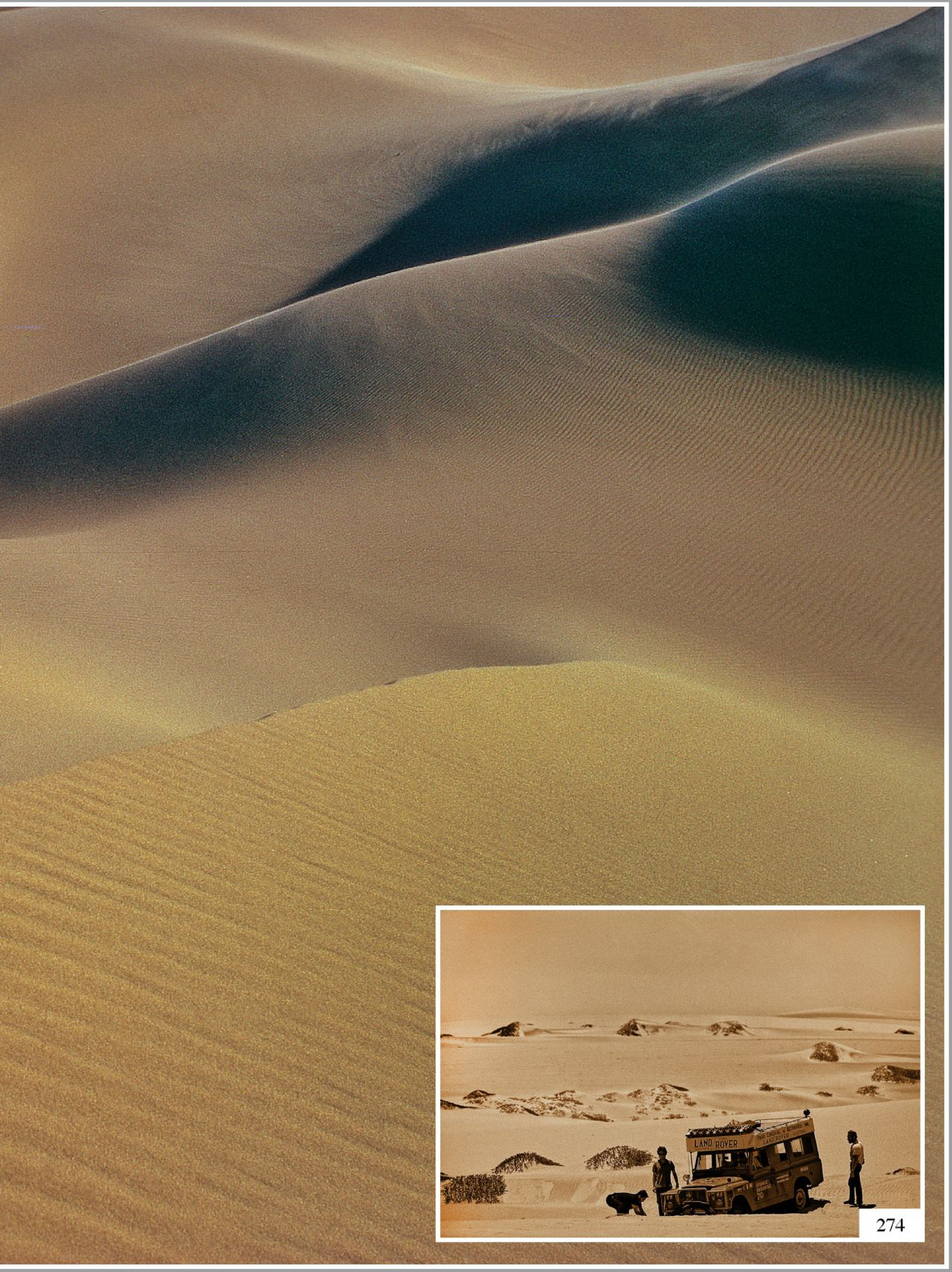


271

272

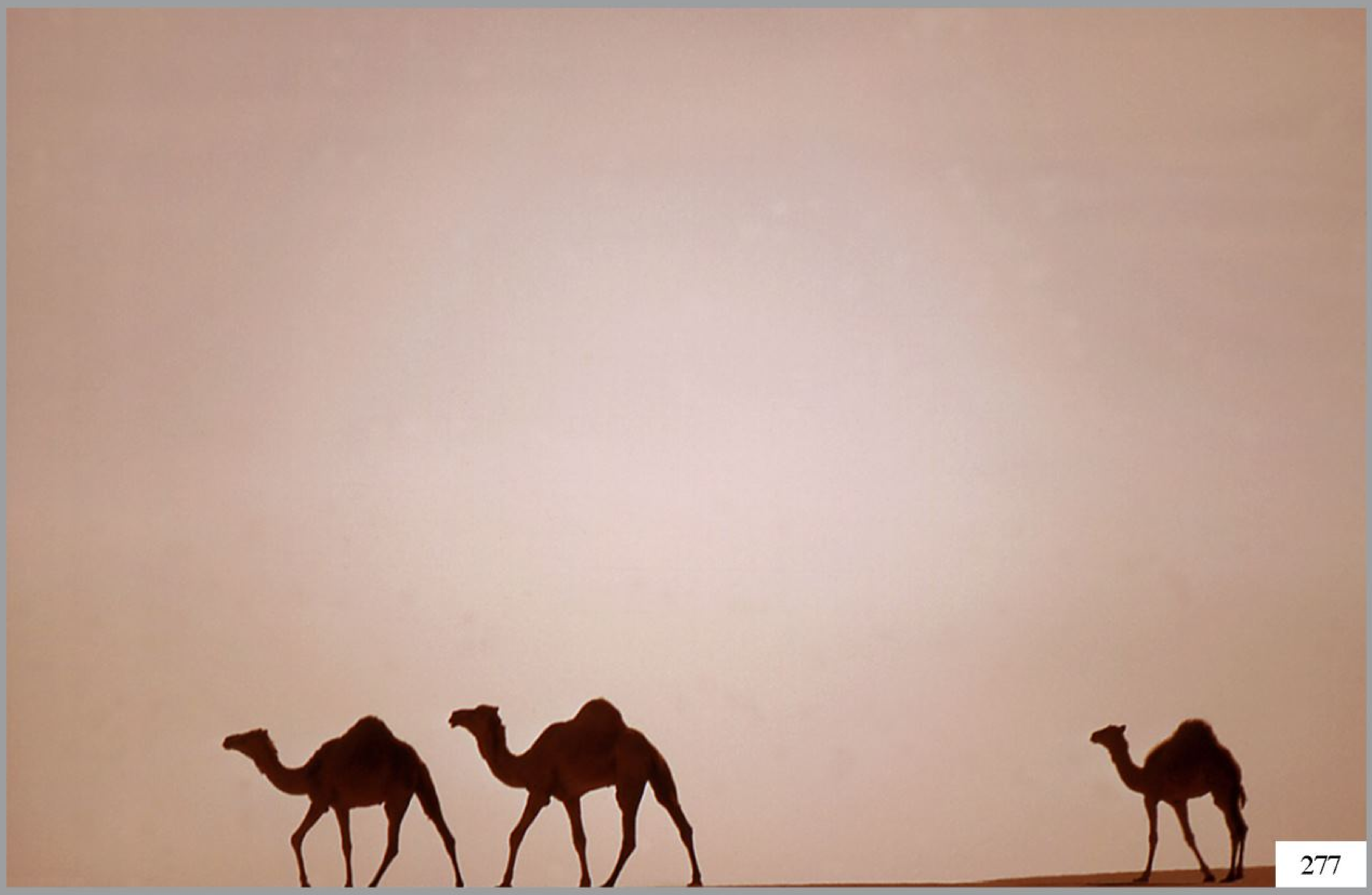


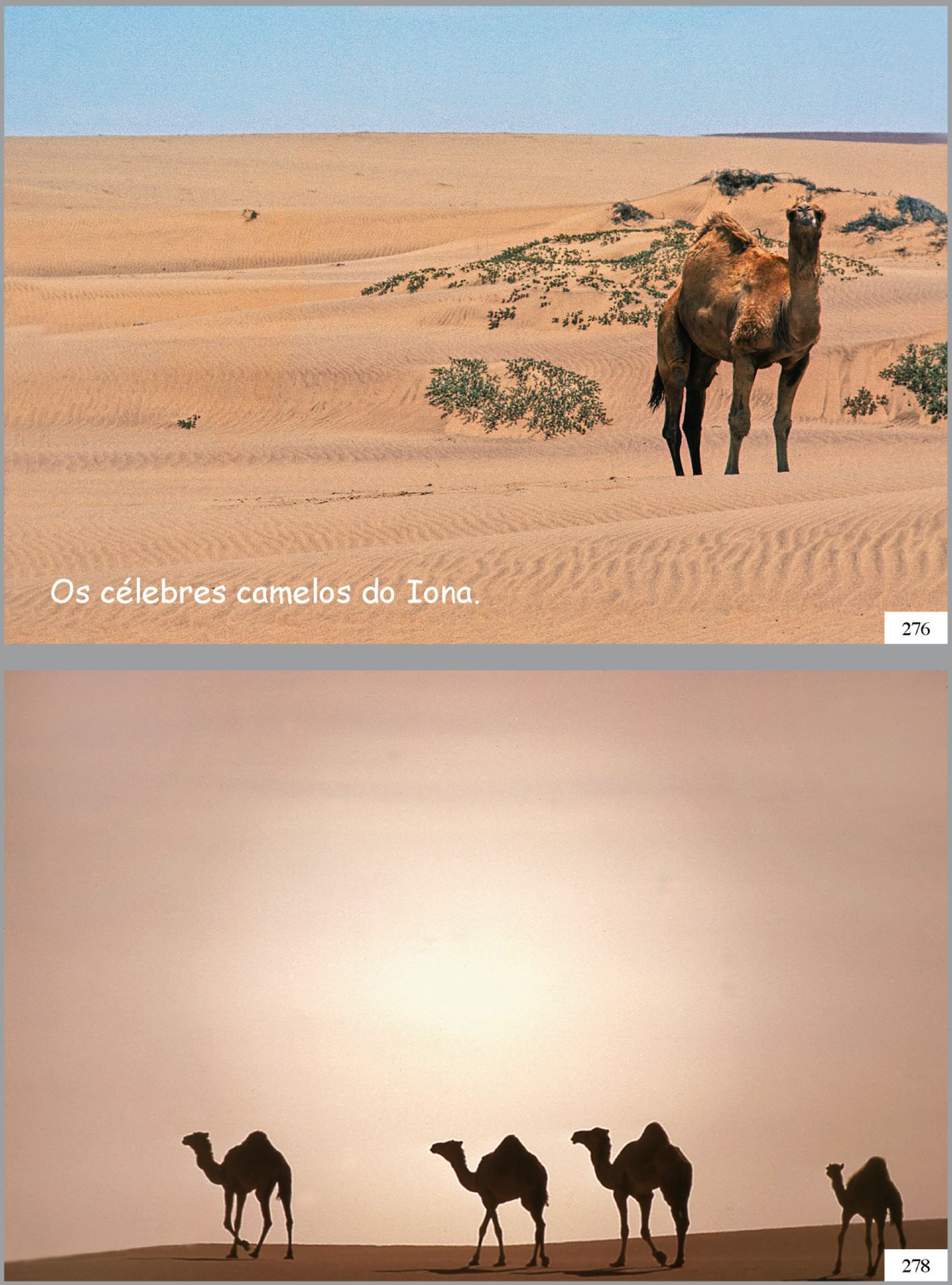
273



274


275


277

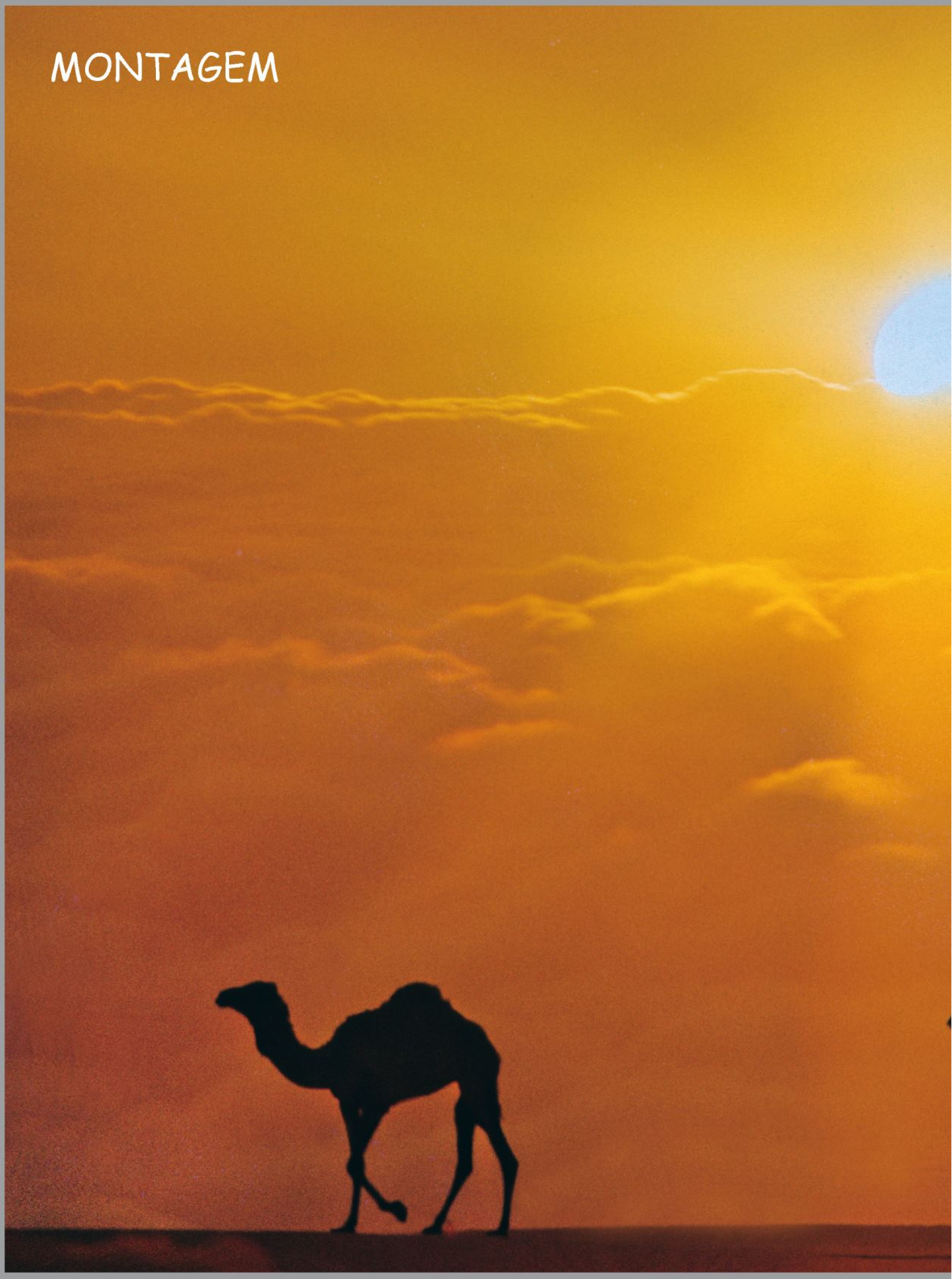


Os célebres camelos do Iona.

276

278

MONTAGEM



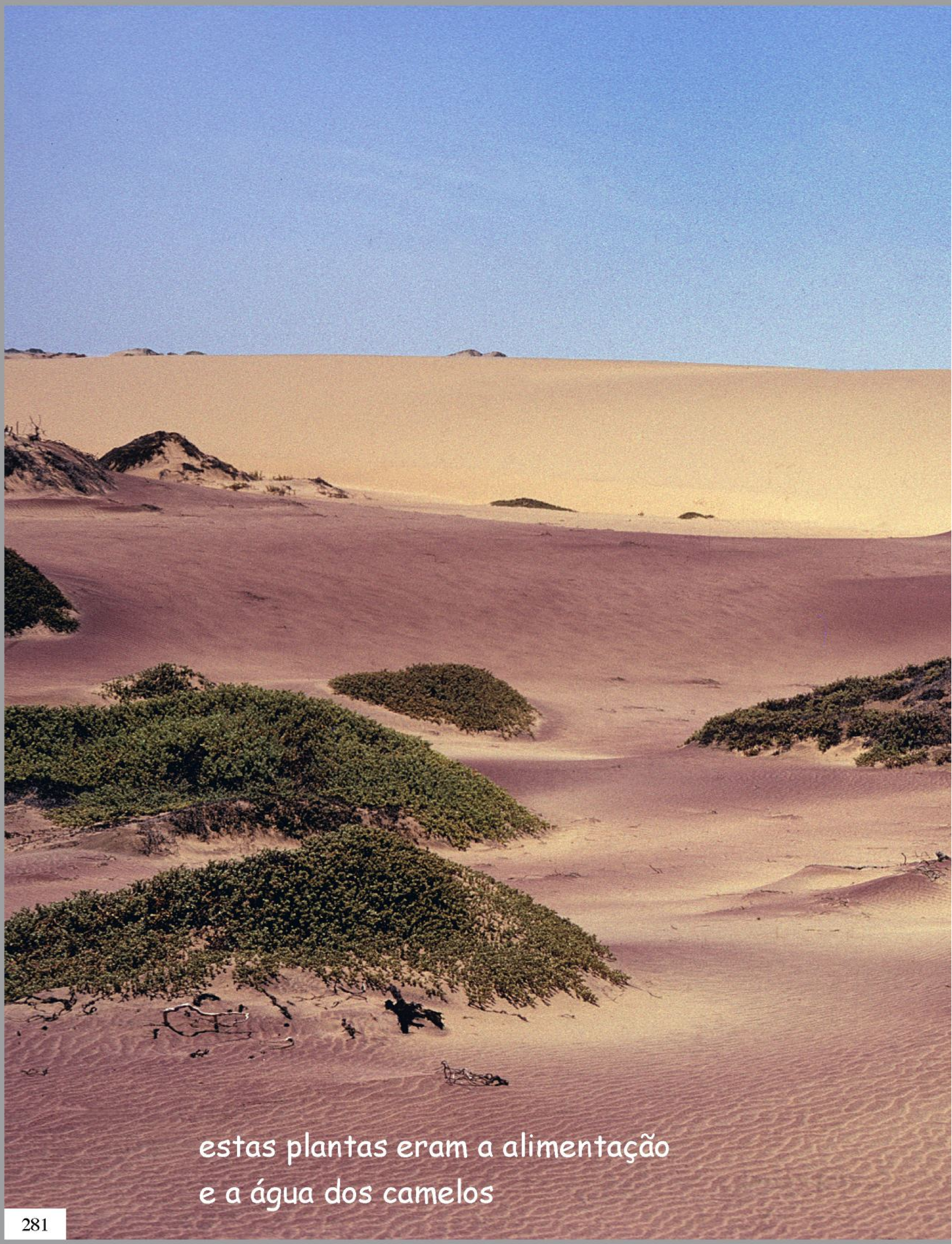


279





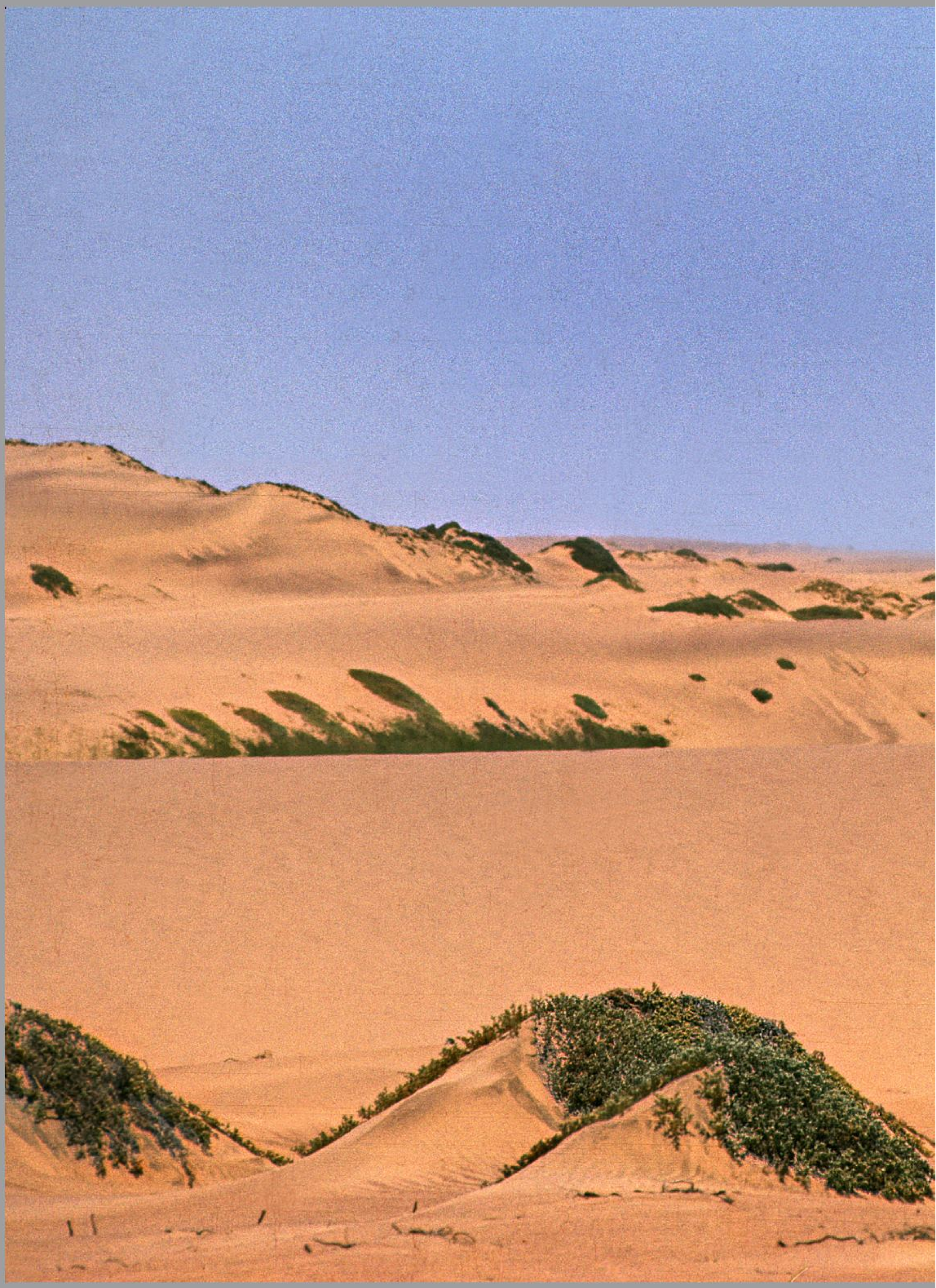
280



281



282





283







284



285



286





287



Em 1975, no Parque do Iona existiam muitas dezenas,
senão centenas, destes magníficos animais.
Hoje, temo que não exista mais do que aquilo que a minha
objectiva fixou nas duas fotos da direita.



289

290







291



292



293



294



295





296



297





298





299







300



301



302



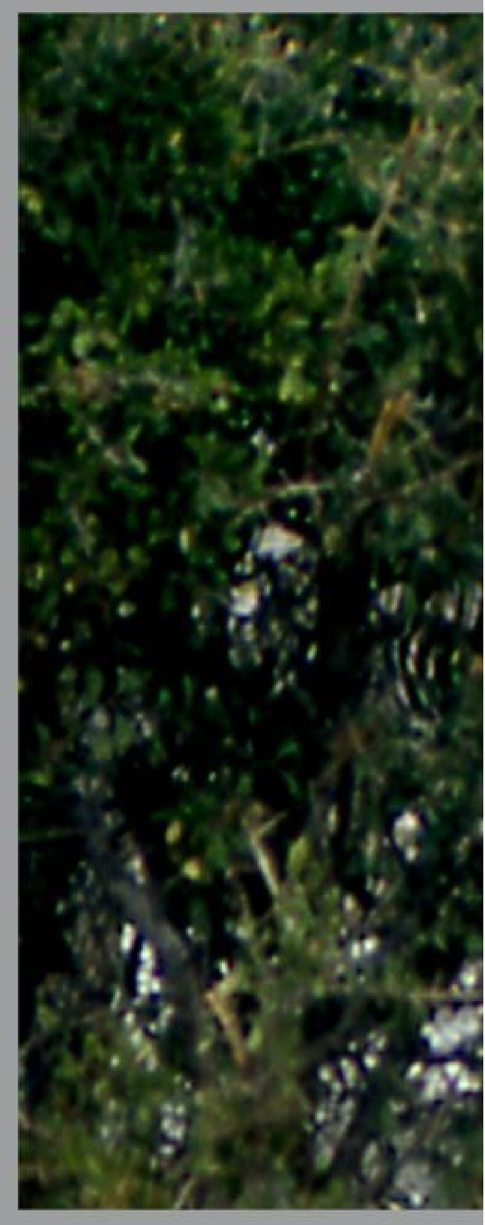
303



304









305



306







307



308





309

MONTAGEM



Em 1975, existiam no Parque do Iona, milhares de Zebras-da-planície e de Zebras-da-montanha.



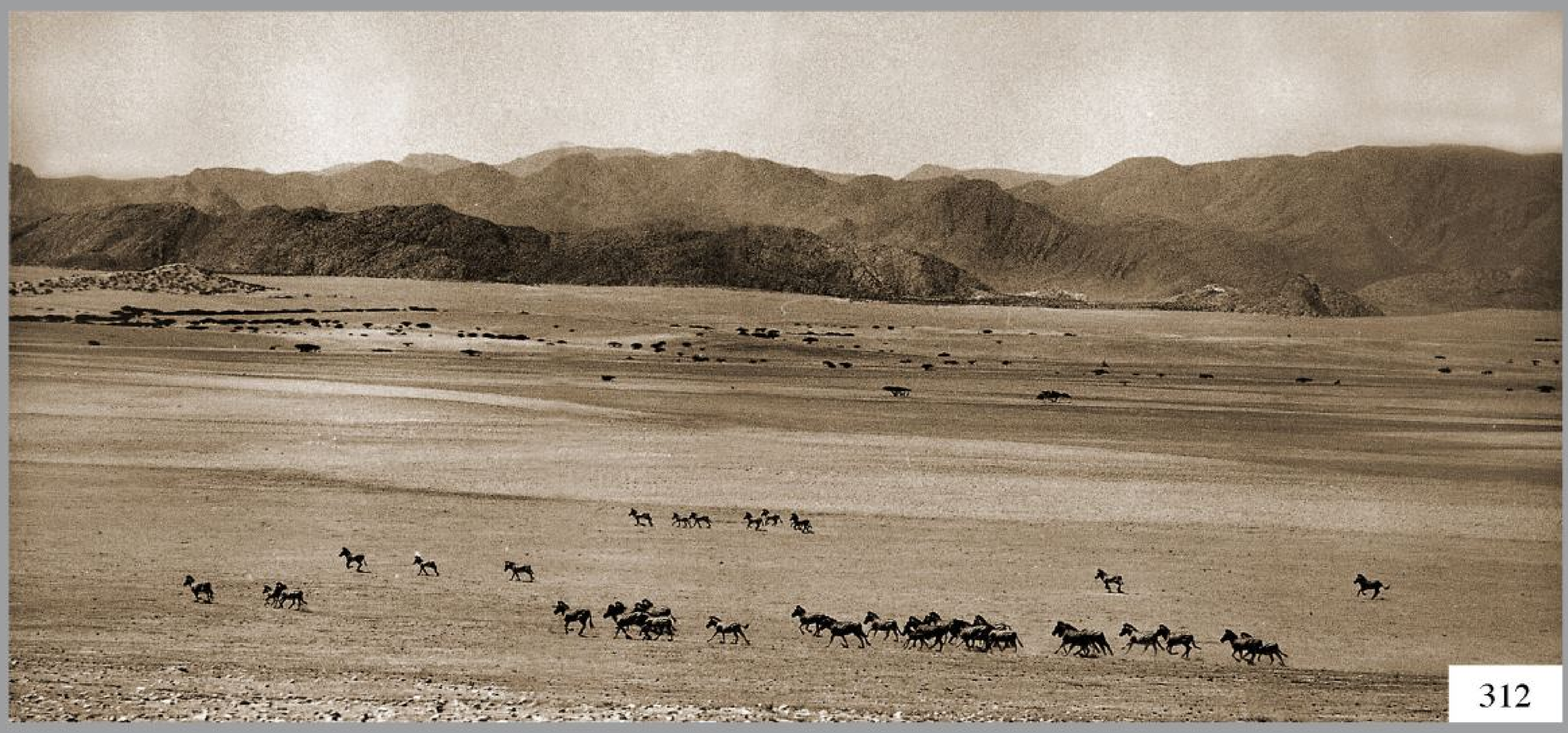
310



311



278



312



313



314







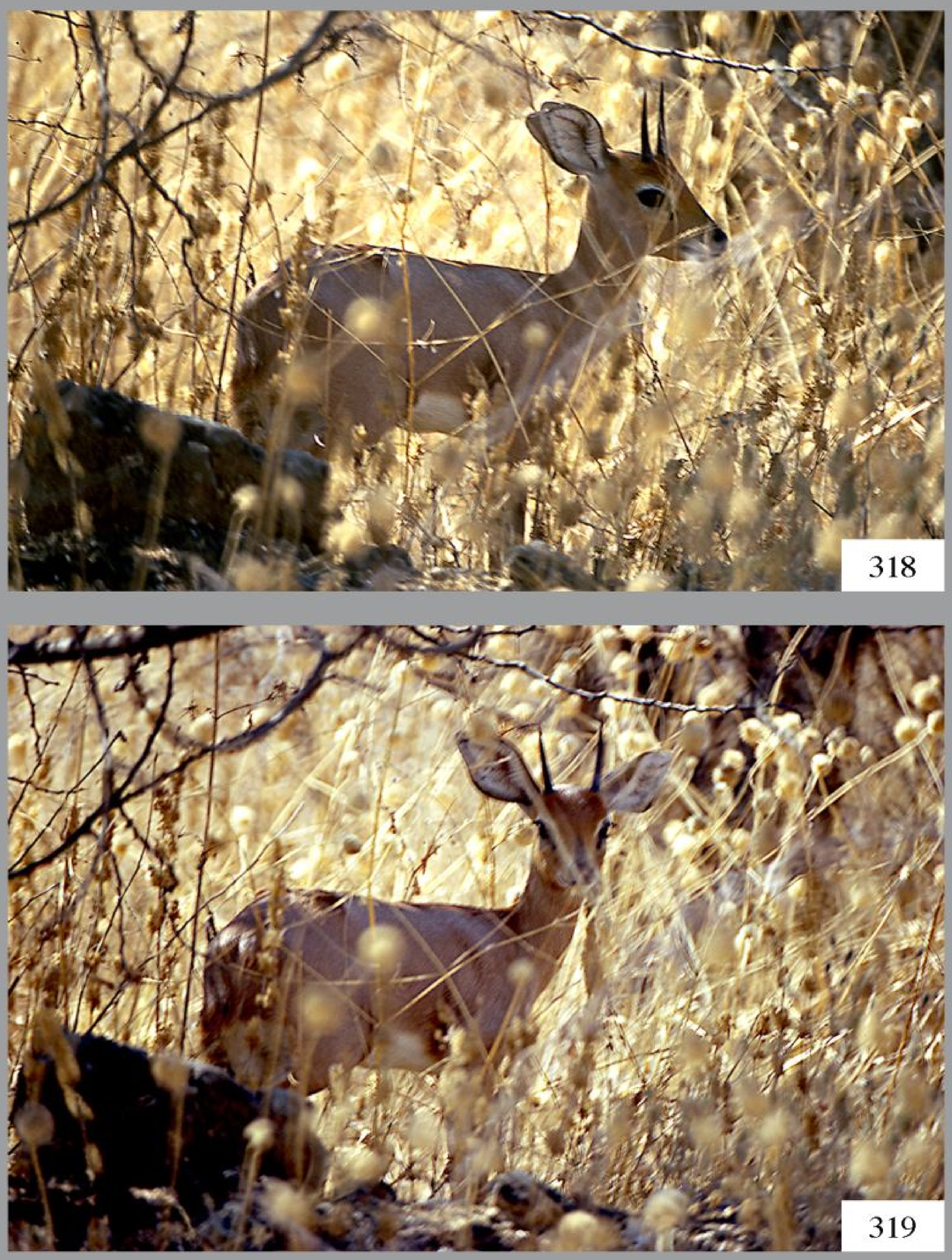
315



317



316



318



319



320







321



322


323

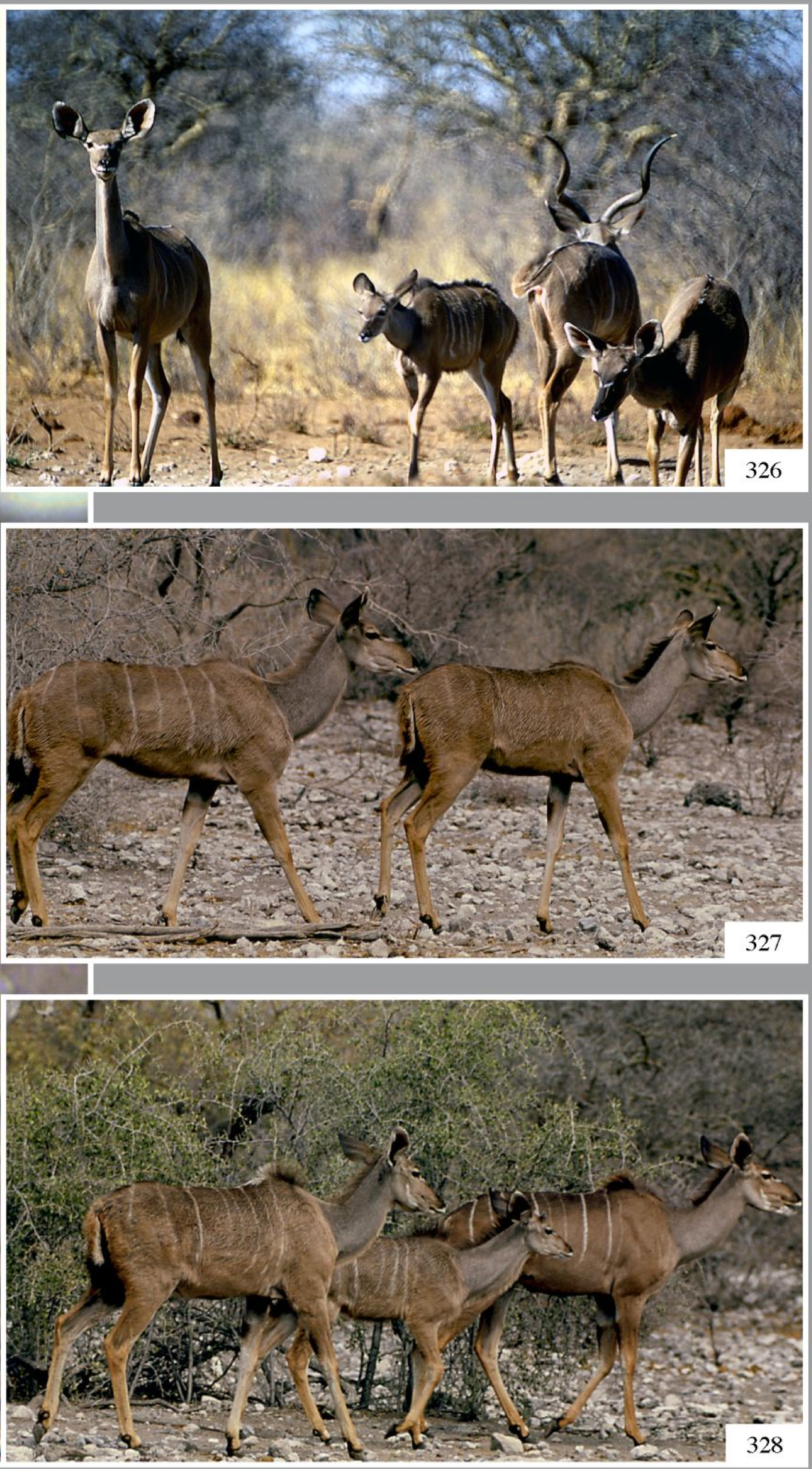


324



325





326

327

328



Em 1975 o Parque do Iona continha milhares de Antílopes, de variadíssimas espécies.


329



330



331





332



333





334





335



Acasalamento de dois jovens leões.

À sombra de uma espinheira um grupo de fêmeas expulsa um velho macho que tentou a sua sorte...





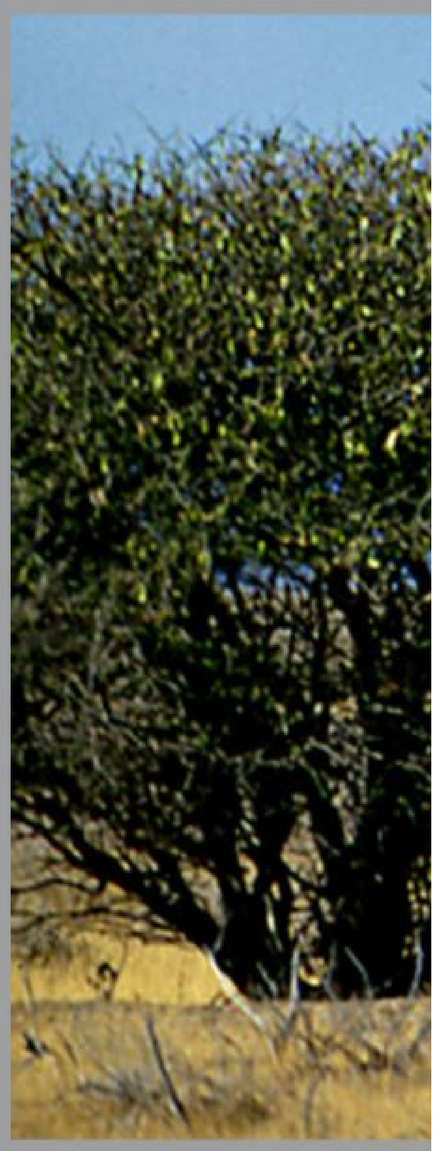
337



338




342





339



340



341



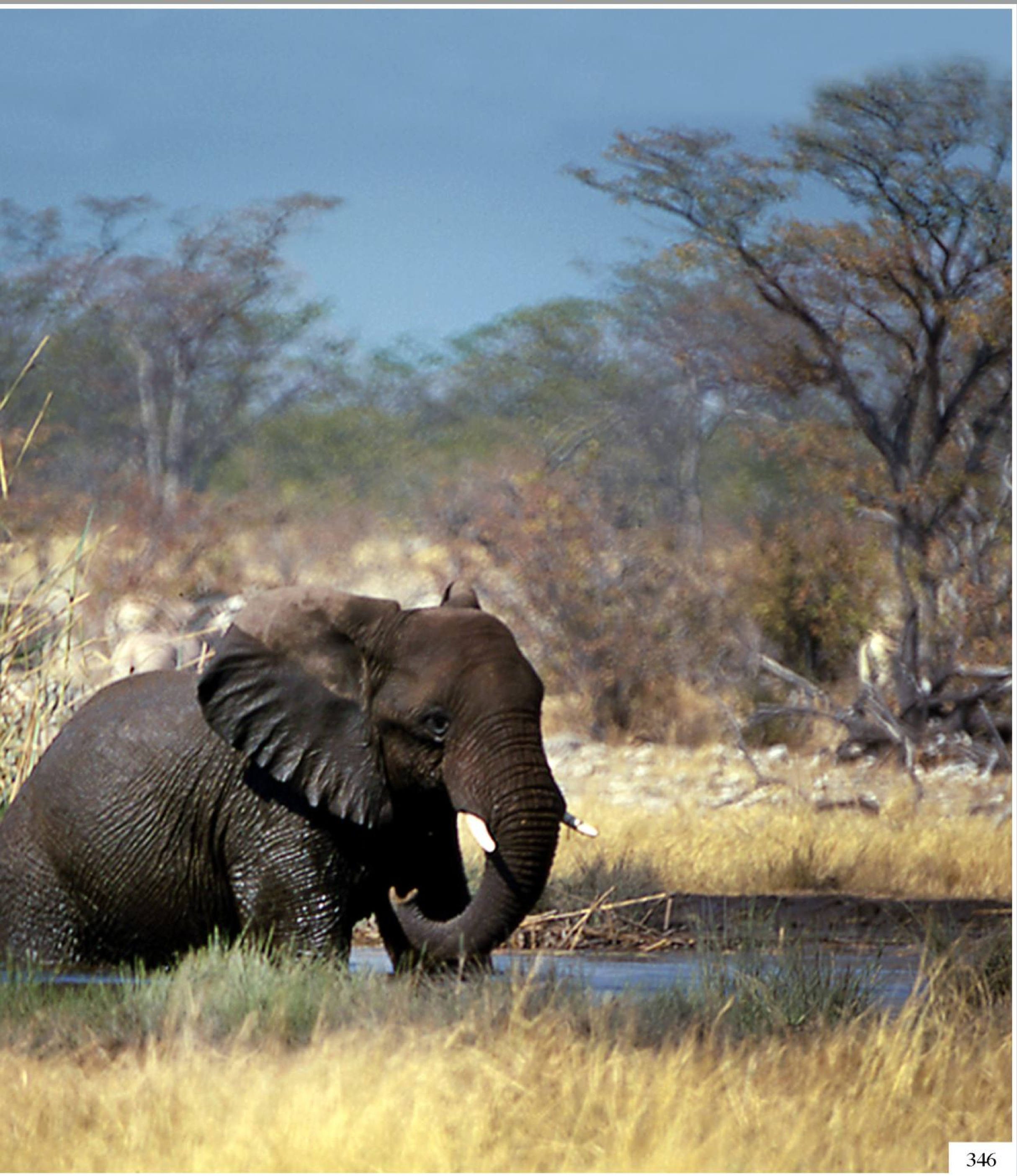
343



344



345



346


Esta fêmea furiosa ía-me esmagando...
347


348





349



350



351



352



353



Uma gentil suricata do deserto do iona.

354





355



356



357




358





359



360



361

362



Era muito difícil encontrar e fotografar leopardos
e foi a minha querida Iona que serviu de modelo...


363



364



365



366



367



368





369



370



371



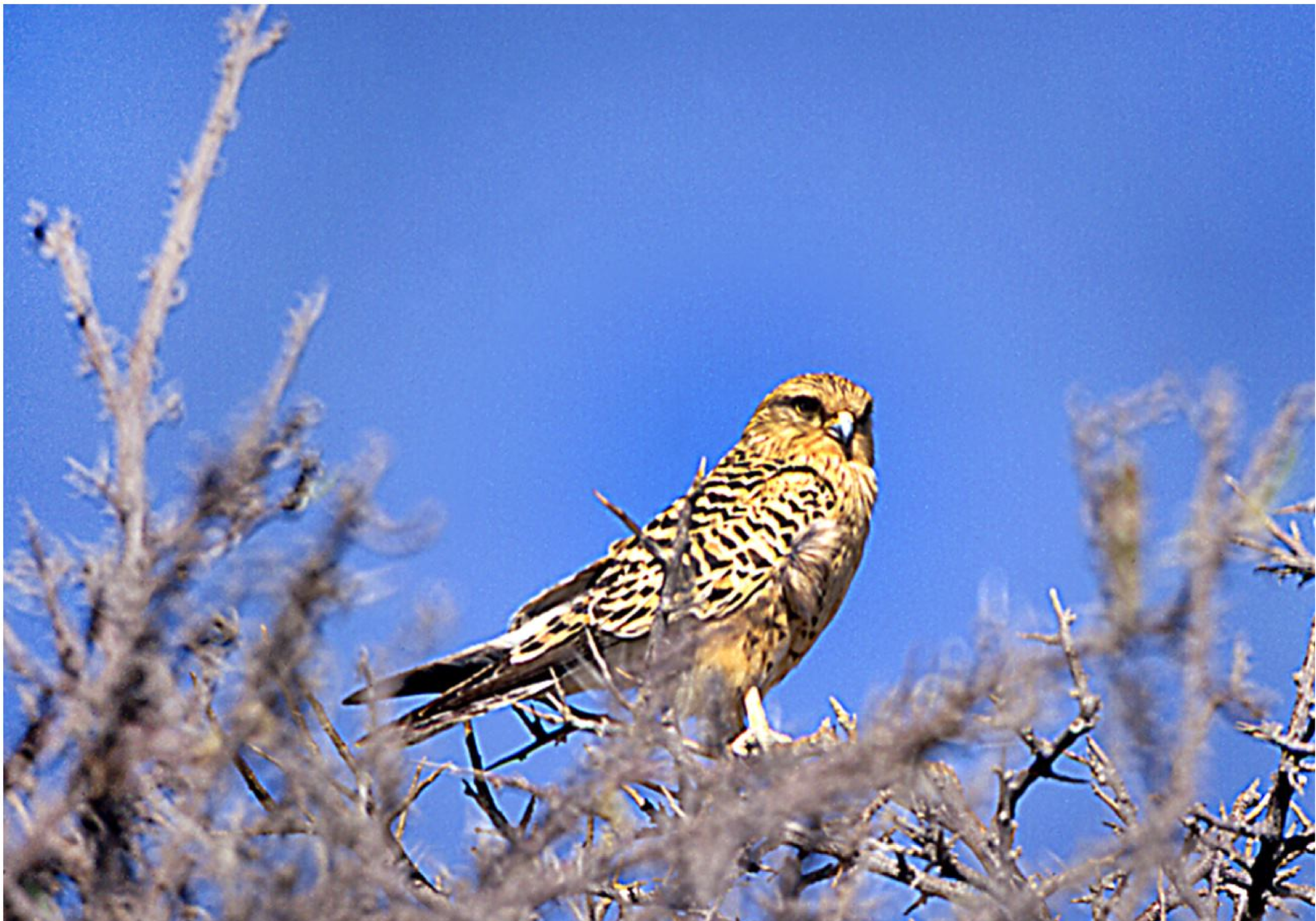
372



373



374





376

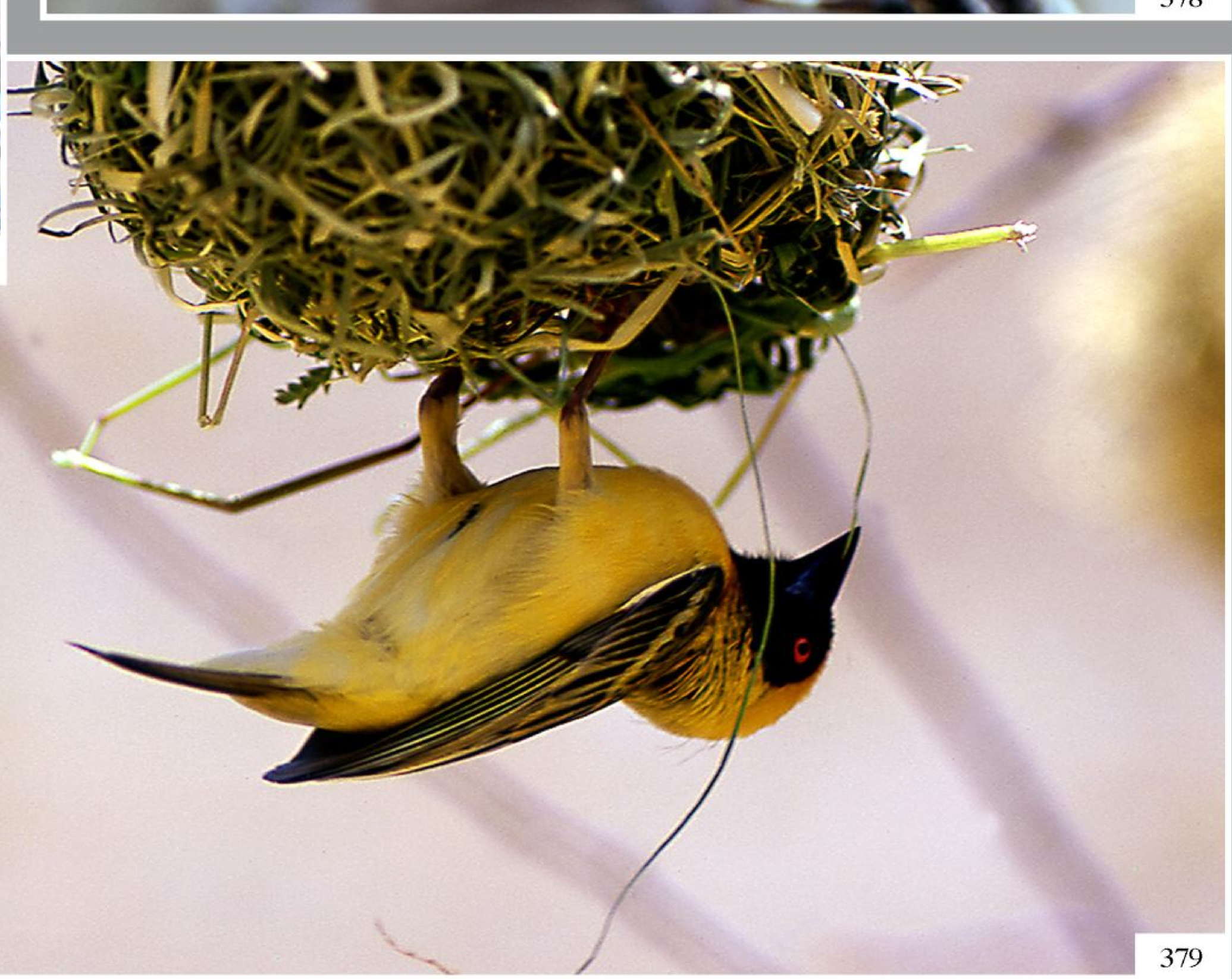




375



378



379



377



380



381



382



383

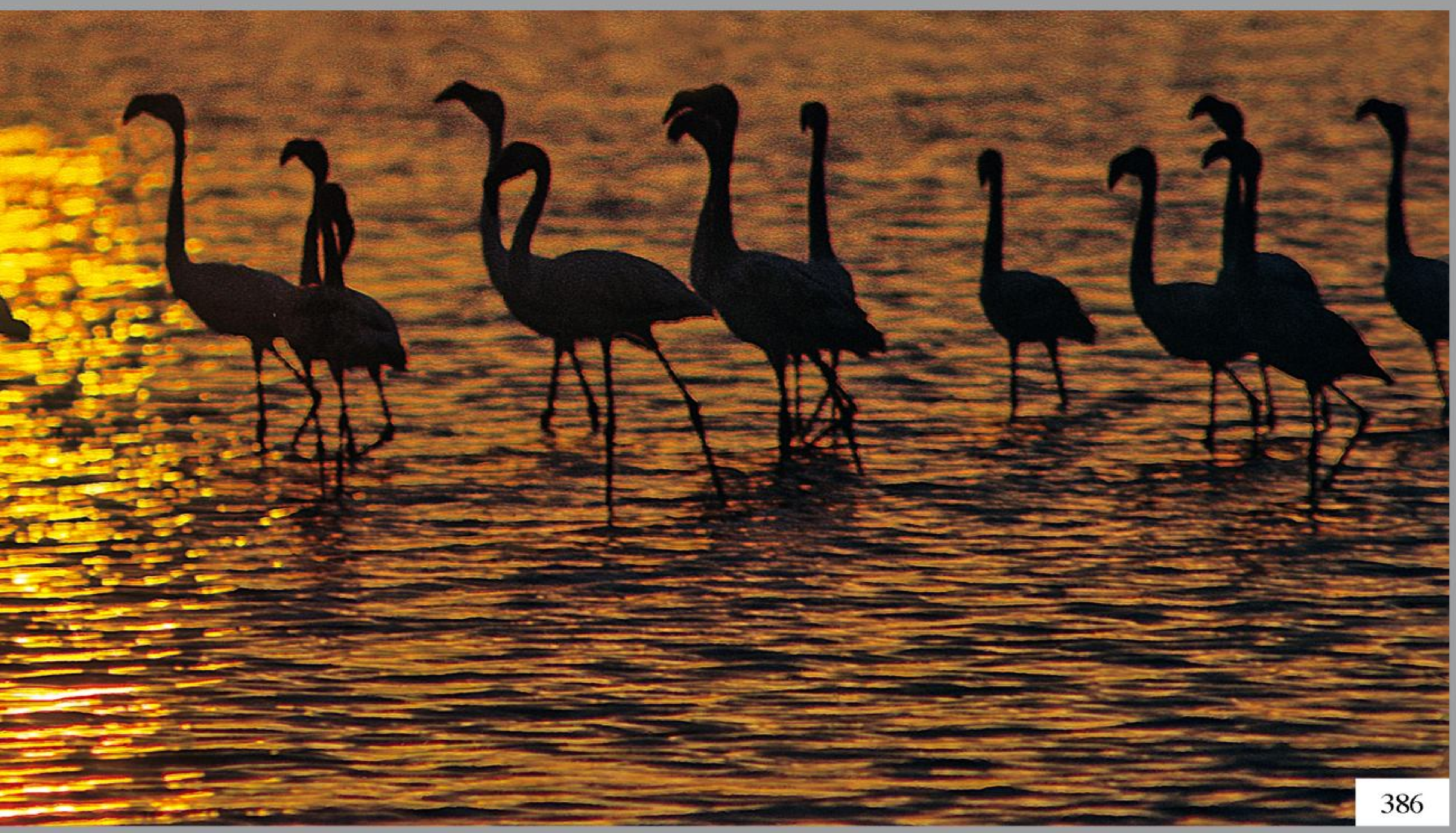



384

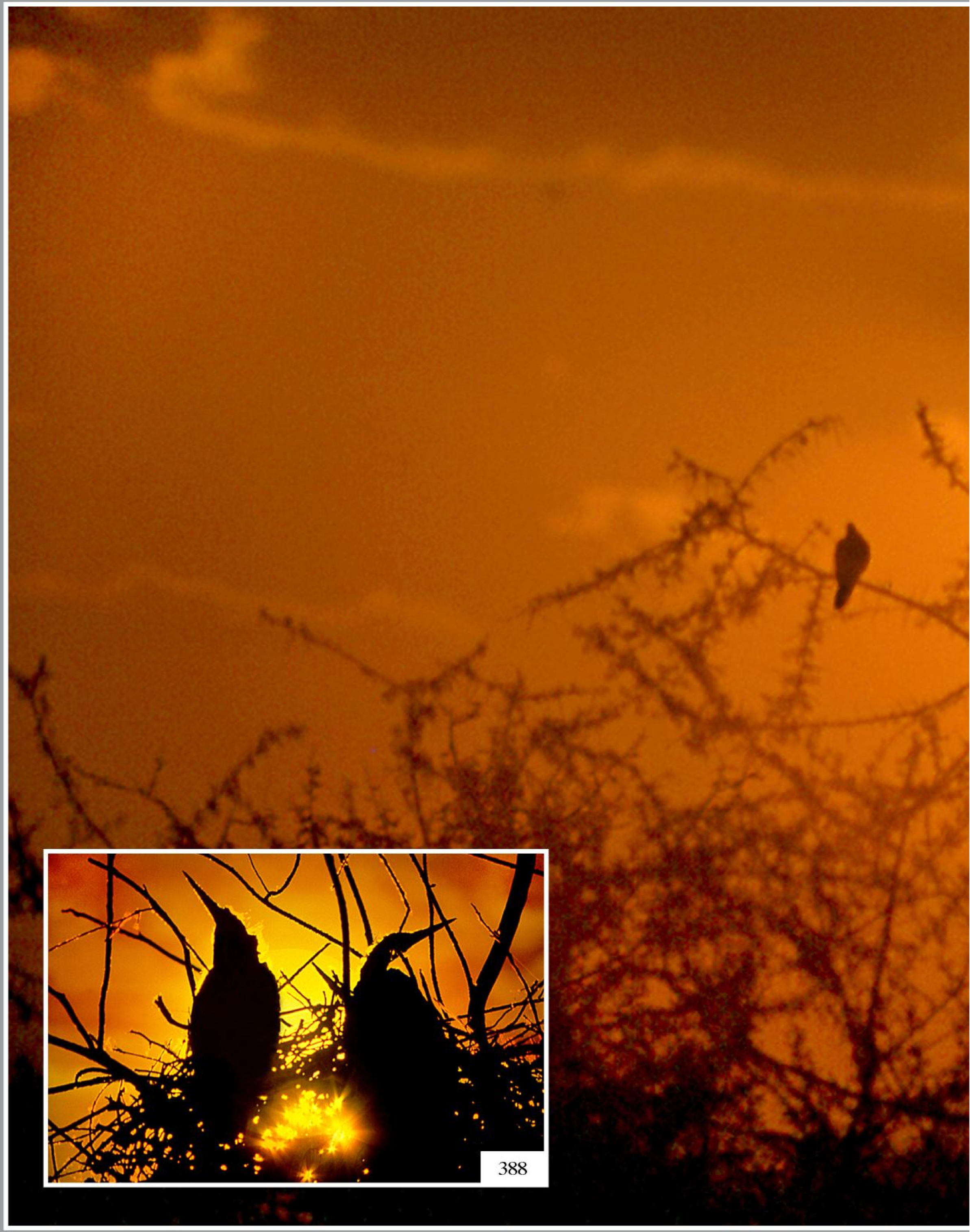

Havia uma quantidade incrível de aves
e insectos no deserto do Iona...



385



386



388



387



389



390



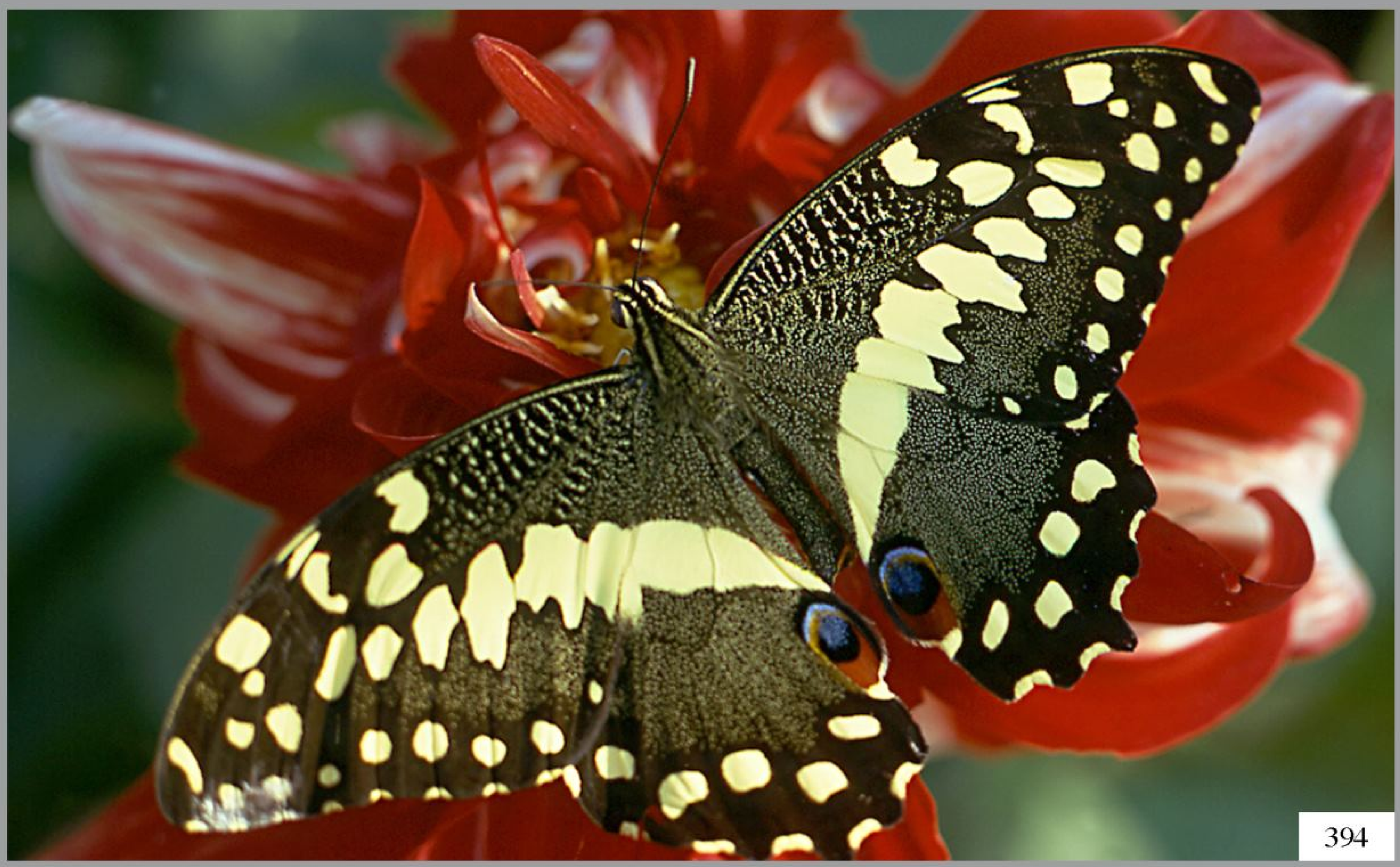
391



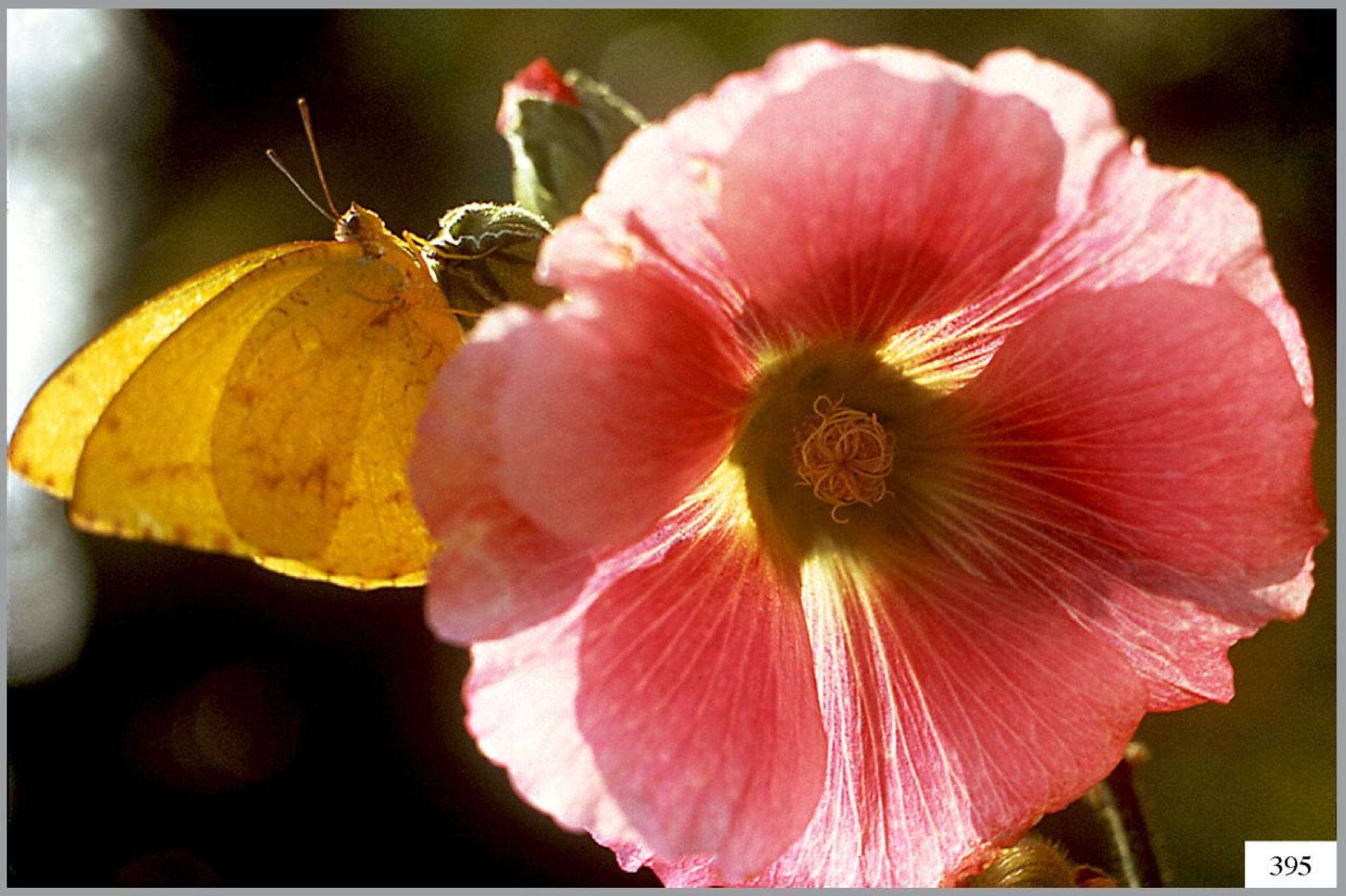
392



393



394



395



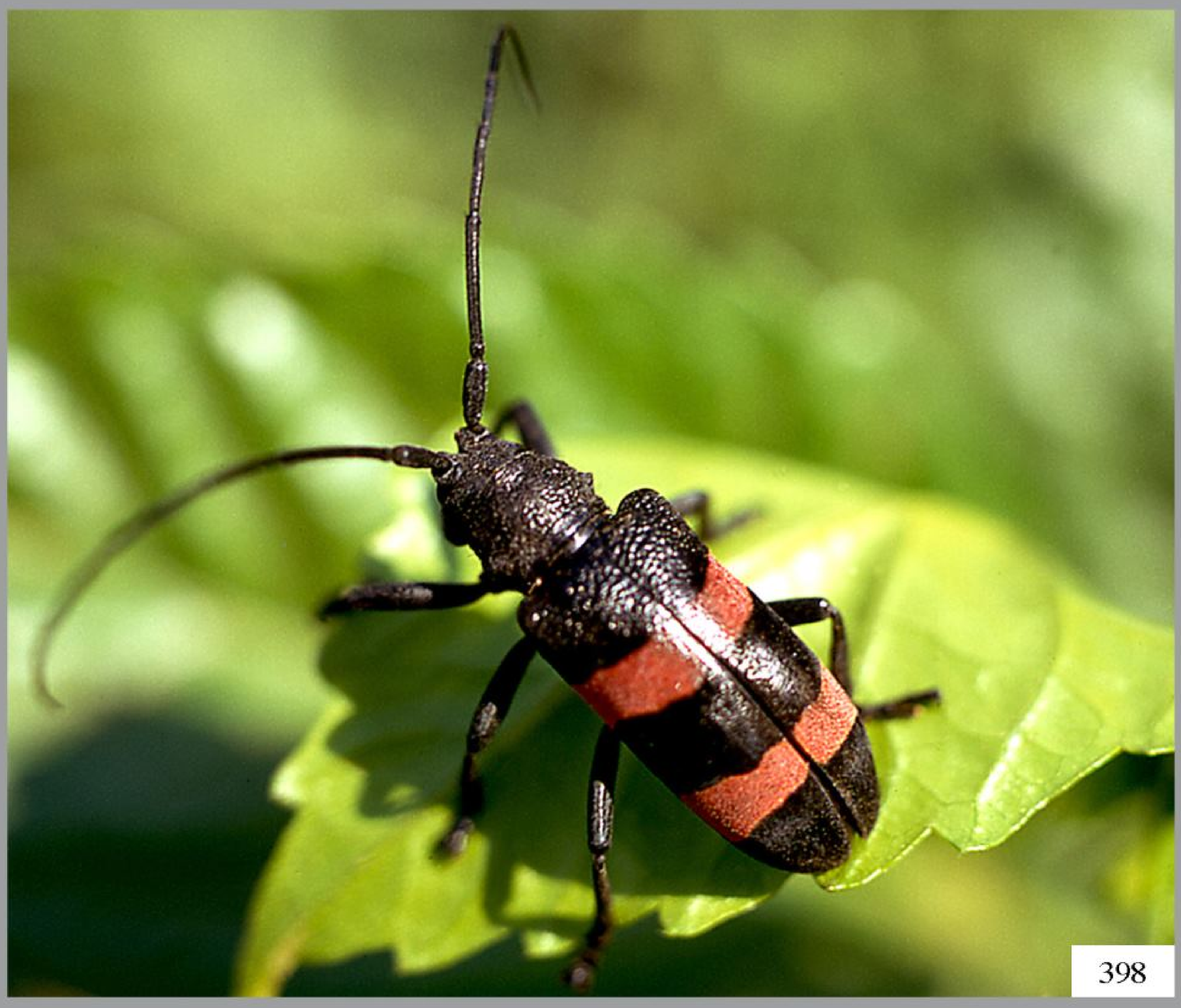
396



Embora fotografá-los requeresse uma enorme dose de paciência, não pude deixar de documentar alguns exemplares de particular beleza dessa imensa variedade de insectos, que povoam o Iona.



397



398



399



400



401



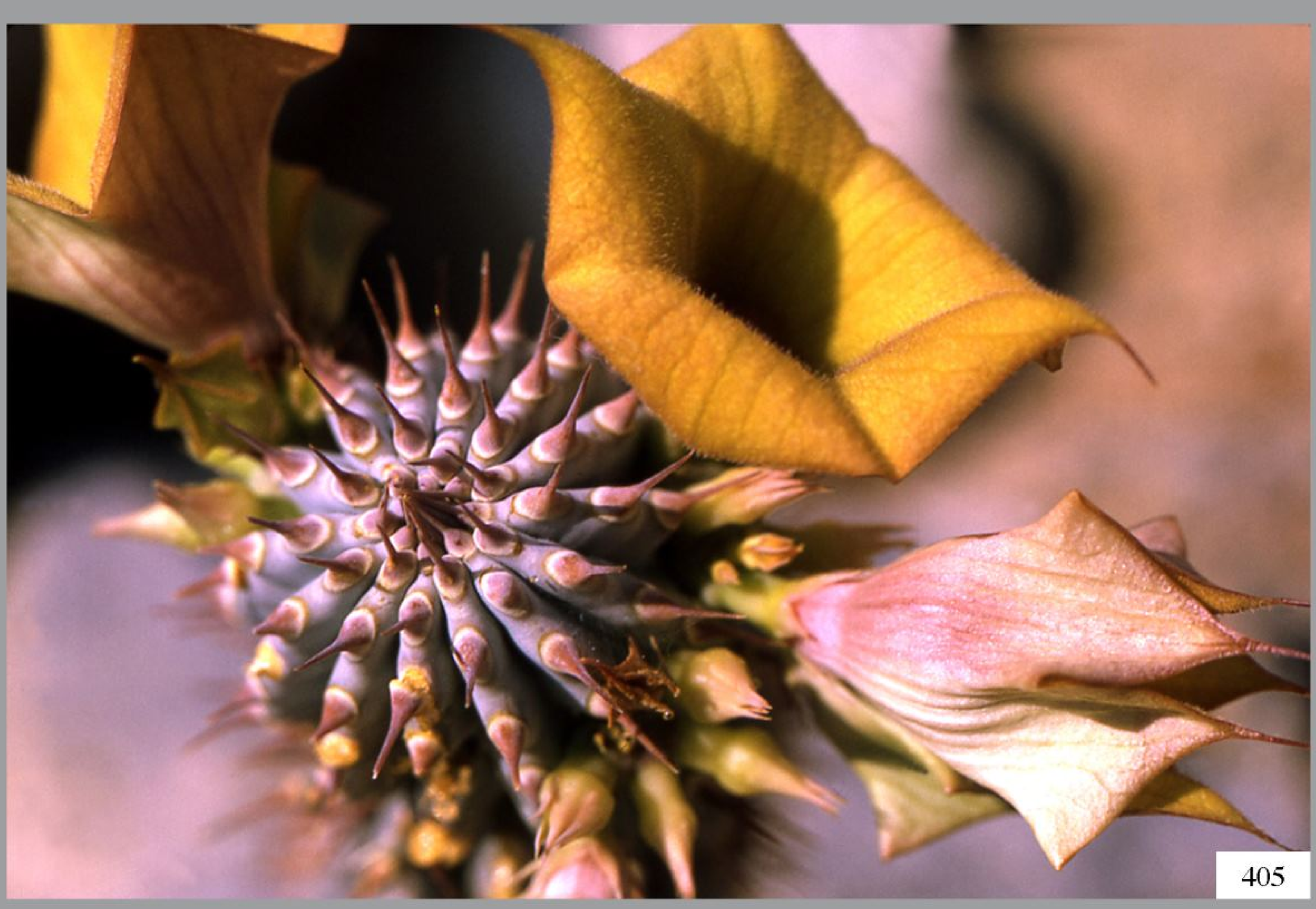
402




403



404



405


406


Hoodia Gordonii
407



408



409



410



411



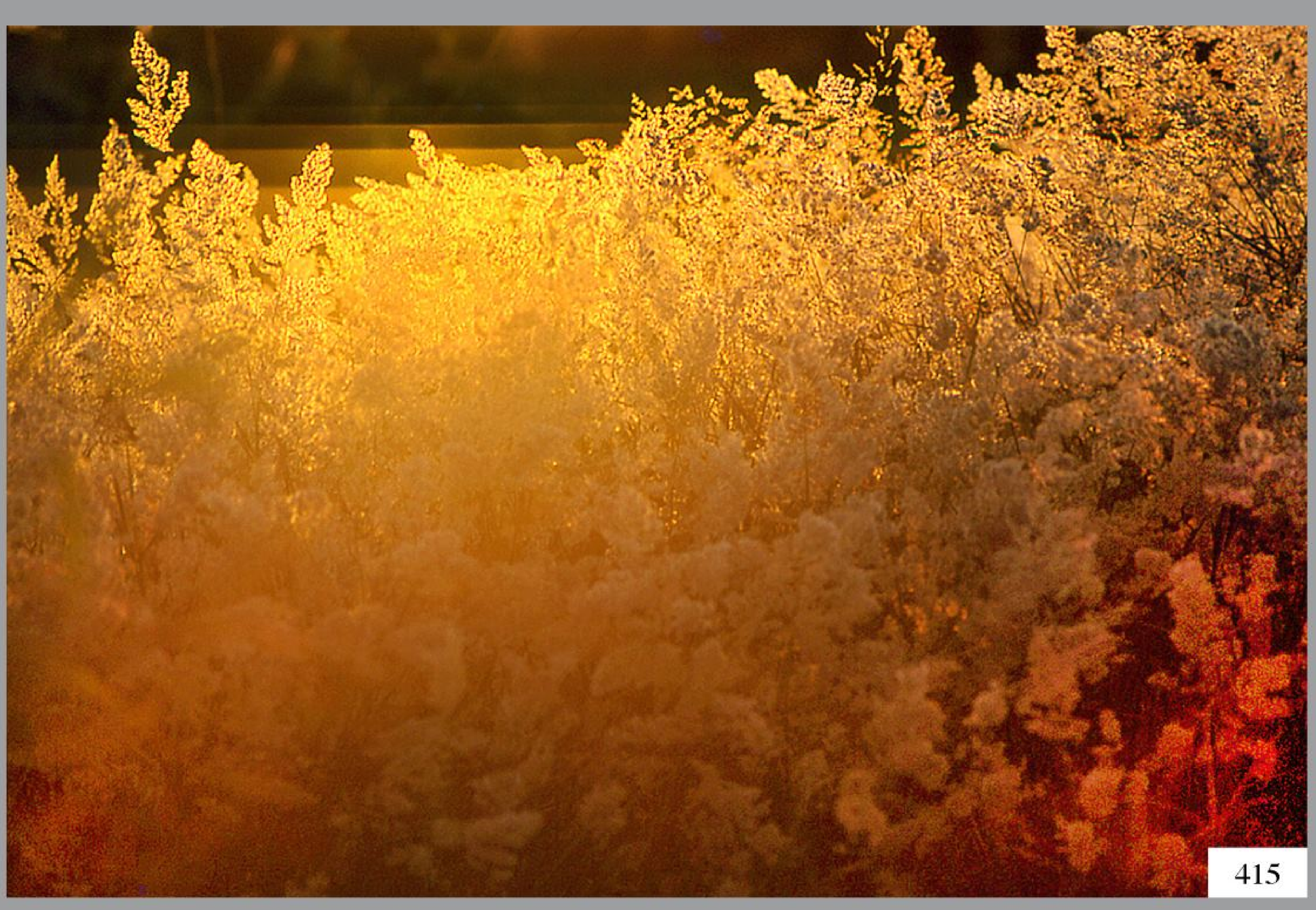
412



413



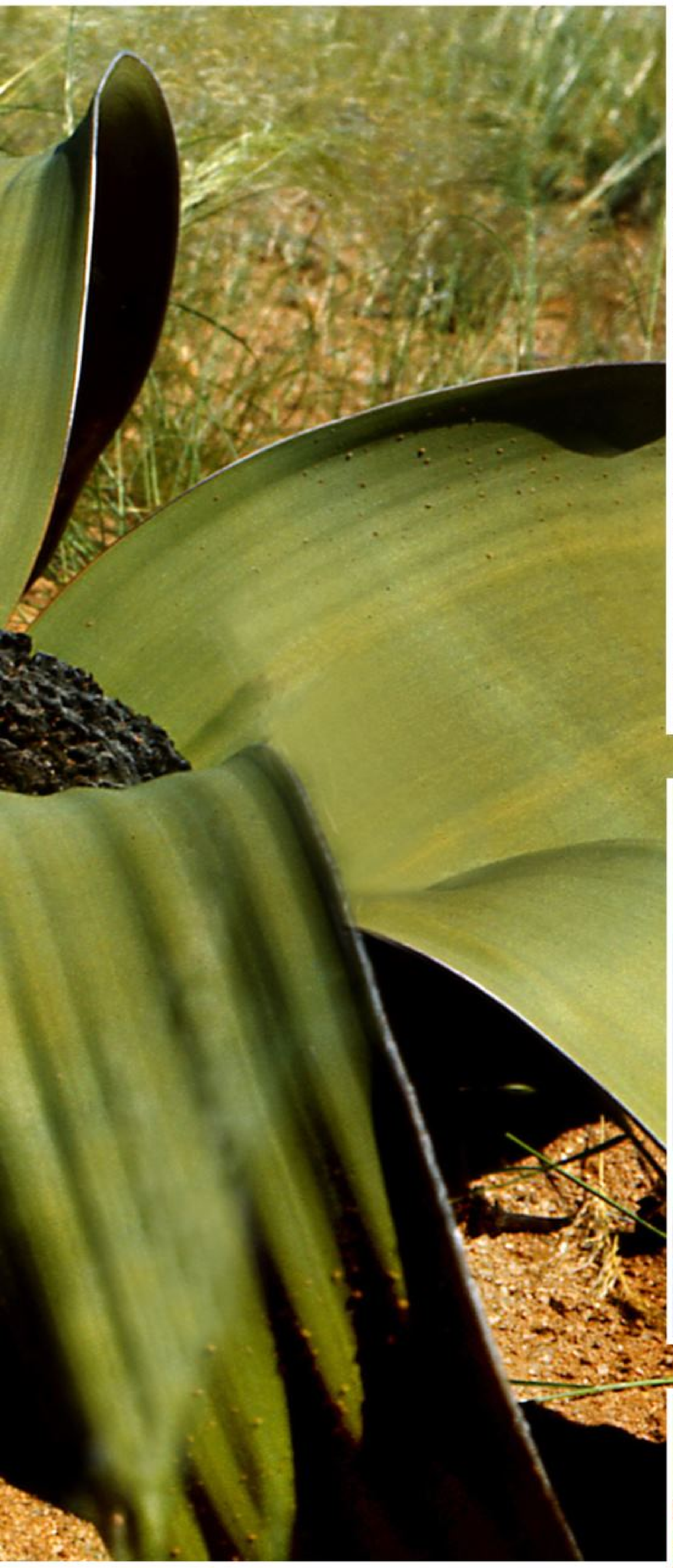
414



415



Na flora do Iona, destaca-se a icónica, Welwitschia Mirabilis, que se crê possa viver mais de um milénio e cujos exemplares têm sexos separados, sendo as pinhas atributo da planta masculina. Dada a sua antiguidade, é difícil encontrar um exemplar cujas folhas não apresentem danos do tempo.





417



418



419



420



421



Mas nem só de Welwitschias é feita a flora do Iona.
A estas se juntam muitas outras espécies, de que embora
não sabendo os nomes, não escapei ao fascínio.



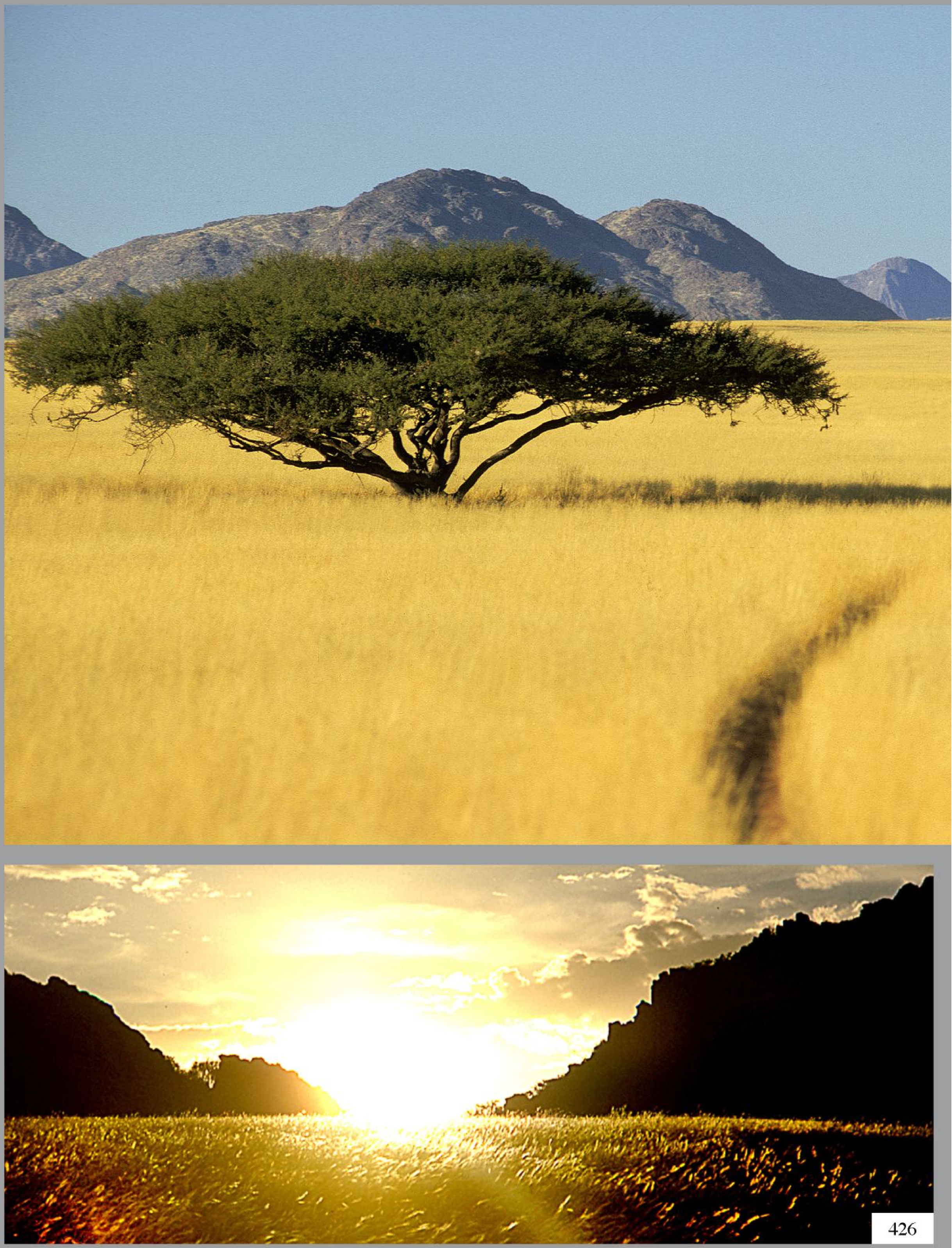
422



423



424



426



425



427



428



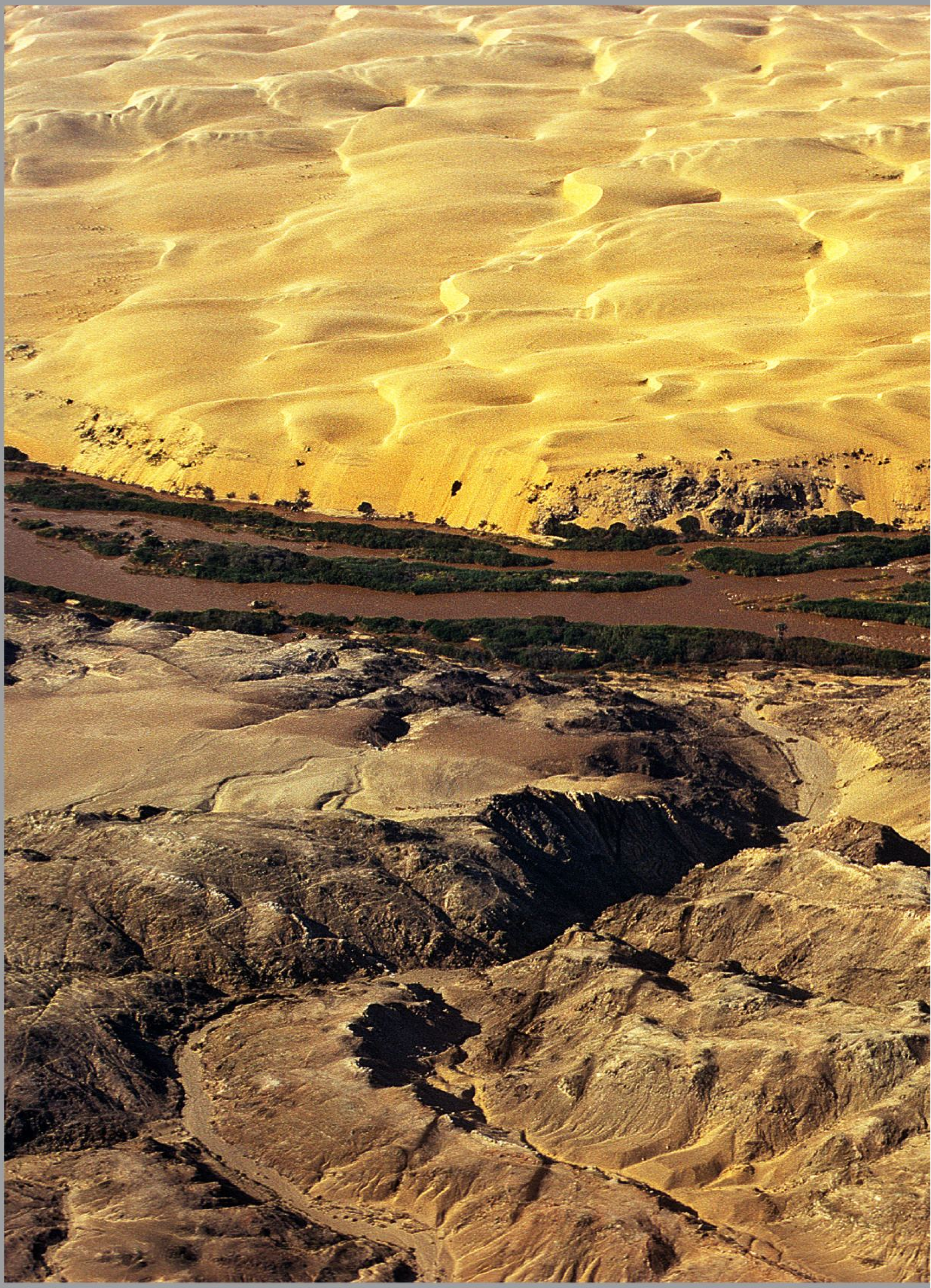
429



Parque do Iona - Rio Cunene
e dunas do Deserto da Namíbia.



430

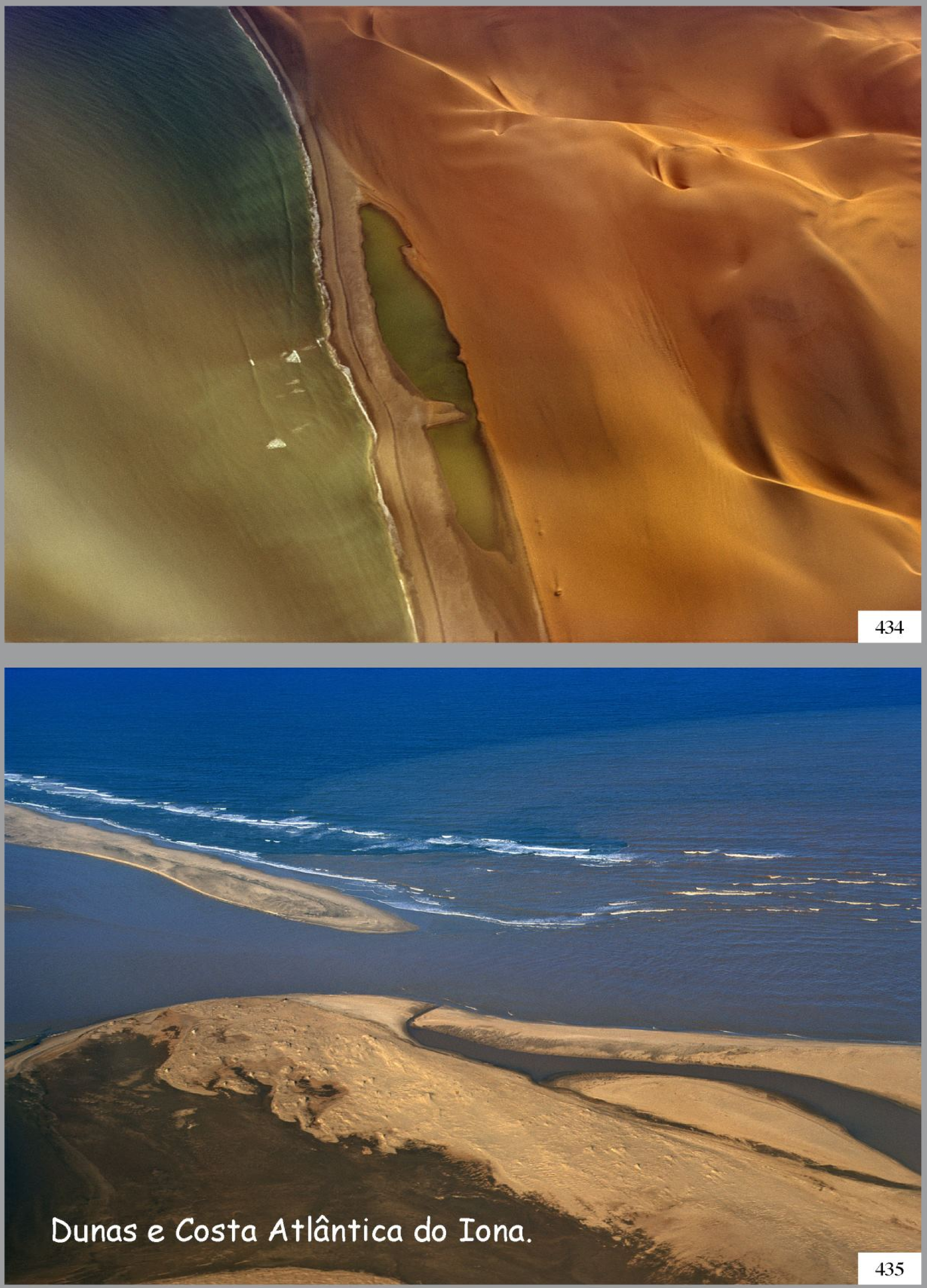




431


432

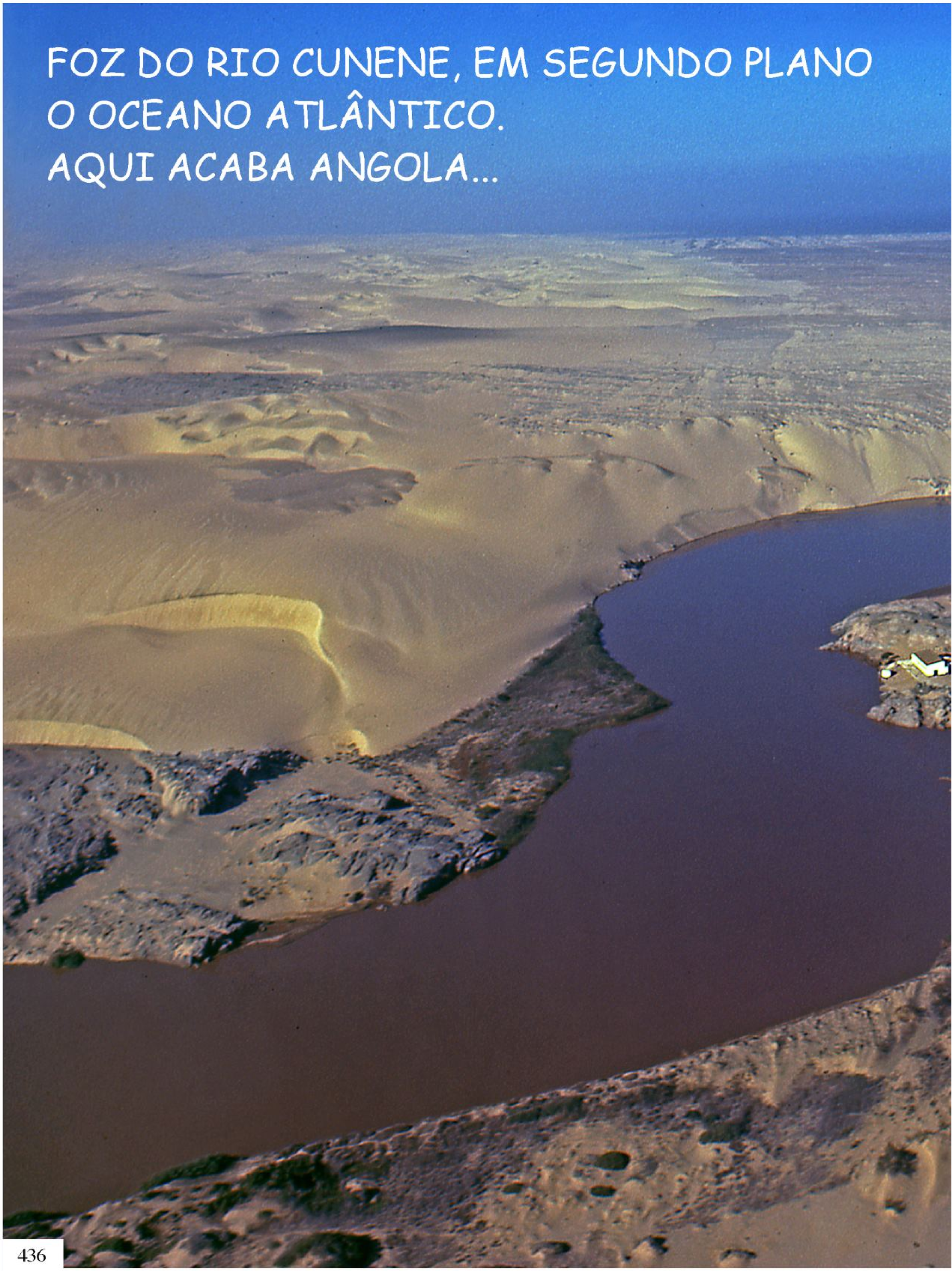

433



434

Dunas e Costa Atlântica do Iona.

435


FOZ DO RIO CUNENE, EM SEGUNDO PLANO
O OCEANO ATLÂNTICO.
AQUI ACABA ANGOLA...

436



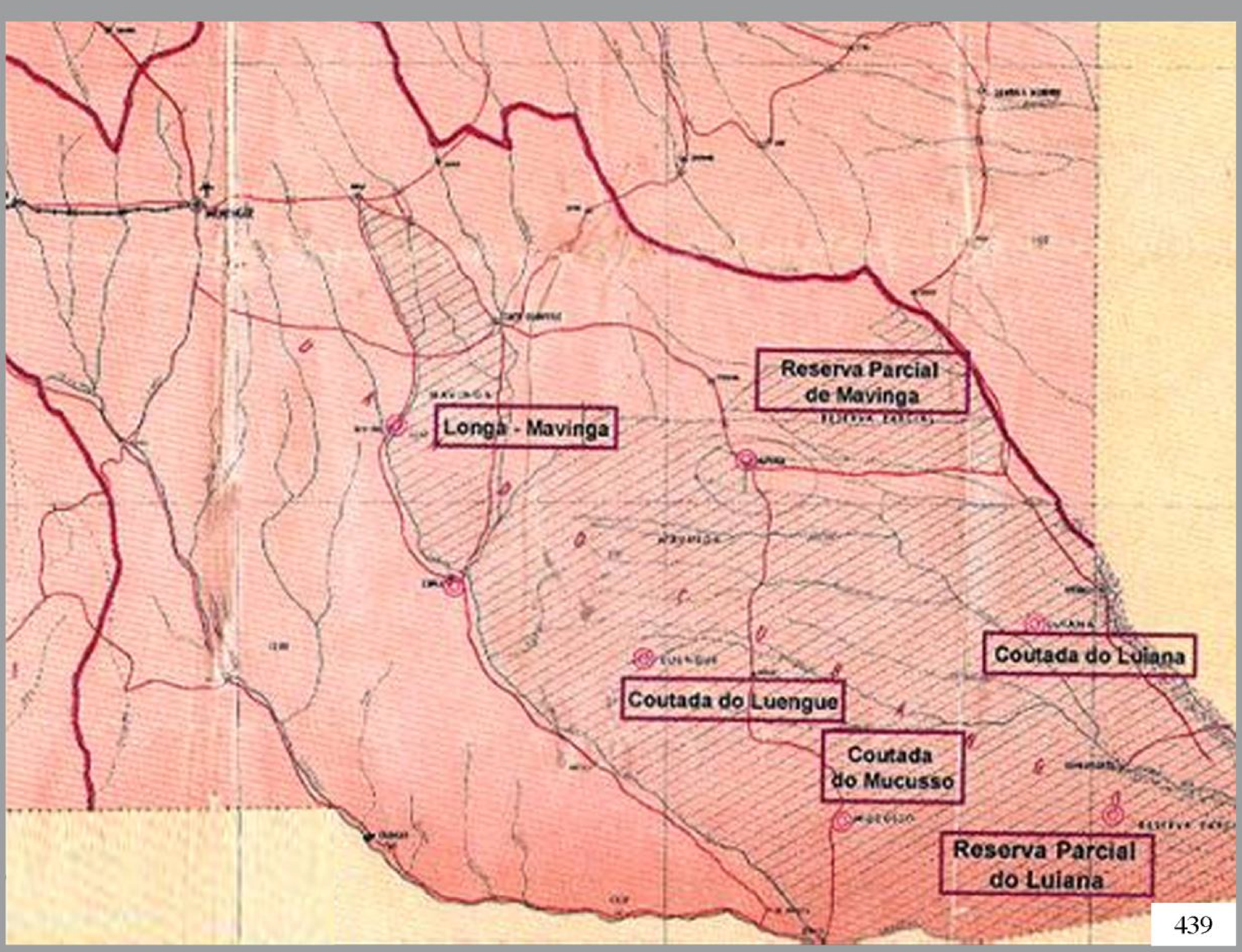
437



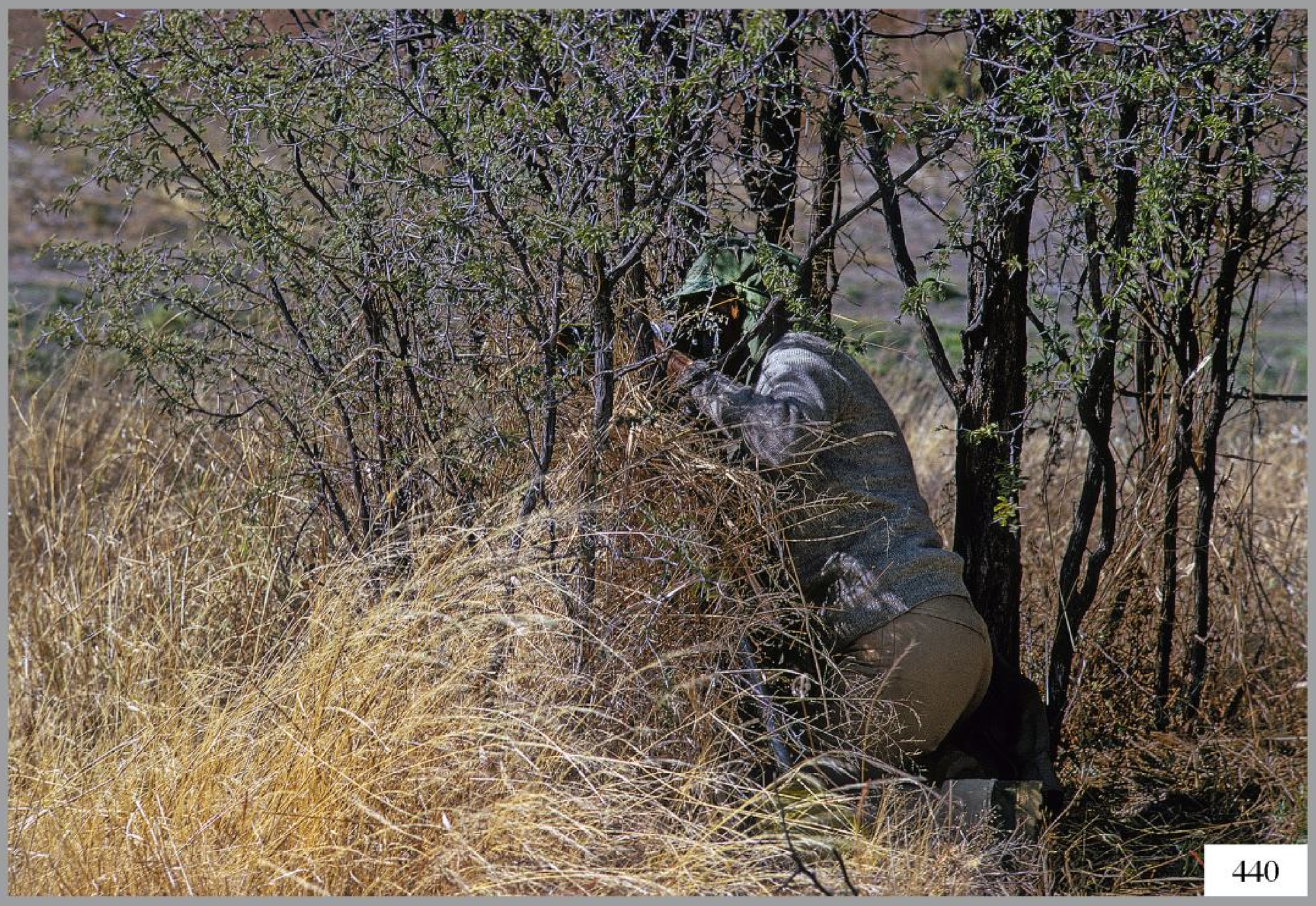
438

CUANDO - CUBANGO

AS TERRAS DO FIM DO MUNDO



439



CUANDO CUBANGO

AS TERRAS DO FIM DO MUNDO...

Extensamente descrita no Livro Angola 6, no decurso da descida do Rio Cubango que fiz em 1972, pouco mais resta para dizer desta maravilhosa parcela do território angolano.
Contudo, sendo este livro o último da série que ilustra a Angola do período anterior à guerra civil, não podia deixar de a mencionar e para a ilustrar, reservei algumas fotos.
Não cheguei a percorrer tão exaustivamente as "Terras do Fim do Mundo" como o fiz no Parque do Iona, mas passei algumas semanas nas coutadas do Mucusso e do Luengue, onde cheguei a fotografar enormes manadas de búfalos e girafas. Devo esta inesquecível experiência ao meu grande Amigo Hernâni Espinhas, proprietário da Angola Safaris. Não posso deixar de enfa-

tizar que não são os Safaris de caça que dizimam os animais, mas sim o seu abate desregrado e indiscriminado, pelos caçadores clandestinos.
E embora compreensível, porque o faziam meramente para se alimentarem, também não posso deixar de mencionar o papel nefasto que os militares portugueses tiveram sobre a fauna angolana. Felizmente, os animais abatidos foram-no sobretudo fora dos Parques e de outras zonas protegidas.
Não sou adepto de matar animais. Os Bushmen caçam, mas apenas o estritamente necessário para a sua alimentação e habitualmente só antílopes de pequeno porte.
Entendo os atrativos que tem para um país o Turismo Cinegético, pela sua capacidade de atrair grandes figuras do "Jet Set" internacional e com elas muitas centenas de milhares em divisas, mas matar por prazer permanece fora da minha capacidade de compreensão.
Repito: não sou adepto de matar animais, mas sim de os fotografar, sentindo uma imensa alegria - e orgulho também - sempre que obtinha uma foto nítida e original de um espécimen de Palanca Negra, de elefante, de Leão ou de outro qualquer animal, todos eles para mim magníficos!!!
Durante os 27 anos de Guerra Civil, em que as baixas humanas ultrapassaram um milhão de vítimas, a maioria da fauna selvagem desapareceu das florestas e planícies de Angola. Embora actualmente o Governo Angolano, esteja a desenvolver um grande esforço para repôr as espécies desaparecidas nas numerosas zonas protegidas, os caçadores clandestinos continuam infelizmente, a actuar.

J. C. Pinheira





441



442



443



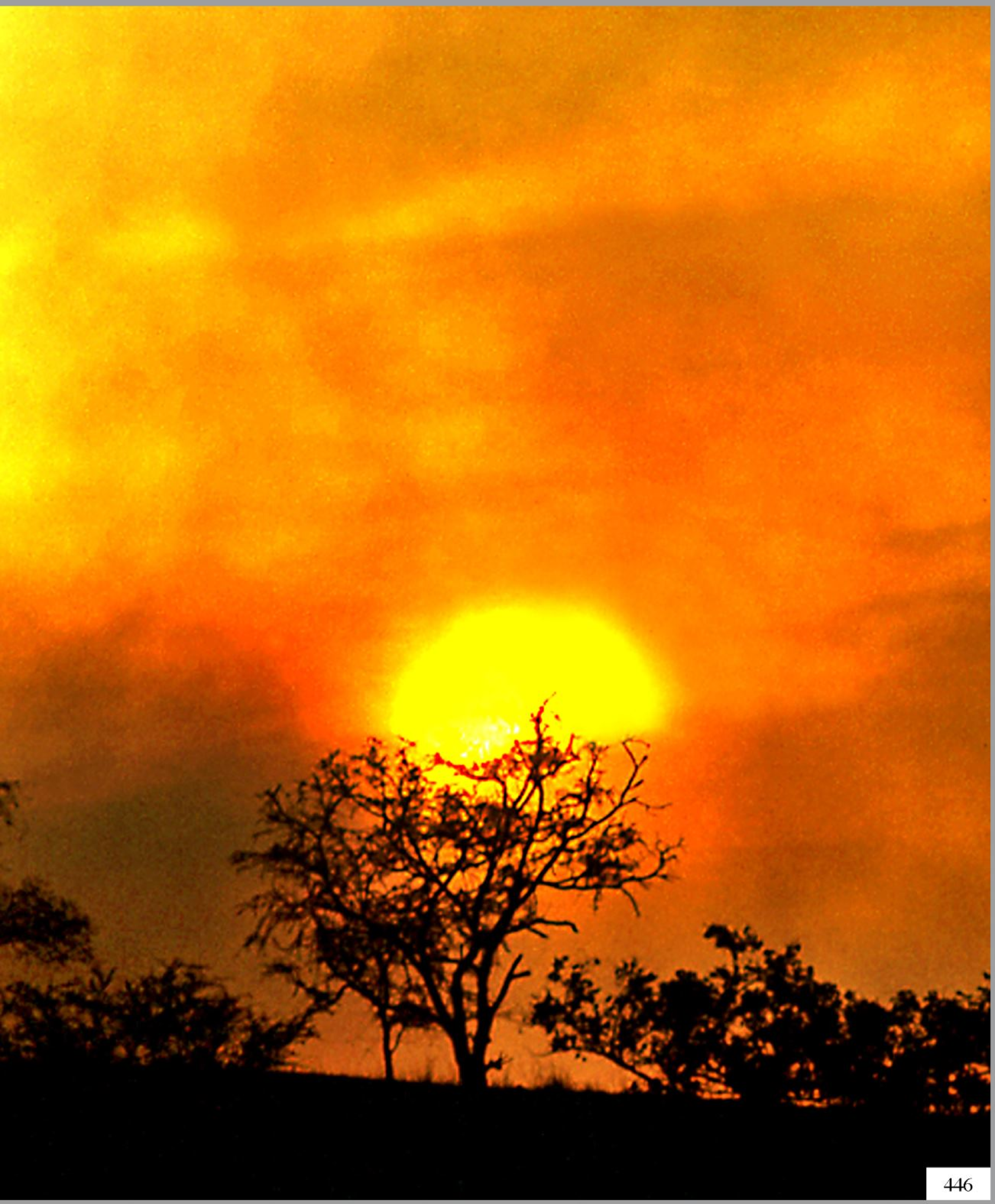
444



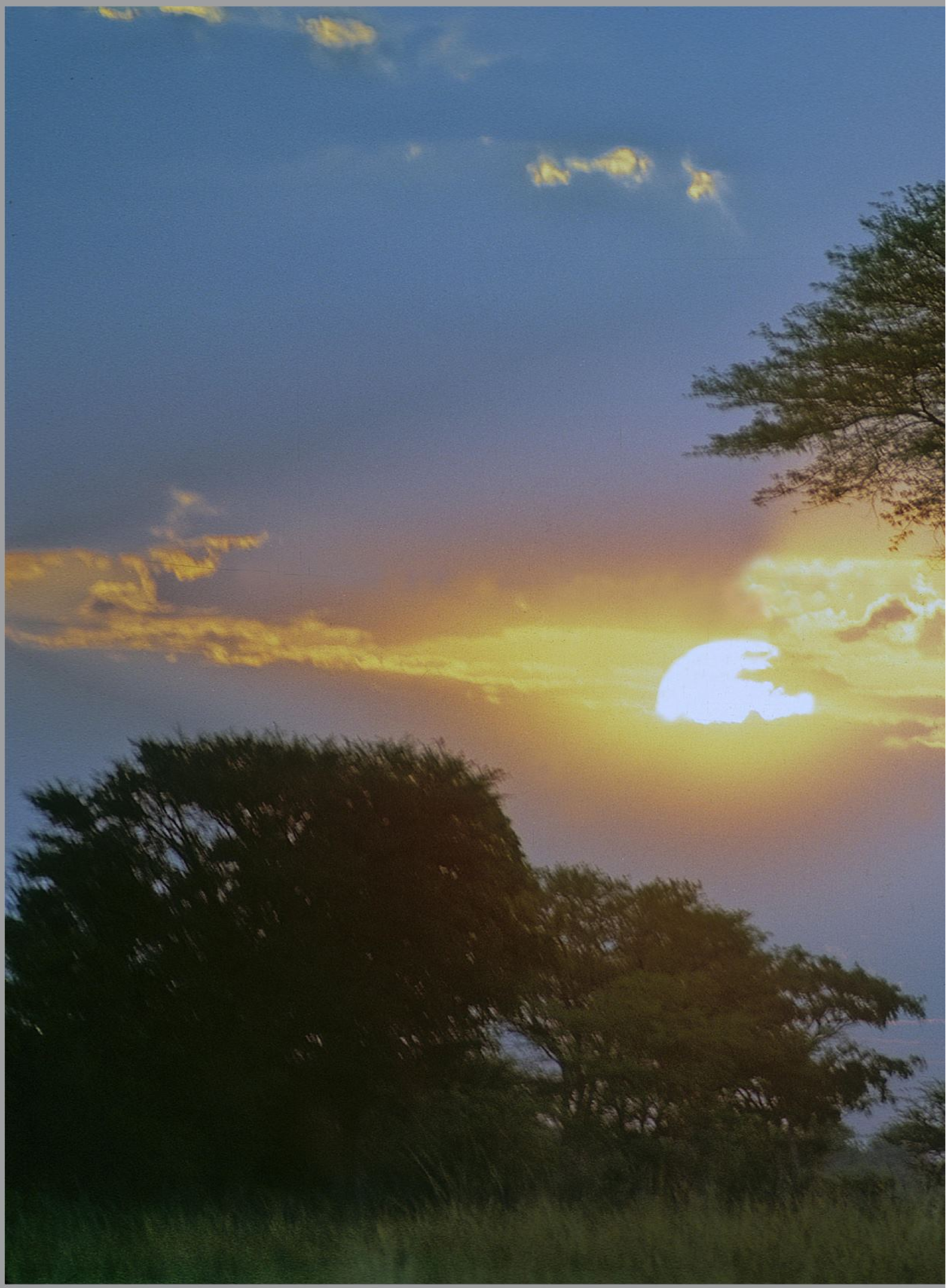


445

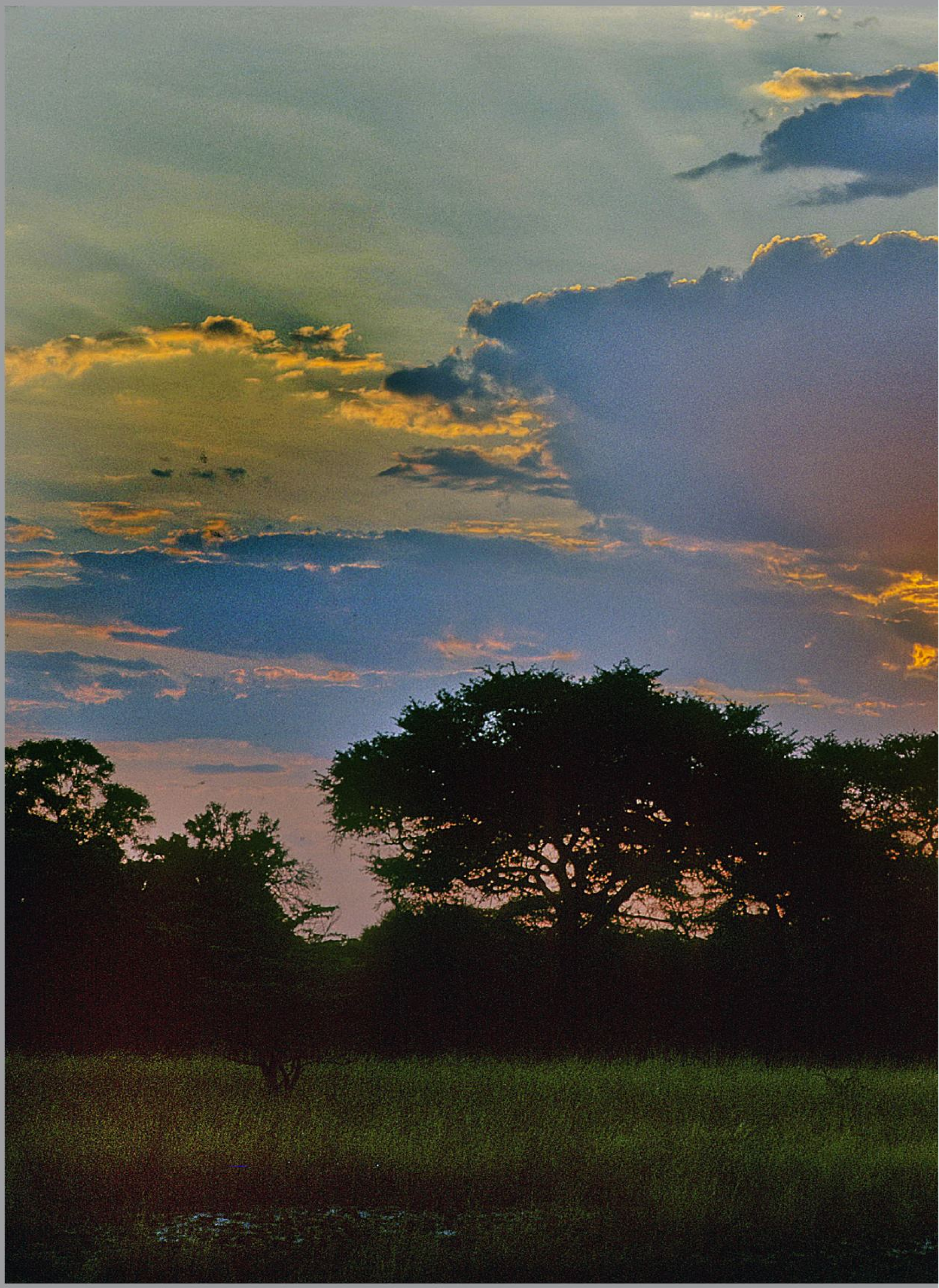




Quando alguém nunca viu um pôr do sol nas «Terras do Fim do Mundo» ... nada viu!



447





448





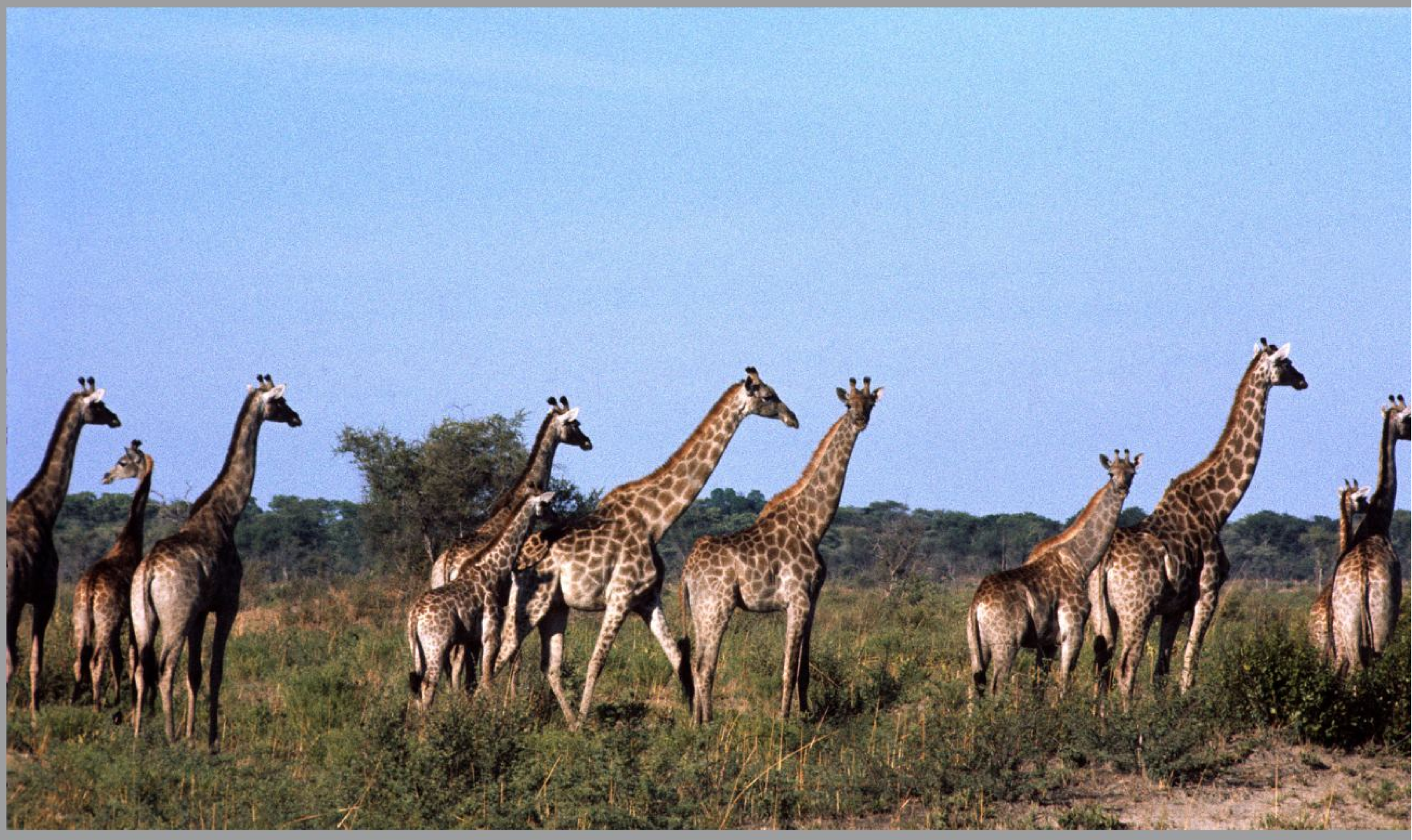
449

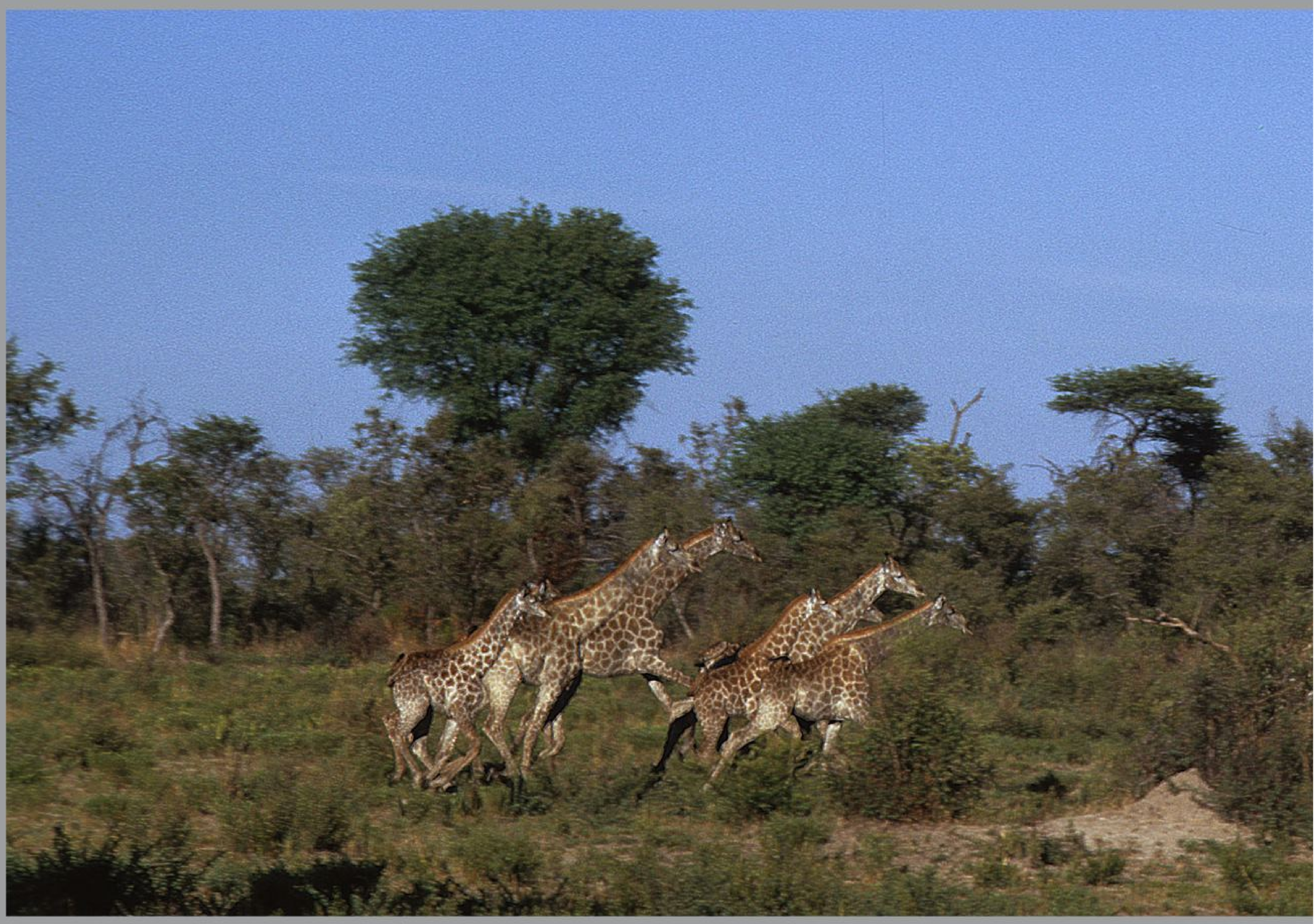


450



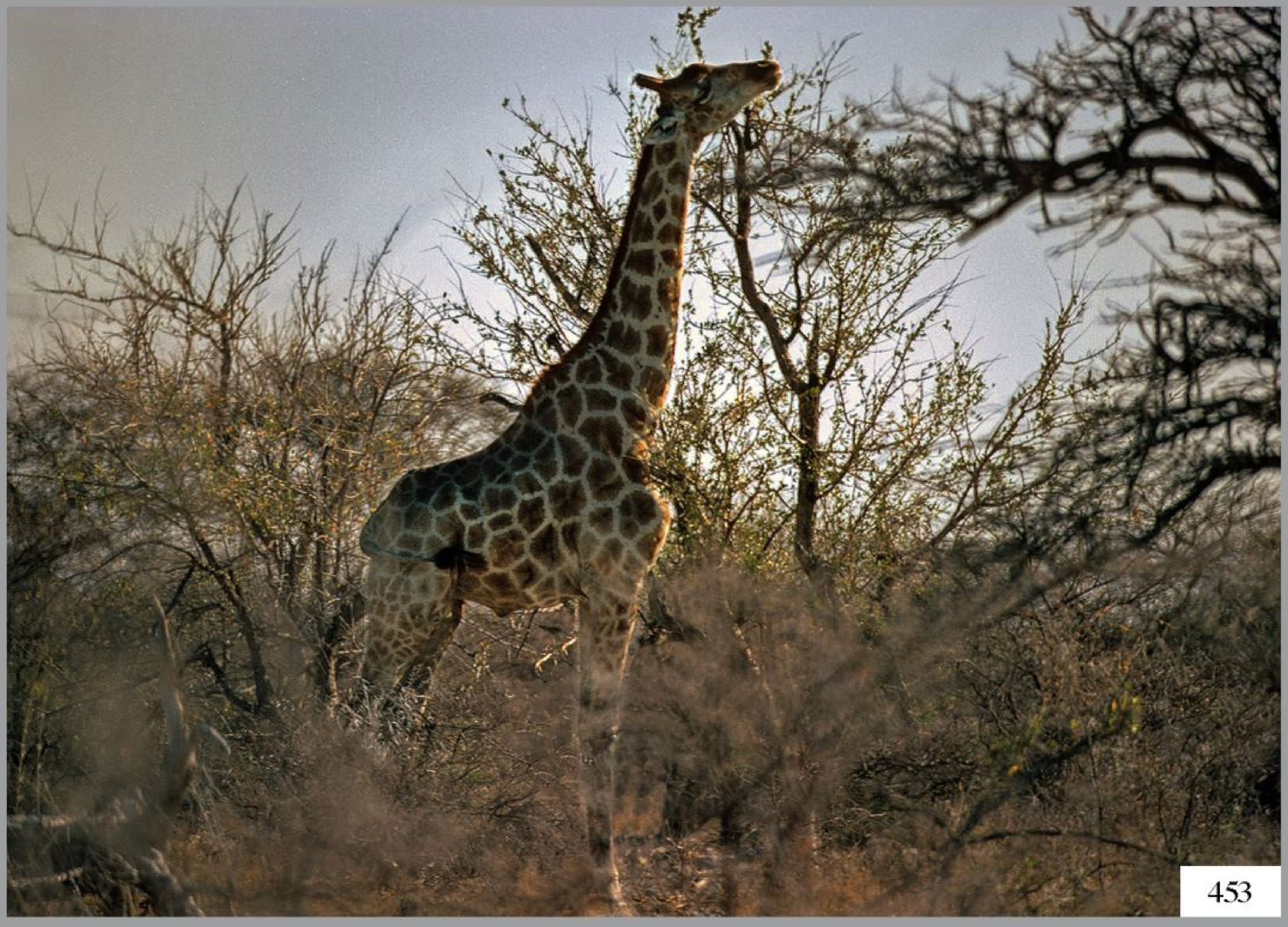
451



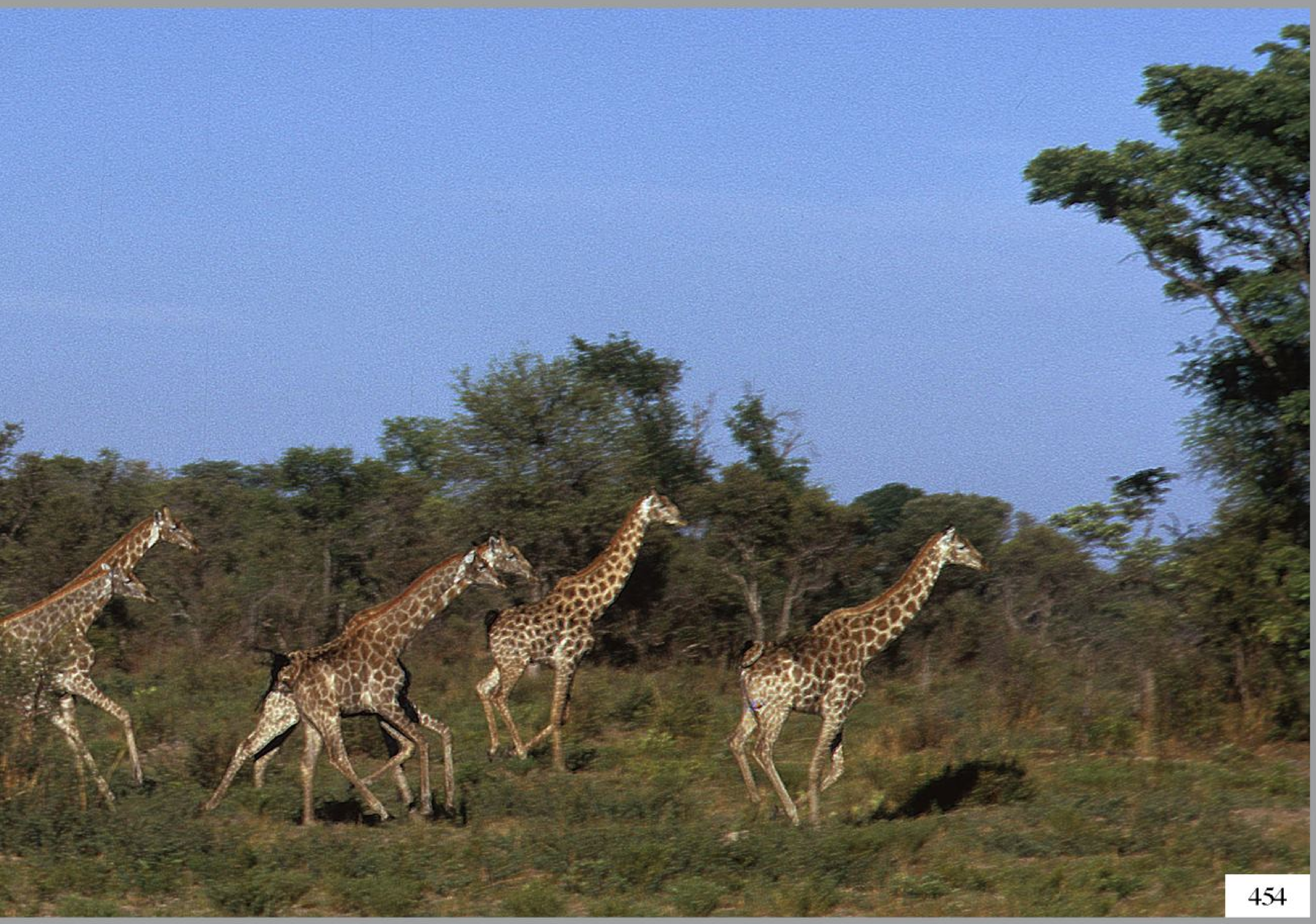




452



453

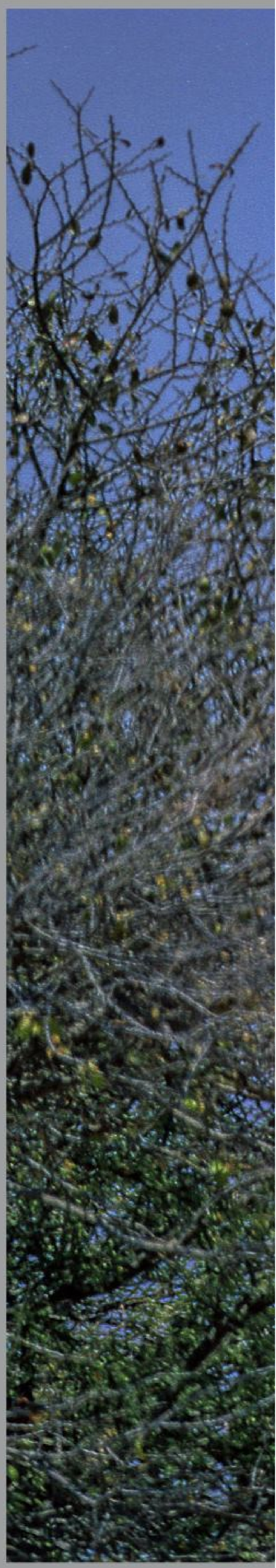


454



455

456



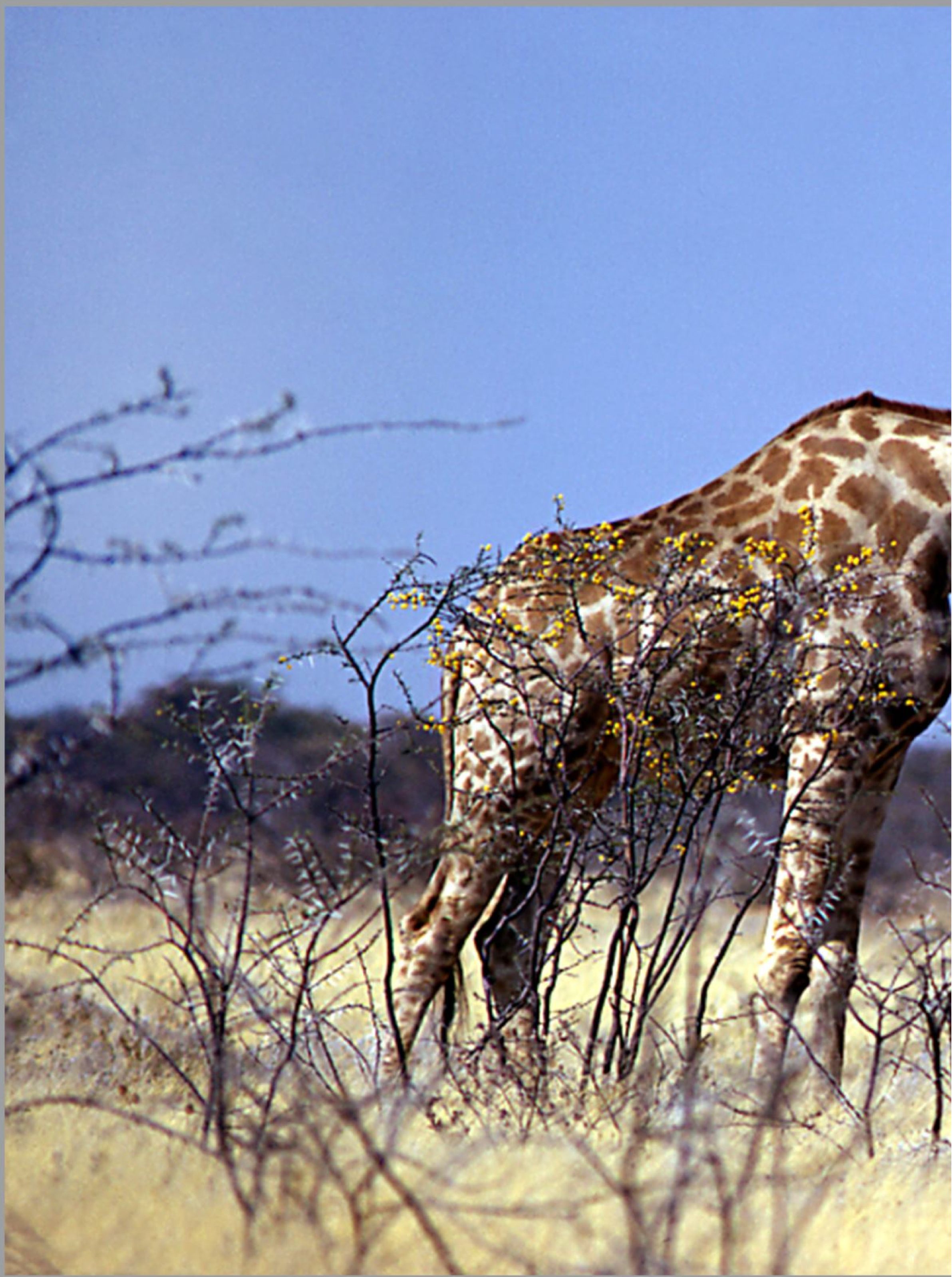


457





458

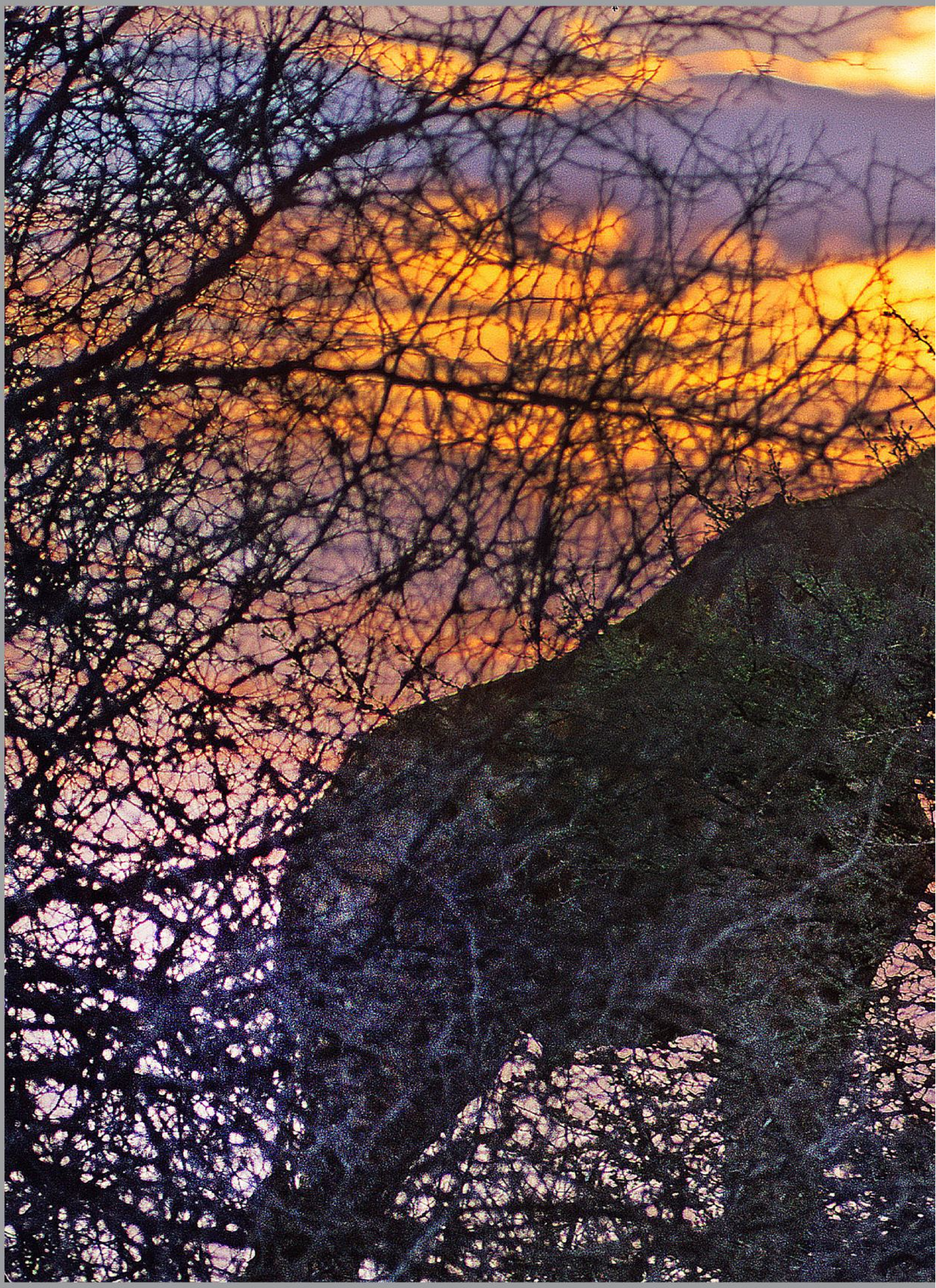



459



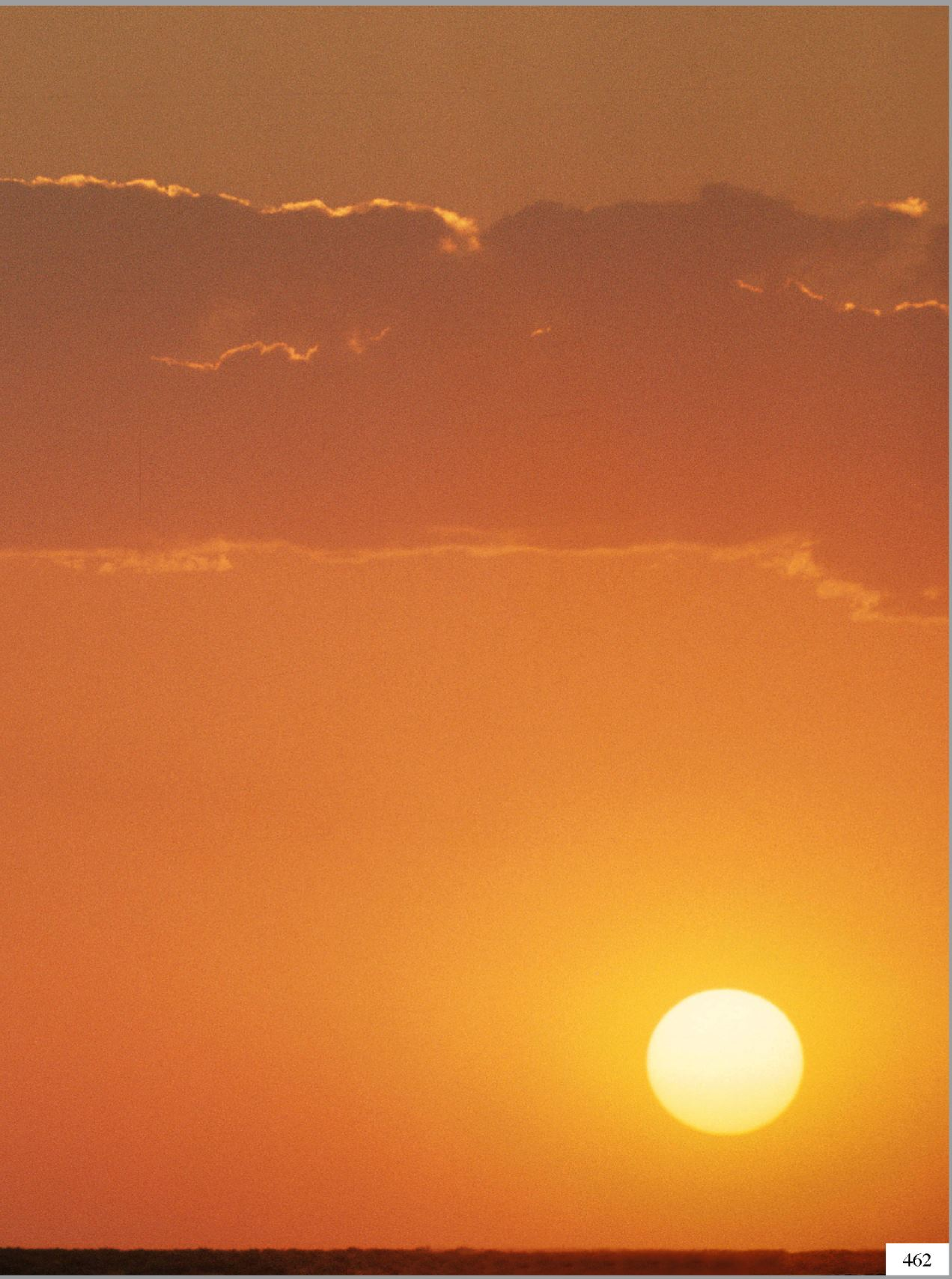


460





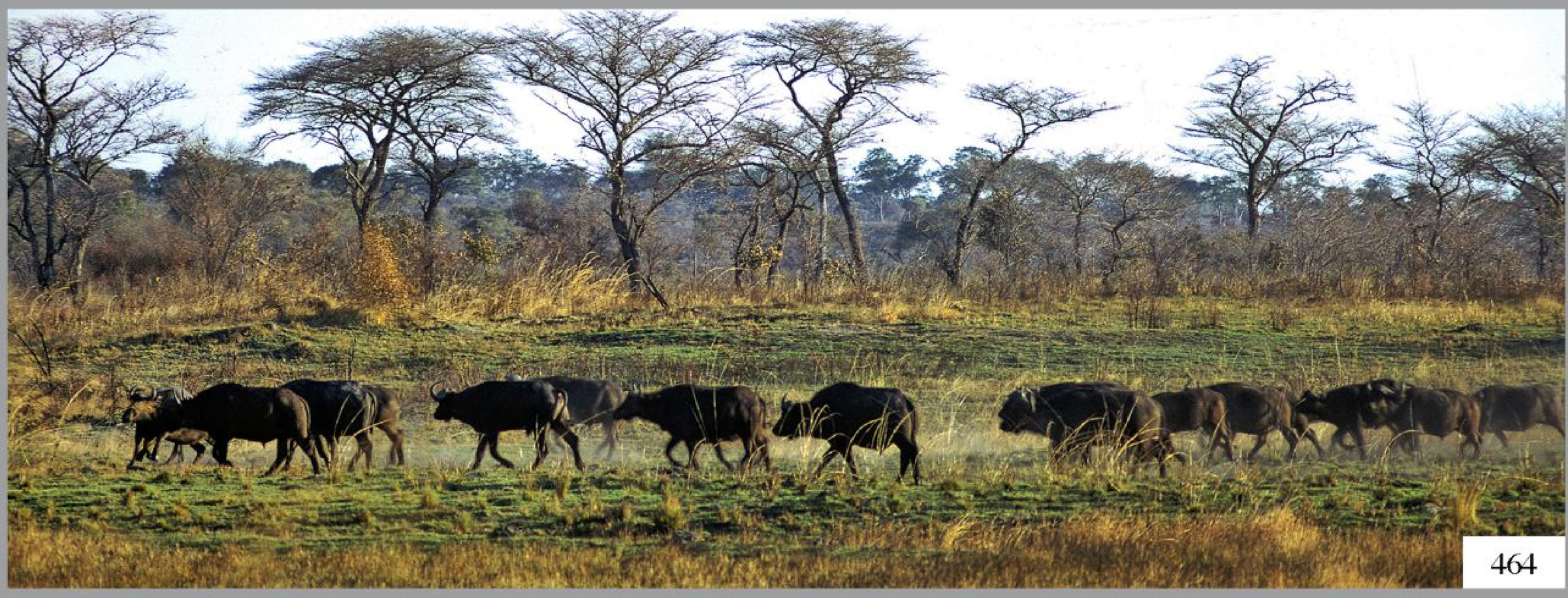
461



462



463



464





467



465



466



468



469



470



471



472



473





474



475



476



477

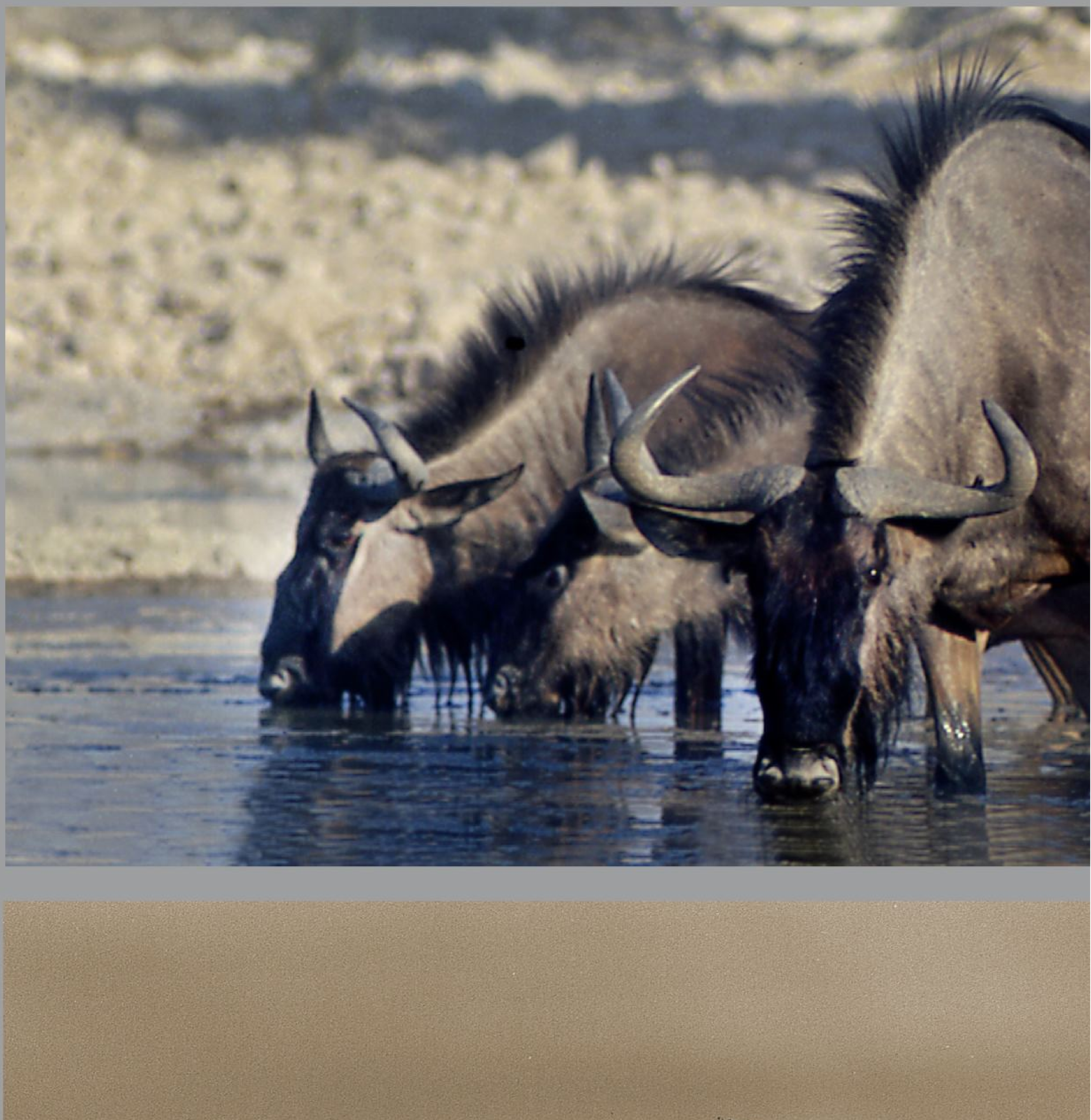


478





479







480



481



482



483



484



485



486

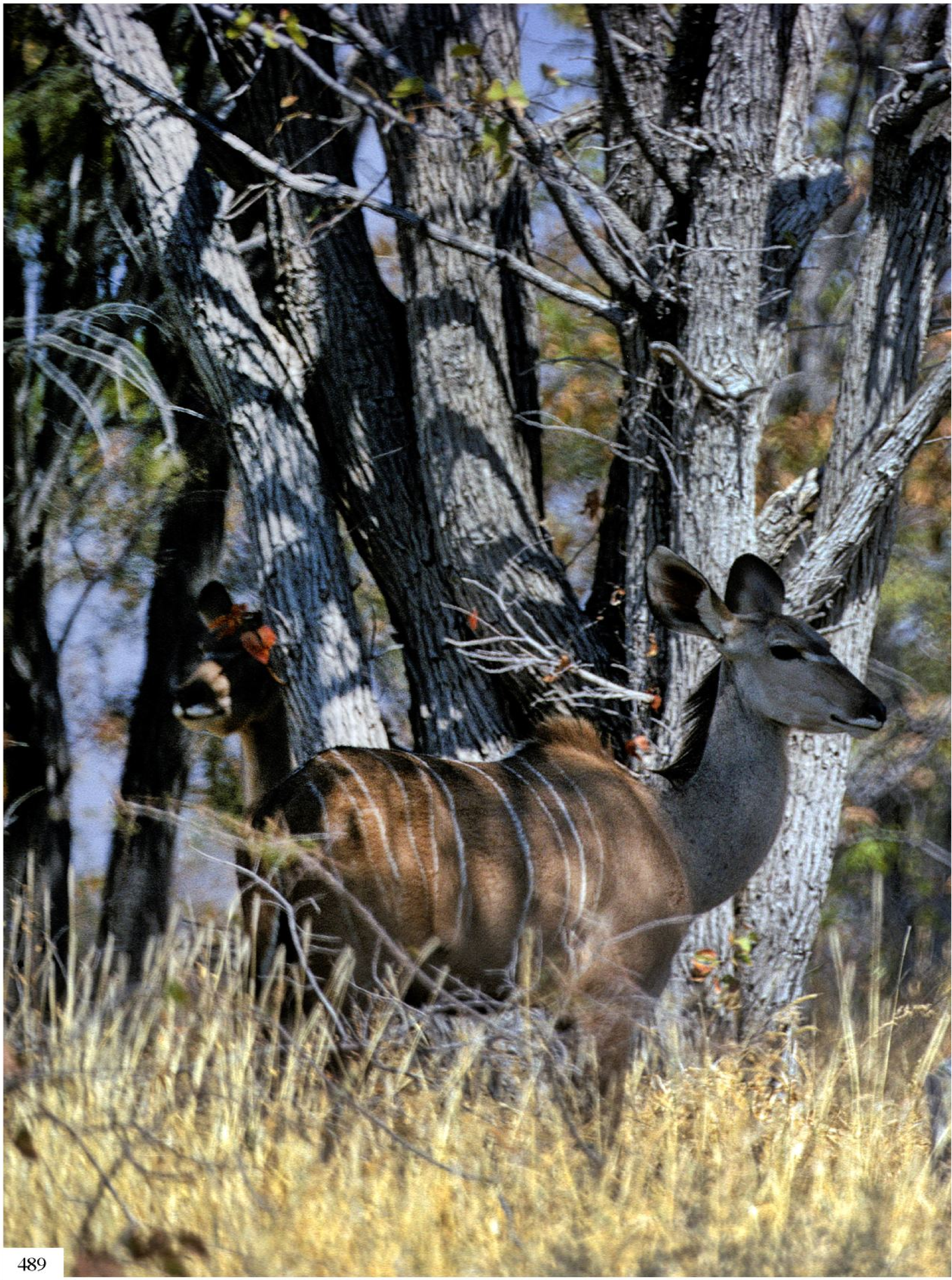



487





488



489


490



491





414



492



493




495





494



496



497



498



499



500



501



Esta é uma série de fotos chocante. Habitualmente os caçadores não estão presentes quando os ajudantes começam a desmanchar os animais: quando lhes retiram as presas, lhes cortam as patas afim de fazer bengaleiros ou os pelos da cauda para pulseiras.
Para além disso, para os bushmen a caça é um regalo e ocasião para uma grande festa, pois fornece-lhes carne para muitos meses, depois de devidamente seca ao sol.



502



503



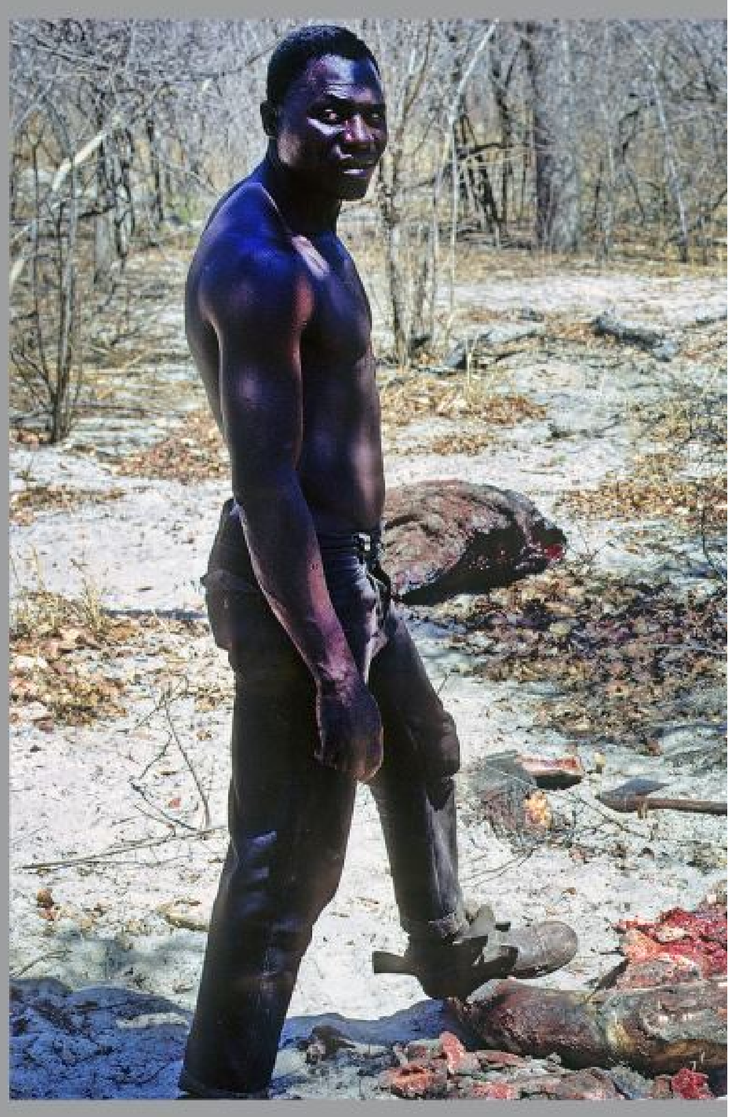


504



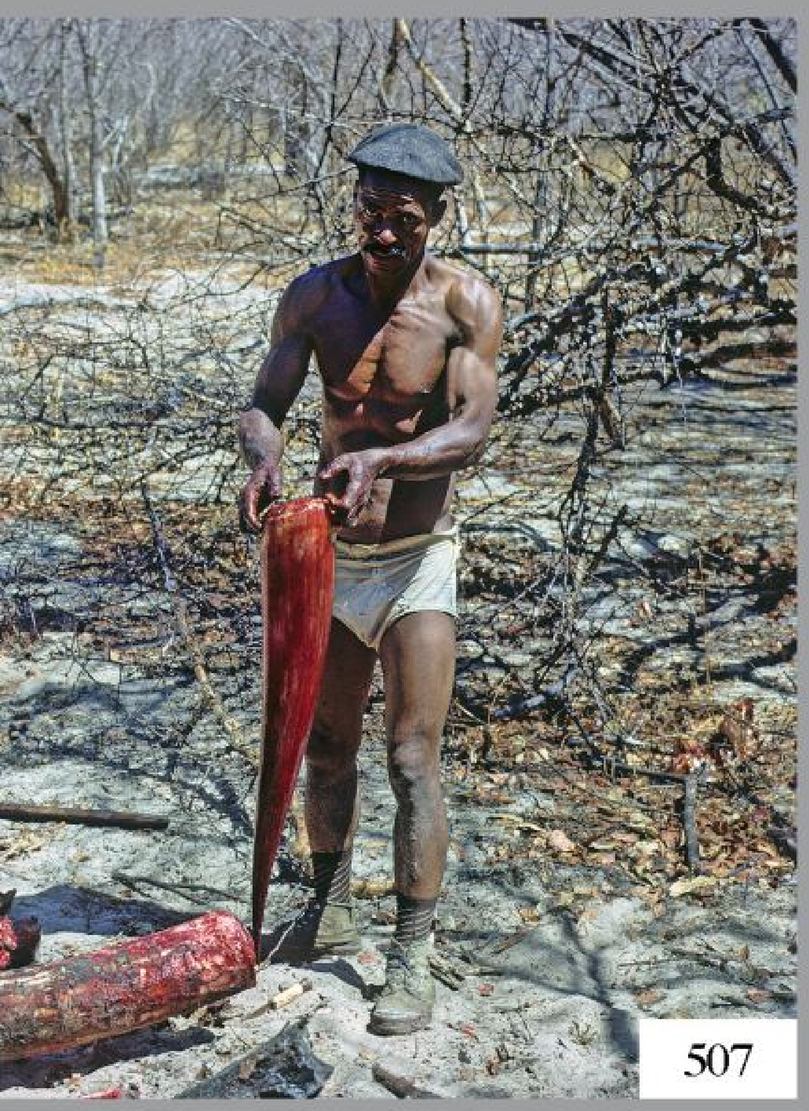


506

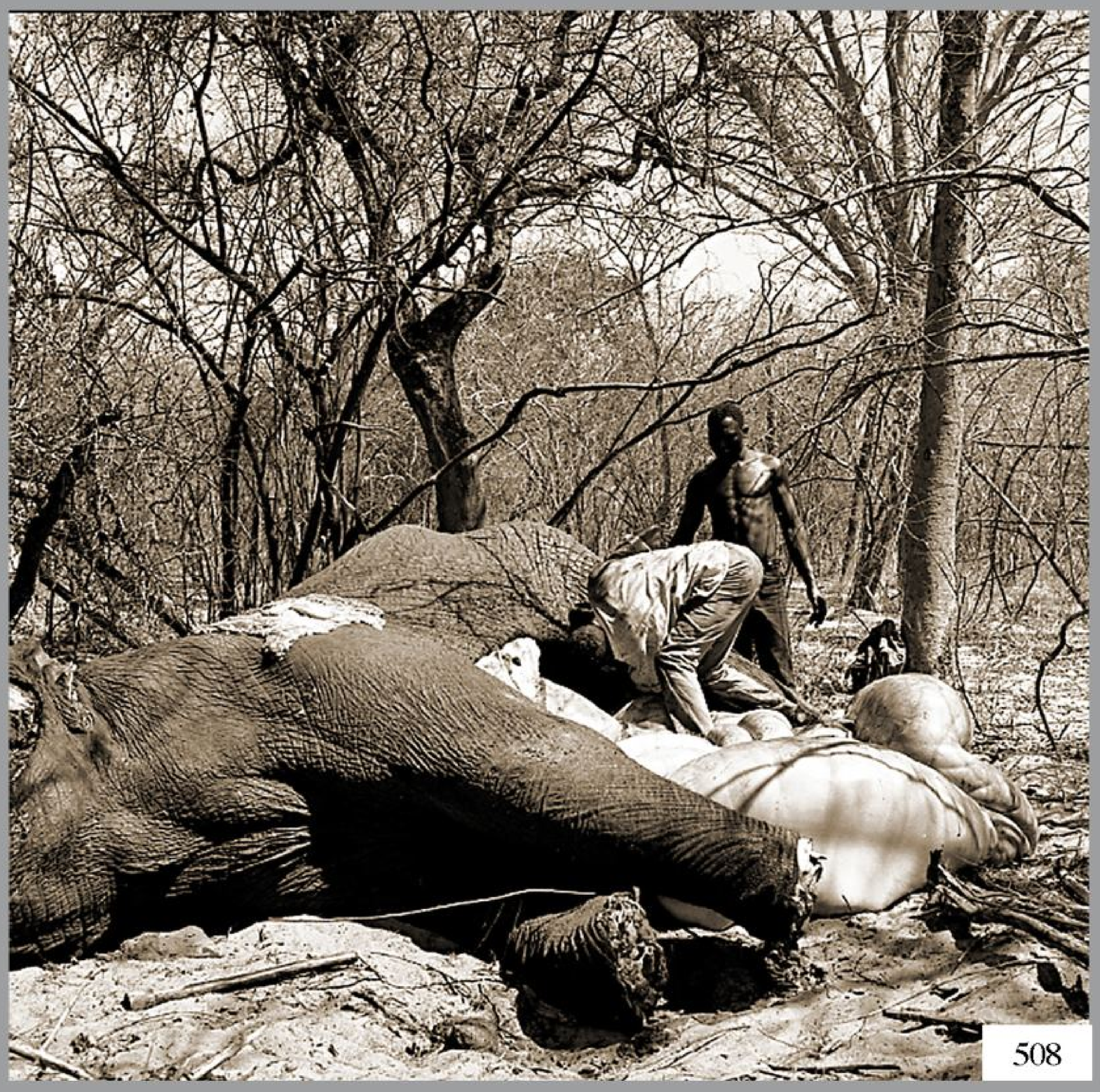




505



507



508



509




511

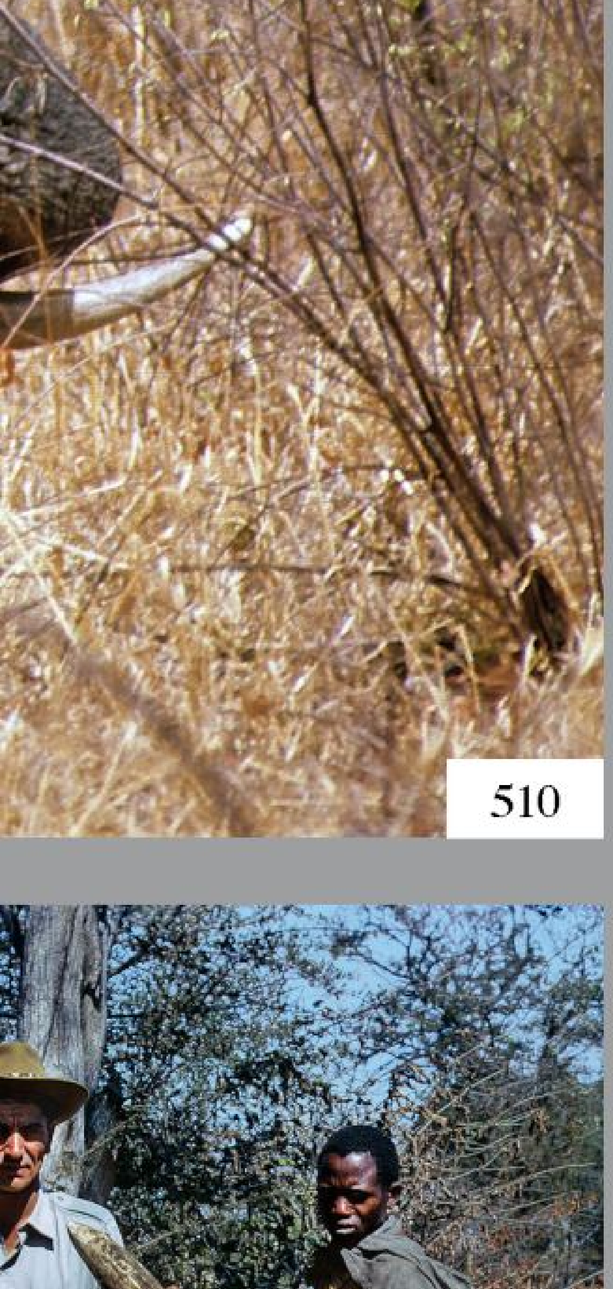




510



513



512



514




515







517

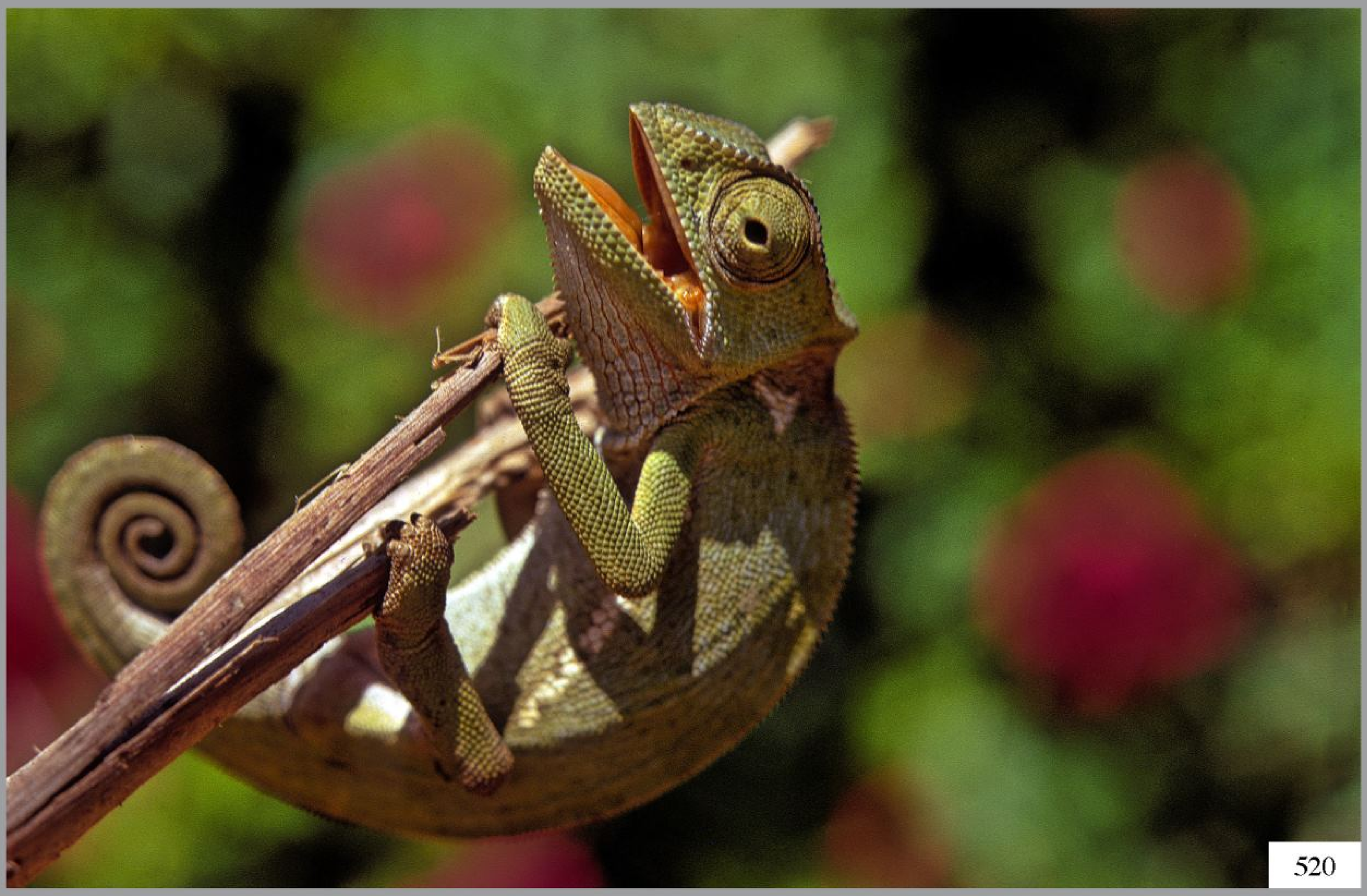
516



518



519



520

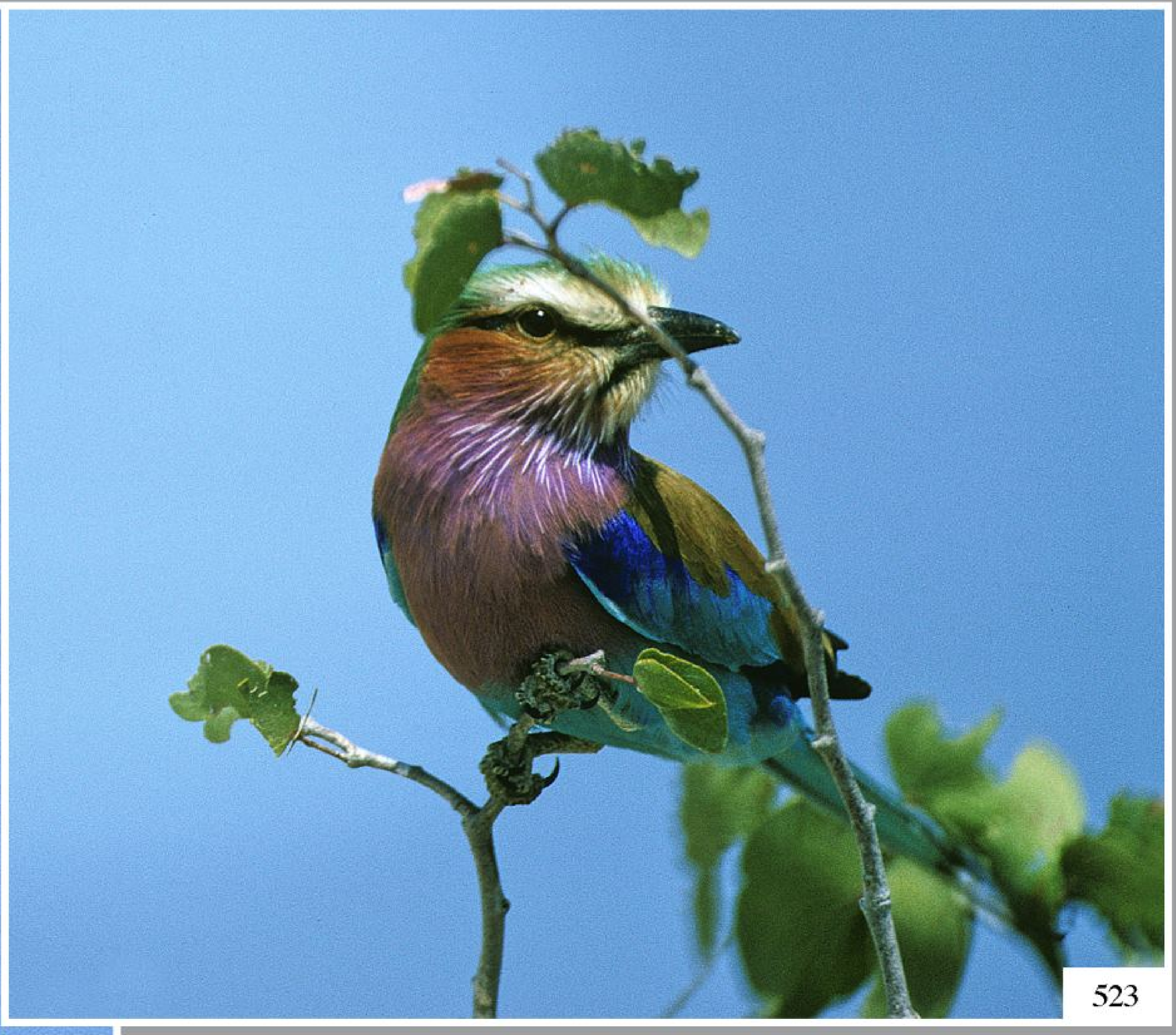


521





522

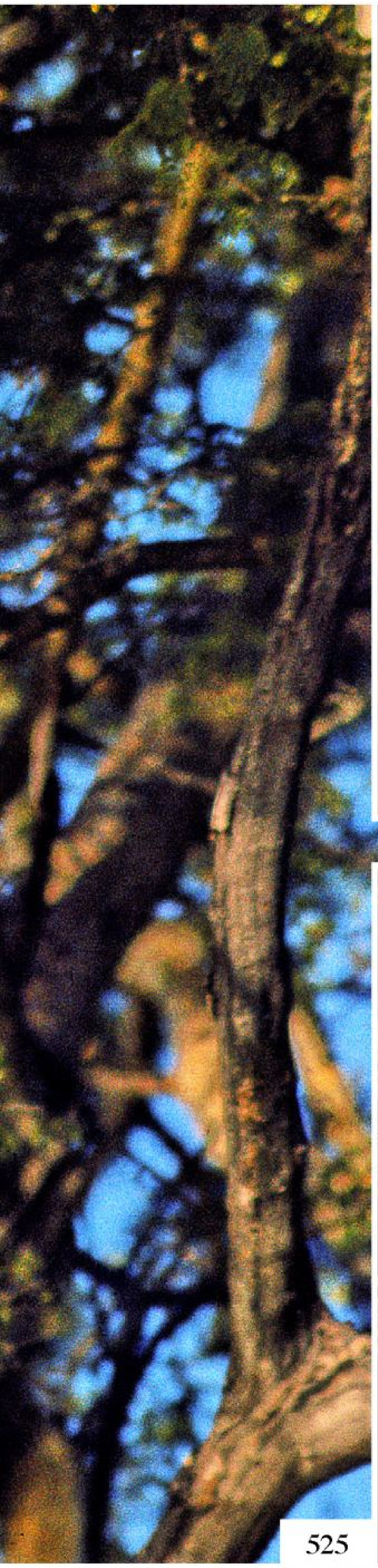


523

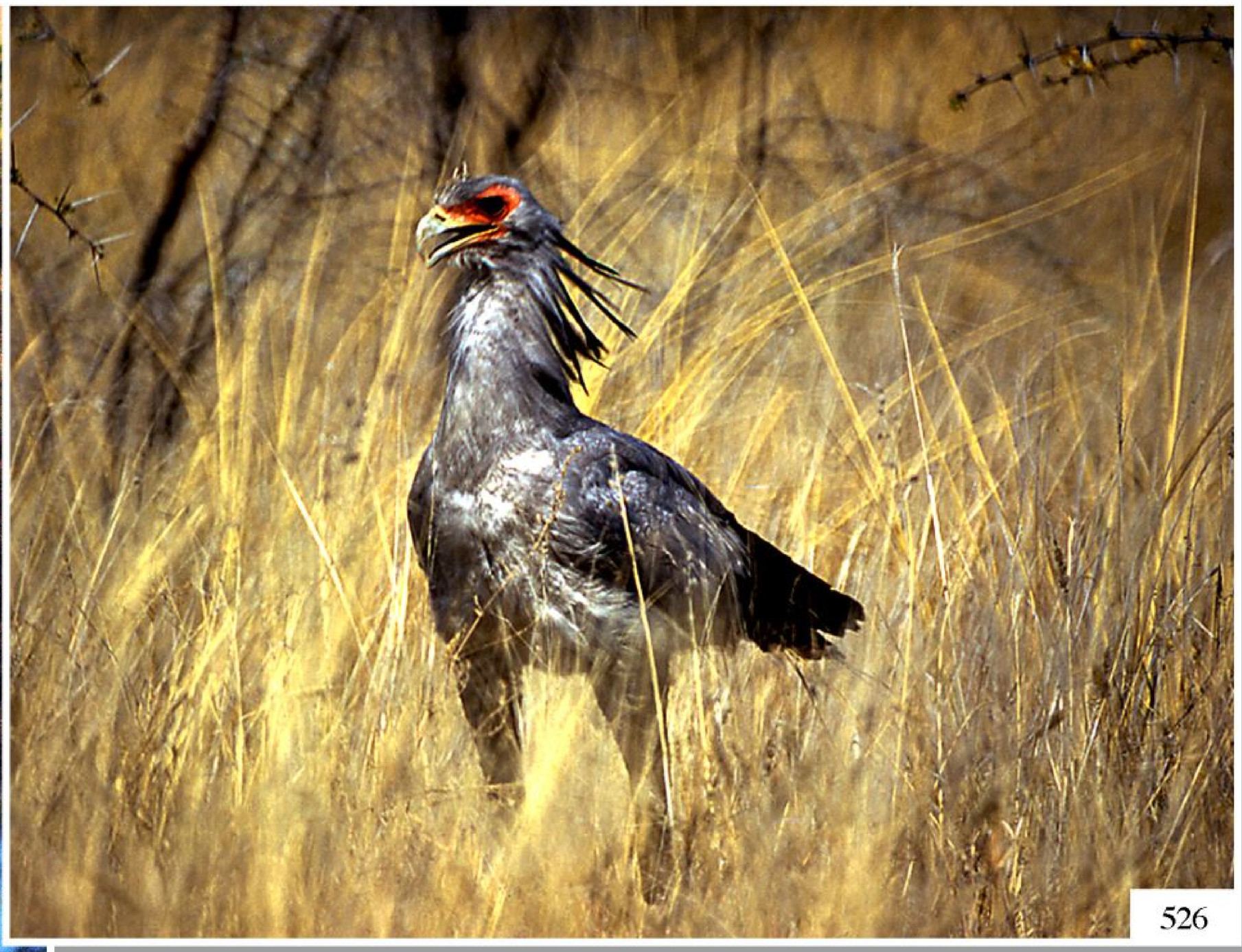


524





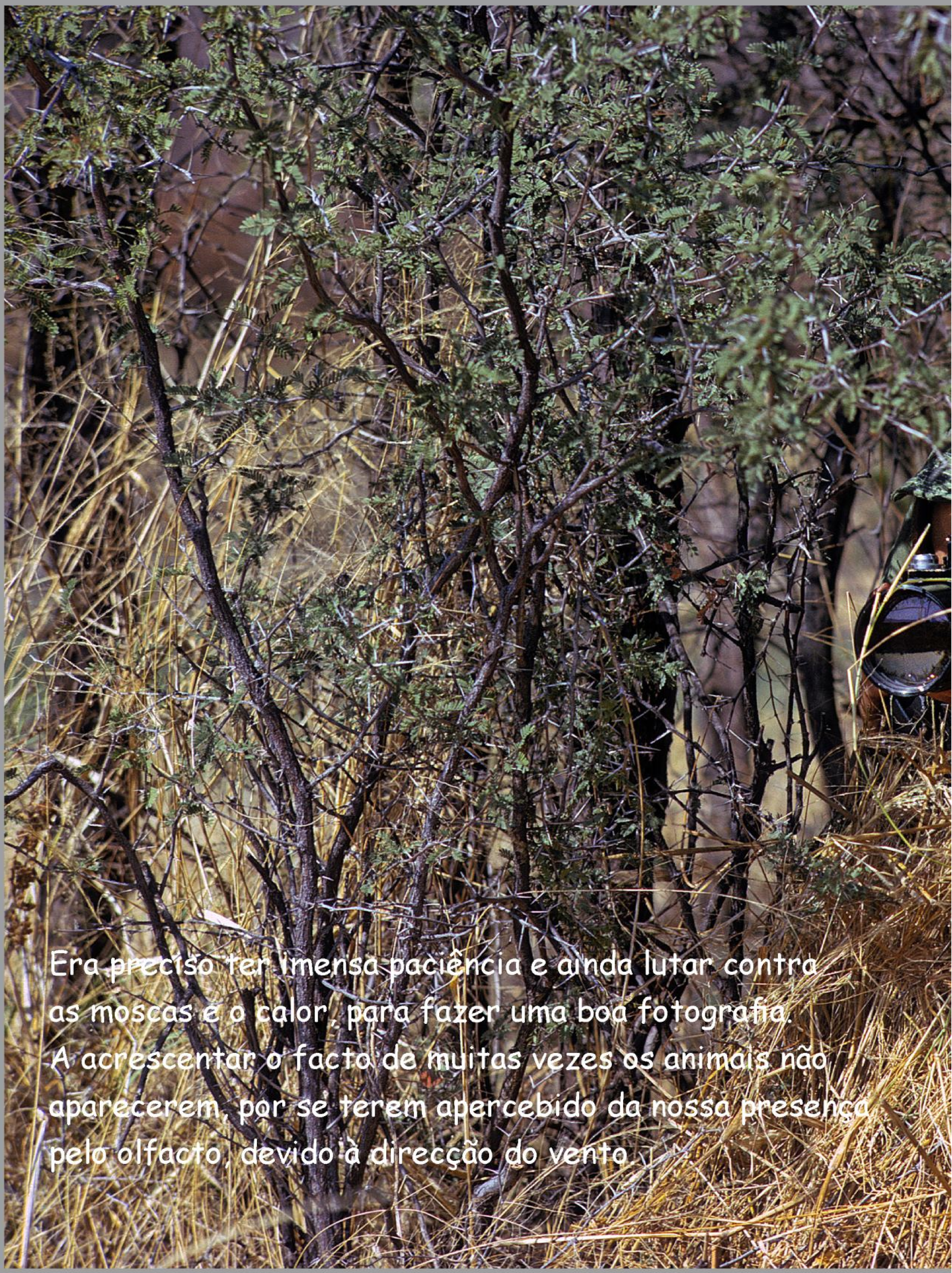
525



526



527



Era preciso ter imensa paciência e ainda lutar contra as moscas e o calor, para fazer uma boa fotografia. A acrescentar o facto de muitas vezes os animais não aparecerem, por se terem apercebido da nossa presença pelo olfacto, devido à direcção do vento.



528



529



530



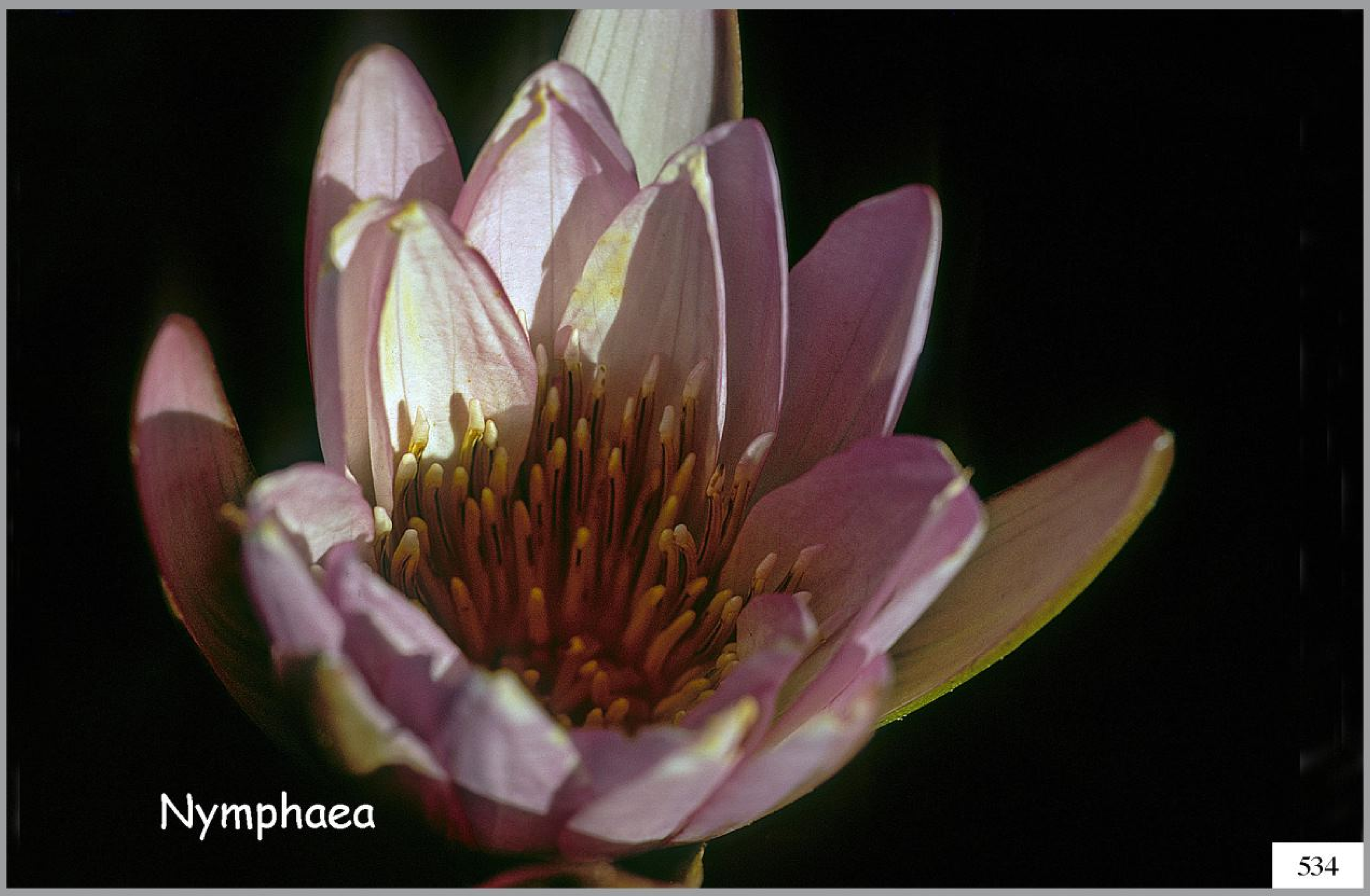
531



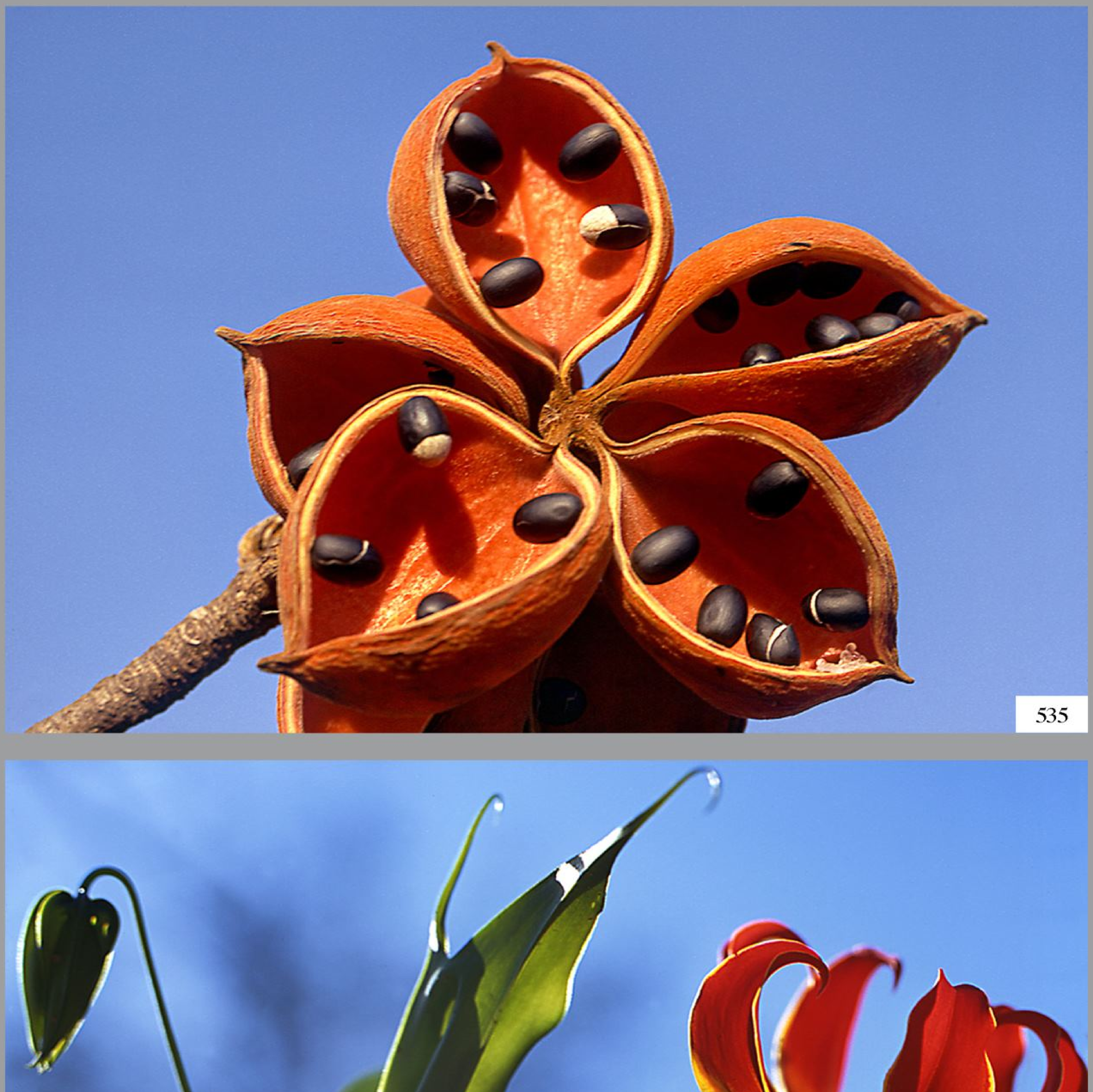
532



533



534



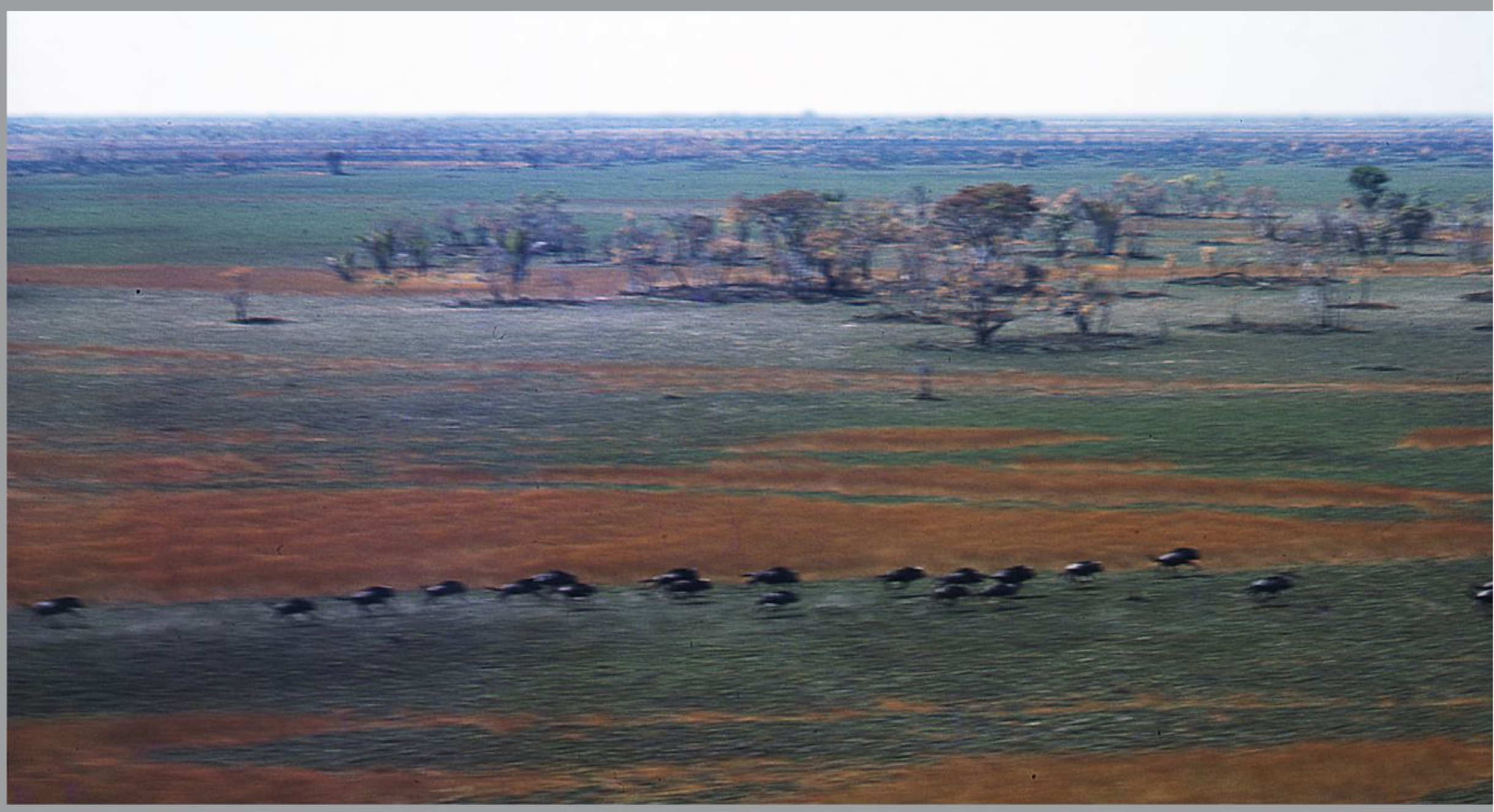
535

Gloriosa Rothschildiana

536

LESTE DE ANGOLA







537



538



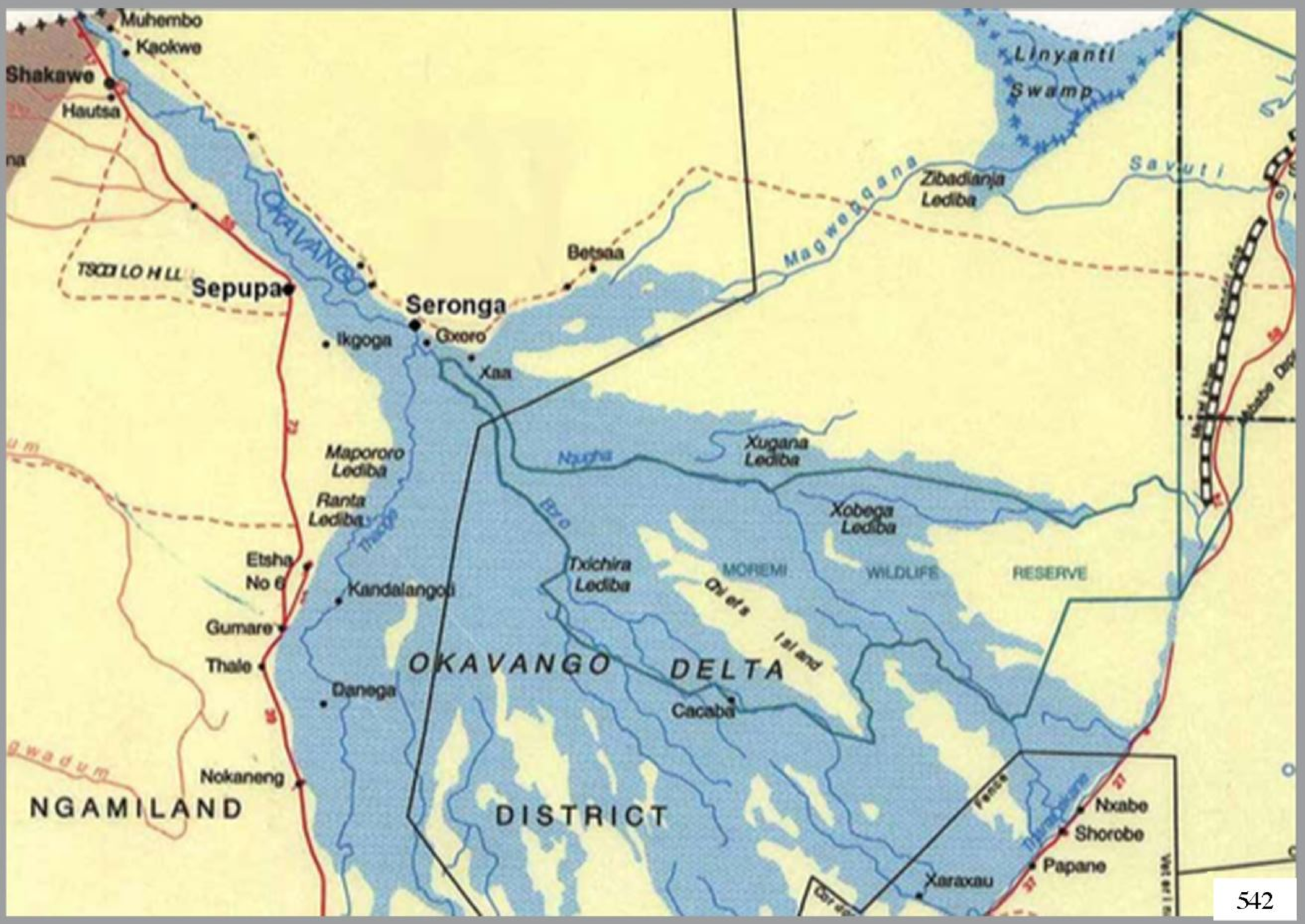
539



540




541

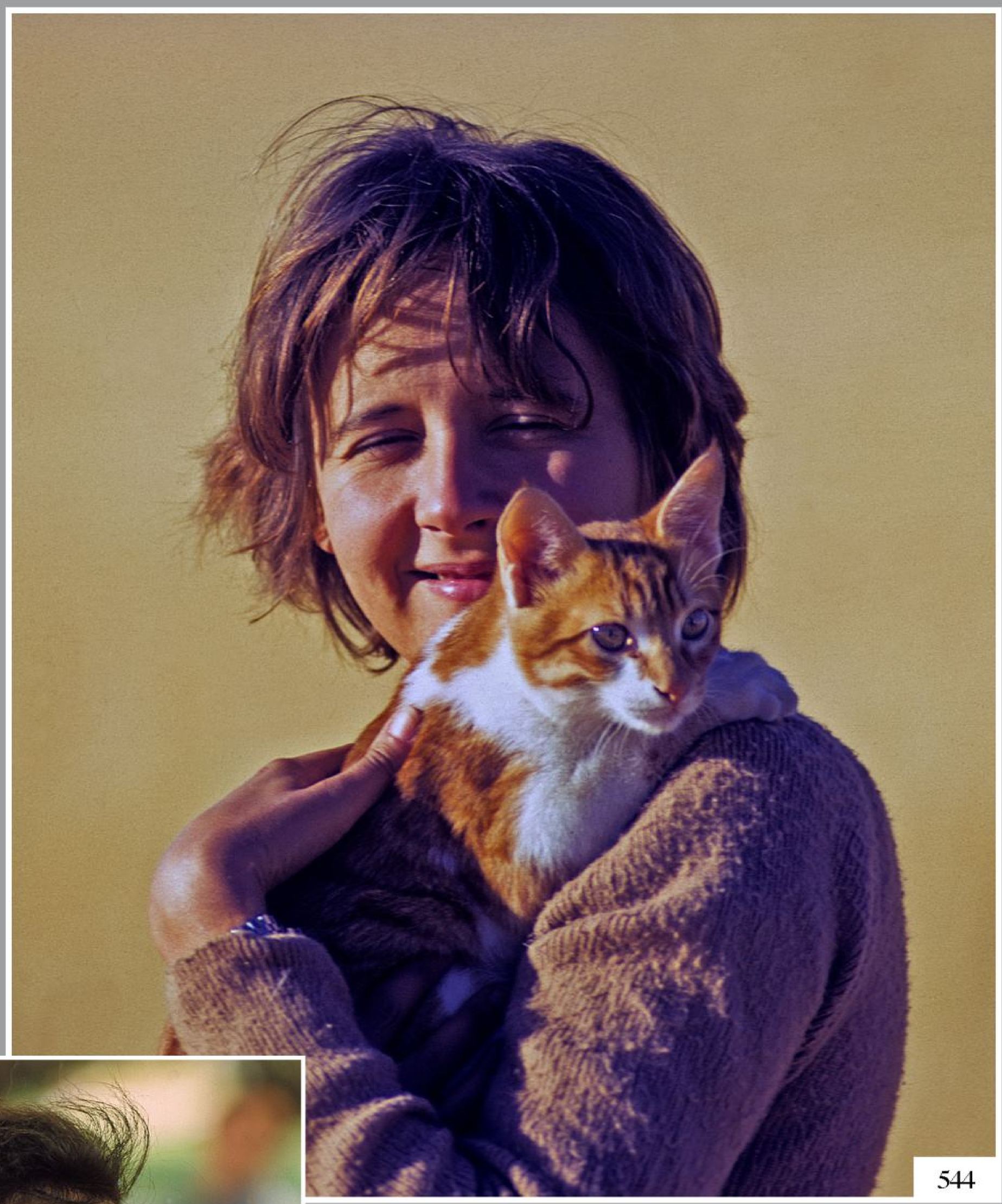


Como se pode observar neste mapa, a partir do Norte do Delta do Okavango, existe uma ligação dos rios Magwekwana e Linyanti (Cuando) com o Rio Zambeze e consequentemente com o Oceano Índico.
Contudo, esta acontece somente na época das grandes chuvas, no Planalto Central Angolano.



Novo mapa onde se observa perfeitamente a ligação entre o Delta do Cubango, o rio Cuando e por fim o rio Zambeze, que vai desaguar no Oceano Índico.

No tempo das grandes chuvas no Planalto Central Angolano, uma mínima parte da água do Cubango vai ter ao Oceano Índico.



544



545

A HISTORIA DO GASTINHONÉ...

A Christine adorava gatos e não descansou até que alguém lhe ofereceu um, ainda muito jovem. Deixei-lhe a opção de escolher um nome para o bichano e depois de algumas hesitações, este surgiu: «GASTINHONÉ».
Achei o nome feio, bizarro, mas apesar de lhe propor outros nomes mais aceitáveis, permaneceu inflexível.Nada que eu dissesse a demovia, era aquele o nome que lhe agradava e por isso acabei por desistir.
Em princípios de Setembro de 1974 já era muito perigoso
circular pelas estradas de Angola. Assim, convenci a Christine a regressar a França, ficando eu em Luanda afim de resolver toda uma série de assuntos, sendo o mais importante, o transporte das dezenas de milhares de slides e fotos a preto e branco e se possível de algum do equipamento fotográfico.
As negociações com o CITA arrastaram-se durante quatro meses e em meados de Dezembro lá consegui o meu bilhete de avião e que as três enormes malas de ferro, contendo os meus restantes bens, me acompanhassem. Consegui-o graças a minha irmã Juby, hospedeira na TAP, pois em fins de Dezembro de 1974 já era muito difícil deixar Angola.
Mas voltando à história do bichano...
Antes do regresso, oferecemos o gato a uns amigos que habitavam em Nova Lisboa e nessa altura, veio à baila o respectivo nome.
Foi então que a Christine, que falava muito mal português, conseguiu finalmente explicar a origem deste nome singular: «Gastinhoné», disse, era o nome de um dos chefes Angolanos, que na altura estava muito em voga.
Tratava-se, nem mais nem menos, de ... AGOSTINHO NETO !!!

J. C. Pinheira

ANGOLA

Angola não deixou indiferente quem por lá passou, porém, escrever sobre Angola, é como narrar a história de uma paixão. Faço-o com entusiasmo, mas também com aquele pudor que a descrição de uma paixão nos causa.

Obrigo-me a olhar para trás e sinto-me engolida pelos fantasmas das minhas memórias de infância.

Do sol, que cortava a limpidez do ar, fazendo refulgir cada ínfimo detalhe da natureza deslumbrante. E que se punha numa esplendorosa explosão de cor.

Do cheiro da chuva. E dos aromas que a chuva soltava da terra molhada.

Da imensidão das distâncias, de horizontes longínquos. Grande e grandioso, os dois adjectivos juntos num só, indissociáveis.

Do deserto do Namibe, extensões a perder de vista de areia e rochas estéreis, que a visita da chuva atapetava de flores.

Do bailado do sol no ondulado suave do mar, que no mês de Março se transformava em Calema, invadindo com fúria a cidade.

Do ar denso. Denso do calor, denso do zumbido dos insectos, denso do aroma do capim seco, misturado com o cheiro da fuba, a cozer no fogareiro de carvão.

Das pétalas das acácias rubras de Massangano, tombando indolentemente sobre noivas imaginárias, traçando sob os seus pés uma passadeira vermelha até ao forte.

Memórias. Entrelaçadas com sonhos. Entrelaçadas com desejos, que ficaram por realizar.

África não deixa ninguém indiferente. Marca com ferrete quem por ela passa. Ou talvez (quem sabe) desperte em nós uma memória ancestral, a da origem, a do berço da Humanidade.

Coimbra, 30 de Maio de 2019 Isabel Jorge

OUTRAS MARAVILHAS DE ANGOLA

Tundavala
Serra da Leba
Pungo Andongo
Quedas do Duque de Bragança
Quedas do Dala e do Ruacaná
Rios Cubango, Cunene, Cuanza
Monte da Lua (Luanda)

...e tantas outras paísagens que me foi impossível fotografar por falta de meios e de tempo.

J. C. Pinheira



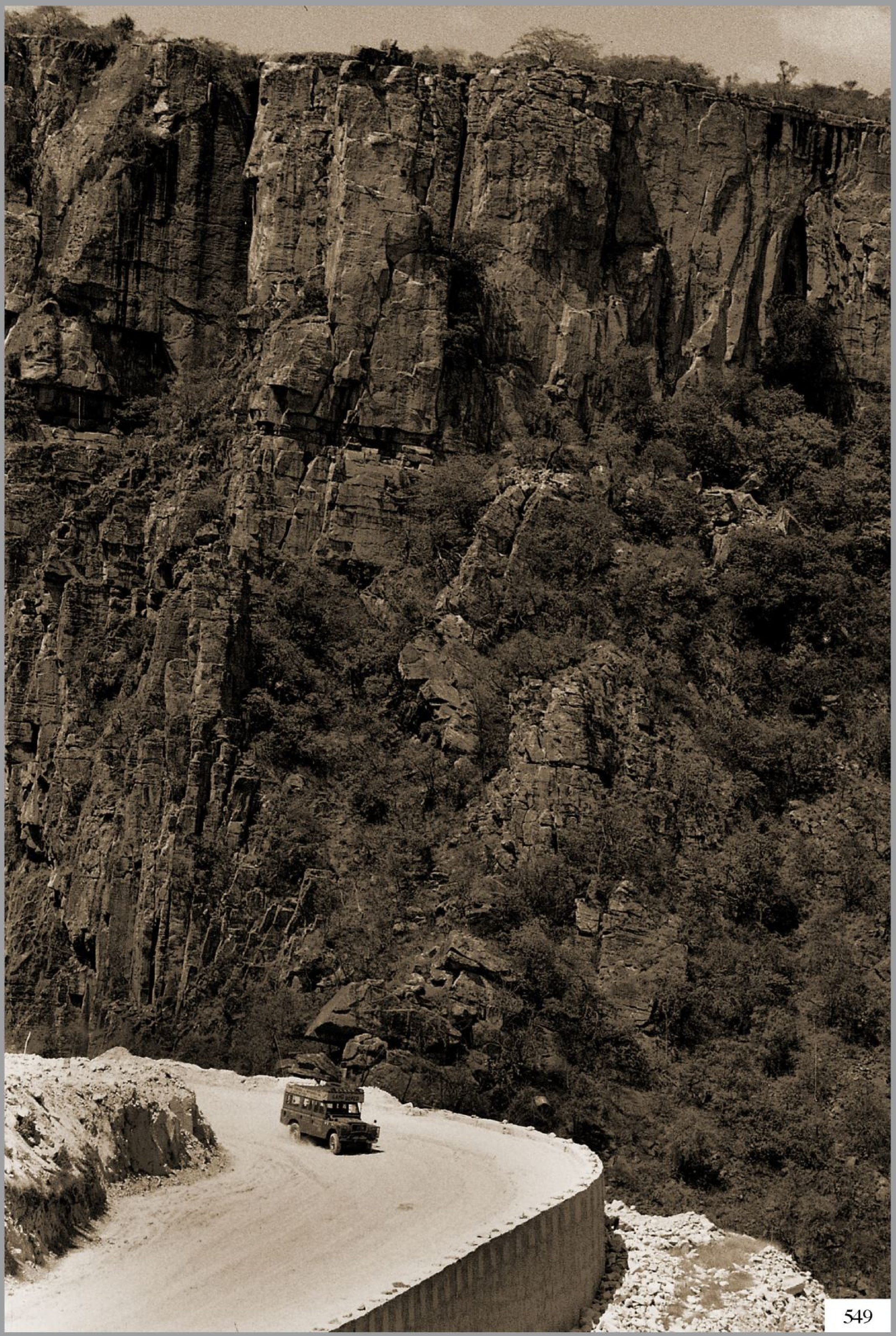

TUNDAVÄLA
546



547



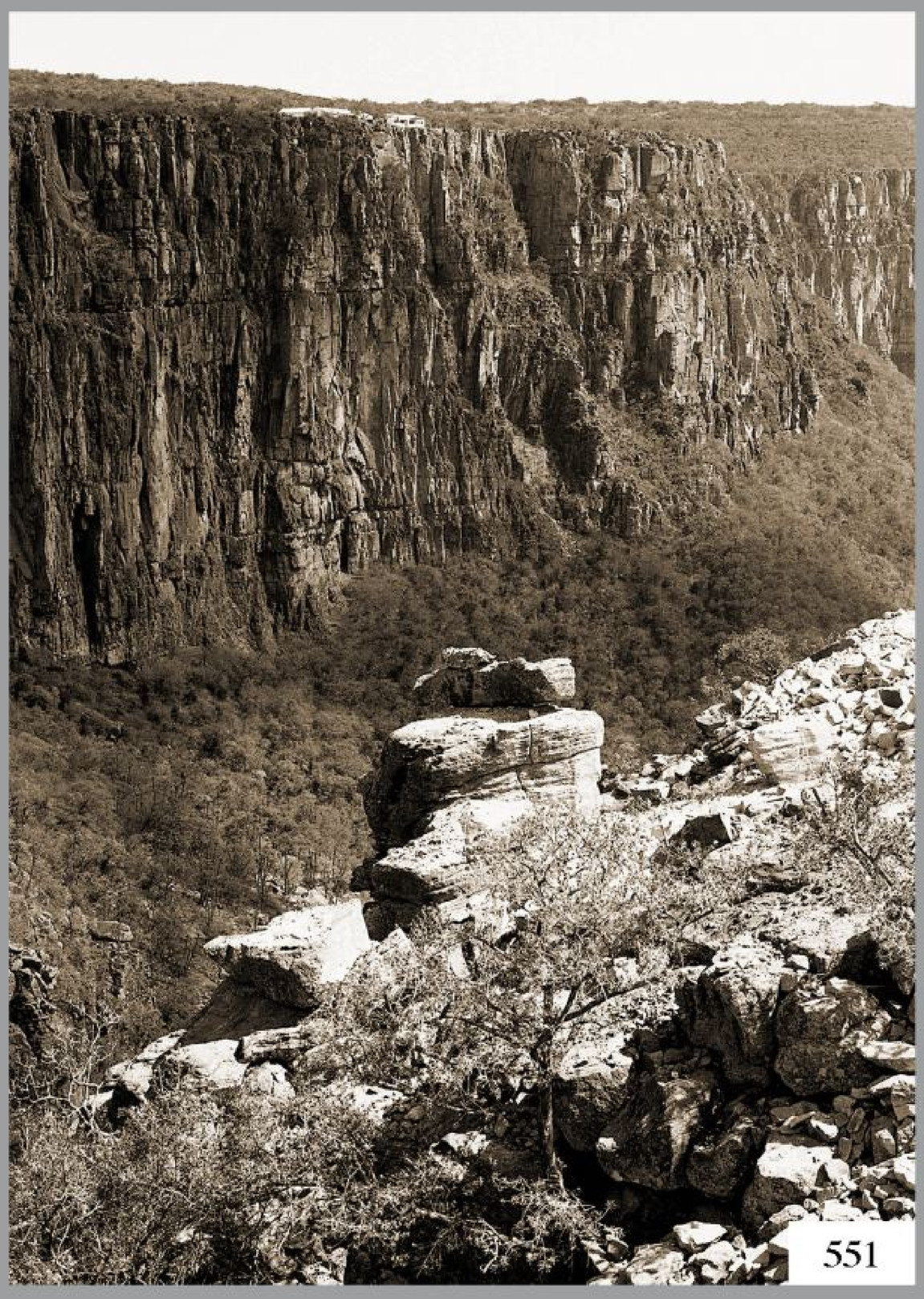
548



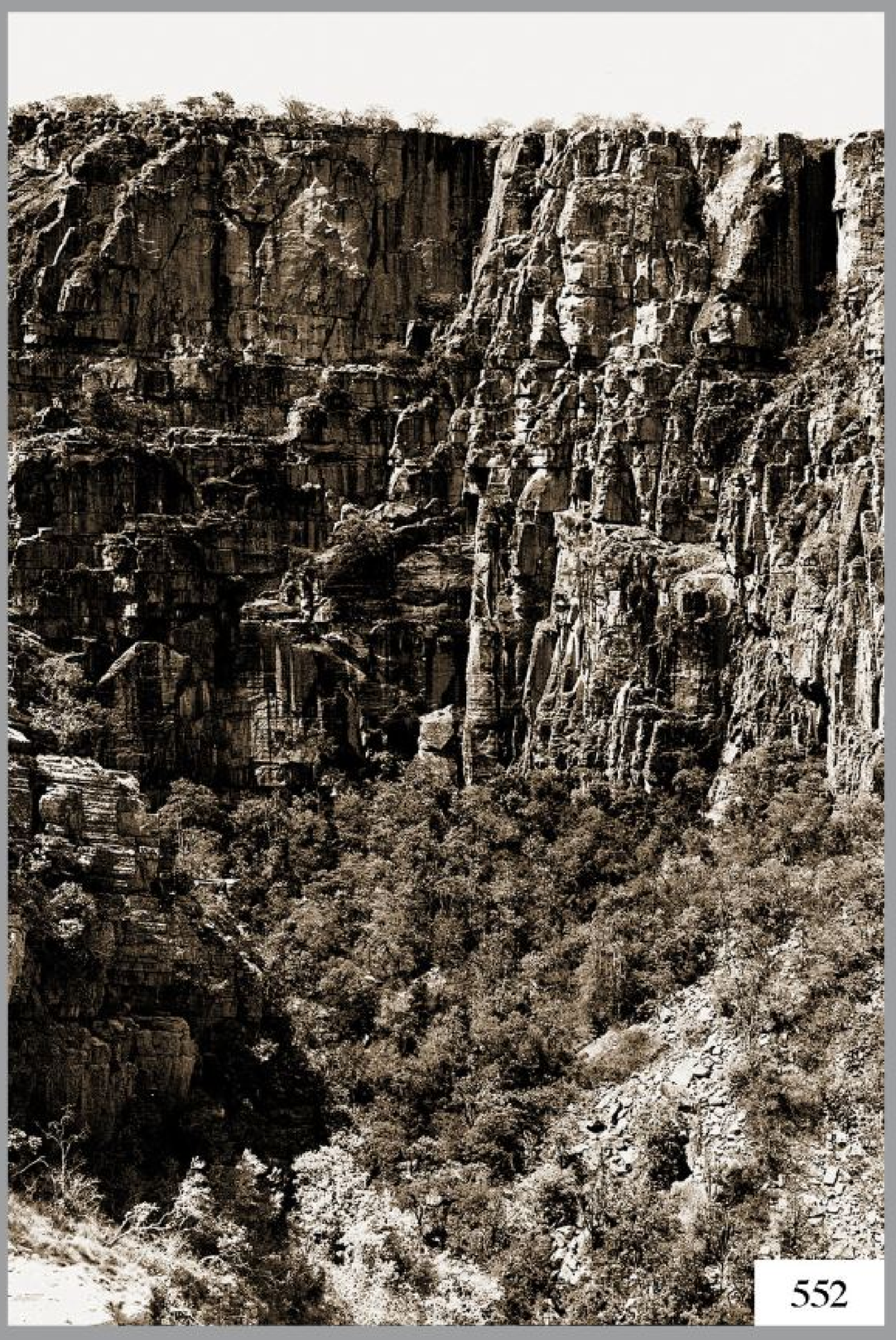
549



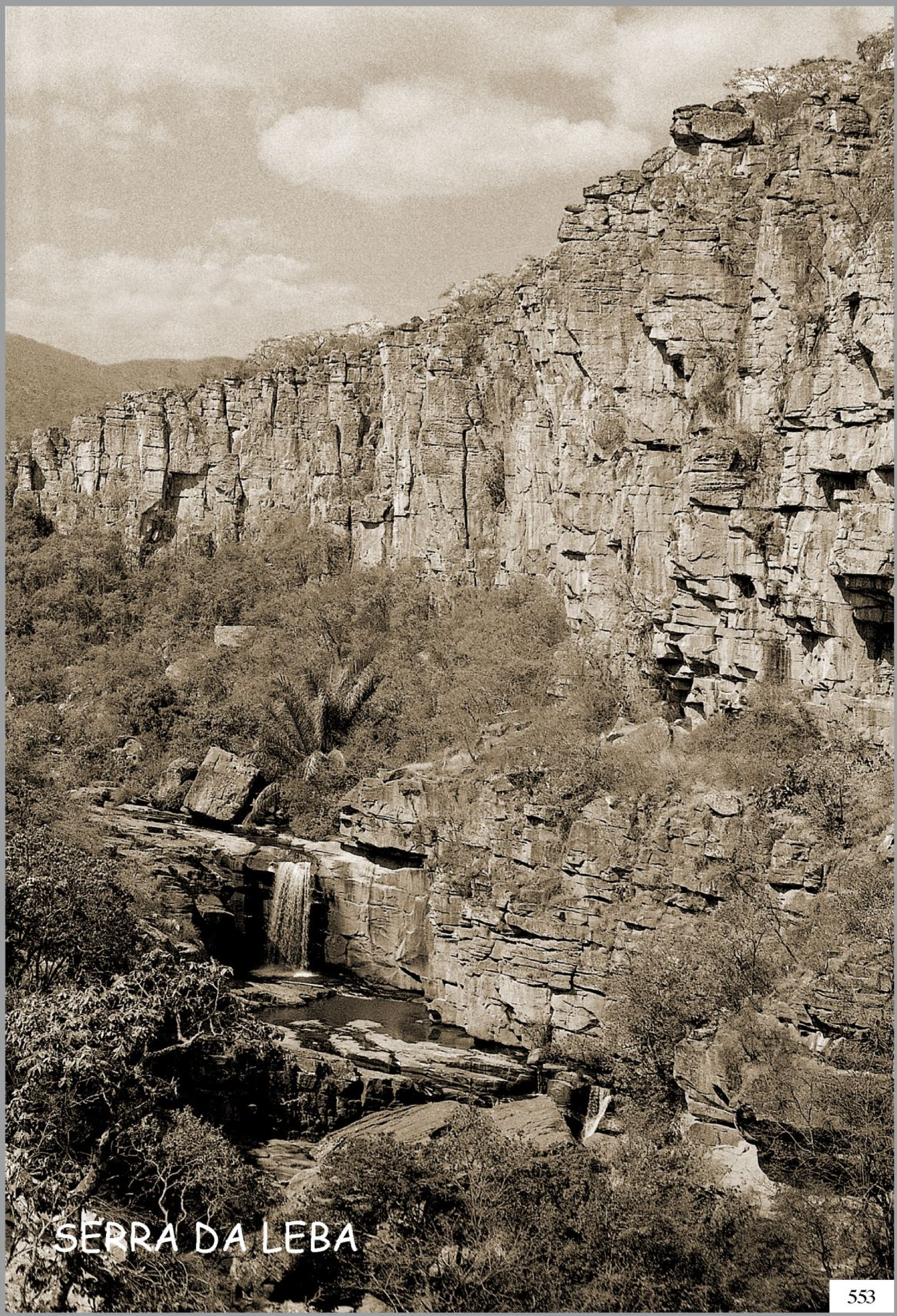
550



551



552


SERRA DA LEBA
553



554


555



556



557

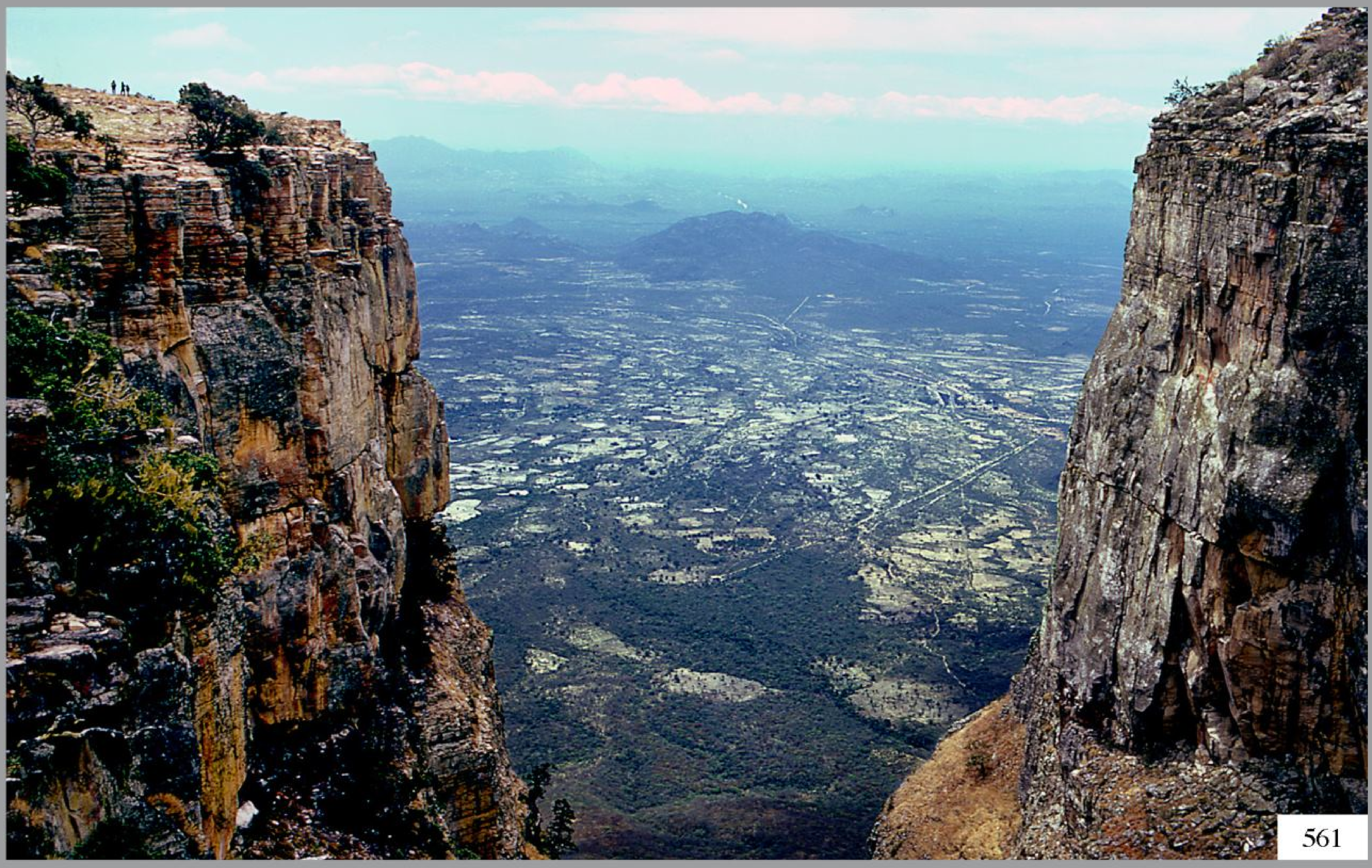
Nas encostas da Serra da Leba existem numerosas cascatas, de águas puras de nascentes, que jorram formando lindíssimas lagoas. Estas, por sua vez, dão origem a novas pequenas quedas...

558


559



560



561



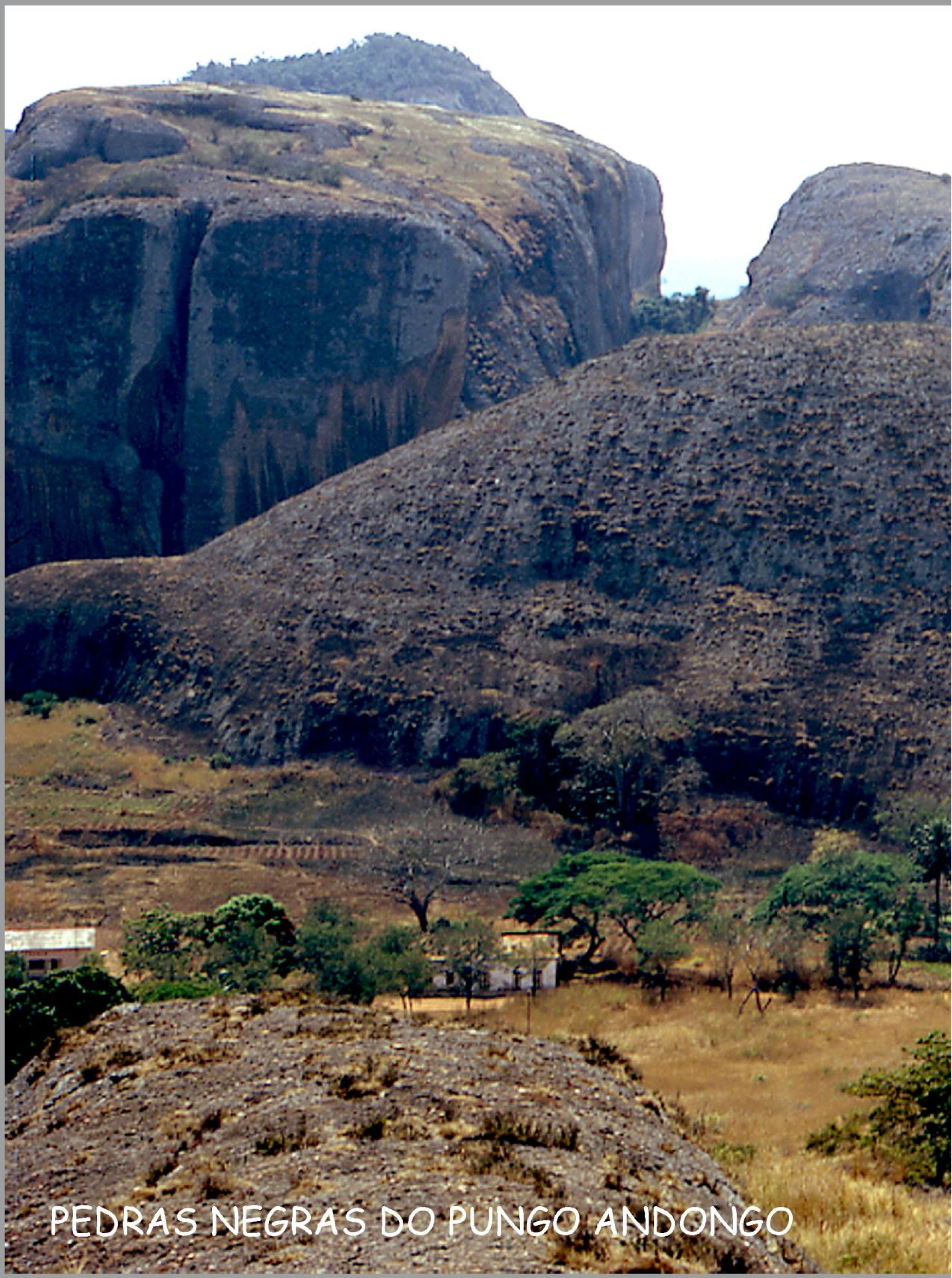
562



563



564


PEDRAS NEGRAS DO PUNGO ANDONGO

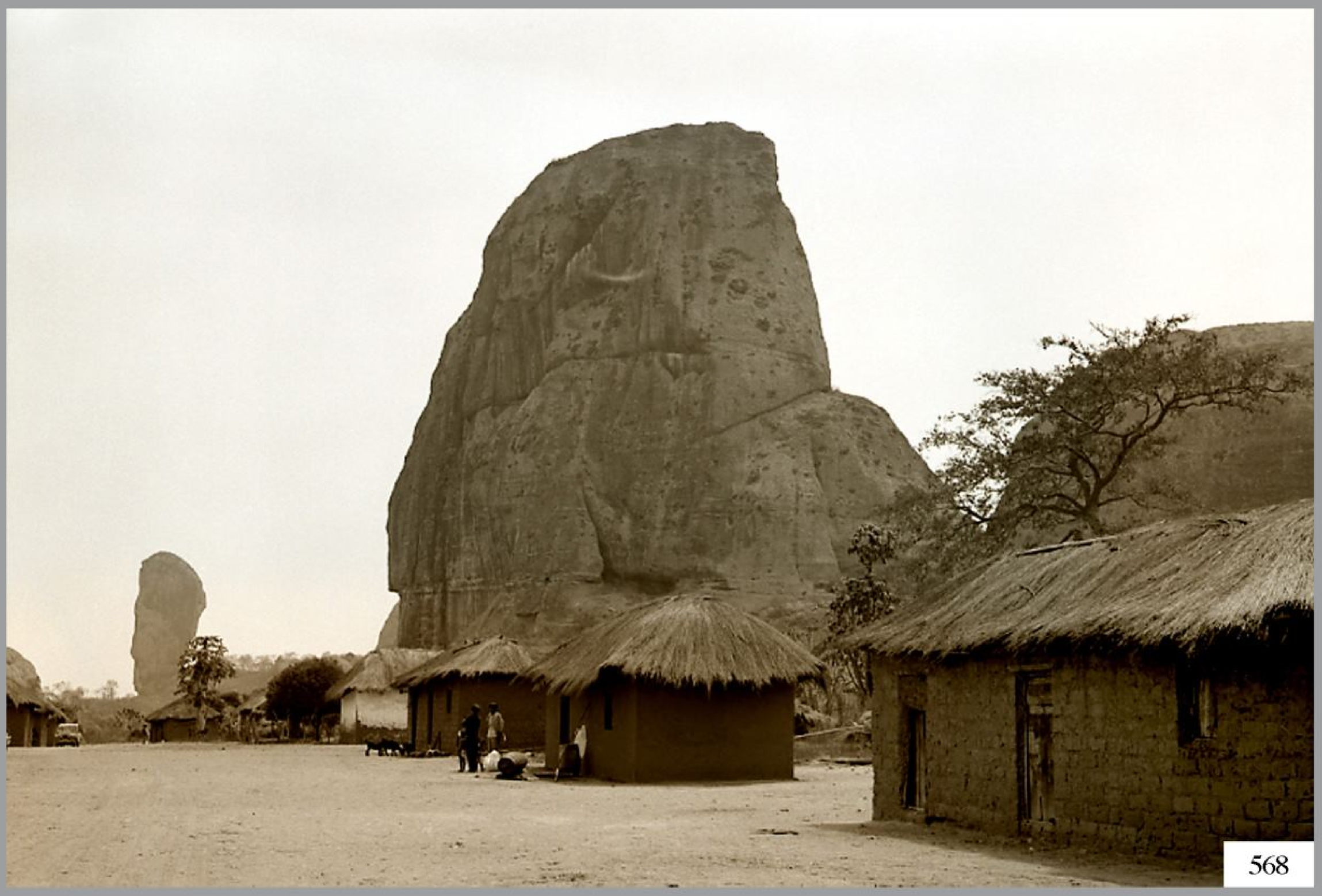

565



566



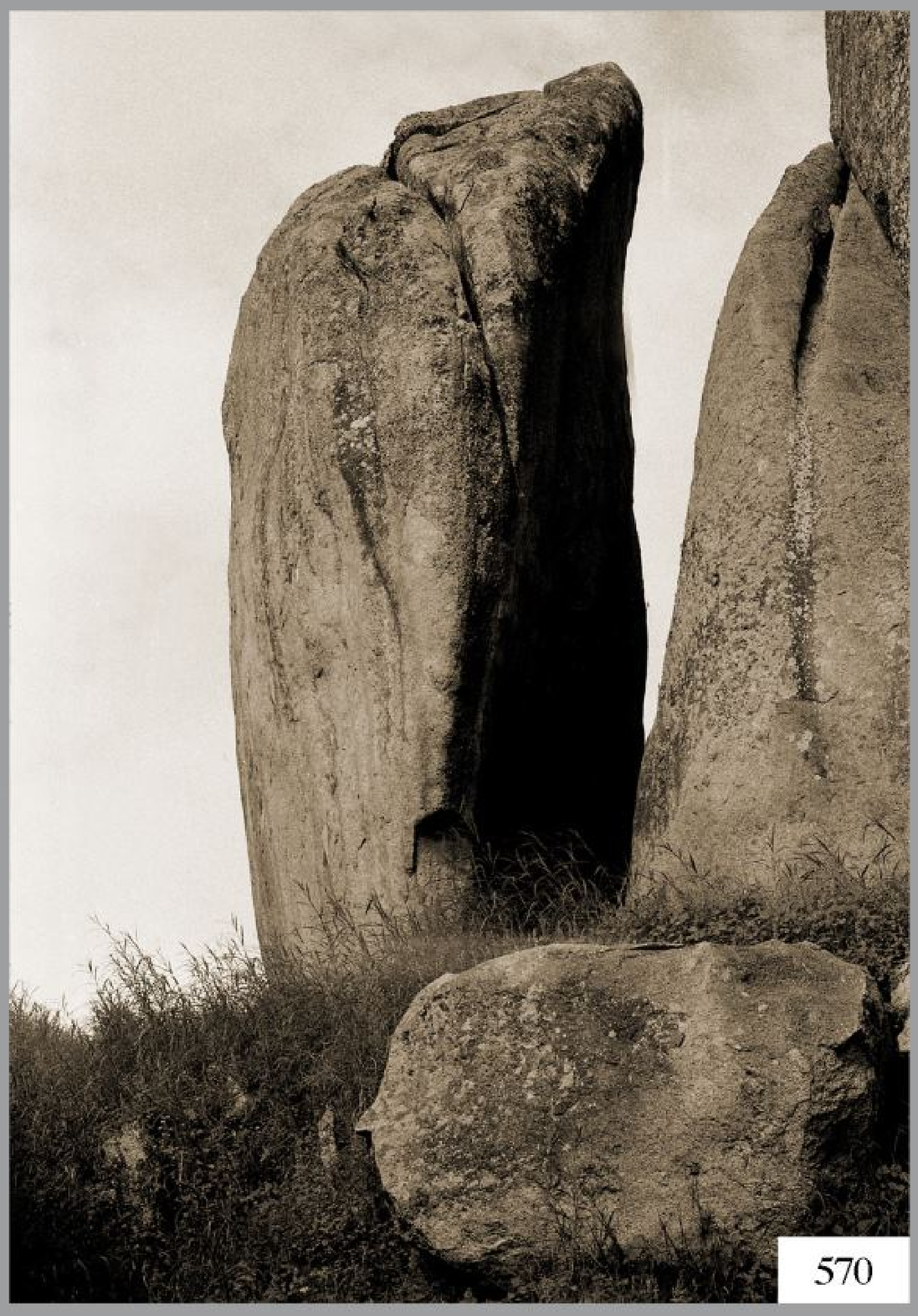
567



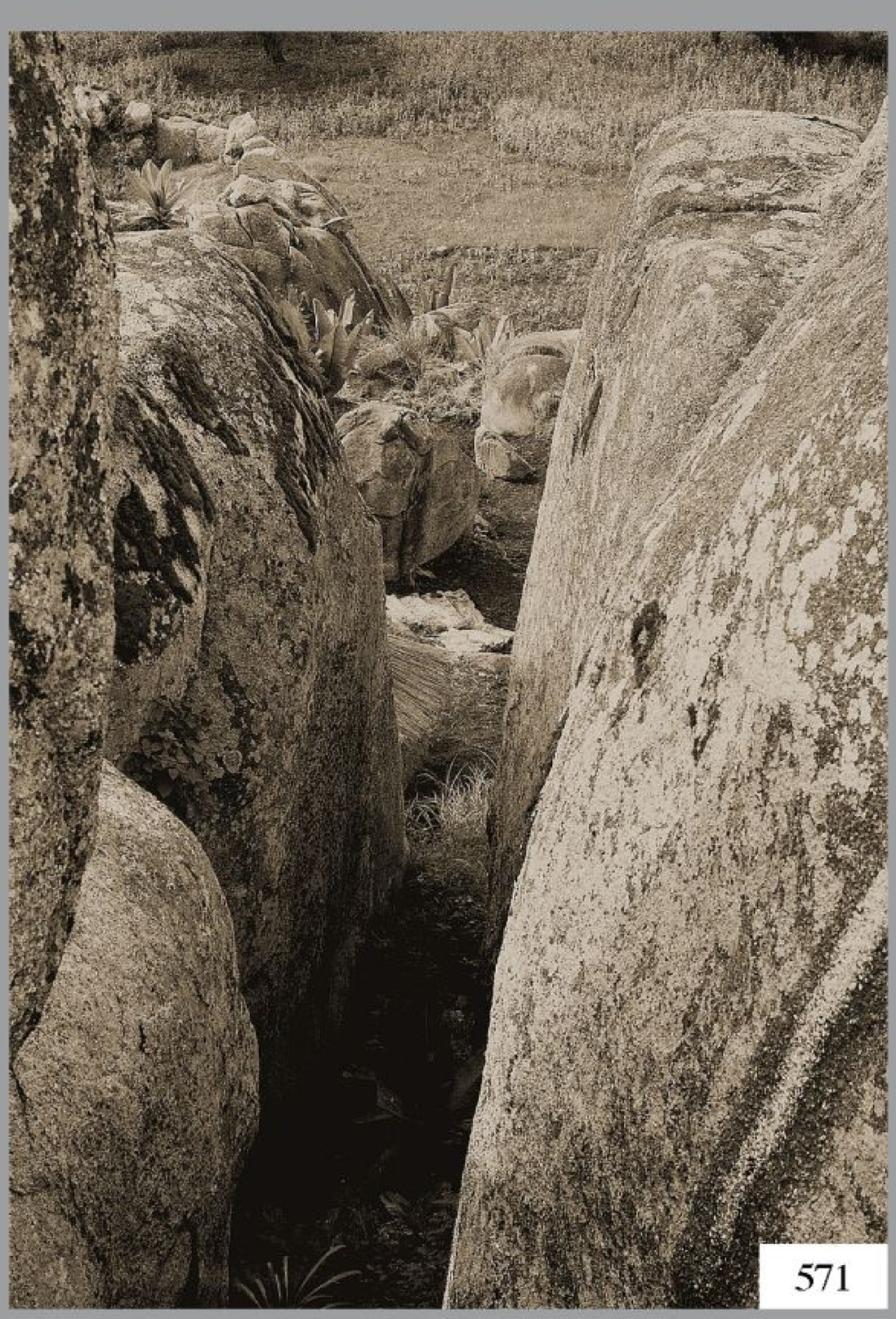
568



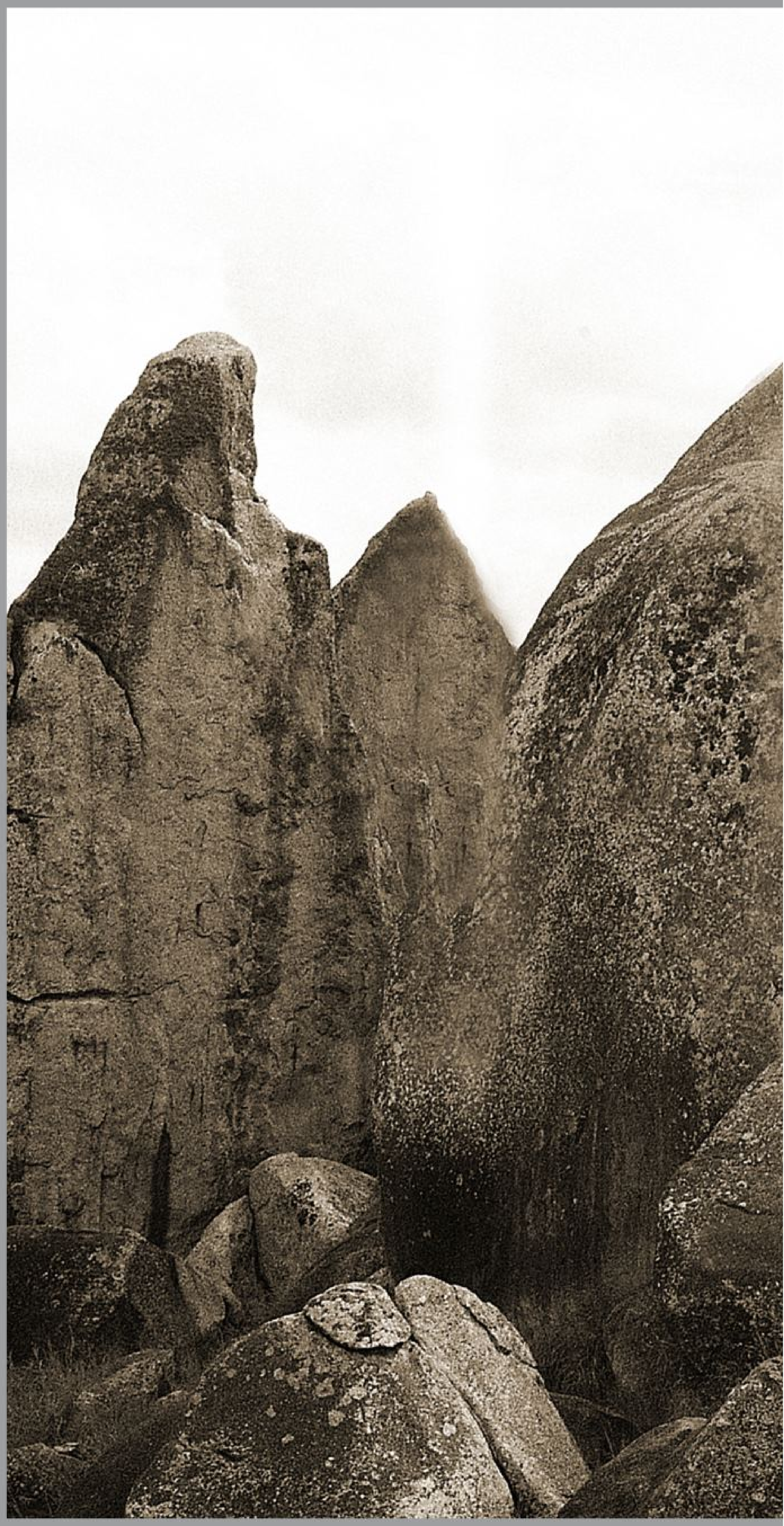
569



570



571




572


QUEDAS DO DUQUE DE BRAGANÇA



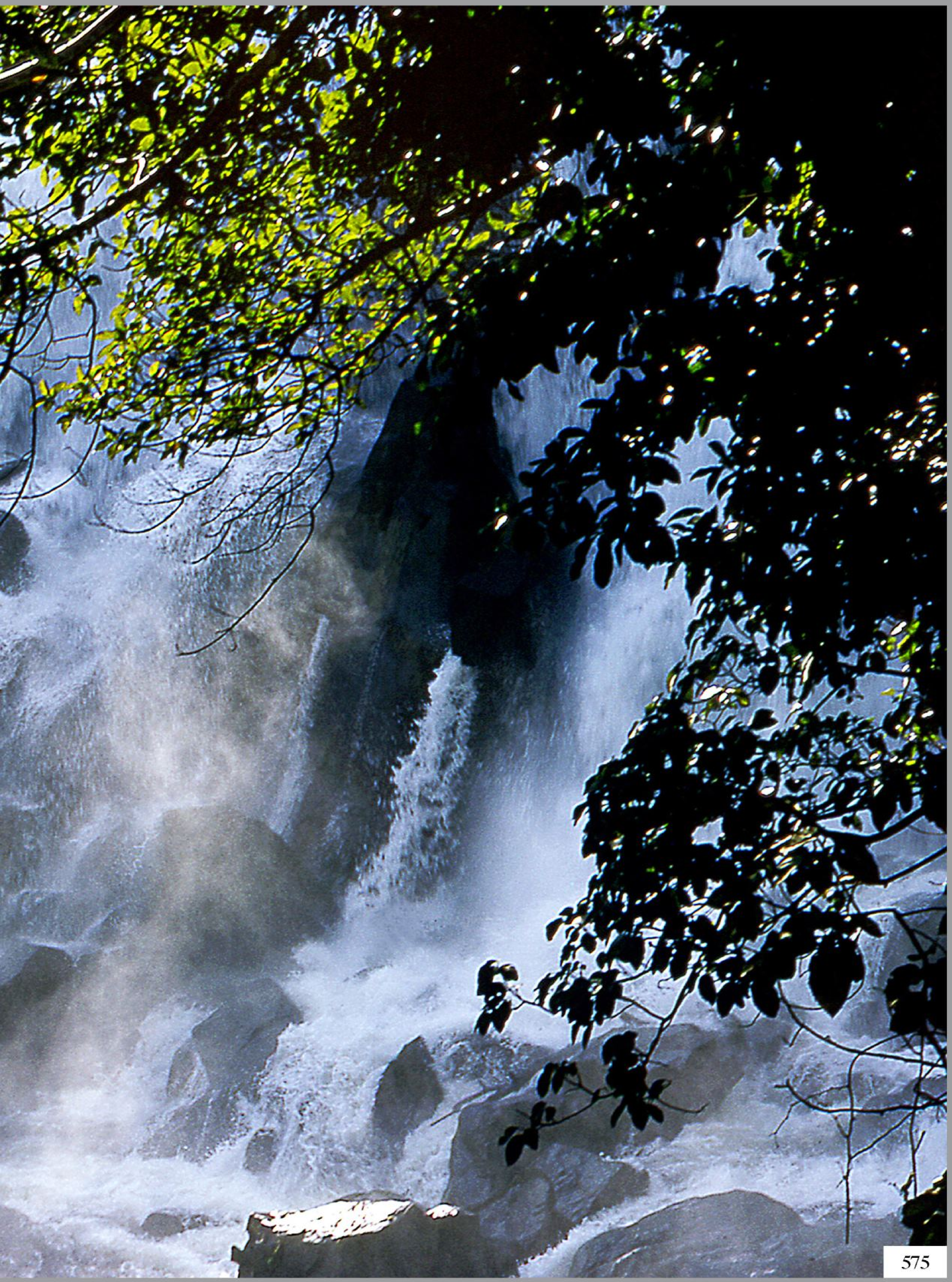
573





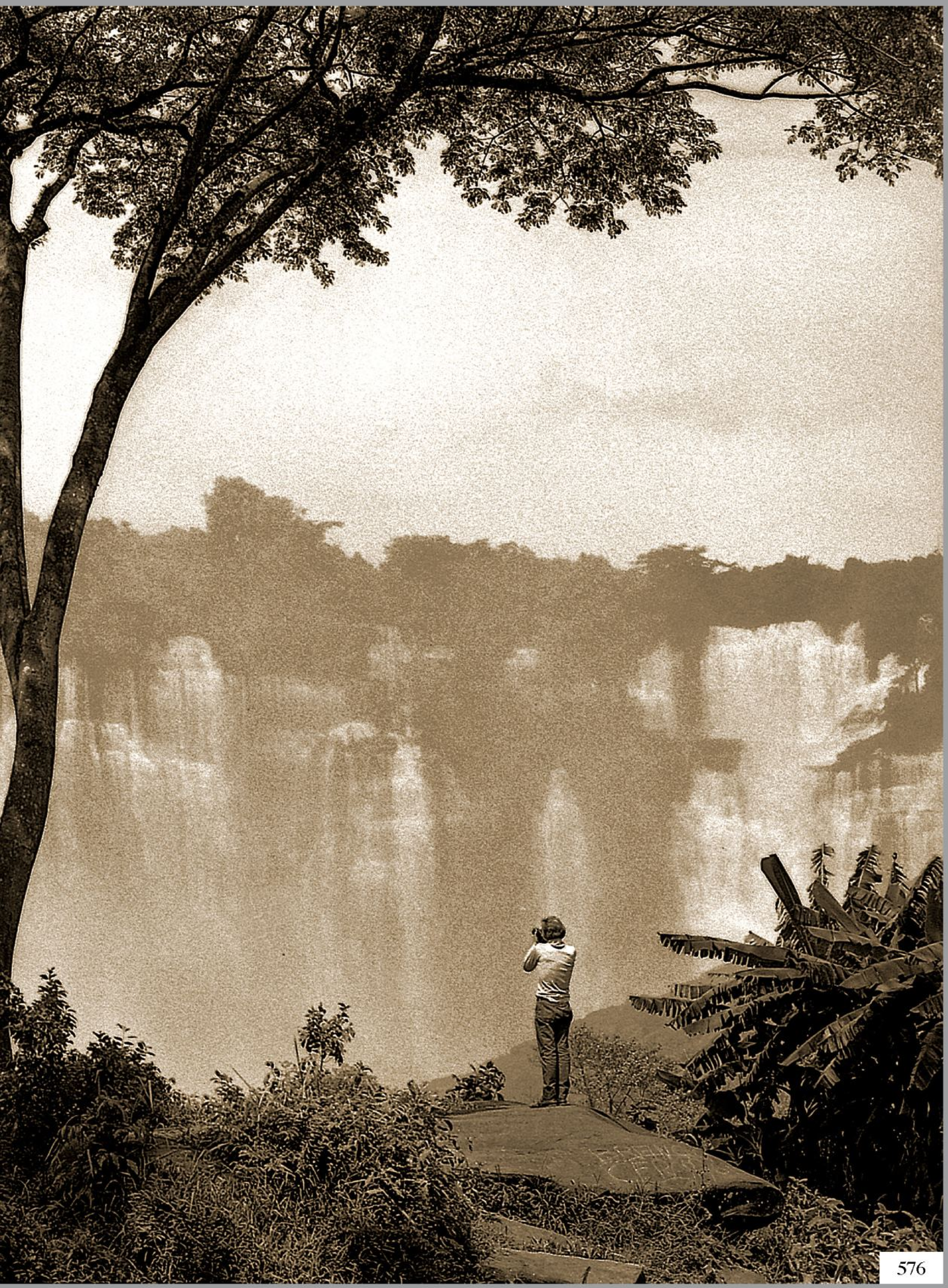
574





575





576



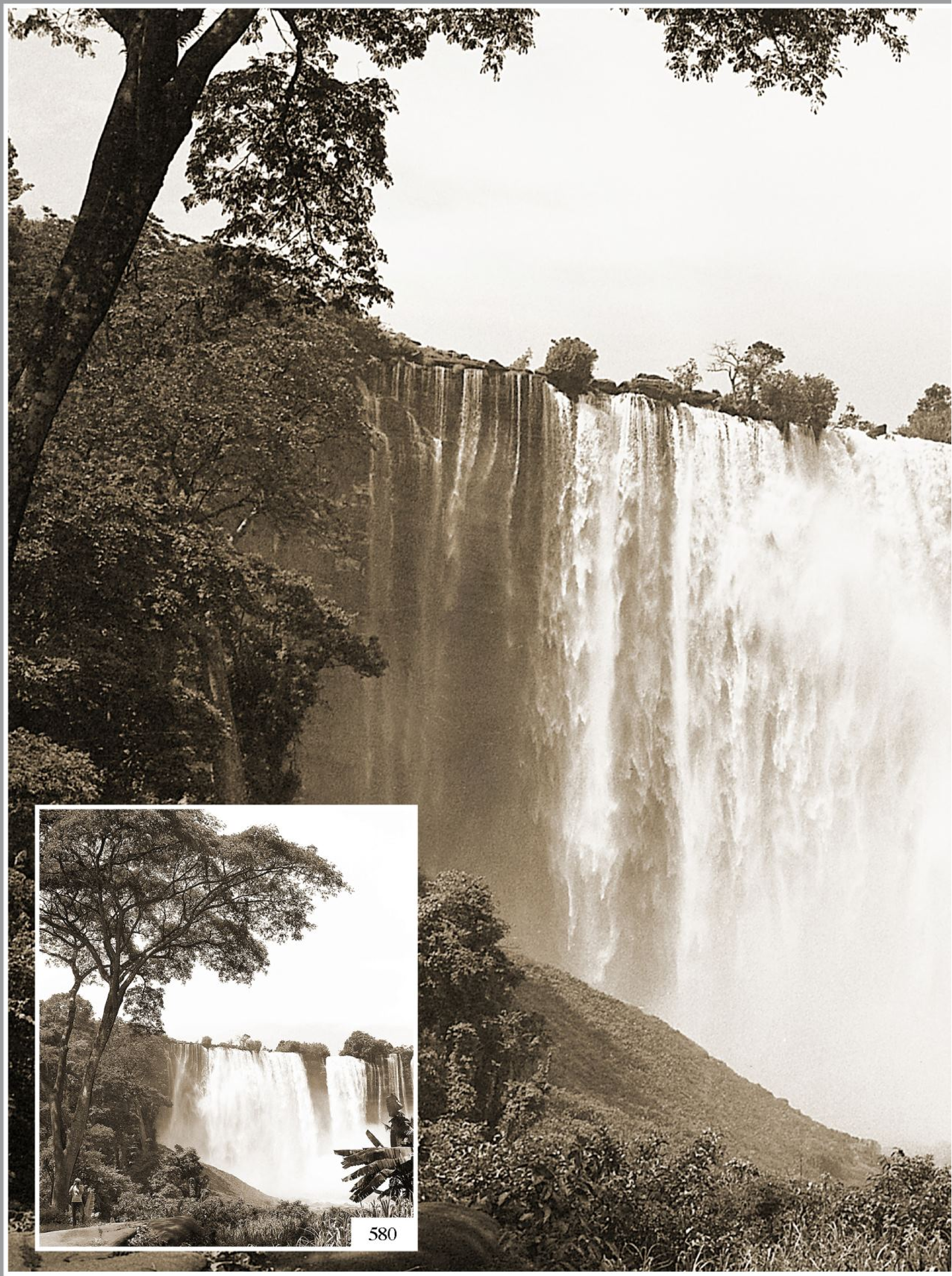
577



578



579



580



581



583



5

582

584

585

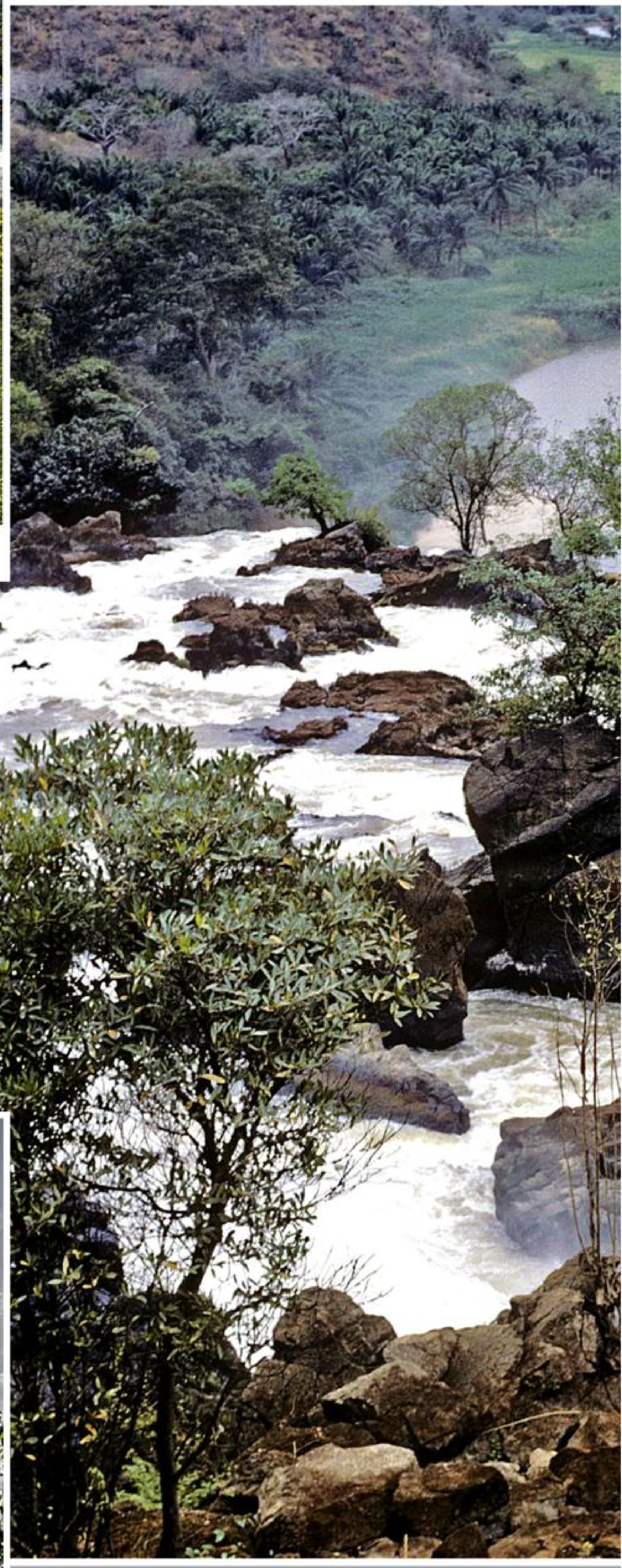




586



587





588



589





590

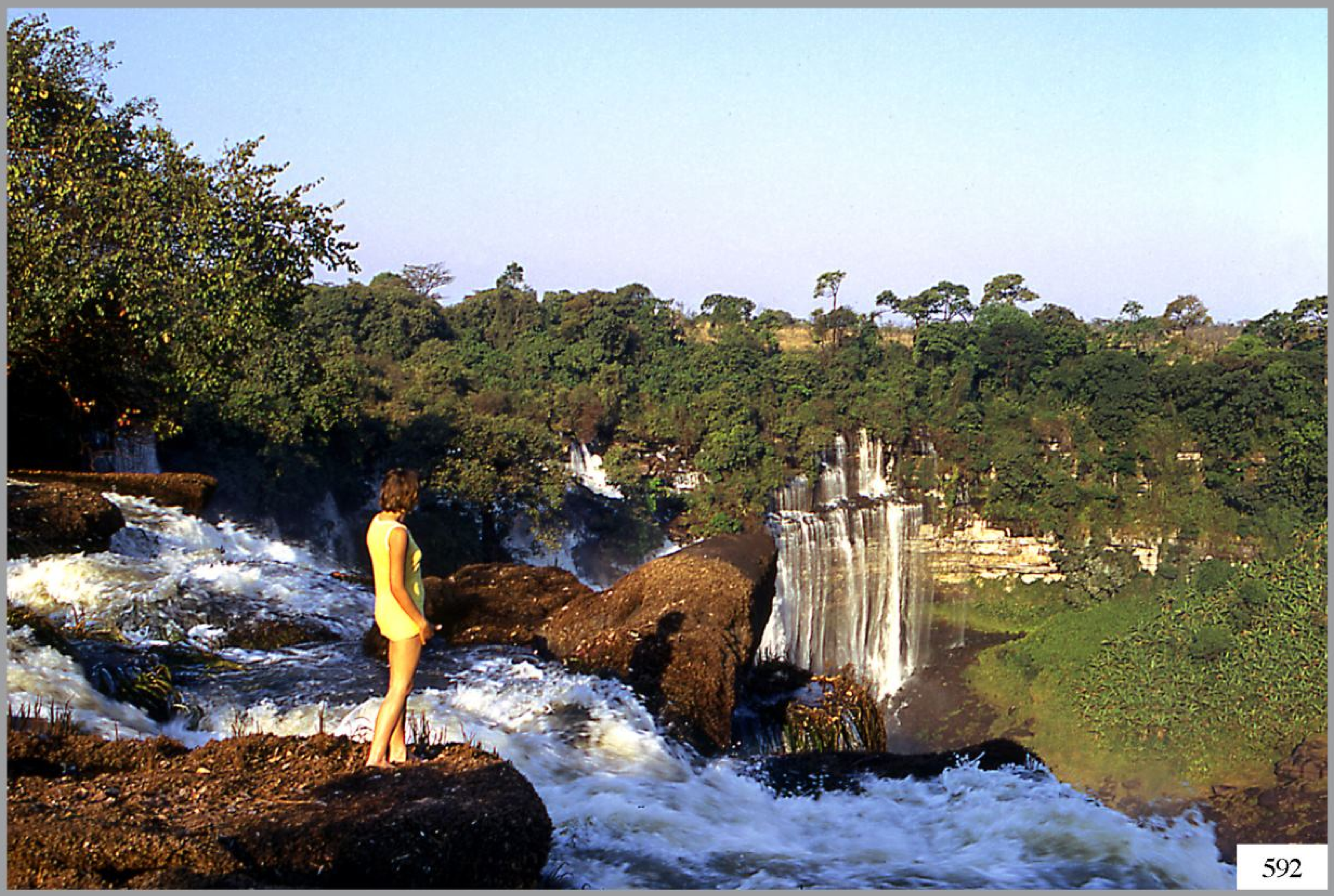



591

QUEDAS DO DUQUE DE BRAGANÇA

Maravilhosas Quedas do Duque de Bragança!
Poderia ficar neste local dias e dias a fotografar, pois a sua beleza pode ser capturada de milhares de ângulos diferentes!
Também aqui, fiz muitas e lindas fotos de «nu e natureza», tendo como modelo uma paciente Christine, que além das idiossincrasias do fotógrafo, teve que tolerar a temperatura pouco aprazível da água. Incluo algumas destas neste livro, mas desenganem-se aqueles que conheceram as Quedas invadidas por visitantes ao fim de semana: durante os restantes dias, a única testemunha das sessões fotográficas, foi a Natureza.

J. C. Pinheira



592



593

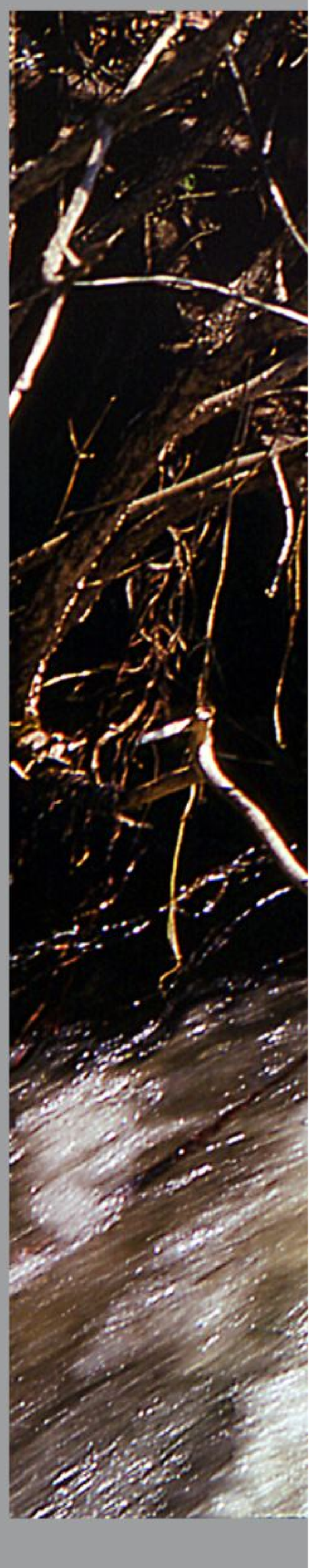


594



595


596





597





598



Nos fins de semana, as Quedas do Duque de Bragança atraíam grande quantidade de visitantes que enchiam o seu belíssimo restaurante.



599



600



601


QUEDAS DO DALA


602



603



604

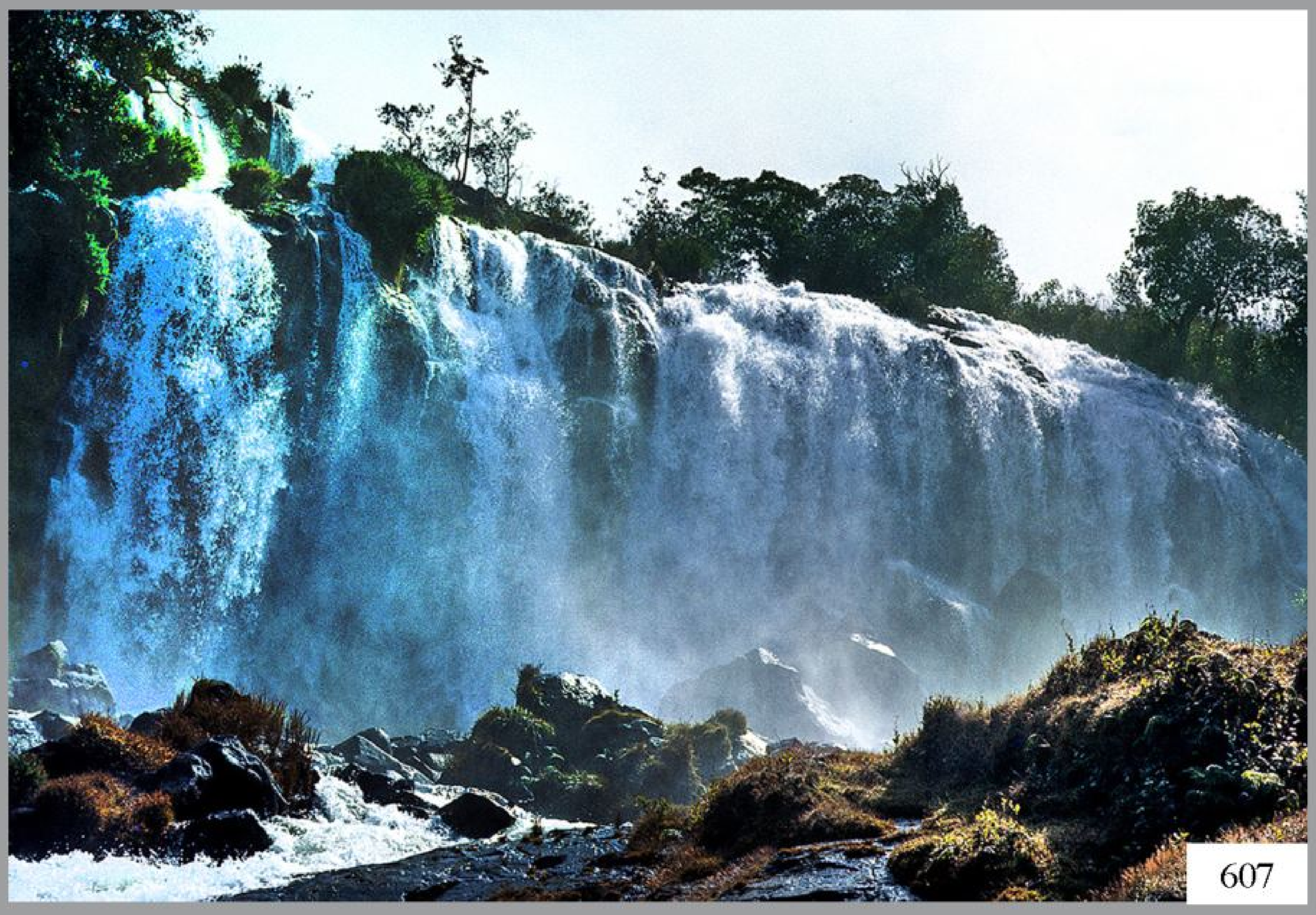


605

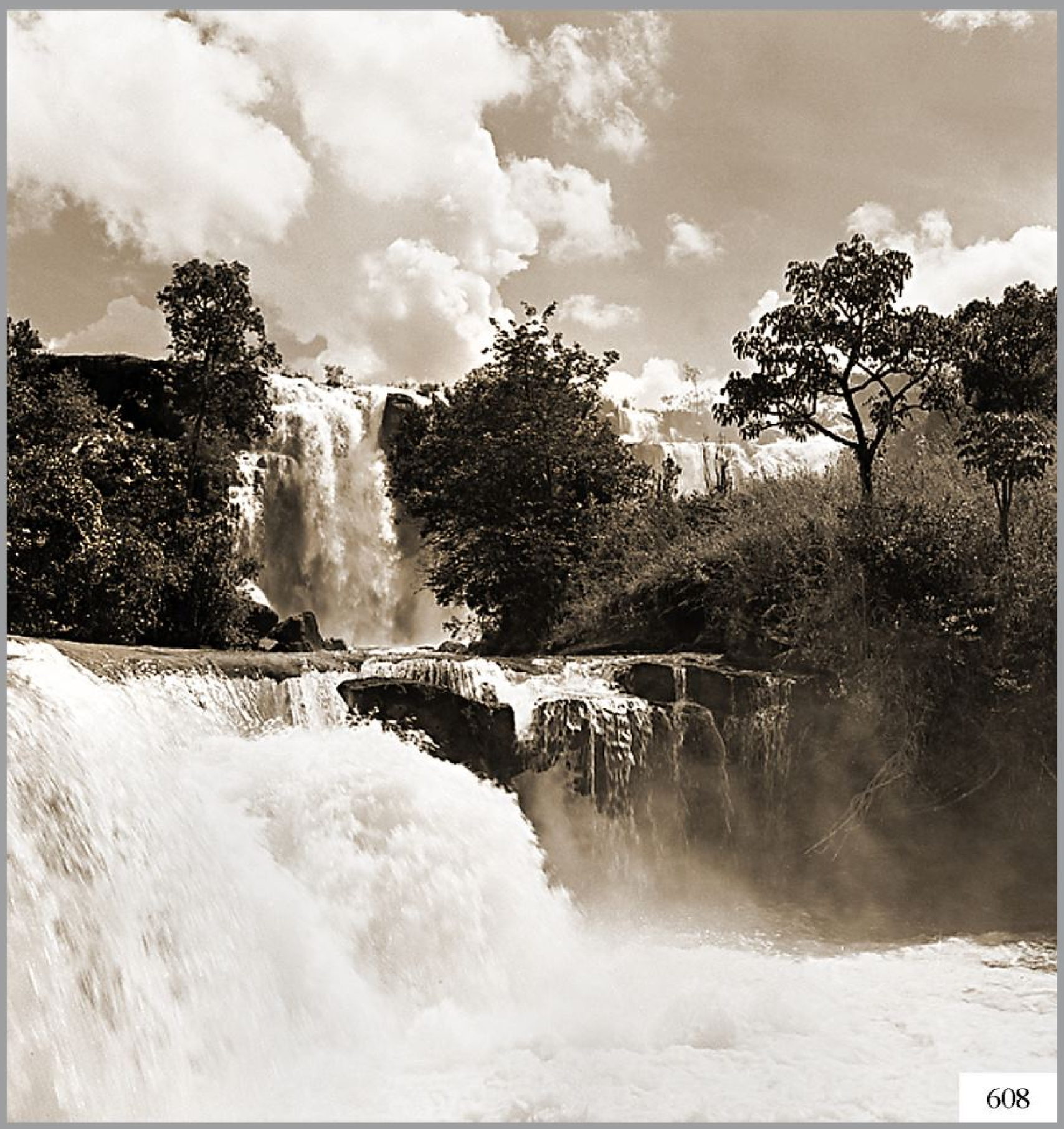




606



607



608



609





QUEDAS DO CHAFINDA



610

611





612





613





615



614



616



617



618





619





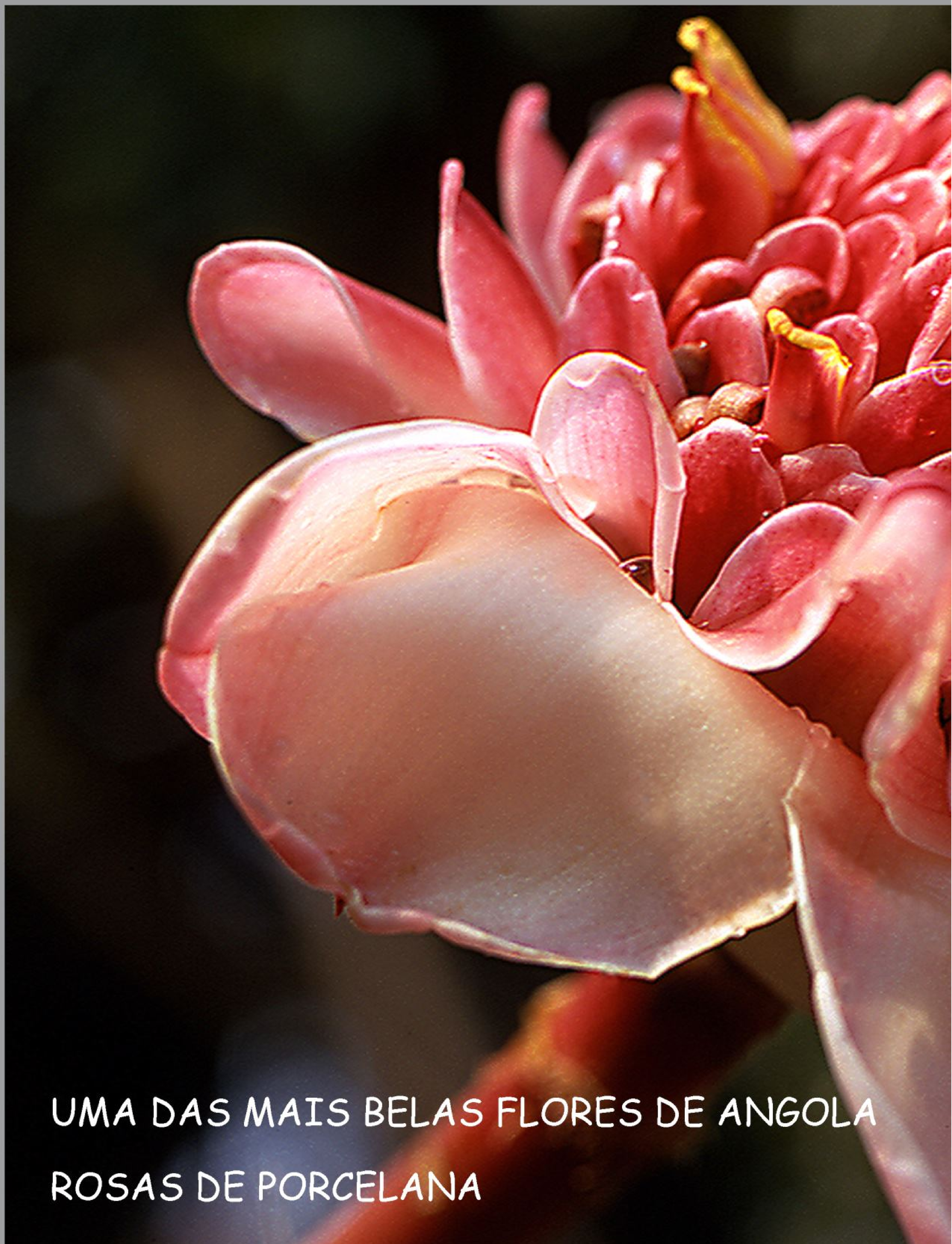
620



621



622


UMA DAS MAIS BELAS FLORES DE ANGOLA
ROSAS DE PORCELANA



623



Estas Fotos, com duas belezas extraordinárias, foram tiradas em Luanda, em 1972 por mim. Uma era a minha GATA de estimação,a IONA, a outra GATA morava num apartamento na Mutamba, com os Pais e o irmão mais novo. Nesta altura devia ter 17/18 anos.
Depois da independência de Angola nunca mais tive notícias da família. Não preciso explicar o porquê de querer voltar a encontrá-la mas uma das razões é que tenho dezenas de imagens dela feitas naquela época e que gostaria de lhas oferecer.
Fica apenas o repto para que, se tiverem familiares que passaram ou que vivam em Angola, divulguem!

J. C. Pinheira



625

Estas ultimas páginas são dedicadas aos meus queridos amigos e irmãos de coração, Cesário e Milú Simões de Abreu, infelizmente já falecidos.

Brincadeiras com a Iona em Luanda-1972








ALA- 08-07



















«Namibe a mãe natureza», 1990 - óleo s/ tela



«Minh'Angola», 1999 - Óleo s/ tela.

Pinturas da minha Amiga Céu Castelo-Branco

Adeus Angola

No dia em que te deixei
Chorei lágrimas de dor.
Ali fiquei
Violentada
No meio da histeria e do desespero.
Gente que chorava
Gente que de mãos estendidas
Mais não tinha que o olhar perdido
Vagueando no marasmo da solidão
Ou num amontoado de caixotes
Filhos
Tiros e vozes meigas de hospedeiras:
- Senhores passageiros
Vai sair o vôo para Lisboa...
Por favor dirigiram-se à sala de embarque...

Martelam-me as palavras
Como se estivesse a viver
Uma história de aventuras
(ah malditas aventuras...
Como com elas voava para o desconhecido
nos meus sonhos de criança...)

Oh! Camões!
Como teus Lusíadas foram vilipendiados
Na Mãe-Pátria

Que epicamente evocaste nos teus cantos!
Se soubesses o que outros
Pretensiosamente iguais a ti
Fizeram da nossa epopeia....
Serias tu próprio
A deixar teus versos
Vagueando por mares ignorados.

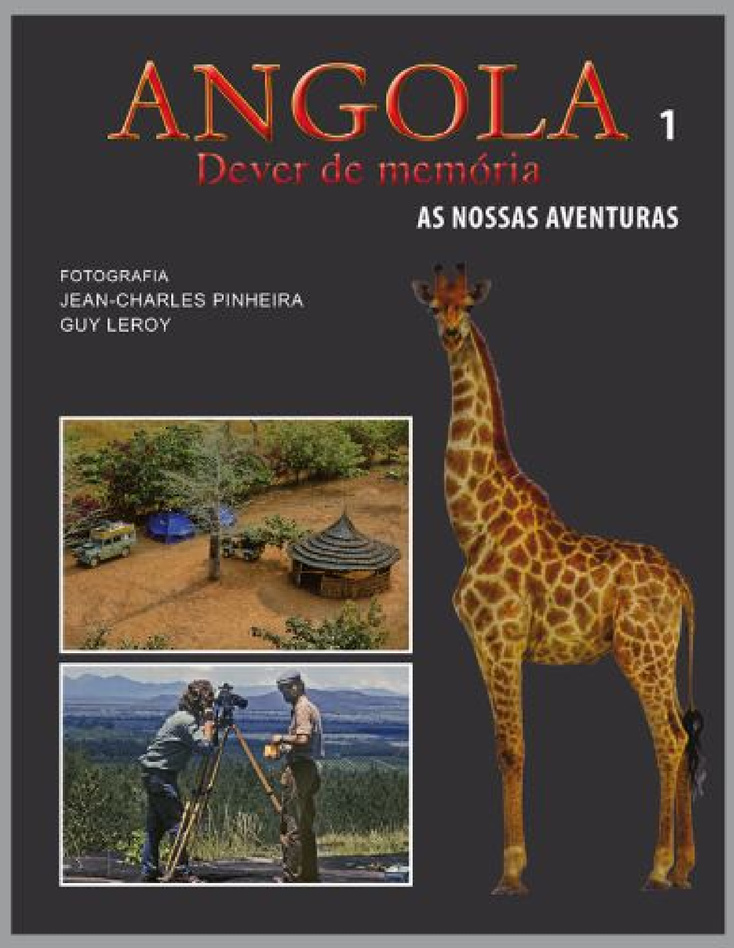
Senhores passageiros,
Vai sair o voo para Lisboa...
Vai escrever-se o canto do desencanto
O canto dos abutres esfomeados
O canto da vergonha
E do abandono...

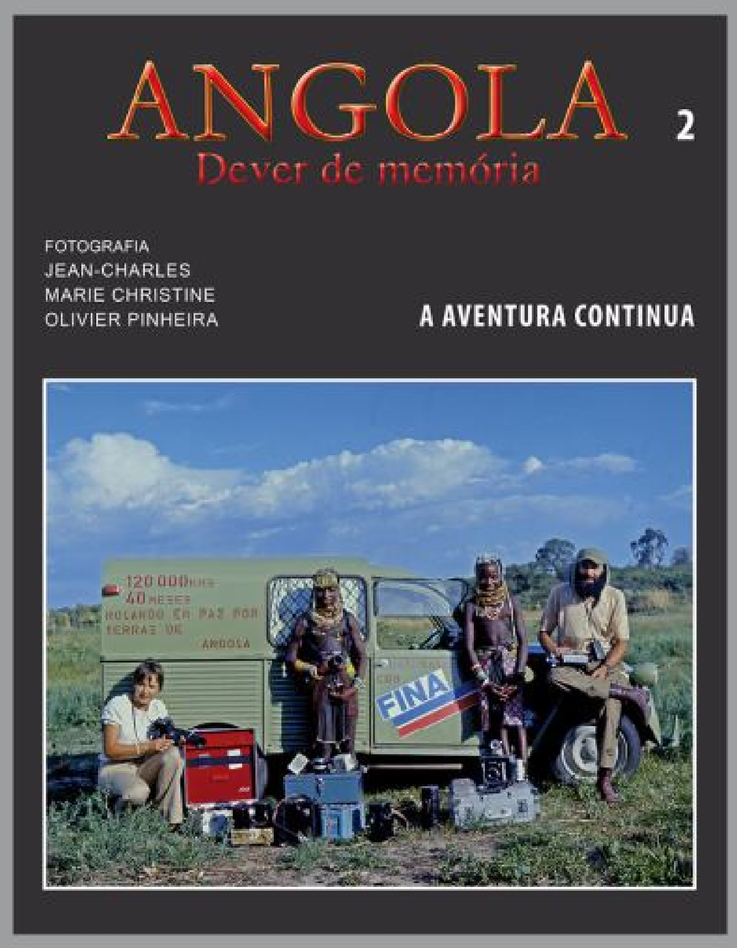
Senhores passageiros,
Acabámos de deixar o aeroporto de Luanda.
Estamos a sobrevoar a cidade.
Em breve abandonaremos o território...

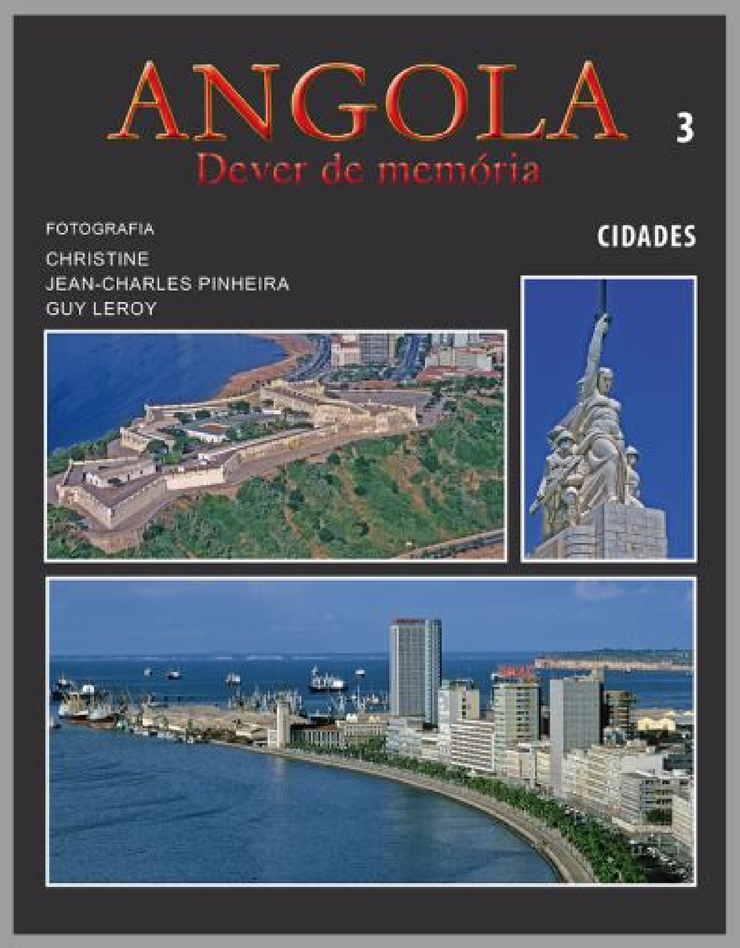
Para sempre!
Senhores passageiros
Para sempre...

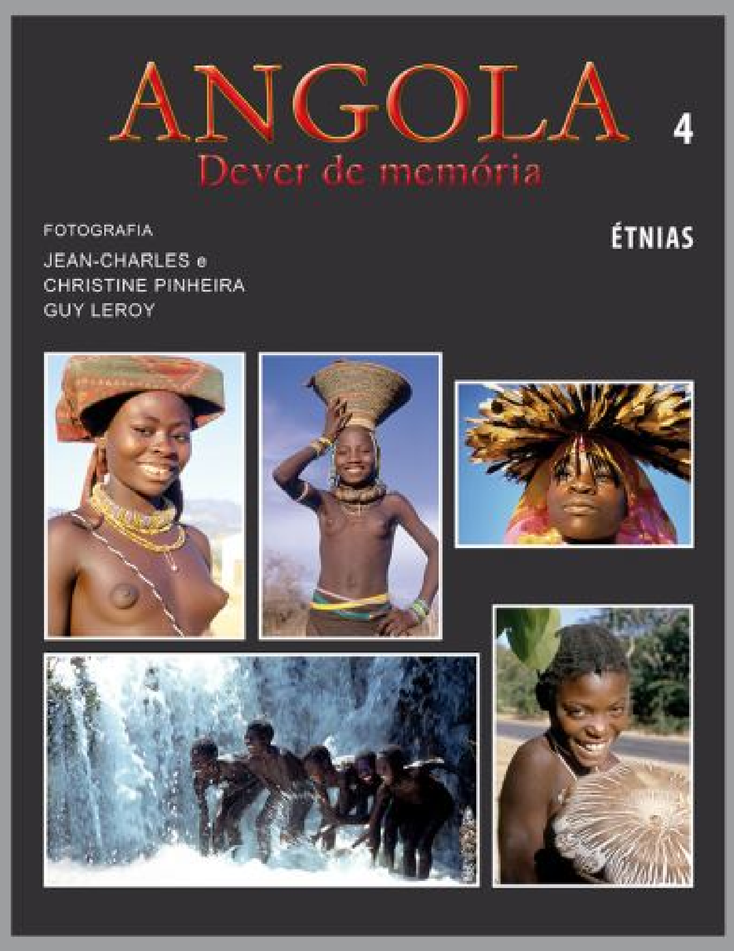
Maria do Céu Castelo-Branco (2001)
In Exílio(s)... Com África no fundo do olhar
Coimbra: Pé de Página Editores

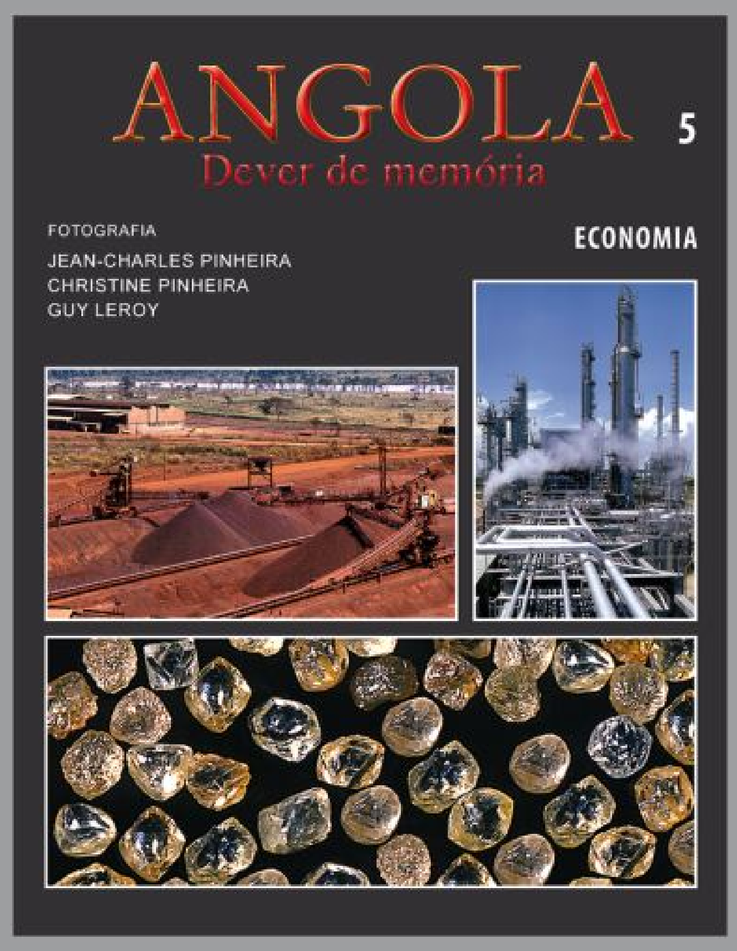
LIVROS JÁ EDITADOS

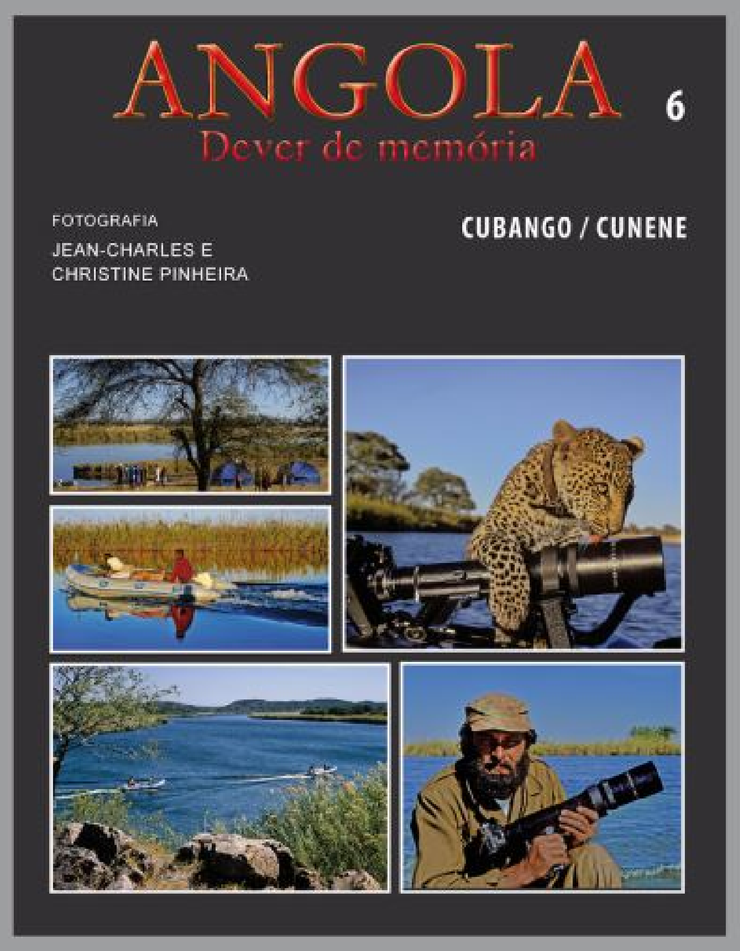


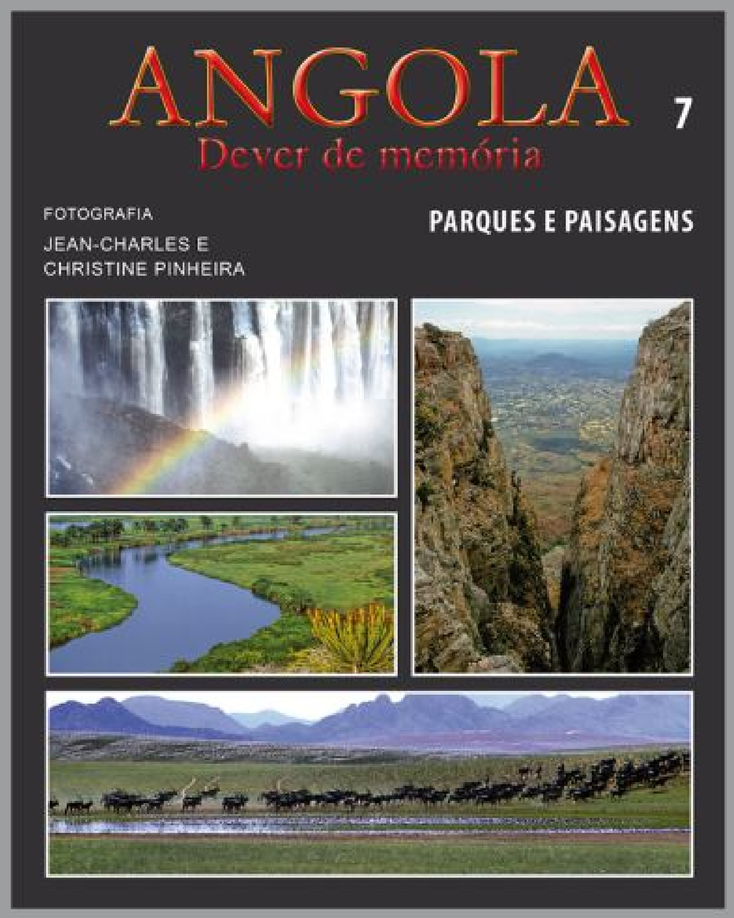


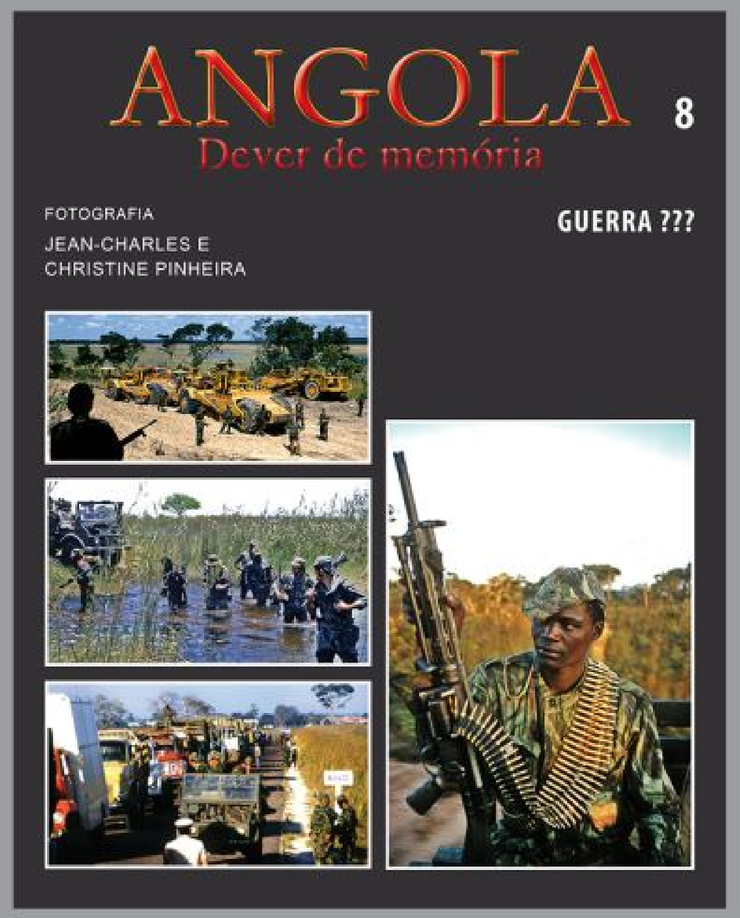












CAPA DO FUTURO LIVRO

ANO 2019

Faz precisamente 50 anos que começou, a partir de França, a minha aventura angolana.

50 anos, meio século passou, e nada esqueci! Tanto as alegrias, como os dramas que vivi, durante a minha estadia de 54 meses nesta maravilhosa terra.

Angola - um país de uma riqueza fabulosa. Um país onde uma sociedade multirracial poderia ter vivido, lado a lado, e em paz.

Devido à estupidez de certos países e à podridão política, e mesmo à vil traição, tornou-se num imenso inferno.

Com o passar do tempo, uma grande parte das pessoas que conheci, amigos e inimigos, desapareceram. A maioria dos seus descendentes não conheceram Angola, não viveram o drama angolano, apenas ouviram contar... e, com o passar dos anos, **o esquecimento é tudo o que ficará para o futuro.**

Faz 12 anos que trabalho na edição destes 7 livros, tentando contar o que vi e ouvi durante a minha longa presença nesta potentosa terra.

Será válido todo este meu enorme esforço?

Jean Charles Pinheira

ANGOLA 7
PARQUES E PAISAGENS

Edição
Palancanegra

Direcção
J. C. Pinheira
00332 47574615
jean.pinheira@gmail.com

Textos e legendas
Jean Charles Pinheira

Correções
Isabel Jorge

Fotografia
Olivier, Christine e Jean Charles Pinheira
Guy Leroy e Jorge Coelho

Paginação
Jean Charles Pinheira

Julho 2019

JC&MC PINHEIRA
REPORTERS PHOTOGRAPHES
EDITORA PALANCANEGRA



Proclamai sempre bem alto por forma que todo o Mundo vos ouça, que nunca consentireis que os Territórios de Além-mar, onde há cinco séculos trabalhamos e sofremos, sejam considerados terra de ninguém, onde outros Povos se possam estabelecer livremente, ou onde se queiram fazer ensaios utopicos de quaisquer Internacionalizações.

NORTON DE MATOS

